

ANEXOS

JORNAL

Jornal de Notícias



Partilhe os seus convocados para o Euro 2012



Livro + DVD NAS BANCAS

Diretor Manuel Tavares



Ver capa do dia

INÍCIO MULTIMÉDIA BLOGUES TENDÊNCIAS OPINIÃO DOSSIÊS CIDADÃO REPÓRTER SERVIÇOS
LOGIN/REGISTO

Últimas Política Sociedade Segurança Economia País Mundo Desporto Cultura Gente Tecnologia

Q

Tornado provocou um ferido e queda de árvores em Sesimbra

SANDRA BRAZINHA

Um fenómeno semelhante a um tornado deixou, ao início da tarde desta quarta-feira, um rasto de destruição de cerca de um quilómetro na Lagoa de Albufeira, em Sesimbra. Uma pessoa ficou ferida.

Comentar



foto IMAGEM TV1

Multimédia Cidadão Repórter Em Destaque



Videos Clientes relatam confusão nas lojas do Pingo Doce



PUB



foto ORF

Jogadores do F. C. Porto julgados pelas agressões no túnel da Luz

SUSANA OTÃO

(Em atualização) Os futebolistas do

Última Hora

Pelo menos 20 feridos num acidente entre dois comboios em Caxias

(Em atualização) Dois comboios colidiram, esta tarde, na estação de Caxias, na Linha de Cascais, em Oeiras. Há, pelo menos, 20 feridos e um morto, que terá sido trucidado na estação de Paço de Arcos. Se tem fotos ou vídeos deste acidente, envie para informa@jn.pt

47 comentários Saiba onde fica a Estação de Caxias

ANEXO 2



ANEXO 3

INICIATIVAS LOJA DO JORNAL ASSINE O JN CLASSIFICADOS

Jornal de Notícias

JN Bandas regressa a Paredes de Coura

Nas bancas com o JN

Diretor Manuel Tavares

Ver capa do dia

INÍCIO MULTIMÉDIA BLOGUES TENDÊNCIAS OPINIÃO DOSSIÉS CIDADÃO REPÓRTER SERVIÇOS LOGIN/REGISTO

Últimas Política Sociedade Segurança Economia Pais Mundo Desporto Cultura Gente Tecnologia

Pesquisa



Detido ator suspeito de matar homem e enviar membros para partidos

O ator de filmes porno, Luka Rocco Magnotta, foi detido em Berlim, esta segunda-feira, confirmou fonte policial. O canadiano é suspeito de matar e desmembrar um cidadão chinês, em Montreal, Canadá, e de ter enviado partes do corpo para partidos políticos.

São os homens que mais casam entre os casais homossexuais

Os casamentos homossexuais estão a diminuir, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística, que registaram 580 uniões entre junho de 2010 e dezembro do ano passado, sendo a maioria dos noivos homens.

Homem morre em acidente com camião de combustíveis

DORA MOTA

(Em atualização) Um camião de transporte de matérias perigosas despistou-se e está derramar combustível na CREP, no nó de Sandim, Vila Nova de Gaia. O motorista, de 47 anos, morreu na sequência do acidente. A A41 está cortada ao trânsito naquele local.

5 comentários



foto J.PAULO COUTINHO/JN

Passos garante que "não está a preparar baixas dos salários em Portugal"

O primeiro-ministro, Pedro Passos Coelho, afirmou, esta segunda-feira, que o Governo não tem como política apostar "em nenhuma desvalorização adicional dos salários" em Portugal e não tenciona adotar "novas medidas nessa matéria".

- > Vítor Gaspar garante que "não há espiral recessiva"
- > "Troika" quer medidas urgentes para combater desemprego jovem
- > Aumento de capital deixa bancos "em sólida posição"
- > Energia "não foi central neste exame" da troika

55 comentários

Desporto



foto THOMAS MEYER / GLOBAL IMAGENS

Ronaldo garante a Cavaco uma "equipa concentradíssima"

O capitão da seleção portuguesa de futebol, Cristiano Ronaldo, garantiu esta segunda-feira ao presidente da República uma "equipa concentradíssima" no Euro2012 para fazer "um grande trabalho".

- > Ex-jogador do Sporting dará as boas-vindas à seleção na Polónia
- > Tiago Pires na terceira ronda do Circuito Mundial de surf
- > Beto reconhece que seleção "precisa urgentemente de uma vitória"
- > Cerca de 100 adeptos na despedida da seleção nacional

15 comentários

Banco testa multibancos gregos para regresso ao dracma

ERIKA NUNES

O banco britânico HSBC, com mais de 7200 filiais na Europa, decidiu testar as suas máquinas multibanco na Grécia para determinar se estarão aptas a funcionar com a reintrodução do dracma, caso o país decida sair do euro.

- > "Europa está em chamas e Merkel anda a apagar o fogo com gasolina"

3 comentários

Multimédia Cidadão Repórter Em Destaque

Galerias MTV elegeu os melhores do cinema de 2012

you think you can pitch

www.jn.pt

so you think you can pitch

ESPECIAL

SAMSUNG

BRAGA 2012

NOTÍCIAS • ENTREVISTAS • REPORTAGENS

O NORTE Faz Bem

STAPLES randstad

VER AQUI ESPECIAL

EDIÇÕES MULTIMÉDIA

ESPECIAL DOENÇAS RARAS EM PORTUGAL

Consulte em formato iPad >

Newsletter Jornal de Notícias

Receba diariamente a newsletter do Jornal de Notícias no seu email.

O seu email

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Local e data de realização: Redação do jornal SPORT (Barcelona) 25 de novembro de 2010, 18h
Entrevistado: Josep Capdevilla Plandiura
Órgão de comunicação social: SPORT
Cargo profissional à data da entrevista: Editor-chefe da secção *online* de conteúdos jornalísticos

Há mais de vinte que Josep Capdevilla percorre os corredores do SPORT, um jornal catalão, escrito em castelhano, sediado em Barcelona. Percorreu várias secções deste diário, desde o ciclismo, hóquei ou futebol, que é, na verdade, aquilo que o verdadeiramente apaixona. O próprio diário coloca-se justamente como meio de comunicação jornalístico que privilegia o tratamento de conteúdos associados a este desporto, com um enfoque especial nos dois maiores clubes da cidade, o Fútbol Club de Barcelona e, num outro patamar mediático inferior, o Reial Club Deportiu Espanyol de Barcelona. Neste momento, Capdevilla ocupa a direção editorial da edição *online* do jornal, sendo o responsável pela definição dos conteúdos que diariamente são publicados. O jornalista acompanha, na execução da sua atividade, o envolvimento dos cidadãos nos média, através de outras redes, como o Twitter e o Facebook, onde, aliás, o jornal aposta em larga escala. Conversar com Josep Capdevilla traz-nos o relato de um profissional que assistiu aos primórdios da intromissão da Internet nas redações e que se mantém bastante atento a este fenómeno da interatividade entre cidadãos e média.

Pergunta: Em primeiro lugar, num nível mais pessoal, como poderíamos descrever o seu trajeto no jornalismo até chegar ao SPORT?

Josep Capdevilla: Comecei muito jovem, com 18 anos, venho de uma cidade que se chama Vic e comecei ali num semanário desportivo. Depois estive durante três meses num diário de informação geral em Barcelona que se chamava *Las Noticias* e há vinte anos estou a trabalhar aqui no SPORT. Comecei por fazer edição, depois trabalhei mais com as secções de ciclismo e hóquei em patins e há 10 anos iniciei a nossa página Web, onde atualmente ainda me encontro.

Quais são os seus interesses principais como profissional neste jornal? O que mais gosta de fazer?

Bom, penso que tive um pouco de sorte na minha vida profissional, porque em cada época da minha vida, tive oportunidade de fazer coisas diferentes e que estavam de acordo com a minha vida pessoal. Por exemplo, quando cobria eventos relacionados com o ciclismo ou hóquei em patins, cheguei a estar cem dias fora de casa. Era solteiro, não tinha namorada... Era um estilo de vida que me sabia muito bem! Agora não, já estou casado... Imagine o que é nesta altura estar cem dias fora de casa! É muito mais complicado. Numa altura boa para mim, fiz ciclismo e hóquei em patins. Gostava muito, mas agora prefiro estar fechado na redação porque tenho a sorte de trabalhar com Internet. Já há alguns anos pensava que este podia ser o futuro, agora estou plenamente convencido que isto representa o presente e estou muito contente por estar a trabalhar num meio que aposta na Internet, coordenando a nossa *web* e todos os desafios a que isso obriga.

E agora o que representa para si trabalhar na *web* do SPORT?

Trabalhar neste setor é uma grande notícia para mim. Na verdade, penso que podemos dividir a nossa *web* em duas partes: os conteúdos e aquilo que nós chamamos 'produto'. Conteúdo diz respeito às notícias, ir atualizando a nossa página *online* e a mim, como chefe, é-me incumbida a tarefa de coordenar toda esta parte relacionada com a Internet. O que diz respeito ao produto tem muito que ver com o *marketing*, publicidade, promoções, jogos... Na redação existem dois chefes principais, depois existem outros sete jornalistas e neste momento um estagiário. A *web* atualiza-se todos os dias do ano, menos no dia de Natal, desde as oito da manhã até à uma da manhã. Trabalhamos por turnos, obrigando alguns a trabalhar mais do que outros, mas o objetivo consiste em termos sempre uma *web* coberta pela informação durante estas franjas horárias. Há duas coisas importantes que fazemos e esqueci-me de referir... Por um lado, a atualização das notícias na *web* e, por outro, colocamos a partir das últimas horas da noite as notícias que vão ser destacadas no diário em papel na manhã seguinte, numa rotina que pode chegar até às quatro da manhã. Não sei se segue muito a atualidade do atletismo espanhol, mas hoje, por exemplo, lançamos a notícia de que um desportista chamado José Maria Blanco acusou positivo num exame de *doping* no campeonato de Espanha. Blanco ganhou uma medalha de ouro no campeonato europeu do ano passado em Barcelona e se colocamos esta notícia às 11h da noite, estamos a dar pistas aos outros meios para que sigam esta informação, uma vez que se colocássemos esta notícia às 4h da madrugada já não dava tempo para ninguém publicar esta informação. Nisto existem duas partes: uma que é o *online*, atualizada todo o dia e a outra - mais ao final da tarde e noite - onde as principais notícias que amanhã vão sair no diário, decidimos começar a incorporá-las na nossa *web*.

Provavelmente algo que está relacionado com a *web* é a participação do público. Pelo menos como investigador é o que mais me interessa. Tanto no formato papel como no *online*, que estratégias são desenvolvidas pelo SPORT para convidar os cidadãos a participarem nas suas produções?

Evidentemente a estratégia de participação é mais importante na *web* do que no papel. No papel sai muito pouco. A participação em papel, basicamente, pode verificar-se em duas colunas onde reproduzimos um inquérito que teve lugar na *web*, os seus resultados e alguns comentários dos utilizadores.

E cartas, recebem algumas?

Não, não. Diria que 5 a 10 por dia, como máximo, mas estas são apenas aquelas dirigidas ao diretor. Cartas mais avulsas, exprimindo opiniões recebemos muitas mais. No *online*, temos o Facebook, o Twitter. Em notícias e situações pontuais, permitimos que as pessoas comentem os nossos conteúdos na *web*. Diria que estas são as três vias mais rápidas de interação connosco. As pessoas têm um problema muito grande nisto da participação, porque seria quase necessário um polícia para cada uma todos os dias para as controlarem! As pessoas, o futebol e nós próprios vivemos muito do Barcelona e do Real Madrid e temos muita sorte, mas neste caso é uma desgraça, porque estamos nas mãos de 'doentes'. E é precisamente aí que o 'doente' muitas vezes perde a cabeça e começa a ir pelo insulto. Teríamos que ir controlando e nós, infelizmente, não temos uma pessoa que possa fazer esse trabalho. Por vezes abrimos os comentários, para ver se as pessoas se acalmam um pouco.

Então poderíamos dizer, ainda nessa gestão de comentários, que existe algum critério editorial pré-definido.

Não é um critério editorial, apenas um critério realista. Seria excelente se os leitores pudessem comentar as notícias todas, isso agradaria a qualquer jornalista, mas esses seriam os mesmos que iriam logo desrespeitar as normas. Em cada três que comentam e são educados, existem logo cem que não o fazem. E assim é muito difícil...se tivéssemos mais gente, todos os dias uma pessoa poderia ir controlando e com o tempo de certo evitaríamos muitas coisas desse género.

Existe, portanto, um problema de recursos humanos na vossa redação e no limite nas restantes...

É verdade, não se pode ter pessoas apenas para controlarem os comentários dos utilizadores *online*.

Insistindo um pouco mais neste assunto, que significa ‘participação’ para si?

Penso que com a Internet, a *web*, o 2.0, tudo acabou por tornar-se numa grande janela de oportunidades para o mundo. E agora que já sabemos que há muita gente que tem Facebook, muita gente que tem o seu blogue – e isso está muito bem –, se alguém num blogue coloca a sua opinião, pode ser lido por 200 pessoas, talvez. No entanto, se um utilizador decide colocar a sua opinião numa *web* como a nossa, que cada dia tem cerca de 600 mil *pageviews*, está claro que há mais gente que pode ler esse mesmo comentário. O bonito disto tudo é nós – os média em geral – podermos dar este megafone às pessoas da rua, à gente anónima para expressarem as suas opiniões e que comentem algo que lhes agrade. Repito: não precisam de concordar comigo, com os jornalistas, tudo é discutível nesta vida, mas pelo menos há que discuti-lo com educação e elevação. Creio que deveria ser aproveitado este potencial destas ferramentas de trabalho baseadas na Internet, como o Twitter, Facebook, para que as pessoas possam expressar-se livremente e a palavra é essa: megafone para que toda a gente possa dizer o que pensa.

Participação é, na verdade, um conceito vasto. Podemos, desta forma, distinguir entre várias formas de participar, vários contextos. Que géneros, formatos de participação pensa que são os mais populares, tanto na *web* como na versão papel?

Os inquéritos funcionam muito bem – não sei se porventura o Fábio será seguidor de futebol...

Sim, sou.

Muito bem, então pergunto-lhe: no futebol, todos nós temos algo dentro de nós, sabe o que é? Pois, todos nós somos treinadores! No mundo do futebol, cada pessoa é um treinador. E por isso funciona muito bem aqueles formatos de inquérito como ‘Elege o teu 11 inicial’, ‘Quem tem de jogar no Domingo a defesa-central: Puyol, Piqué ou Milito?’, etc. Esta oportunidade de dar às pessoas o poder de um dia serem treinadores resulta muito bem. Bem, pelo menos no plano desportivo. Em temas políticos, quando é a voz de um contra outro, as pessoas não sabem muito bem, por isso é mais fácil encontrar pessoas que conheçam os esquemas táticos ‘3x4x3 ou 4x4x2?’ e logo aí recebemos um público mais interessado.

Abrindo agora a janela dos meios espanhóis, em termos gerais, como avalia o panorama mediático no segmento da participação dos cidadãos? Que formatos têm revelado ser os mais bem sucedidos?

Já há pouco comentávamos... Este Barça – Real Madrid [jogo do campeonato espanhol, que decorreu em novembro de 2010] será o primeiro clássico que vai ter um impacto

impressionante no Twitter. Estamos a falar de uma ferramenta que há um ano representava um impacto muito menor. Tive oportunidade de conversar aqui com os companheiros e não conseguimos recordar-nos de um Barça x Real Madrid, do ano passado, que tenho obtido um impacto semelhante no Twitter. Estou particularmente convencido de que dentro de um ano estaremos a falar de uma outra fórmula de participação que, neste momento, nem nos ocorre. Por exemplo, o Facebook, em Espanha, está mais desenvolvido do que o Twitter. Na nossa página do Facebook, temos mais de 127 mil seguidores e no Twitter não chegamos aos 30 mil. Começámos, apesar de tudo, mais tarde, mas temos de potenciar... No entanto, vejo mais capacidades de crescimento ao Twitter do que ao Facebook... O Facebook é mais para partilhar com amigos, mais pessoal, há uma maior abertura, seguimos as pessoas que em condições normais não seriam nossos 'amigos', enfim...

O Twitter tornou-se, no caso do jornalismo, numa ferramenta poderosa de trabalho, no que toca às chamadas fontes de informação. Como lida diariamente com esta questão?

Sim, mudámos substancialmente... Está claro. Dou-lhe, por exemplo, o caso de Luis Enrique [treinador do Barcelona B que está na Segunda Divisão]. Ele não concede nenhuma entrevista antes dos jogos, não fala, não diz nada... Mas no Twitter mostra fotos dos banhos que dá à sua filha de 2 meses... Compreende a diferença? No final de cada jogo, publica sempre alguma coisa no Twitter de que como correu o jogo ou alguma fotografia onde foi jantar com amigos... Portanto, no Twitter é bastante ativo. Muitas vezes só podemos retirar notícias daí, porque nunca temos acesso a ele! Se perguntarmos: «no Domingo, Nolito [jogador de futebol da equipa do Barcelona B] vai jogar?», pois ele não irá responder. É por isso que o Twitter mudou muito o nosso método de trabalho. Por exemplo, nos profissionais da rádio, quando são as 5h15 e não têm nada de novo no boletim informativo, pode aparecer algo no Twitter às 5h30 e já têm notícia. Há dois anos não funcionávamos assim.

Ainda no tema da participação e procurando uma abordagem académica, David Buckingham, investigador inglês, sublinhou que o principal problema da participação das pessoas nos média pode estar relacionado com a tendência de que, muitas vezes, são sempre os mesmos a participar. Isto é realmente um problema?

Não, não posso concordar. Penso que aqui damos a oportunidade de intervenção a toda a gente. Quando abrimos os comentários, não discriminamos ninguém. Somos totalmente democráticos, pode ser alguém de Barcelona ou da Argentina. É o mesmo esforço. É verdade que podemos encontrar as mesmas pessoas que opinam, os diretores, jornalistas ou comentadores que estão sempre presentes, mas nas redes sociais isso já não acontece tão frequentemente.

O tema das redes sociais é curioso. Há poucos dias tive oportunidade de escutar Rune Haug, chefe da secção de desporto da televisão pública norueguesa NRK, na Assembleia da European Broadcasting Union. Ele referia na sua intervenção que os média devem estar especialmente atentos aos *social media* simplesmente porque o público está lá. O SPORT está igualmente bem presente nesses espaços. Por isso, pergunto-lhe até que ponto são decisivos estes formatos para a atividade jornalística e por que motivos decidiram apostar nessas plataformas?

É verdade que as pessoas estão nessas redes, está gente importante, gente anónima, está toda a gente. Se estivessem apenas as pessoas importantes, não fazia muito sentido estar ali. O leitor anónimo também deve ser parte do processo. Tenho colegas na redação que não têm Twitter. Neste momento não consigo entender um jornalista que não tenha Twitter. É óbvio que cada um fará a utilização que desejar, não é preciso dizer que vou dar banho à minha filha! Mas se sou

jornalista e não tenho esse mínimo de percepção de como evoluem as coisas, não entendo! Ainda que não escrevam nada, precisam de estar lá para apenas saber o que por lá passa... E além disso, há jornalistas que não têm Twitter, mas falam mal e riem-se do Twitter! Isto acontece aqui na redação e aposto o que quiser que acontece nas outras redações. E não estamos a falar de gente velha, de 60 anos, mas sim de jovens... É preciso estar no Twitter e Facebook, nos meios de comunicação. Temos de nos adaptar e dentro de um ano não sabemos onde poderemos estar inclusivamente. Alguma surpresa vai aparecer.

A partir da sua experiência, que opina sobre o participante típico na *web* do SPORT e que eventuais características comuns partilham?

Estou convencido que há genericamente dois perfis: um que é adepto do Barcelona e outro anti-Barcelona. Quanto mais radical um adepto for, mais notado é. Como há *culés* [adepto do clube de futebol Barcelona] que entram nas páginas da MARCA ou no AS [diários de Madrid associados a uma linha editorial mais próxima das questões que se colocam diariamente ao clube Real Madrid], não sei...mas não entendo como um *culé* – exceção feita por motivos profissionais – entra numa *web* onde falam mal da sua equipa. Se falam mal da minha equipa, não me interessa! Se não fosse por motivos profissionais, nunca entraria nesses diários. É curioso que há muitos *culés* que entram na MARCA e no AS e madridistas que entram no SPORT e no El Mundo Deportivo [diários de Barcelona associados a uma linha editorial mais próxima das questões que se colocam diariamente ao clube de futebol Barcelona]. Penso que a diferença está aqui. Agora o leitor típico do SPORT... tem 30 a 40 anos, devemos ser lidos por mais homens do que por mulheres, classe média-alta, mas creio que tudo vai mudando pouco a pouco.

E por outro lado, sobre as pessoas que não participam, que pensa sobre o facto de que existe uma margem significativa de gente que está afastada destes espaços, isto é, por que não participam?

As pessoas não participam porque não estão de acordo com os média. Normalmente uma manifestação convoca-se contra alguma coisa. Ou sobre o desemprego, os impostos, contra alguma coisa. Há exceções, mas no caso das pessoas que participam na Internet, penso que, a maioria, está contra alguma coisa, normalmente dizem 'não tem educação nenhuma' ou 'isso não é verdade...'

Apontando agora para os objetivos por trás da promoção da participação, por parte dos média. Existem alguns investigadores, como Rosa Moreno, que defendem que a principal razão da abertura dos canais de participação pelos média está diretamente relacionada com uma intenção de *marketing* mediático, isto é, um esforço de não só cativar mais audiências, mais próximas dos conteúdos mediáticos, mas também de utilizar a tecnologia existente para fazer perdurar na memória do público a imagem de uma marca mediática. Até que ponto isto representa a realidade do que passa nos média aqui em Espanha?

Sim, estou absolutamente de acordo. Não sei se será uma estratégia assim tão dissimulada, porque parece-me bastante evidente. Temos uma experiência bem clara: há cem pessoas que comentam algo. Logo, podemos fazer uma notícia com essas opiniões, não sei se me explico bem... Pode ser no Facebook: «Que pensas sobre esta matéria?» E respondem 100 pessoas. Depois na *web*, fazemos uma notícia com as 15 mais apropriadas. Pois essas 15 pessoas que sublinhámos, ficam bastante agradecidas! É como assumir que eu não sou ninguém, mas alguém decidiu publicar a minha opinião numa *web* de um jornal. E isto é entendido como uma

gratificação. Dão-nos este reconhecimento e agradecem profundamente. Se algum dia aparece aqui uma carta de um leitor e lhe respondemos, pois poderá ter a certeza que teremos ali um leitor para toda a vida. Inclusivamente com as promoções que aqui fazemos, com eventualmente alguém que foi comprar o nosso jornal ao quiosque e não gostou da colher que lhe saiu e escreve para aqui criticando essa oferta... Esse leitor pode estar incomodado, mas se lhe respondermos, seguramente será um leitor que jamais perderemos. Penso que falta muito disto, não apenas no âmbito da comunicação social, as pessoas sentem-se pouco valorizadas. Com esta estratégia de resposta, estamos a fidelizar a nossa gente. Gente que se mostra agradecida e que fala com os média, algo que não acontecia no passado. Continuo a não saber se é mais ou menos dissimulado, mas estou convencido de que esta forma de contacto, através da participação, acabe por fidelizar mais os públicos.

Discutindo agora um tema político, tive igualmente oportunidade de estar na última conferência da EAVI, a European Association for Viewers Interests, realizada em Madrid, em 2009. Desde a Comissão Europeia, à UNESCO, muitos foram os comentários apologistas da ideia de que nos últimos 25 anos, a União Europeia tem vindo a manifestar um interesse muito específico no tema da relação entre cidadãos e os média. Aqui, em Espanha, que manifestações políticas podemos encontrar neste ponto? Que sensações tem sobre este assunto?

O problema é que não tenho uma boa ideia dos políticos e não consigo opinar de uma forma muito objetiva. Penso que os políticos e um dos seus principais problemas consiste na proximidade com as gentes. De fazer com que as pessoas acreditem nos políticos, que são pessoas de carne e osso. Quase saber se lhes podemos tocar para perceber se são ou não de verdade. Entendo, por isso, que estas redes sociais na Internet ajudam muito a classe política, para aproximarem-se das pessoas, até mesmo quem normalmente não vota neles. Por exemplo, ainda que não acompanhe muito, existe um conselheiro da *Generalitat* [órgão político da comunidade autónoma catalã] que se chama Joaquín Nadal que é permanentemente *retweetado*. Muita gente segue o seu perfil no Twitter e partilha as suas mensagens. Além disso, ele responde diretamente às pessoas: «O que está a acontecer na rua X?» E ele responde logo. Ainda que estejamos de acordo ou não com as ideias dele, há pelo menos uma resposta da figura política. Penso que os políticos também já perceberam estas oportunidades de aproximação aos votantes. E, na verdade, acho que beneficiam muito destes formatos.

Para terminar, aproveitando a sua experiência mais recente que está relacionada com a tecnologia, talvez seria oportuno abrir a janela da nossa discussão até diversos cenários futuros. Neste contexto, existem diversos estudos que dedicaram muita importância ao papel dos dispositivos digitais na atualidade do paradigma comunicacional. Em relação ao futuro, que novos cenários imagina que possam aproximar-se, que novas estratégias podem vir a ser desenvolvidas no envolvimento dos cidadãos e dos média? Até que ponto a tecnologia poderá ir?

Bom, nestes temas os investigadores saberão muito mais do que eu. Na realidade, penso que sim, que todos os dias vamos incorporando mais pessoas na tecnologia e isso lembra-me o debate que existe se, de facto, a imprensa e o papel vão desaparecer ou não...

Mas tem medo que isso possa acontecer?

Não, nada disso. Se isso vier a acontecer, é porque vivemos numa época que já estava destinada para isso. O que me preocupa é que cada vez que morre uma pessoa de 60 anos, morre um leitor de um diário. Paralelamente, cada vez que tenho um rapaz ou rapariga de 13 ou 14 anos a entrar, pela primeira vez, na nossa *web*, temos aí um novo leitor ou leitora. Tenho

aqui muitos colegas com filhos e filhas que, no final do dia, lhes levam sempre o jornal para casa, mas, na verdade, não lhes interessa ler. Não acredito que não lhes interesse a informação, mas talvez gostem de ter acesso a essa informação através de outros formatos, como o telemóvel, ou o Ipad que saiu recentemente e que sabemos que vai ser uma revolução impressionante. De alguma maneira, teremos de ver como vão sobreviver as *webs*. Se dizemos a um tipo de 40 anos, que lê o seu diário através do telemóvel, que terá de começar a pagar por aceder aos conteúdos, pois não sei o que acontecerá... Estas pessoas de 14 anos já sabem que enviar uma mensagem a um amigo lhes custa dinheiro, tal como se fizerem o *download* de uma música ou de um vídeo. Estamos a criar uma cultura na qual os jovens sabem que se quiserem fazer *downloads*, terão de pagar e, na verdade, pouco lhes importa. Tudo está a acontecer muito rápido e do ponto de vista dos jornalistas há que estar permanentemente atento. Aliás, na próxima semana será lançado um novo diário aqui na Catalunha, que se chama Ara, no qual o diretor é meu irmão. Quando falei com ele há uns tempos sobre Internet e etc., ele disse-me claramente: «se tiver de dar uma notícia, não vou fazê-lo através da Internet, não. Vai ser através do Twitter!» Se fosse num diário, teria de formatar, colocar uma fotografia, mas no Twitter, 140 caracteres e já está bem! Como muito, em 10 segundos envias a todos os teus seguidores. É de facto uma alteração impressionante, que há um ano atrás não imaginávamos e não saberemos no próximo ano de que forma será ainda mais rápida. Estou convencido que o presente imediato está nestas tecnologias. Ainda que não tenha dados, creio que as pessoas que comentam e entram neste tipo de páginas devem ter entre 15 a 30 anos...

Estaremos aqui para avaliar então.

Seguramente.

APÊNDICE 2

Local e data de realização: Estúdios da TV3 (Barcelona) 13 de janeiro de 2011, 22h

Entrevistada: Lídia Herédia

Órgão de comunicação social: TV3 – Televisió de Catalunya

Cargo profissional à data da entrevista: Jornalista e apresentadora do programa *Banda Ampla*

Lídia Herédia é já um rosto muito conhecido pelos catalães, sobretudo através do programa *Banda Ampla*, uma espécie de formato ex-líbris da estação televisiva pública catalã TV3, que se dedica à auscultação semanal das opiniões dos habitantes no espaço catalão. Ao longo de noventa minutos às quintas-feiras pelas 23h, o programa leva para debate um tema premente da atualidade daquela comunidade autónoma e pede a ajuda de especialistas, anónimos oriundos de diversos pontos da Catalunha, numa discussão que regularmente envolve ligações em direto com o exterior, bem como reportagens retiradas dos serviços informativos. A remota experiência profissional de Lídia indica-nos um passado veiculado a muitos jornais e rádios daquela região até chegar à televisão onde transitou da apresentação de noticiários da noite para este programa de vocação eminentemente popular, tendo contabilizado alguma intervenção em formatos matutinos, de entretenimento. No contexto desta investigação, Lídia Héredia pode ser, com toda a propriedade, uma das vozes mais autorizadas para discutir o envolvimento dos cidadãos nos média, em formatos de debate participados pelo público. A missão de serviço público de uma estação estatal¹, plasmada num formato inteiramente dedicado ao cidadão e ao debate das questões da atualidade daquela sociedade, pormenores da produção e seleção dos participantes, entre outros aspetos, justificam a pertinência de uma conversa com a dinamizadora de *Banda Ampla*.

Pergunta: Começo por perguntar-lhe, qual foi o seu trajeto no jornalismo até chegar aqui à TV3?

Lídia Herédia: Bom, comecei por trabalhar na emissora municipal da minha cidade que é Badalona, numa espécie de oficinas práticas antes de começar o curso de Jornalismo, mas já tinha tido experiências em rádio. Depois da reforma educativa e até ao último ano tínhamos sempre estágios em empresas e, por isso, escolhi novamente a rádio de Badalona. No final do curso, fiquei por lá e fizeram-me um contrato. Depois consegui um estágio na Rádio Barcelona onde estive três anos, depois fui para a Onda Rambla, outra emissora daqui, onde permaneci durante um ano. Depois estive no Canal+, fazendo uma coisa não exatamente relacionada com o jornalismo, que era no setor de compra de direitos audiovisuais desportivos, durante dois anos. Posteriormente regresssei ao jornalismo, na Telecinco, que foi onde pela primeira vez fiz televisão. Estive nos serviços informativos, na delegação da Catalunha, cerca de dois ou três anos e, enquanto estava nesta função dos informativos, estavam a abrir vagas aqui na TV3 para um programa que se chamava *En Directe*, que era um programa diário, de ligações em direto para todo o território catalão, num tratamento de temas mais relacionados com sociedade. No final fui escolhida para este programa onde estive cerca de três anos, até que me candidatei a vagas da

¹ Deve observar-se, com especial cuidado, que a questão da autonomia das regiões autónomas em Espanha confere a esta reflexão um caráter eventualmente paradoxal. Em termos práticos, existem dois grandes grupos de comunicação jornalísticos que se intitulam como 'serviço público'. Ora, a nível nacional, em termos macro-espaciais, encontramos a RTVE como serviço público de rádio e televisão e respetiva delegação em Barcelona. No entanto, a TV3 apropria-se do regime autónomo da Catalunha como comunidade histórica e politicamente formada como, para promover um serviço público eminentemente inspirado pela (para) a cultura catalã. Na prática, estas duas organizações convivem de forma independente sem que tais estatutos criem conflitos legais.

TV3, porque o programa que fazia até então era através de produtoras... Nesta altura estavam igualmente a abrir vagas para o canal de notícias da TV3, o canal 3-24. Consegui entrar e desempenhei funções de apresentadora de notícias, com o diário da noite *Telenotícias*, da TV3, com o Carles Francino, onde estive dois anos. A partir daí... bem, entre diversas mudanças, como a maternidade, obrigaram-me a trabalhar durante a manhã com o Josep Cuní, onde estive mais dois anos antes de chegar aqui ao *Banda Ampla*.

Em relação aos programas de programas de opinião pública, quando começou a ter contacto com estes formatos?

O *Banda Ampla* é o primeiro. Sempre fiz informativos ou como apresentadora, repórter, mas no programa do Josep, que era um magazine de 5 horas, com muita variedade, havia micro espaços de opinião, entre tertúlias, debates, espectadores que telefonavam, enviavam *e-mails*, portanto, aí deve ter sido o meu primeiro contacto com o feedback do público. Mas como projeto inteiramente dedicado à opinião pública, creio que sim, o primeiro foi o *Banda Ampla*.

Justamente nos programas de opinião pública, tem existido um debate interessante no seio académico sobre o conceito de 'participação'. Para si, que significa participação nestes espaços em concreto?

Neste caso é algo tão básico como algo que o público constrói. O programa é feito pelas pessoas que participam nele. Todas as semanas pensamos num tema, fazemos um esforço para pensar que temas necessitamos para dure 90 minutos e não termine em 20 minutos, pelo que fazemos um guião, uma mini estrutura. No entanto, quando o programa está a decorrer em direto, tudo está nas mãos de quem está ali. E eles têm esse poder de fazer o programa, de uma maneira ou outra, mais ou menos interessante, saltando um pouco a estrutura ou não, mas também não posso ficar obcecada com isto, percebe? Se o guião vai por outro lado, está bem, não há problema, porque realmente o programa está nas mãos dos participantes.

Dentro do grande conceito de envolvimento do cidadão com os média, existem diversos formatos de participação, de sondagens a programas de opinião pública, passatempos, etc. Na televisão, quais serão os formatos mais populares?

Mais do que vir à televisão e participar em direto, não há nada. Se é popular? Não sei, penso que nos últimos anos o mais popular têm sido as *sms*, os *posts* no Twitter, participar através do Facebook, telefonar ou enviar um *e-mail*. Tudo isto chega aqui, mas nem tudo sai da janela da televisão. Chegam aos programas mas logo duram o que duram. No nosso caso, tudo está muito bem definido, a participação por excelência é aquela que reside nas pessoas que veem e falam! A essência da participação no nosso programa não está muito relacionada com a tecnologia. É basicamente vir e falar.

Podemos eventualmente concordar que os média procuram cativar uma determinado público com estes programas de opinião pública, num nível bastante básico de uma análise dos objectivos por trás da produção deste tipo de programas. Mesmo a nível académico esta discussão tem sido fértil, sobretudo com Rosa Moreno que defende que a principal razão da abertura dos canais de participação por parte dos média está diretamente relacionada com a intenção de *marketing* mediático, ou seja, uma nova tentativa de criar audiências mais próximas

dos média, através da tecnologia, no sentido de fazer perdurar na memória do público uma determinada marca mediática. Aqui no *Banda Ampla*, essa ideia de *marketing* mediático é clara?

Como marca de uma estação de televisão pública, o objetivo é o serviço público. É abrir uma janela à opinião cidadã que normalmente não tem acesso aos grandes meios de comunicação massivos como a televisão. A TV3 tem uma larga tradição de debates entre cidadãos, embora tenha havido um período onde esta dimensão esteve esquecida, limitada apenas a tertulianos, especialistas, excluindo a voz cidadã. Foi uma indicação expressa desta atual direção, de recuperar, num dia por semana, uma janela para as pessoas que normalmente não vão à televisão.

Curioso, porque quando entrevistei o diretor de programas da TV3, Carles Manteca, foi-me dito exatamente o mesmo: o serviço público quer promover a pluralidade e o debate público, enquanto os média privados fazem a gestão destes espaços meramente pela questão económica e do lucro.

Aqui não existe a ideia de *marketing* e a prova é a de que, nestes programas, não procuramos o escândalo, nem uma confrontação artificial ou manipulada. Se tivéssemos um objetivo de *marketing*, penso que iríamos claramente por este caminho, porque teríamos naturalmente mais audiência. Não é um programa que quebra todos os índices de audiência, mas sim um programa com um público muito fiel, muito estável, mas com um determinado teto. O *Banda Ampla* não se guia pelo espetáculo, nem por coisas artificiais.

Discutindo agora questões que se colocam ao cidadão que participa nestes programas, David Buckingham, um investigador inglês, tem vindo a sublinhar que o principal problema da participação nestes formatos consiste na repetição do mesmo número de vozes. Aqui no programa, sentem esse problema?

Pode ser um perigo, mas aqui tentamos não cair nele, no sentido em que temos diversas vias de selecionar as pessoas. Damos prioridade às pessoas que querem vir... Na verdade, uma maneira de participar no nosso programa é também enviar uma sugestão de tema e participar nessa discussão. Temos uma equipa que se dedica a telefonar, filtrar e documentar as pessoas. Claro que não podemos receber todos os que querem vir. Como se faz a seleção? Pois, que não sejam perfis repetidos, ou seja, cada um deve ter a sua particularidade e que procure refletir sobre o que é a sociedade. Há que procurar o equilíbrio e penso que o nosso dever como responsáveis do programas consiste em garantir o máximo de pluralidade e que venham pessoas de todos os contextos. O máximo de vozes possível.

Todas as semanas recebe os participantes. A partir dessa experiência, que pensa sobre o participante típico no *Banda Ampla*? Consegue encontrar características comuns entre os participantes?

Procuramos sempre a maior variedade possível. A característica comum é não ter características. Basicamente são aqueles que têm vontade de vir. E aqueles que não têm vontade de vir, acho melhor não virem mesmo. O que já aconteceu, sim, é que há pessoas que quiseram vir, mas como é um formato onde tinham que falar, ficaram um pouco intimidadas. Já aconteceu termos pessoas que não falaram! E não há problema, porque como somos 90, se não fala um, logo falará outro. Em vez de procurarmos a máxima representação, procuramos,

isso sim, ter algum equilíbrio territorial, que não sejam todos de Barcelona, uma garantia de variedade, porque isso melhora o debate. Há gerações distintas que asseguram visões distintas sobre as coisas e isto passa a ser um critério. Agora com o tema do tabaco, vimos rapidamente que todos eram homens e isso não podia ser. Não pode ser! Concluímos que as variáveis idade e residência resultam que tenhamos visões diferentes sobre as coisas.

Falou sobre pessoas que não querem participar. Que opina sobre o facto de que haja pessoas completamente afastadas destes espaços? Consegue elencar alguns dos motivos que não os impliquem nestes programas?

Sim, há muita gente que não participa. No nosso caso, vir à televisão é um esforço, não é propriamente como enviar um *sms*. Podes estar em casa comodamente e dás a sensação de que participar é enviar um *sms* ou deixar um tweet. Por outro lado, aqui pedimos que as pessoas venham, que percam duas horas e depois regressem a onde vivem. É um esforço muito grande que pessoalmente pouco poderia reprovar. Não quer dizer que não tenham opinião, que não lhes interessa, mas neste ponto penso que há diferentes graus de participação e todos são aceitáveis. Podemos pensar se realmente temos uma sociedade que participa pouco. Isso é um outro tema, mas penso que a televisão não tem que resolver este problema.

Na última conferência da EAVI, a European Association for Viewers' Interests, a Comissão Europeia e a UNESCO manifestaram que tem havido um interesse crescente pela relação entre cidadãos e os média, por parte da estruturas políticas europeias. Que manifestações, atos políticos tem sentido aqui em Espanha relativamente a este ponto? É fácil perceber movimentações neste sentido?

Aqui no *Banda Ampla*, tivemos um programa que teve bastante sucesso, que era sobre o afastamento das pessoas em relação à política. Convidámos 10 políticos reformados e 10 estudantes de política e mais pessoas que vieram de diversos pontos da Catalunha. Houve bastante polémica, sobretudo dos mais jovens que criticavam o sistema atual de participação política do cidadão, que não era satisfatória, não era suficiente. Os políticos reformados admitiam essas críticas e diziam que se não existe uma alteração e oferecemos uma democracia mais direta na qual as pessoas vejam os efeitos práticos das suas intenções, a distância entre cidadão e político será muito maior. O problema é que os partidos são herméticos, fechados, tomam as suas decisões e depois o cidadão tem pouca relevância. E isso foi discutido, debatido, não apenas na Catalunha, em Espanha, mas creio que pode ter incidência a nível mundial igualmente. Nesta sociedade democrática a forma de participação atual está um pouco esgotada.

Bom, a última pergunta reflete sobre a tecnologia que, no *Banda Ampla* é um fator importante.

Importante, sim, mas apenas como complemento.

Neste sentido, há diversos estudos que sublinharam a importância dos dispositivos digitais neste paradigma comunicacional que atualmente se coloca aos indivíduos. Lançando um olhar até ao futuro, até que ponto pode evoluir o envolvimento dos cidadãos nos média? E as tecnologias, que lugar podem reservar-nos?

Custa-me, porque além do mais não é a especialidade, mas posso opinar a partir de sensações pessoais. As redes sociais, por exemplo, para nós, como o Facebook ou o Twitter, também nos servem, porque o programa passa uma vez por semana, mas temos vários seguidores no Facebook que nos permitem, nos dias anteriores, ir dando informações dos temas que vão ser abordados e perceber, aí mesmo, como reagem as pessoas. Se lhes interessa ou não, que opiniões partilham sobre os temas. Até já seleccionámos participantes a partir do Facebook e isso acontece igualmente com os *e-mails*. Por exemplo, no programa que vamos ter hoje, fomos buscar gente que nos escreveu há mais de um ano, porque é uma maneira de saber se estão interessados no tema, se lhes agrada, etc. Penso que todo este tema das tecnologias é bastante útil como complemento, apesar de pensar que a televisão continua a ser o grande meio de comunicação de massas. E uma prova é: temos um grupo no Facebook com cinco mil seguidores que veem o programa em paralelo e fazem o seu próprio debate. Na melhor das hipóteses, há cem pessoas nesse debate. Em casa temos cerca de 300 mil pessoas. As distâncias são muitas. São complementos, estou de acordo, e até penso que inclusivamente há produtos que funcionam melhor na Internet do que na televisão. Duvido muito que sejam ambas competentes, porque a televisão tem um poder realmente muito grande. Há produtos que têm a sua própria vida na Net e não têm o seu reflexo na televisão. Nesta relação penso que estamos efetivamente ainda caminhando.

APÊNDICE 3

Local e data de realização: Redação do El Periódico (Barcelona), 14 de dezembro de 2010 - 19h

Entrevistada: Núria Llop

Órgão de comunicação social: El Periódico e El Periódico.cat – delegação de Barcelona

Cargo profissional à data da entrevista: Jornalista e coordenadora técnica do *site*

Encontrar alguém que fale sobre Internet com um entusiasmo quase pueril pode não ser muito simples de encontrar. Talvez seja essa a maior virtude que encontramos na conversa com Núria Llop, responsável pela gestão operacional e técnica do *site* do jornal El Periódico, na sua edição para o espaço catalão. Formada em documentação, Núria Llop apostou na formação em novas tecnologias, mais concretamente nas especificidades das ferramentas de edição de texto, imagem e vídeo que a Internet tem vindo a proporcionar na última década. A entrevistada faz, por isso, um balanço das estratégias utilizadas para controlar um certo nível de qualidade nos comentários *online*, ao mesmo tempo que problematiza o papel das redes sociais no envolvimento com o público, plataformas onde o El Periódico tem um interesse em particular.

Pergunta: Qual foi o seu trajeto no jornalismo até chegar ao El Periódico?

Núria Llop: Conto-lhe um pouco do que é o meu *curriculum* para que possa perceber as diferentes fases pelas quais passei. Sou licenciada em Jornalismo, mas tenho também formação em documentação, fiz um par de cursos pós-graduação. Enquanto estudava, comecei a trabalhar como estagiária num departamento fotográfico, no verão, ao mesmo tempo fazia alguns trabalhos jornalísticos, mas sempre tive bastante interesse pelas bases de dados. Então, por volta de 1991, nesse departamento, houve a necessidade de informatizar todos os arquivos. Comecei por estudar e formar-me em novas tecnologias, as bases de dados para poder começar este trabalho. Estou a explicar-lhe isto para que possa perceber o meu trajeto, ok? Estive a trabalhar durante 10 anos nessa agência, onde nos primeiros cinco tive oportunidade de informatizar todas as bases de dados para criar a tal secção de documentação. Passados estes cinco anos, as agências aqui em Espanha começaram a perceber a necessidade de partilhar com os seus utilizadores as suas fotografias, os primeiros vídeos, etc. Foi nesta altura que comecei a entrar no mundo da *webs*, começando com uma pequena página muito simples da agência onde trabalhava até criarmos algo más complexo. Nessa altura, já era possível os nossos utilizadores registados como o El Periódico, ou de outros média, procurarem imagens e aproveitá-las. Estamos a falar do ano 91...sei que hoje parece um pouco normal e simples, mas digo-lhe que nessa altura foi um avanço importante e um trabalho importante. Portanto, nesta altura comecei a pensar neste tema das *webs*, aprender os diferentes formatos... Bom, por que estou a dizer isto? Pois, a verdade é que isto fez com que durante 10 anos estivesse afastado do mundo do jornalismo, especializando-me neste tema da *web*. Quando estávamos no final da criação da *web* desta agência, tive várias ofertas de trabalho de revistas. Não sei se sabe mas o El Periódico faz parte do grupo Zeta, que tem várias revistas, além de que, nessa altura, tinha uma televisão. Vários jornais, como o El Periódico, o diário SPORT e outros jornais regionais por toda a Espanha. Nessa altura, a direção queria que todas as publicações tivessem as suas próprias *web*, por isso criaram uma empresa paralela que se chamava 'Zeta digital', para criar as tais páginas. É nesta altura que entro na empresa, no ano 2000. Naquela época, assistíamos a um *boom* de *webs*, investiu-se muito dinheiro, mas depois tudo foi desaparecendo pouco a pouco. Das cinco *webs* que ajudei a criar, só duas sobreviveram. E foi nessa altura que entrei na redação do El Periódico. A partir desse momento comecei a trabalhar na manutenção do *site*,

trabalhei como jornalista para as notícias de última hora, *breaking news*, especiais informativos, integrando-me lentamente na parte de escrita, na redação de notícias. De todas as maneiras, estou encarregue da parte técnica da *web*, não é um perfil tão técnico como a equipa I+D... Estou todo o dia em contacto com os redatores e é um pouco a ideia de 'necessitamos fazer um especial para as eleições' e eu dou-lhes os meios técnicos para que os jornalistas concretizem isto. Coordenando a parte técnica da redação, portanto.

Estava prestes a perguntar-lhe o que mais gosta de fazer aqui na redação, mas parece que já ficou bastante claro.

Sim, esta ponte entre os técnicos e com os redatores apaixona-me.

Aproveitando, então, que estou com a pessoa responsável pela *web* do El Periódico, que tipo de estratégias em termos de participação, que é o que mais me interessa como investigador, estão disponíveis para que os cidadãos entrem em contacto com este jornal?

Ao nível do papel, a estratégia de participação limita-se às cartas ao diretor e depois, se conhece o El Periódico, quando existe um tema muito popular, como os controladores aéreos, as eleições, o que fazemos é ir para a rua, procurar anónimos e fazemos aquilo que chamamos de *fotomatonas*, uma parte essencial do El periódico em papel. Isto é algo que em muitos jornais se faz de vez em quando, mas aqui no nosso jornal na edição impressa é algo bastante usual. Na *web* o que fazemos é, para além do que se faz regularmente, entre cartas, fotos de denúncias, vídeo-cartas, temos a possibilidade de comentário em todas as notícias, de acordo com um determinado registo do utilizador para poder controlar um pouco os comentários que entram. Somos uma redação pequena, estamos a falar de 10 a 15 pessoas repartidas por turnos desde as seis da manhã até às três da madrugada. E é por isso que estas quinze pessoas não podem fazer a gestão absoluta dos comentários, mas procuramos ter este registo gratuito e prévio para assegurar um mínimo de controlo. Desta forma já condicionamos um pouco os utilizadores, eles sabem que podemos encontrá-los e bloqueá-los através do IP.

E é possível bloqueá-los a partir de aqui?

Sim, é possível. O problema é que aqui em Espanha a ligação da grande maioria das pessoas à Internet funciona através do sistema ADSL e estes acessos têm aquilo que chamamos de IP dinâmicos, ou seja, um dia estamos ligados a partir de IP e no outro já é o nosso vizinho que utiliza essa referência. Então por esse facto torna-se um pouco difícil, além de sermos atacados por sistemas geridos por máquinas, robôs...

Fundamental neste tópico da nossa conversa será, porventura, perceber em que consiste realmente o conceito de 'participação'. Dentro da sua experiência, que sensação tem sobre este tema?

Bom, vamos lá ver. Em princípio uma carta ao diretor ou um vídeo, uma fotografia de um leitor é uma coisa muito mais séria que um comentário. Esta participação é mais rigorosa. Um comentário, posso dizer-lhe, ainda que fomente a interação do utilizador com a nossa *web*, é muitas vezes uma coleção de opiniões, percebe? É também mais indicado para a interação entre os cidadãos, não para com o meio em questão. Aqui propomos apenas um tema e logo os nossos leitores decidem se isso é comentável ou não. A partir da redação queremos que os

utilizadores comentem, por exemplo, o relatório PISA, muito embora mesmo que provoquemos a participação, não conseguimos tê-la. Agora, se experimentarmos colocar uma notícia do Barcelona, nem precisamos de apelos para a participação! Falamos da nova camisola do clube e temos logo uma quantidade impressionante de comentários, de cartas ao diretor. Portanto, que mais temos na *web*? As sondagens, os inquéritos que funcionam muito bem, porque são um barómetro bastante claro da opinião do leitor. Fazemos muitos inquéritos, sobretudo se, na melhor das hipóteses, têm uma duração bastante pertinente, de quatro horas até dois dias. E aí sim, tomamos bastante atenção a esses resultados. Os nossos leitores são muito participativos neste sentido. Inclusivamente há muita gente que não comenta e, por outra parte, parece bastante interessada nesses inquéritos, talvez porque seja anónimo. Ocasionalmente fazemos um resumo em formato papel das sondagens do dia anterior que passaram na edição *online*. Outro campo no qual estamos a apostar com força são as redes sociais. Estamos a dar muita atenção ao Facebook, fizemos todo um plano técnico, porque, ainda que não pareça, tivemos que nos adaptar ao formato, com possibilidades de envio desta notícia, partilhá-la, fazer um 'gosto', etc. Também temos vindo a integrar o registo do Facebook no nosso *site*, pelo que todas as nossas notícias são suscetíveis de partilha ou marcação com um 'gosto'. Sempre que possamos facilitar algo ao utilizador, a maneira de contactar connosco, de participar, é sempre mais aconselhável. Se de quatro passos podemos reduzir a um, teremos uma participação muito maior, porque basicamente as pessoas cansam-se de preencher formulários. E ainda há uma coisa que funciona muito bem a nível da participação, que são os concursos ou prémios. Por exemplo, num sorteio entre todos aqueles que enviaram fotografias das suas férias e que no final oferecemos uma bicicleta. Pode parecer que são idiotices, mas resultam muito bem e animam o leitor a participar. Se todas as semanas tivermos promoções deste tipo, funciona muito bem, ainda que não sejam muito importantes, porque ao leitor pouco importa. Evidentemente se um dia oferecemos um Ipad é natural que tenhamos mais gente a participar, mas, na realidade, serve o mesmo se tivermos dois bilhetes para não sei onde. É apenas uma recordação. E ainda neste sentido, posso referir-lhe que tivemos bastantes fóruns, mas cancelámos porque era muito difícil gerir este tipo de conteúdos. Temos toda uma parte dedicada a blogues, voltados para a participação, mas neste caso o jornalista é o responsável pelo controlo de comentários no seu blogue e responde diretamente. Alguns têm conta no Twitter e interagem com os seus leitores. Para além disso, é sempre possível saber as notícias que mais comentários têm e onde existe mais participação, pelo que depois são os próprios jornalistas que sugerem que insistamos nesses temas. Começamos agora a fazer esta relação. No papel é muito difícil saber quantos leitores temos por cada notícia, o jornalista não tem essa informação.

Abrindo agora a porta do panorama mediático espanhol, em termos gerais, como pensa que o tema do envolvimento dos cidadãos nos média está a ser trabalho pelos órgãos de comunicação nacionais? Que formatos podemos elencar na galeria dos mais populares?

Penso que estamos todos um pouco perdidos. As redes sociais são o futuro, embora não saibamos o que irá acontecer concretamente, mas penso que sim, que se não estivermos na *web*, no Facebook, o melhor mesmo é sair, não [risos]? A estratégia dos outros média aqui vai um pouco na nossa onda, isto é, consiste em experimentar e ver o que sucede. Estamos a dar conta disto. Interessa-nos que as nossas notícias apareçam nos muros [do Facebook] de muitas pessoas, é muito mais eficaz que um leitor lance a notícia no seu próprio muro do que nós mesmos. Na rede do leitor, os seus amigos confiam nele, ainda que não sei se deva dizer isto. Confiam mais nele do que em nós. É como tentar chegar a um máximo de pessoas, mas não através de um bombardeamento. A nossa página do Facebook, posso garantir-lhe, é pioneira em

informação sobre Barcelona e sobre o Barça. Tentamos ampliar estes dois casos e damos seguimento no Twitter. Tentamos, por exemplo no Facebook, avisar ao leitor de novidades e também do leitor para connosco. Se há alguém que publica assuntos que não interessam aos leitores, não tem nada! Comentavam-me há pouco que o Ara [diário catalão] já tem 17 mil seguidores no Twitter e ainda nem sequer foi publicada a primeira edição. Ora, nós temos cerca de sete mil e isto representa um fenómeno da Internet! De todas as maneiras, se tudo isto não se trabalha corretamente, são como um *soufflé* que se esvazia. Se não estivermos nos muros das pessoas, não podemos desempenhar o papel de mediadores de informação. A estratégia é esta: não incomodar, ter um conteúdo forte na *web*, potente e que faça com que as pessoas coloquem nos seus muros, para que depois possam ser os seus amigos a repassar a mensagem. Neste sentido, penso que a estratégia está a funcionar.

Uma nova forma de mediação, portanto.

Sim, claro. Por vezes fazemos coisas que pensamos que vai resultar e logo as pessoas nem sequer reparam nelas. Por exemplo, no Facebook, estamos a perceber que os temas políticos não funcionam. As pessoas estão fartas de política, não lhe dão qualquer relevância. Por outra parte, se publicarmos informações positivas, como 'Vargas Llosa ganhou o Nobel', funciona muito mais. Não quero dizer que só publicamos notícias positivas, mas que procuramos seguir um pouco esta via, de alguma maneira, isso sim. As redes sociais ajudam a marcar tendências, um *trendic topic* no Twitter que seja bom às quatro da manhã será uma boa notícia às nove da manhã... Se somos capazes de detetar essa tendência nas redes sociais, conseguimos ser mais competentes. Na verdade, o Twitter é um bom controlador de tendência e há muita gente que segue essas tendências. Foi justamente pelas tendências no Twitter que demos conta da morte de Kirchner [presidente argentino, falecido a 27 de outubro de 2010], mas nem sempre acreditamos porque não há muitas fontes reais.

Este é igualmente um debate que tem vindo a merecer o debate dentro da comunidade académica. David Buckingham, investigador inglês, acredita que a repetição das mesmas vozes nestes fóruns é um problema efetivamente real, que pode gerar um ciclo vicioso nestes contextos. Para si, esta preocupação é efetivamente real?

Sim, definitivamente. Falo a partir da experiência aqui no El Periódico. Comentei há pouco que tivemos fóruns, mas decidimos terminá-los, porque as pessoas sempre levavam o assunto até outros pontos alheios ao debate inicial ou grupos que diretamente se insultavam, expulsando até participantes. Nos comentários isso acontece frequentemente. Há uma série de comentadores, que são bem mais de 50, que se passeiam pelo El Periódico, La Vanguardia e El País. O problema é que muitos procuram dinamitar uma série de espaços! É claro que existem associações políticas, como a *Plataforma per Catalunya* ou outras com tendências racistas e xenófobas. Isso já conseguimos perceber. Penso que o prestígio dos comentários está a decrescer um pouco nos últimos anos, pela manipulação de opinião, de pessoas que veem que a interação com o El Periódico é feita através desses comentários. E, sabe, não vemos este tipo de questão como uma seita e 'vamos ter fechar', não... Se uma notícia tem uma média de 50 comentários, seguramente 30 são deste grupo de manipuladores, mas há 20 que são perfeitamente aproveitados. O problema é que estes 20 ficam um pouco anulados pelos restantes 30. Estamos a falar de moderadores que são os próprios comentadores, um pouco à semelhança do que acontece no estrangeiro, com um líder de comentadores...

Isso acontece com a recente adaptação de regras dos comentários na Reuters.

Sim, isso, mas aqui o que fizemos foi incentivar os utilizadores a denunciarem os comentários inapropriados e logo poderíamos eliminá-los ou censurá-los. Isto é muito difícil de gerir. Estou a ver como o El País só abre a janela de comentários nas secções que lhes agrada fomentar a participação e interação das pessoas. Eles moderam o que vai aparecendo e logo retiram o que não lhes interessa, mas isso é uma quantidade de trabalho monstruosa... Desde 2007, parece-me, temos vindo a perceber maior preocupação sobre que tipo de conteúdos devem ser abertos à participação, ou seja, já se sabe antecipadamente que há temas que vão a provocar determinada reação, como os desportos, controladores aéreos, política, etc. Já se sabe que nestes casos os comentários vão ser tremendos. Sim, é verdade, os comentários são construídos pelas pessoas, mas somos nós com a nossa *web* que lhes damos protagonismo. Quando lançámos esta nova *web* em julho de 2010, colocámos colunas para que surgisse o comentário mais valorizado. No entanto, os que apareciam com maior cotação eram os mais imbecis, para que as pessoas os vissem em destaque, porque as pessoas querem é rir-se! Tivemos que retirar as colunas. Mesmo agora o que estamos a fazer agora, com os comentários mais valorizados destacados com um fundo verde, acontece o mesmo. Isto gera críticas por parte dos utilizadores que nos perguntam 'como é possível que um diário respeitado permita este tipo de comentários, com falta de ortografia?' E isto provoca cerca de 15 a 20 queixas diárias. Unicamente por isto.

Os leitores não deixam, portanto, escapar nada.

O que fizemos agora nas eleições foi criar um módulo *live* no Facebook onde se podia comentar em direto e isso ia diretamente ao teu muro, pelo que as pessoas eram mais respeitadas. As pessoas sabem que se saem no nosso jornal, também aparecerá nos seus muros, logo os seus amigos podem ver. Já experimentámos isto e além disso com êxito, mas sempre existem comentários desajustados que no final até acabam por moderar-se.

Percebo, por fim, que o Twitter e o Facebook são fundamentais para a vossa redação. Aliás isso até acaba por lembrar-me das palavras recentes de Rune Haug, chefe da secção de desporto da televisão pública norueguesa NRK, que na última Assembleia da European Broadcasting Union, realizada no mês passado aqui em Barcelona, referiu que os média devem estar nos chamados *social media* simplesmente porque as pessoas estão lá. O El Periódico marca uma presença regular nesses espaços, pelo que gostaria de ser até que ponto são decisivos estes espaços? Por que motivos têm vindo a apostar nestas ferramentas?

Para mim há uma diferença entre o que representa o Twitter e o que é o Facebook. Ambos são *social media*, mas há uma diferença importante. Para mim o Facebook parece-me fantástico no nível de interação com o utilizador. Por outro lado, o Twitter é mais um meio natural do jornalista. É a maneira de resumir num *tweet* uma notícia e informar. Sendo assim, o que acontece? Estamos a falar de uma redação que tem 30 anos, onde há pessoas entusiastas destas ferramentas e outras nem tanto. Costumo dizer que com o Twitter um jornalista marca um determinado território. E com o Twitter treina-se a capacidade de fazer títulos, sintetizar e poder transmitir a mensagem diretamente. Não temos de esperar por nada. O Twitter é muito mais rápido que qualquer *web* ou outra coisa qualquer e aparece logo no telemóvel. Ainda que nesta redação somos capazes de ser à volta de 200, 220 pessoas, posso dizer-lhe que não

chega à dúzia o número de pessoas com conta no Twitter. As pessoas mais interessadas nisto são aos do desporto, uns autênticos craques...

O Twitter significa informação?

Já experimentámos com as eleições e utilizámos uma série de jornalistas que seguiram Montilla e Artur Mas [candidatos às eleições para a *Generalitat* catalã, em novembro de 2010]. Colocando mensagens a todo o momento, percebemos que isto funcionou lindamente. O pior é que se fazemos isto apenas num dia, não serve de nada. Por exemplo, na nossa página do Twitter temos o típico *tweet* de títulos, de RSS e, na verdade, temos poucos redatores a *twittar*. Acho que fazendo um pouco deste tipo de *microblogging* nos ajudará.

Falando agora um pouco do protagonista da participação, o cidadão, a partir da sua experiência aqui no jornal é possível identificar algum padrão de participante, por exemplo a partir da vossa *web*?

É difícil, temos uma variabilidade de utilizadores que é complicado sintetizar em características comuns. Temos uma série de dados, através de objetos analíticos, meios de análise da *web* que nos ajudam a perceber um pouco o nosso leitor. Por vezes fazemos inquérito. De qualquer modo, penso que teremos dois usuários típicos, na realidade: um que já era leitor da versão em papel e que entra na nossa *web* porque confia nas nossas notícias, rondando os 30 a 40 ou 55 anos, para o qual o El Periódico é o seu diário de noite, de cabeceira, e por isso entra na nossa *web* porque já comprava o nosso jornal há 10 anos, para ler no caminho até ao trabalho, no regresso a casa; e, depois, há outro tipo de utilizador de pessoas mais jovens, que não chegam aos 30 anos, que entram a partir de motores de busca. São pessoas que têm pouca permanência num *site*, leem um conjunto de notícias e vão embora. Têm uma elevada percentagem de *pageviews*, comentam três ou quatro notícias, procuram coisas muito específicas e são utilizadores não apenas da nossa *web*, mas de muitíssimas *webs* informativas. São pessoas que acedem através de coisas como o Google News, por aí. No tema da participação há outra estratégia que estamos a tentar fazer que consiste em conhecer bem o nosso utilizador típico. Era muito difícil conhecê-los até há bem pouco tempo, através da tecnologia, sem fazer uma entrevista, um questionário. Como estamos a avançar em termos tecnológicos, existem agora formas de identificar o nosso leitor dentro dos limites da confidencialidade. Contudo, existe a possibilidade de identificarmos a proveniência das ligações. Sei que, apesar de um determinado leitor ser de Espanha, é de Vic e também sei que se interessa sempre por notícias de desporto e por notícias da sua cidade. Existem formas de fazer isto, atualmente. Seguir a posição do utilizador. De alguma maneira, podemos saber a partir de que horas essa pessoa prefere ligar-se à nossa *web*, por isso é que criámos um sistema de navegação inteligente. Se esse utilizador vai sempre à secção de desporto, vou, por isso, tentar criar um acesso mais direto às notícias do meu jornal sobre esse assunto. É como quando alguém vai ao Youtube e vê uma janela que diz ‘as pessoas que viram este vídeo, viram este, este e este...’ É como jogar um pouco com as notícias, mas num nível mais sério! As pessoas que viam esta notícia, comentaram esta e valorizaram isto ou aquilo...

Como os jornais *online* preferem destacar com aquela janela ‘também te pode interessar’.

Exato. A partir do momento em que proporcionamos esta navegação inteligente e que ajuda a conhecer melhor o utilizador, como saber de onde vem, posso oferecer igualmente uma

publicidade que pode funcionar e interessá-lo. Não vou passar a publicidade de Vodafone, mas se calhar a de um talho em Vic, do restaurante de um fulano que fica ali... Jogar um pouco com estes dados. Um dos problemas principais da Internet é que não dá dinheiro. Por que explico isto? Porque conhecer o nosso leitor é básico para nós. Se conhecermos o nosso utilizador corretamente, não este perfil que falei, mas mais em termos de franjas horárias, de onde vem, o que procura, quer, faz, é a única maneira de poder oferecer-lhes uma informação com um conteúdo real e bom. Por outro lado, é a única maneira de saber se um dia até podemos vir a pedir-lhe que pague por um conteúdo. Ou fazê-lo pagar para participar, isto é, o jornalismo não é gratuito. Se os artigos têm uma certa qualidade, pois alguém terá de pagar e neste mundo da Internet que tem estado sempre tão aberto, tão gratuito, vamos ver se é possível mudar isto e dar voltas.

Ainda no tema dos participantes, pensa que eles compreendem a importância de interagir com os média?

Penso que as redes sociais ajudam a perceber. Entre amigos e família, há pessoas que mantêm o anonimato na Internet. Há outras que ficam desiludidas pelo facto de alguém ter deixado uma opinião no El Periódico da Catalunha. Há tanta transparência, tanto anonimato e um comentador que se esconde por trás de um pseudónimo, em que se pode dizer aquilo que lhe venha à cabeça. Não lhe importa. Então o que passa com uma rede social? Numa rede social, o leitor é um leitor que é visto pelos seus amigos, pelo que já vimos que está situação pode causar diversos atritos entre eles. Antes, toda a gente entrava, com o seu nome, de onde era, dava a sua opinião, etc.. Agora, fulano ou beltrano podem fazer tanta coisa com esses dados que as pessoas temem e optam pelo anonimato. E assim podem dizer o que se lhes apetece. Pelo que o leitor já nem valoriza a sua opinião, já não é verdade. Penso que as redes sociais ajudam, porque o utilizador é um utilizador único.

Por outro lado, que pensa sobre o facto de existir uma margem de pessoas que estão afastadas destes espaços, isto é, que não demonstram interesse em participar?

Não sei. Utilizo a Internet, gosto muito, mas praticamente nunca participo. Nunca deixo comentários, apesar de ser um animal da Internet e adorar este mundo. No entanto, não mostro a minha opinião por aí. Não é algo que me chame a atenção. Não sei, onde o faço? As vezes num blogue, num tema que me interessa muito, mas não num meio de comunicação generalista. Penso que aqui falamos do que referia há pouco, de que tudo é anónimo e já não queremos que as pessoas nos vejam a dar as nossas opiniões sobre alguns temas.

Para terminar este capítulo da participação, falemos então sobre os objectivos da abertura dos canais de interação entre os média e os cidadãos. Esta questão tem sido particularmente seguida no mundo académico com autores como Rosa Moreno que defende a existência de um certo *marketing* mediático que subjaz esta intenção interativa, por parte dos média. Para Moreno, é apenas uma forma de criar uma audiência mais próxima das suas produções. De que maneira isto representa a vossa realidade?

Evidentemente. É o que lhe dizia antes, as *webs* são gratuitas e têm que se aguentar. O mesmo passou no papel com as descidas no número de anunciantes. Agora com a *web*, as coisas estão mais dramáticas. Uma *web* custa dinheiro, tem que ter profissionais que trabalham nela e os retornos publicitários são mínimos. De alguma maneira, teremos de chegar ao leitor e que isso

nos ajude a gerar alguns ingressos. Se não, através de redes, de diferentes campanhas. Como dizia há pouco, o Facebook é a nossa janela, a nossa marca. De promoção, um pouco. Além de garantir um pouco de interatividade, fazer com que os usuários estejam ali, mas se não há negócio, não há futuro sequer. Pelo que penso que o caminho está por encontrar, entre a publicidade, o *marketing*, com respeito ao leitor.

Procurando agora outro tema na nossa conversa, falemos um pouco de política. Na última conferência da European Association for Viewers' Interests), a Comissão Europeia e a UNESCO concordaram no ponto em que, nos últimos vinte e cinco anos, a União Europeia tem vindo a mostrar uma atenção particular na relação dos cidadãos com os média. Aqui em Espanha, que manifestações políticas sente a este propósito? Estão realmente os políticos espanhóis interessados nestas questões?

Bom, posso falar-lhe da campanha de 28 de Novembro [eleições para a *Generalitat* da Catalunha] que foi muito forte neste sentido. Além de todos os espaços dedicados à participação, desde debates, pequenos-almoços como candidatos, debates com participação cidadã, os *tweets*, os convidados enviavam-nos o que nós chamámos a 'ideia do dia'. Enviavam, por dia, quatro *tweets*, que eram quatro ideias, cada um deles. E a história dependia de quem enviava em primeiro o seu *tweet*. Como por exemplo Artur Mas e o *tweet* «hoje vai ser um dia e peras, vamos fazer isto e aquilo...» e depois aparecia Sánchez-Camacho, logo Herrera... Isto funcionou porque os políticos não paravam de colocar coisas no Twitter. Foi divertido. Agora, ao nível do utilizador não lhes dizia muito, porque estão muito desiludidos com a política e isso deixa-nos um pouco desorientados. Joan Herrera, durante a campanha, gostaria de ter colocado mais *tweets* do que os que colocou, porque gosta destas coisas, mas tinha sempre mil e uma coisas para fazer. E como aprecia o Twitter, também gosta de responder. O cidadão percebe isto e penso que utilizam as redes sociais e os média para tentarem uma maior aproximação aos eleitores, ainda que no final não sei se conseguem mesmo. Por exemplo, depois de toda a campanha do 28 de Novembro, combinámos um pequeno-almoço com Jordi Hereu [presidente do município de Barcelona]. Estavam todos os média, não apenas o El Periódico, em que os cidadãos enviavam as suas perguntas e, se no final fossem consideradas relevantes, transmitíamos essas questões aos candidatos. Isto durante a campanha funcionou muito bem, as pessoas enviaram muitíssimas questões para os candidatos, apesar de que nesse pequeno-almoço com Hereu, a dinâmica não resultou, porque as pessoas já estavam fartas de política! Se tivéssemos feito com um cientista, a coisa resultaria melhor. A política procura formas de interagir com o utilizador e aproximar-se. Alguns conseguem, outros não. Penso que os políticos utilizam muito a publicidade legal, isto é, vídeos, alguns divertidos para os jovens, alternativos. Não sei, mas penso que isso está a funcionar muito bem.

Chegámos talvez à última questão que é basicamente abrir, ou pelo menos tentar, a janela da nossa conversa até ao futuro. Para alguém como a Núria que participou ativamente nos primórdios das *webs* do grupo ZETA, creio que deve ter alguma autoridade para considerar que cenários futuros podem ser colocados à tecnologia como apoio ao envolvimento dos cidadãos nos média. Em 20 anos vamos estar mais conscientes das possibilidades de interatividade? Até onde as tecnologias podem levar-nos neste segmento?

Não sei... No outro dia falávamos aqui sobre qual vai ser o futuro do papel. Os jornais dentro de 10 anos vão ser o que são agora? Penso que não. Mas nem as próprias *webs* vão ser como são agora. O que tenho muito claro é que em 10 anos vai continuar a haver jornalismo, porque os

cidadãos necessitam que haja uma pessoa que seja capaz de processar a informação por eles e destacar os pontos que interessam. De focalizar, de propor uma interpretação, de alguma maneira. Ora, tenho isso claro que vai continuar a ser assim, mas em que formato? Não sei. Provavelmente em 10 anos voltaremos a falar dos formatos dos jornais do século XIX, mais curtos, muito mais interpretativos, que eram comprados por uma minora. Provavelmente não falaremos do papel como *mass media*, mas seguramente a *web* não substituirá esta função. A *web*, por si mesma, como a vemos agora, não, porque, vamos lá ver, os canais de informação multiplicam-se, podemos ter ligação a partir do telemóvel, modificam-se as maneiras de ler, temos agora o Ipad, mas para que serve um Ipad? A mim o que mais me fascina com o Ipad é que estou a tomar o pequeno-almoço pela manhã e o que antes fazia antes com uma revista, faço-o agora com o Ipad. Depois posso consultar o meu *e-mail*, vejo o que tem lá e tenho tudo o que necessito num dispositivo. Não me incomoda sequer. Isto é uma grande revolução? Talvez. No entanto, para mim, já faz com que se antes tomava o café e ouvia rádio, agora altero a minha rotina. Penso que isto tudo vai alterar-se, mas até onde? Pois, não sei...

APÊNDICE 4

Local e data de realização: Escritórios da TV3 (Barcelona), 27 de abril de 2010, 15h

Entrevistado: Carles Manteca

Órgão de comunicação social: TV3 – Televisió de Catalunya

Cargo profissional à data da entrevista: Diretor de programas

Carles Manteca apresenta uma experiência vasta em televisão. No currículo conta com passagens pela direção de programas em canais privados até chegar à cadeia pública catalã de televisão TV3, onde dirige a programação dos seus vários canais: TV3, 33, 324, Esport 3, Canal Super 3 e Canal 3XL.

Pergunta: Dentro da sua trajetória profissional intimamente relacionada com os média, quando começou a ter algum contacto com programas de opinião pública?

Carles Manteca: Sou diretor de programas da TV3 e a minha missão assenta na gestão de quatro canais e os traços gerais de todos os programas. Somos, sobretudo, uma televisão pública e o nosso compromisso é fazer um serviço público completo, além de difundir o catalão. A pluralidade, as diversas opiniões das pessoas, a territorialidade, a diversidade têm de estar bem claras na televisão, a partir de múltiplas facetas. Através de um programa de debate consegue-se um pouco disso. Temos, por isso, uma vontade de fazer serviço público. O debate tem sido um eixo fundamental desde o início da TV3, de um ponto de vista social, não apenas em temas políticos, mas sobre incêndios, a insegurança dos cidadãos, sempre numa ótica cidadã, do ponto de vista dos cidadãos, de modo que lhes possa interessar.

E mais relacionado com estes formatos de opinião pública?

Há apenas dois anos. Trabalhei noutra televisão da TV3, como chefe de audiência, durante 10 anos e além disso trabalhei noutras televisões privadas, mas no que se refere ao debate social, penso que só aqui na TV3. Na verdade, não se pode considerar um debate social outros géneros no qual a participação se resume a uma série de colaboradores que são muito bons comunicadores e que se intitulam especialistas. Para mim isso não é um debate social.

Aproveitando a larga trajetória que tem como profissional nos média, que diferenças consegue encontrar, na atualidade, em relação aos primeiros programas de opinião pública, na forma e no conteúdo?

Penso que houve uma altura na qual se valorizava muito a opinião das pessoas da rua, depois houve períodos em que o importante não era escutar as pessoas, mas promover algumas opiniões de alguns tertulianos que aparecem por todos os média. O ato de opinar sobre qualquer coisa deve ser feito pelas pessoas da rua, mas o 'opinador' de profissão que se vê em programas de rádio ou de televisão, alguns mais cáusticos, outros mais apaixonados, politicamente corretos, outras que vão dar uma volta e mostram uma perspetiva política, tudo isto tem uma boa argumentação e é um novo modelo que não nos agrada. Isto não é um debate. No limite, pode ser, mas será sempre falso, porque há alguns comentadores com determinadas linhas editoriais bem marcadas. Basear exclusivamente um debate neste modelo não é o nosso género. Preferimos escutar as pessoas afetadas, as gentes das ruas, ainda que as imbecilidades possam ser ditas por toda a gente.

Em termos gerais, que força podem ter este tipo de programas? Melhor ainda, qual é o papel atribuído ao *Banda Ampla* neste contexto?

Penso que a importância dependerá sempre do tema e do cidadão que intervém, mas pensamos que o tema em debate deve dizer algo ao cidadão. Quanto mais próximo da atualidade melhor, mais lhe interessa, mais intensidade terá. A ideia geral é a de que todos somos iguais, únicos e que as coisas afetam-nos de maneira diferente. A força está em escutar opiniões, mas o debate que fazemos é sempre um debate aberto e nunca procuramos uma resposta. Por exemplo, quando fazemos algum programa sobre os direitos dos animais e dos touros, não fazemos pedagogia, mas somos sensíveis a que as pessoas se manifestem a favor ou contra. Na verdade, é igual, procurarmos é refletir diferentes posturas.

Abordou justamente o tema dos públicos. Como é que do lado da produção destes programas é possível ver se as audiências entendem e compreendem a razão de ser destes programas e do seu envolvimento nos média?

Temos um plano de audiência qualitativa e quantitativa. Pensamos que este tipo de programas são fundamentais para a televisão pública, provavelmente não serão os programas com mais êxito ou audiência, mas ainda assim continuamos a trabalhar para que sirvam as audiências que nos são fieis. A nível qualitativo, o programa é bem valorizado pelas pessoas, porque é algo novo que não se faz normalmente, não é habitual.

***Banda Ampla* utiliza, nessa estratégia de interação com os seus telespectadores, diversas plataformas tecnológicas. Neste sentido, até que ponto a abertura dos canais de participação está irremediavelmente relacionada com a democratização, de certo modo, das possibilidades e plataformas tecnológicas?**

Nós e outras televisões aproveitamos muito essas possibilidades, mas há outras que não decidem abrir-se a estes formatos tecnológicos. A verdade é que para nós é importante conhecer a opinião das pessoas, sobretudo as que se identificam. Isto significa dizer que alguém pode dar a sua opinião sem identificar-se, nos fóruns, nos *chats*, ou seja, para mim isto não representa nada. Para mim isso [anonimato] não representa nada. É por isso que dar uma opinião fundamentada pode ser positivo e, além disso, com as informações relativas ao nome e profissão, ainda que no final sirva de muito pouco, justificamos a postura do participante.

Justifica, posiciona e quem escute percebe parte do envolvimento pessoal que subjaz à opinião transmitida.

Ou porque são daqui ou de ali, ou porque são bancários ou porque há outras coisas que se dizem para entender que opinião exposta e que termina por enriquecer o debate. É importante saber se as pessoas são a favor ou contra os touros e o local de onde vêm muitas vezes é determinante para perceber determinadas coisas.

Em relação à entrada dos públicos nos média, muitos têm sido os investigadores preocupados em discutir estas questões no mundo académico. David Buckingham é um deles, para quem o principal perigo da entrada do cidadão nas produções mediáticas acaba por revelar-se na repetição das mesmas vozes. Aqui na TV3 existe efetivamente esse problema?

Como um dos nossos objectivos é a pluralidade e a diversidade, fazemos destes pontos a nossa missão. Por exemplo temos muita gente de Tarragona, de Lleida, de Girona, que tem sotaques muito distintos mas é isso mesmo que procuramos, a diversidade. Na verdade, nem sempre podemos escapar deste tema e isso representa uma dificuldade para a produção. O nosso desafio é fazer as coisas o melhor possível e, por isso, é complicado. A nossa porta não está fechada. No *Banda Ampla* trabalhamos sem um guião rígido, porque queremos discussão, controvérsia. É este o caminho.

Depois de acompanhar tantas emissões do programa, é capaz de identificar características comuns entre os participantes no *plateau* do *Banda Ampla*? Há algum perfil tipo?

A variedade é tudo, por exemplo, já tivemos debates sobre o Real Madrid e o Barça e de como se vive esta rivalidade, desde o ponto de vista futebolístico ao empresarial e temos um programa com 90 pessoas, todas com um microfone. Mesmo assim parece-me difícil identificar um perfil, porque varia muito do tema em debate.

Ainda no estúdio com os participantes e a forma como interagem. Compreendem realmente os participantes a importância de participar? Que tipo de intervenções costumam fazer, balancam entre o nível instruído e crítico ou vão muito pelo comentário desagradável, pouco cívico?

Estamos já com quase 30 programas e temos um excelente comportamento dos participantes. Temos que trabalhar provavelmente na espontaneidade do participante, que deveria ocorrer com maior frequência. É verdade que há pessoas que respondem a outras, mas a intenção é que com isto as pessoas lá em casa possam ficar mais atentas ao programa.

Mudando agora um pouco o tema, podíamos por exemplo pensar nos verdadeiros motivos pelos quais os média decidem abrir os seus canais de participação às pessoas, aos cidadãos. De facto, há investigadores como Rosa Moreno que sublinham precisamente a ideia de *marketing* mediático por trás destas questões, destes formatos. Como vê esta questão aqui?

Como poderá ler em vários documentos do Conselho Audiovisual da Catalunha, o *Banda Ampla* procura criar um formato estratégico, de debate social e público, aos níveis micro e macro, com a inclusão do público sobre temas que interessam os cidadãos. Não há graus, nem categorias dentro do público no *Banda Ampla*. Basicamente poderíamos dizer que como a TV3 é um canal de serviço público procura sempre este compromisso de criar plataformas que sirvam os interesses das audiências, de formação e informação. No setor privado, parece-me claro que se os formatos de opinião pública não tiverem correspondência ao nível do lucro não fazem claramente parte das prioridades, nesse contexto. O *Banda Ampla* é um programa estratégico, porque faz parte da grelha da televisão e é social porque está aberto ao público.

Por último, ficaria com a sua opinião entre a política e o conceito de 'participação', historicamente relacionados. Mesmo a nível académico temos vindo a acompanhar trabalhos como os de Peter Dahlgren que aposta numa noção de participação profundamente instalada num determinado sentimento político. Tendo em conta a aceção histórica do conceito que temos vindo a abordar, que impacto têm as questões políticas no *Banda Ampla*? Por outro lado, daqui a vinte anos os políticos vão ser capazes de motivar as pessoas para maiores níveis de participação, não só a nível social?

Bom, tenho que referir que o *Banda Ampla* não convida políticos. Preferimos recorrer a líderes de opinião pública que podem contribuir de uma maneira muito mais positiva. Contudo, sou da opinião que os políticos gostam destes formatos, gostam de ouvir as pessoas que estão contra as suas ideias. Aqui em Espanha, como em todo o mundo, criticar os políticos é grátis e observar o cenário social é sentir o pulso das pessoas relativamente à situação do próprio país. Em relação à segunda questão, penso que sim, que estaremos melhor. É lamentável que a nossa formação latina não contemple a participação, isto é, que ninguém nos ensine a escrever e a falar bem. Seria necessário que o nosso poder argumentativo fosse um pouco melhor. No que diz respeito aos programas de opinião pública, penso que é um género que vai permanecer, se bem que há períodos onde esses formatos aparecem quase como uma moda e as pessoas gostam porque é algo que não se faz muito. As tecnologias constituem um momento importante, ainda que prefira insistir na questão do anonimato...traz-me sempre muitas dúvidas. Embora a política marque um caminho, creio que é necessário ainda pensar um pouco nisto, sobre como podem políticos desencadear maiores níveis de participação.

APÊNDICE 5

Local e data de realização: Redação da Catalunya Ràdio, 23 de março de 2010, 19h

Entrevistada: Mireia Mallol

Órgão de comunicação social: Catalunya Ràdio

Cargo profissional à data da entrevista: Jornalista e apresentadora do programa *La Nit dels ignorants*

À data da entrevista, Mireia Mallol dirigia aquele que poderíamos descrever como um dos formatos mais curiosos na rádio catalã. Diariamente, de segunda a sexta-feira, entre a uma e as três da madrugada, a Catalunya Ràdio promove um espaço que basicamente pede aos ouvintes que façam perguntas e que outros respondam, tendo por base um tema inicial, mas que pode bem variar ao longo da emissão. Aproveitando o caráter nostálgico que a noite e a rádio possam eventualmente encerrar no conjunto de um certo estereótipo associado ao fascínio por este meio, Mallol procurava demonstrar que no final de cada programa todos podiam ser um pouco menos ignorantes. Convertendo-se, por outro lado, numa espécie de diário da noite, entre as histórias e as anedotas do quotidiano, *La nit dels ignorants* utiliza a ligação ao telefone para estabelecer o contacto predileto com os seus seguidores, embora não se demita de correntes tecnológicas que entretanto se têm instalado na sociedade, com destaque para algumas redes sociais. Por outro, este é o programa mais antigo da Catalunya Ràdio, a emitir desde 1989. Numa conversa num dos vários estúdios da rádio, Mallol fala no programa com o mesmo entusiasmo que o faz, pontuada com uma adrenalina no discurso que condiz bem com a variabilidade dos temas e a espontaneidade dos ouvintes deste formato. Depois de cerca de três anos na condução do programa, Mireia Mallol acabaria por ser substituída por Xavier Solà.

Pergunta: O que é a *La nit dels ignorants*?

Mireia Mallol: Como programa é uma base de dados constante, porque é o mais imprevisível da rádio. Começamos e acabamos a dizer ‘boa noite’ e nunca sabemos o que pode acontecer entre estes dois momentos, porque o rumo do programa não está nas minhas mãos, mas na dos ouvintes, desde o primeiro minuto até ao final. Por isso, há dias em que acontece algo importante e isso de alguma forma reflete-se no programa, mas nunca sabemos se vai ser exatamente assim ou não, nem sabemos como condicionar, porque é tudo imprevisível. O programa é um todo democrático, pelo que, como profissional, é uma experiência muito enriquecedora poder dinamizar este espaço. Temos que deixar levar o ouvinte, partindo da base de que somos todos ignorantes em muitas matérias, apesar de noutros podermos ser especialistas. Na realidade são duas horas e meia todos os dias e é sempre imprevisível. Imprevisível.

O que equivale a dizer que não há uma planificação temática.

Sim, é verdade. Trabalhamos muito na própria espontaneidade como material, embora aproveitemos muitas das perguntas que são feitas durante o programa, editando-as para os dias seguintes, numa lista. É o máximo que podemos fazer, uma vez que os temas que são propostos para discussão já foram, de alguma maneira, ensaiados. Além disso, alguns dias fazemos umas entrevistas, a título excepcional, sobretudo quando temos um tema no qual residem muitas dúvidas. Nesses casos, sim, chamamos sempre algum especialista.

Como por exemplo?

Posso lembrar-me que houve algumas dúvidas sobre economia. Em 2010 falámos muito de crise e temas económicos. E de economia, em geral, pois poderemos falar, mas às vezes é muito abstrato. Por isso, convidámos um especialista em economia que fosse capaz de traduzir essa abstração em realidade, para aproximá-la dos ouvintes. É muito interessante até porque depois as pessoas podem telefonar em direto para o programa e fazer-lhe perguntas. E isto está muito bem, porque é serviço público. Penso que o programa se presta muito à disposição dos ouvintes, ao serviço público, e é sobretudo uma metáfora de rede. É como o Facebook, uma rede que liga pessoas, necessidades e respostas.

Sendo assim que formas disponibilizam para a participação dos ouvintes?

A principal via de participação é a telefónica. Depois temos o *e-mail* que abre o nosso programa ao mundo, porque há muitos catalães dispersos pelo mundo. Até de pessoas que não são catalãs, mas porque ouviram falar do programa e apesar de terem algumas dificuldades com o idioma, tentam participar. Isso acontece porque alguém lhes recomendou e, no fundo, isto acaba por funcionar como uma rede.

Democracia e rede são as melhores palavras para definir este programa?

Sim, evidentemente. Como estratégias de participação também temos o Facebook, com a página específica do programa, as *sms*, as cartas que chegam via correio postal, algo que ainda acontece muito.

Existe talvez um certo recuo a um certo período inicial da história da rádio, onde as cartas e os telefonemas eram as únicas vias de interação com os ouvintes. Aqui ainda aproveitam as cartas, por exemplo?

É algo pontual, mas muitas vezes somos motivados a aproveitá-las. Temos apostado nisso para fazer uma participação mais especial, tornar o programa mais bonito. Por exemplo, neste último programa desta temporada, pedimos [aos ouvintes] que fizessem um logótipo do programa. Houve muita gente que enviou por carta e também por *e-mail*. No final escolhemos 10, depois de uma votação na página do programa. Isto é como a democracia no seu estado puro. A única coisa que os ouvintes não escolhem é a sintonia.

Abordando agora um pouco mais da sua experiência pessoal com estes programas, consegue dizer quando começou a ter algum contacto com programas dedicados à opinião pública?

Bem, penso que, de uma forma ou de outra, estive sempre bastante atenta a programas onde havia participação. Houve uma época que nem tanto, mas mesmo assim posso dizer que, desde que entrei aqui há 10 anos, estive no programa da manhã e no programa da tarde. Aliás havia outra emissora cultural que se chamava Catalunya Cultura, que depois passaria a ser a iCat fm, que aposta mais em músicas com conteúdos culturais, onde tive oportunidade de fazer o [programa] *Despertador de madrugada*, com muita participação. Era como dizer-lhes: «meus amigos, começou o dia e hoje o que se passa é...» Aí já notava muito o pulso das pessoas. Agora pelas madrugadas, com a *La nit dels ignorants*, penso que cheguei à essência do mais participativo de todos. No fundo, sempre procurei estar de acordo com as necessidades das

emissoras onde estive, mas como todas acabam por estar um pouco nessa direção, estive sempre em contacto com o ouvinte.

Aproveitando a sua experiência de 10 anos neste tipo de programas, que diferenças podemos encontrar, tanto na forma como no conteúdo, entre os seus primeiros programas e os formatos mais atuais?

Penso que a questão da tecnologia também está relacionada com uma certa mudança de *chip* mental, no sentido em que antes as pessoas não se sentiam com a autoridade de oferecer conteúdos e agora há pessoas que oferecem conteúdos desde o seu blogue ou outra qualquer plataforma que foi criada. Aliás, penso que agora as pessoas pensam um pouco mais nas suas opiniões com respeito as determinadas coisas. Aqui há alguns anos, muitas pessoas não sabiam como apresentar-se ao público, porque não existia essa opção pública, como acontece no Facebook, e era apenas uma questão privada. A diferença é que na rádio, a questão do anonimato, procurada por muitas outras pessoas, é muito difícil de concretizar. É como se as pessoas estivessem mais despidas, até porque na *La nit dels ignorants* temos vindo a observar que com a intromissão do Facebook as pessoas se revelam um pouco mais, algo que antes não havia tanto. Isto é bom e mau. Penso que ainda somos muito ignorantes neste sentido, eu própria tenho muitas dúvidas no que faço e não sei se, em algum momento, estou a limitar em demasia as minhas liberdades. Acho que há coisas que ainda não sabemos como podem correr. Estamos num barco de provas.

Essa dúvida relativamente ao futuro lembra-me uma questão que tinha preparado sobre os horizontes futuros que podemos supor para os programas de opinião pública. Mas, por enquanto, fixemo-nos ainda nestes formatos e no eventual poder que eles podem vir a desempenhar. Que consequências podem desencadear estes programas?

Penso que a nível local têm uma força muito importante, porque nunca sabemos quem nos está a escutar. Em muitas das dúvidas apresentas nos programas, há sempre alguém que diz 'eu não gosto disto'. Será uma estratégia de pressão pública, talvez, de tentar modificar as coisas a partir do entendimento de uma pessoa. As pessoas estão muito atentas a isto que está a acontecer.

Mudando um pouco o rumo da nossa conversa. Falando de públicos, mais concretamente, como pensa que as diferentes pessoas percebem este fenómeno da participação nos média. Que impressões tem sobre o caso espanhol?

Falta-me uma perspetiva internacional. Conheço muito melhor a espanhola do que a estrangeira, pelo que nem conseguiria comparar. Contudo, tenho a sensação de que há uma polarização muito grande neste panorama, porque cada vez se pode participar mais e as pessoas têm que distribuir o seu tempo para participar em todas essas plataformas. Aqui na rádio esse efeito de polarização tem-se sentido pouco, provavelmente a televisão sente muito mais, mas também porque esse meio está a perder audiências e experimenta um decréscimo de participação também. De todas as formas, creio que o meu caso é muito particular, um programa todas as noites, de madrugada...

Um pouco mais difícil de conseguir uma maior audiência.

Competimos com muito menos formatos, num momento mais íntimo e todos sabem que a rádio tem essa relação bastante clara. Entendo que se o programa fosse ao meio-dia seria muito diferente e agora estaria a dar uma resposta muito diferente, ou mesmo se fosse pela tarde. À noite não, porque todas as pessoas vão dormir e necessitam, por vezes, de alguém que lhes ajude a dormir, nesses momentos de tranquilidade, de solidão, inclusivamente. Penso que este último será o mal endémico do século XXI.

Uma das coisas que me surpreendeu quando conheci o programa foi precisamente o horário. Com a diminuição da audiência, no período da madrugada, não tem receio que suceda algo que David Buckingham, um investigador inglês, alertou como um dos problemas principais da participação, na medida em que serão sempre os mesmos a participar?

Penso que há muitas pessoas que não gostam de participar, mas estão a ouvir e quando o tema lhes é próximo, participam. Temos pessoas que participam sistematicamente, isto é, aquele participante ativo, que sempre participa, pelo que existe também o passivo, aquele que só participa quando o tema lhe interessa. O programa faz-se com estes ativos, porque estão sempre lá, muitas vezes temos programas onde apenas intervêm os passivos. Disse-lhe que o nosso programa é muito democrático, mas temos uma certa margem de atuação, por exemplo, se temos 50 chamadas e só podem entrar 10, então aí escolheremos as 10 melhores. Aqui há uma certa manipulação do processo, porque não deixamos entrar alguém que já telefonou três vezes. Em caso excecionais deixamos participar uma pessoa mais do que uma vez na mesma noite. Por vezes, temos a sensação de que o perfil se repete e, por exemplo, ontem os *e-mails* eram de pessoas mais jovens, um tinha 18, outro com 16 anos, outro com 15 no Facebook, mas parece-me que, na hora em que transmitimos o programa, há pessoas mais velhas, pela questão das insónias, não sei. Contudo, há mais perfis, de trabalhadores, de jovens que estão a estudar, de algum adolescente que se esconde dos seus pais para ouvir o programa, mas nem sempre se manifestam.

Falou do perfil típico. Há realmente um perfil típico do participante nestes programas? Ou melhor, que características comuns podemos assinalar?

É complicado, porque há muitas coisas que ainda não consigo perceber e que formam parte da improvisação de que lhe falava no início. Se propusermos um tema mais antigo, teremos pessoas com uma idade mais avançada. Se sai um tema sobre novas tecnologias, sobre o Google, o que aconteceu na China, teremos, portanto, um setor muito particular. O tema até pode afetar muito pouco a Catalunha, mas garanto-lhe que há sempre três ouvintes que falam do Android, da Google, porque tudo isto acaba por ser uma religião. Ainda temos um pouco de tudo. Definir um perfil é tão complicado que há noites que, não sei bem porquê, o programa é um pouco aborrecido, noutros temos uma intensidade altíssima... Não há um padrão.

Mas até que ponto isto representa um estímulo para si? A improvisação é um pouco uma escolha vossa.

Sim, é, mas também gostaria de dizer: bom, hoje houve um jogo de futebol, ganhou o Barça e o programa foi fraco». Não! Há noites em que houve jogo, o Barça ganhou e é uma 'supernoite' e outras em que ganha e é fraca. E pensamos: que filme estará a dar na televisão? Não, não há padrão. Por vezes, temos um ouvinte muito particular e atua como um agente revulsivo que torna uma noite aborrecida, numa noite muito interessante.

Sabem os participantes, efetivamente, participar? Isto é, são educados ou atacam os demais? Emitem uma opinião responsável? Como funciona isso aqui?

Na verdade, têm-me surpreendido muito. Antes tinha muito medo de fazer este programa nesta hora, por muitas razões e porque, por vezes, sou lenta de reflexos, por exemplo com ataques pessoais. Muitas vezes diziam-me: «fica atenta, vigia, porque ouvi uma vez num programa que...» Aqui nada. Nunca, nada fora do tom, em dois anos. Filtramos, pois, mas nem tanto. As normas de participação estão bem claras e as pessoas seguem-nas. A partir daqui como nos expressamos? Bom, há pessoas que se exaltam, que não se sabem explicar. Em geral, as expectativas que tenho são boas, muito boas. A única coisa que noto é que há pessoas que não conseguem escutar as outras e não se dão conta de que repetem o discurso duas vezes... Seguramente este é um programa onde basicamente as pessoas querem falar e alguém que lhes ouça. Em geral as opiniões emitidas são corretas, diria até muito bem colocadas.

Há outro modo, eventualmente, de perceber este fenómeno da participação: quem não participa. Como imagina que será o perfil daqueles que não participam nestes programas?

Penso que têm um pouco de vergonha, porque à hora em que o programa passa, pode acontecer que alguém desligue a rádio e vá dormir depois de uma determinada intervenção. As pessoas conseguem ter a perceção de quando estão a falhar. Entendo que é normal, eu também faria o mesmo, é normal. O meu objetivo não é ter a mesma audiência do minuto 0 até ao 50 ou 70, porque os públicos vão flutuando. A última hora é muito diferente da primeira, mais dinâmica, mais rápida, mais picada. Na última hora, quando o debate é mais reflexivo, não há tantas dúvidas, a cadência é muito mais pausada, onde está normalmente um ouvinte que está a começar ou a acabar o seu trabalho. Também estão outras pessoas despertas por razões que desconheço.

Falando agora de rádio e das verdadeiras intenções com a abertura destes canais de participação. Aqui na Catalunya Ràdio, estes formatos procuram claramente contribuir para uma missão de serviço público, de escutar o ouvinte, dentro do registo da pluralidade e diversidade, ou existe igualmente uma ideia definida de *marketing* mediático, isto é, de introduzir mais uma marca desta rádio no espaço social, no espaço radiofónico?

Penso que podemos aceitar claramente os dois fatores que enumerou, todos têm uma percentagem bastante elevada, mas eu incluiria um terceiro: é o mais barato que há. O orçamento do programa, posso dizer-lhe, é o mais barato de toda a emissora. Estou de acordo com a ideia de *marketing*, mas também há muito de economia aplicada.

Muitas vezes tenho a sensação de que os média esperam sempre pela eventual contribuição cidadãos relativamente a acontecimentos inesperados, cataclismos naturais. Aliás, a história recente dos média ajuda-nos a entender justamente isso.

Costumo dizer que tenho o programa com mais correspondentes do mundo. Vamos lá ver, num programa valoriza-se o número de colaboradores que existem, pelas opiniões que se emitem. No entanto, se em vez de 10 colaboradores, temos mil, o nosso espetro de mercado amplia-se muitíssimo. Além de jogar contra o horário tradicional de transmissão de programas, sabemos que se acontece alguma coisa pelas sete da tarde, uma agência de notícias estará atenta. À noite, já estão a funcionar a meio gás. Por exemplo, durante as tempestades de neve da semana

passada, tínhamos o Governo que dizia que não havia ninguém preso nas estradas, mas, por outro lado, tínhamos pessoas que nos telefonavam das estradas dizendo que estiveram paradas até às quatro da madrugada! Era como atualizar ao instante as informações, com repórteres nas ruas que diziam o que tinham à frente, atrás, e a angústia de muitos que estavam prestes a ficar sem bateria no telemóvel e pediam ajuda... Foi um cenário dantesco. Vivemo-lo a uma intensidade muito alta. No dia em que houve um concerto muito importante em Barcelona, enquanto as pessoas desciam Montjuic nos seus carros, telefonavam para nós desde a fila do trânsito, para cantar a última música de Bruce Springsteen ou para fazer a crónica do concerto... Muitas vezes nas saídas das pontes, ao fim-de-semana, também telefonam para nós para saber alternativas.

Falou de governo, julgo que poderia ser interessante igualmente discutir a relação entre participação e a política, dois termos historicamente relacionados. Neste sentido, na última conferência da EAVI, a Comissão Europeia e a UNESCO defenderam que nos últimos 25 anos, a União Europeia tem vindo a dedicar uma atenção particular à relação entre cidadãos e os média. Aqui em Espanha, que sensações tem sobre isso?

Penso que sim, que estamos a começar a valorizar, apesar de que estaremos a despertar um pouco tarde para este tema. Quanto mais rápido possamos aproveitar esta relação, tanto melhor. No nosso país creio que há uma distância muito grande entre o cidadão e os seus políticos, não há uma implicação de um cidadão que tem a perceção de que os seus problemas nunca serão resolvidos pelos políticos de uma maneira muito clara ou direta. Existe uma distância abismal. Por isso, é na política municipal que temos vindo a encontrar essa proximidade. De todas as formas, a relação dos cidadãos com os seus meios de comunicação pode ser utilizada de maneira muito mais proveitosa. Penso que a política ainda não percebeu o poder que tem. Não sei se é fácil gerir isto, no entanto penso que algum passo já foi dado.

Ainda sobre a força destes formatos dedicados aos cidadãos. Pode, em termos práticos, um programa de opinião pública ser suficientemente forte para produzir determinados resultados e alterações no estado social, político ou económico? Pelo menos, parece-me que existirá um poder simbólico, não?

Sim, podemos contribuir um pouco para a oposição política. Isto significa que podemos levar os problemas reais a quem possa realmente resolvê-los. Somos os intermediários. Contudo, não consigo ver nenhum poder de pressão, de *lobby*, não. No nosso caso, não creio que cheguemos a tanto. Estamos no meio de tantos mediadores. Dizemos: «senhores, esta é a realidade das nossas ruas, se querem mudá-la e, portanto, ganhar votos, e isto que têm de fazer». Podemos também fazer um pouco de lupa, de ensinar e extrapolar um problema pequeno se realmente tem importância, claro.

Aproximamo-nos do final da nossa conversa, abrindo um pouco a janela do futuro. Tendo sido reclamado por uma geração pós-eletrónica, o conceito de participação encontra, na atualidade, diversas plataformas e possibilidades interativas nos média. Será certo que em vinte anos o cenário esteja idêntico? Que cenários consegue imaginar para esta questão do envolvimento do cidadão na rádio, por exemplo?

Penso que o meu programa vai cruzar-se mais com o audiovisual e, por conseguinte, as pessoas vão aderir a partir dessa via. De facto, já tivemos oportunidade de fazer algumas conferências

por Skype. É possível fazer isto, mas não é tanto o objetivo. É como passar do cinema em 2D para 3D. Poderá dar uma dimensão nova à participação, sim, sobretudo se cruzarmos a imagem com este mundo da rádio. Concretamente na *La nit dels ignorants*, penso que continuaremos a ser os mesmos ignorantes, uma vez que, ainda que haja tecnologia, o problema não é o acesso, mas sim escolher e relacionar os conceitos mais importantes. Sempre existirão especialistas em tudo, nos sonhos, na literatura e espero que esse ponto de encontro seja na *La nit dels ignorants*. Esta condição de ser ignorante, humilde, de saber aceitar que ninguém é especialista em tudo, é um ponto de partida que me agrada muito. Creio que daqui a 10 anos isso continuará igual. Vamos continuar a ter essa capacidade construtiva de ir preenchendo esse balão que é o conhecimento, mais do que propriamente esvaziá-lo.

APÊNDICE 6

Local e data de realização: Por telefone, a partir dos estúdios de rádio da Faculdade de Ciências da Comunicação da Universidade Autónoma de Barcelona, 20 de abril de 2010, 11h

Entrevistado: António Casado

Órgão de comunicação social: RTVE (Radio y Televisión Española)

Cargo profissional à data da entrevista: Diretor de realização audiovisual de programas

António Casado desvia-se um pouco da linha de entrevistados até aqui. Com efeito, depois de conversar com jornalistas, diretores de programas ou responsáveis por *webs*, Casado surge como elemento interessante para recolher determinadas impressões sobretudo tendo em conta a sua experiência no programa *Tengo una pregunta para Usted*, da TVE. Como o próprio explicaria nesta conversa, este formato inovador trouxe, ainda que momentaneamente, uma outra forma de intervenção cidadã num meio audiovisual poderoso como a televisão. Ora, inspirado pelo programa original em francês *J'ai une question à vous poser*, da estação televisiva pública francesa TF1, de 2007, a versão espanhola colocava uma determinada personalidade relevante da sociedade daquele país em frente a 100 cidadãos que basicamente procuravam questionar essa figura, normalmente retirada do contexto político. O programa contou com extraordinárias audiências, como sublinha Casado, mas supôs um regime de diálogo de aparente maior abertura da classe política às questões trazidas pela população. Num púlpito, em pleno *plateau*, perante cem vozes e respetivos microfones, passaram nomes como José Luís Zapatero, chefe de Governo de então, Mariano Rajoy, na altura líder do PP espanhol e da oposição parlamentar, ou até Luís Aragonés, ex-selecionador nacional de futebol, entre outras individualidades. Neste contexto, António Casado dirigia a equipa de realização técnica, ao nível dos enquadramentos das câmaras e dos planos de imagem captados, entre outros aspetos.

Pergunta: Começaríamos talvez pela sua experiência relacionada com os programas de opinião pública. Quando começou a ter algum contacto com programas de opinião pública?

António Casado: Bom, eu já levo 20 anos na produção de programas informativos. Normalmente, aqui em Espanha, temos os *telediários* da RTVE, mas no meu caso e mais especificamente com programas de intervenção cidadã, estou há cerca de três anos no programa *Tengo una pregunta para Usted* que é um formato que, aqui em Espanha, significou uma transformação muito grande na relação entre a política, os cidadãos e a televisão.

Aproveitando então essa experiência, em relação aos primeiros programas de opinião pública, que diferenças consegue encontrar na forma e no conteúdo se compararmos com os formatos mais atuais?

Quanto à forma, a televisão procura, nos últimos anos, fazer um pouco, ou muito, de espetáculo, em qualquer formato ou género. Quanto ao conteúdo, digamos que têm mais êxito aqueles programas que se consideram mais independentes, onde a participação das pessoas é mais livre, onde não há critérios, nem uma seleção muito exigente e que possam ser mais representativos da realidade social.

Que força podem ter estes programas? Que consequências podem vir a desencadear?

Isso é difícil de saber, sabe? Por um lado pode ter uma repercussão imensa e, por outro, transmitir conteúdos débeis. Influencia o contexto, o horário, o meio em questão, as personagens que intervêm, o que outros meios passam no mesmo horário... É muito difícil. O mesmo programa pode ter uma enorme repercussão ou até mesmo passar despercebido. Penso que não existe um critério geral para que se possa avaliar isso.

No caso específico do programa *Tengo una pregunta para Usted* que papel lhe foi pensado e atribuído pela produção e como entende que a sociedade espanhola o valoriza?

2007 foi um ano de novidades absolutas. O programa que trouxe algo que nunca se tinha visto, com uma repercussão tremenda, algo que também se deve à presença, no programa, do então presidente do Governo, José Luis Zapatero e do então líder da oposição, Mariano Rajoy. Em Espanha, nunca tínhamos visto um programa onde as pessoas da rua, eleitas por critérios sociológicos ou demográficos, objetivos e representativos da sociedade em geral, tinham a oportunidade de perguntar o que queiram. Isto era uma novidade absoluta e, por isso, teve uma grande repercussão dividida em dois tipos: na quantidade de pessoas que assistiu ao programa, impensável para um programa político. Uma repercussão nos meios de comunicação, onde aliás o programa também marcou muito e converteu-se numa imagem de marca da televisão espanhola.

Esse público de que falava, como considera que entende e recebe este fenómeno da interatividade entre as audiências e os média?

Bom, as audiências receberam este programa com surpresa. Na verdade, penso que as audiências não estivessem à espera de um programa em específico. Penso que na hora das pessoas se sentarem em frente à frente da televisão, elegem aquele que mais lhes agrada nesse momento. Não estou certo de que haja um pedido, ainda que no limite só se comprova o êxito de um programa se as pessoas realmente o veem ou onde as pessoas participam indiretamente também. Ainda assim, não estou certo que haja uma grande preocupação social com este tipo de programas. Penso que funcionam bem, que apareçam de vez em quando, mas tenho as mesmas dúvidas sobre a repercussão deste programas se fossem transmitidos em contínuo, numa periodicidade semanal, com agendas previsíveis. Assim creio que perderiam muito do interesse e do valor que têm para acrescentar.

Muitas vezes discute-se a importância da tecnologia como fator determinante na multiplicação de plataformas interativas entre os públicos e os média. A partir daquilo que já teve contacto, até que ponto são efetivamente decisivas as intromissões da tecnologia neste contexto de proporcionar maiores níveis de adesão das audiências junto dos produtos mediáticos?

Penso que foi um fator que contribuiu um pouco. Imagino que a pergunta estará relacionada com a interatividade e isso ainda está muito pouco rotinado, supõe-se que com os próximos anos aumente. A TDT implementou-se, finalmente, há poucas semanas em Espanha e isso mudará a forma como se televisão, mas a interatividade praticamente não existe. Isto é da responsabilidade das empresas que têm muitos custos a nível económico e logo veremos se as audiências vão apostar nisto ou não. De momento, penso que a interatividade é muito reduzida. As chamadas telefónicas ainda dominam, mas a participação através da Internet parece-me ainda muito reduzida.

No âmbito destes espaços dedicados ao público, existe, eventualmente, um perigo destacado por um investigador inglês, David Buckingham. Refere este académico que a participação do público nos média não constitui mais do que um círculo fechado onde tendem a intervir sempre as mesmas pessoas. Até que ponto isso pode corresponder à realidade com a qual tem trabalhado?

É bastante acertado esse temor, sim, pode ser. Basicamente, no final, o espectador televisivo é bastante passivo. Pelo menos nunca vi a interatividade como uma característica típica do telespectador. Aí penso que será pior, devem ser sempre os mesmos. Penso que é interessante o nosso modelo de programa, porque a seleção dos participantes está a cargo de uma empresa independente, com objetivos independentes, que procura um grupo que seja representativo da realidade social, em igual número de homens e mulheres, equilíbrio na profissão, dos que estão no desemprego, que representem todos os territórios de Espanha... Bom, este critério pode trazer algo de novo, mas penso que as pessoas que participam nos programas através do Facebook ou de outros modelos na Internet, correio eletrónico ou chamadas telefónicas, tenho a sensação, ainda que sem dados concretos para justificar, que serão sempre os mesmos...

A partir daquela que é, no fundo, a sua experiência em televisão como, entre outras coisas, realizador destes espaços de opinião pública, consegue identificar um perfil tipo no participante desses programas?

Penso que é uma pergunta que me supera, na verdade. Tanto pode ser uma pessoa mais ativa socialmente ou então uma pessoa totalmente passiva que aproveita estas possibilidades para expressar-se ou dar opiniões que, em outros contextos ou outras circunstâncias, não o faria. Nem sei se existe um estudo que revele mais dados sobre isto, não conheço.

O público compreende a importância de participar?

Penso que sim, o público entende, aprende e compreende o programa. Supõe que houve muito trabalho para organizar tudo, que foi preciso dinamizar a sociedade.... Uma sociedade que, como em muitos países na Europa, está quieta, à espera de algo, com pouca dinâmica interna.

Por outra parte, como imagina que será o perfil dos cidadãos que não participam nestes programas?

Pois, serão a maioria. São o reflexo da sociedade que há, que um dia vê o programa, no outro vê uma série policial que passa noutro canal, no dia seguinte vê uma novela e no outro um programa musical... Bom, isto passa com pessoas que, especialmente no *primetime*, chega a casa cansada e que vê televisão mas que poderia ver outra coisa. Gente cómoda e passiva. Isto é o que sucede com a maioria das pessoas.

Quando começou a perceber que os média começaram a apostar neste tipo de programas?

Penso que sempre houve intenção de fazer este tipo de programas, mas penso que quando se parte para esta ideia, há que pensar em fazer um bom programa de participação. Isto é complicado, porque são programas com um orçamento muito alto, entre a participação telefónica, através da Internet, apoiada por novas tecnologias que têm ajudado muito nos últimos anos. Penso que estes formatos sempre foram muito interessantes e atrativos, mas traduzi-los

num modelo adequado é difícil, porque ideias há muitas, mas algumas têm que criar um programa sólido, um programa que se possa ver num horário de *primetime* absoluto, de duas horas. Custa dinheiro, muito dinheiro e há que pensá-lo bem. A participação por *e-mail*, por telefone, e agora com a chegada da TDT, creio que será mais constante. Só as grandes cadeias podem manter estes formatos, enquanto as mais pequenas aumentam a duração destes programas e amortizam, assim, os custos na gestão da grelha televisiva.

Falou de economia e dos motivos que podem conduzir a uma abertura dos canais participativos. Igualmente na comunidade académica tem-se discutido sobre esta questão. Nomeadamente Rosa Moreno, ao defender a ideia de *marketing* mediático, isto é, a ideia de transmitir um programa dedicado aos cidadãos justifica-se também pela opção de criar uma determinada marca mediática, convidando o público a fazer parte dela. Que leitura faz desta situação?

Se os média privados percebem claramente que é rentável, podem perfeitamente fomentá-lo e ampliá-lo. Os média públicos têm outra obrigação, um compromisso legal de fomentar a participação, por isso têm que fazê-lo.

A política é uma dimensão umbilicalmente associada ao conceito de participação. Primeiro pela conotação política no termo e, por outra parte, parece que a consciência política despertou para este tema. Pelo menos esta é a opinião da Comissão Europeia e da UNESCO, que defendem uma maior atenção dos estados-membros da união relativamente aos assuntos que envolvem a relação entre os cidadãos e os média, especialmente nos últimos 25 anos. Que sensações tem sobre estas verdadeiras preocupações políticas a este nível?

Já tive oportunidade de experimentar isso de perto e penso que estes programas têm sido satisfatórios para os políticos. Não estou apenas a falar do *Tengo una pregunta para Usted*, mas percebi que estiveram cómodos, inclusivamente perante perguntas complicadas e foi interessante dar essa imagem de proximidade. Sempre temos imagens estereotipadas. A minha experiência diz que todos os políticos que passaram pelo programa se sentiram bastante cómodos perante os cidadãos e com as perguntas difíceis que lhes foram colocadas.

Pode efetivamente um programa de opinião pública ser suficientemente forte para conseguir produzir determinadas alterações no estado social, político ou económico de um país?

Bom, há uma parte de utopia, porque é difícil produzir alterações com estes programas. Em primeiro lugar, não são programas que se vão generalizar, e depois, não sei, mas os comentários dos líderes de opinião pública são os mais fortes na sociedade. Os programas pequenos possuem muito pouca força, porque alimentam-se, retroalimentam-se. As pessoas que os veem são sempre as mesmas, cada televisão tem o seu perfil e os programas com grandes formatos não têm essa grande repercussão. Esta imagem de proximidade dos políticos talvez seja o facto mais positivo.

Chegando à última pergunta, pensemos um pouco sobre os cenários do futuro. A insistência no fator digital parece ter aberto perspectivas bastante otimistas, sobretudo com a crença de que maiores níveis de participação podem vir a ser realidade. Que poderemos realmente esperar, na sua opinião, sobre as possibilidades tecnológicas ao serviço da integração do público nos média?

Bem, o *Tengo una pregunta para Usted* voltará, seguramente. É um programa que não tem uma periodicidade semanal, mas sim de acordo com certos períodos no tempo. É um programa que, noutros países como em França, teve muito êxito pré-eleitoral. Quanto ao tema do digital, penso que sim, de uma forma regular iremos observar um aumento na sua utilização, de uma forma interativa, reativa. Vai depender do avanço da tecnologia, provavelmente. Estamos num mundo aberto, onde muitas pessoas já compram através da Internet. Na televisão, teremos de desenvolver a interatividade e fazê-la chegar aos cidadãos. Penso que a interatividade será limitada a curto prazo, já temos diversas possibilidades que não constituem propriamente de uma novidade. Implementar outro tipo de interatividade é difícil, porque custa dinheiro. Penso que os telespectadores passivos vão preferir ver um filme, uma série, um programa de entretenimento, talvez numa programação continuada. Relativamente ao futuro não sei, as novas tecnologias influem muito na mensagem da televisão e indiretamente nos telespectadores.

E provavelmente teremos que analisar futuramente a questão da utilização crítica e apropriada das possibilidades interativas.

É difícil, muito difícil saber se vão conseguir lidar com essas tecnologias de forma correta. Penso que é todo um mundo por descobrir, existe um campo enorme e nesse contexto as televisões públicas devem ter algo a dizer no seu desenvolvimento. Quanto às privadas, parece-me que vão continuar a apostar se realmente estes programas constituírem um produto rentável, mas cada um tem a sua função no panorama dos média.

APÊNDICE 7

Local e data de realização: Faculdade de Ciências da Comunicação da Universidade Autónoma de Barcelona, 28 de abril de 2010, 16h30h

Entrevistado: Pere-Oriol Costa

Cargo profissional à data da entrevista: Professor catedrático na Faculdade de Ciências da Comunicação da Universidade Autónoma de Barcelona

Até agora, as entrevistas realizadas procuraram abordar o ponto de vista da participação tendo em conta os profissionais que diariamente contactam com estas questões da interatividade entre os média e os cidadãos. O caso de Pere-Oriol Costa é, porém, ligeiramente distinto. Catedrático de comunicação na Universidade Autónoma de Barcelona, trabalhou durante vários anos na imprensa e desenvolveu um gosto particular pela comunicação política, a um nível micro e marco, na região da Catalunha. Provavelmente por essa experiência de criação de pontes entre a política e o cidadão torna Pere-Oriol Costa uma personalidade académica autorizada a discutir com propriedade a inscrição do envolvimento cívico no terreno dos média, tendo em conta a conotação quase ontológica entre 'participação' e política. O ponto de vista de um académico, como oportunamente constataremos, confere a este debate uma outra lógica, uma vez que, especialmente neste caso, encontramos as análises de uma figura que se dedica à reflexão mais sistemática do papel da Internet e de novos ecossistemas mediáticos na esfera pública.

Em termos académicos, a sua formação está muito relacionada com a comunicação política e a opinião pública. Essencial, provavelmente, para a formação dos públicos serão os espaços que os média disponibilizam para a sua intervenção. A partir de que momento começou a interessar-se por estas temáticas?

Há uma primeira parte profissional, fui jornalista e estávamos interessados no tema da participação, mas não tinha qualquer peso na altura. Trabalhei na imprensa escrita, inicialmente, e a nível de participação tínhamos as cartas ao diretor e isso funcionava para dar a sensação de que o jornal tinha vida, estava ligado com uma certa parte da sociedade. Se não tivéssemos cartas para publicar, quem fazia era o jornalista, mas não lhe dávamos a importância e o valor que deveríamos. Trabalhando noutro diário em Barcelona como editor-chefe e subdiretor, interessava-me refletir sobre a participação das pessoas, das cartas ao diretor aos concursos onde os públicos votavam. Até ao aparecimento da Internet, os média estavam um pouco dependentes do telefone, que não é exatamente um meio de comunicação de massas. São meios muito unidirecionais, isto é, o emissor faz de emissor e o recetor de recetor. Mesmo quando era jornalista, vinha regularmente à Universidade para dar algumas aulas ou até mesmo quando comecei a especializar-me na Faculdade, sempre me interessei pela teoria da comunicação e da opinião pública que fazem parte da disciplina de Géneros Jornalísticos. Lembro-me de que, na altura, citava um autor chamado Enzensberger, que lançou nos anos 60, o livro *Elementos para uma Teoria da Comunicação*. Como fazia alusão o livro, a Internet permitiu o intercâmbio de papéis. Na rádio, televisão existia na altura muito pouca participação, com algumas exceções. Talvez algum programa, com participação seletiva e não massiva. Na rádio são sempre os mesmos que telefonam, porque as pessoas pensam que as suas opiniões não vão ser tidas em conta ou até ter influência.

Há um autor muito conhecido em Inglaterra, David Buckingham, que fala justamente nessa questão, de serem sempre os mesmos a participar. Aliás, o investigador acredita mesmo que esse será eventualmente um dos perigos associados à participação.

Isso é culpa dos emissores que valorizam os recetores e lhes permitem sempre participar. Com a Internet isto muda um pouco. Neste sentido, a Internet é muito interessante e ainda vamos ter que esperar para ver o que vai acontecer, porque agora com as redes sociais vemos exemplos de interação entre emissor e recetor. O Facebook é um meio de comunicação de massas, ainda que as mensagens se passem de forma lenta, mas há uma participação massiva nas redes sociais.

Falando agora num tema que lhe é caro, a política tem sido uma dimensão profundamente associada ao conceito de participação. Recordo, até, que no último congresso da EAVI, em Novembro de 2009, que teve lugar em Madrid, Vladimir Gaï e Matteo Zacchetti, da UNESCO e Comissão Europeia, respetivamente, defenderam que a Europa tem prestado uma atenção cada vez maior a questão da participação dos públicos nos média, pelo menos nos últimos 25 anos. O panorama é assim tão otimista?

A pergunta é complexa e aborda muitos aspetos. Geralmente podemos dizer que a participação das pessoas e dos grupos sociais no sistema democrático legitima esse sistema. Por exemplo, o que vimos que nas áreas metropolitanas das cidades francesas, com pessoas que queimaram automóveis e outras atitudes reivindicativas de gente jovem foi um exemplo da incapacidade do Estado, do sistema que falhou na participação destas gentes. De gente que quer trabalhar e trabalhar é participar. Neste sentido, creio que há uma crise de um sistema, de legitimidade, pela baixa participação. Por que estamos assim? Já tivemos momentos melhores, não extraordinários, mas melhores. Por exemplo, a concentração dos média e as privatizações das televisões não ajudaram muito ao tema da participação. A televisão pública, por exemplo, preocupava-se muito com o acesso dos grupos sociais à televisão, da descentralização e, no limite, da participação. As televisões estavam muito centralizadas, entre Lisboa, Madrid, Roma ou Paris, e havia um debate intenso, nos anos 60, sobre que tipo de programas podiam ajudar à integração dos grupos sociais. Na verdade, os grupos sociais que não podiam representar-se nas televisões acabavam por ser colocados em posições anárquicas. Mesmo com a concentração dos média isto não mudou muito e cada vez há menos meios de comunicação mais concentrados. Por isso, os grupos sociais não encontravam representação nos média. Ao mesmo tempo, estes grupos não têm meios de comunicação próprios onde possam expressar-se. Por tudo isto, penso que há um desapego em relação à política, por parte dos cidadãos. Mesmo o lugar dos média, como local agregador de forças, está um pouco afastado das pessoas e aí cria-se um grande problema.

Creio que o professor esteve nesse mesmo congresso da EAVI. Surpreendeu-o esse otimismo pela afetação dos políticos aos terrenos da participação pública nos média?

Há um desapego, não sentimos a participação das pessoas. Outra coisa é no âmbito local e aqui sim encontramos municípios que conseguem cativar a participação pública. Por exemplo, algo que funciona muito bem são os conselhos escolares, através da responsabilização de diversos setores da sociedade junto dos colégios, em localidades mais pequenas. Nessas zonas encontramos localidades que fazem planos estratégicos. Fiz um plano estratégico numa localidade de quatro mil habitantes onde participaram 250 pessoas. Depois muitos municípios

criaram mecanismos de participação. Por acaso, no próximo mês [maio de 2010] vamos organizar um Conselho do Povo, uma representação não política, mas sim social, de entidades que se reúnem a cada meio ano para propor discussões junto das Câmaras Municipais. É um debate estratégico e uma tentativa que acontece em pequenas cidades espanholas. Num nível macro, encontramos também esforços de fomentar a participação cidadã, com as chamadas por telefone, mas tudo isto está um pouco manipulado. Depois os partidos políticos, quando falam da participação real, é uma tentativa de aproximação junto das pessoas, utilizando um meio de propaganda baseado num sistema porta a porta, nos mercados. Nos média locais para ganhar votos, pedindo aos grandes média que os fotografem nestes círculos para dar a sensação de aproximação com as gentes. Quase um convite às pessoas a participar.

Uma estratégia comum.

De aproximação, um atributo de político próximo dos públicos.

Mas numa atitude meramente cosmética e de aparência?

Sim, mas nas cidades pequenas não é bem assim, porque vão diretamente à casa das pessoas, pedem o voto. Numa cidade grande, vão a umas quantas casas, deixam-se fotografar e com isso vendem a ideia de que visitaram as pessoas.

Outra parte do meu trabalho, intimamente relacionada com a questão da participação, foca-se bastante na chamada literacia mediática, na medida em que esta será porventura uma disciplina útil para perceber a utilização crítica e eficaz das possibilidades participativas dos cidadãos nos média. Neste sentido, que avaliação faz do público espanhol, compreendem o fenómeno da participação?

Penso que a participação como termo real tem alguma coisa a ver como uma certa elite, de pequenos grupos interessados, de intelectuais, ou então de gente que acredita que a participação não é a realidade de uma política ou da vida quotidiana. Penso que existe um certo afastamento em relação ao termo. No entanto, ao nível da literacia mediática, podemos dizer que existe um maior fomento da interação do que da participação. Uma interação horizontal, de iguais, através das redes sociais. Deste modo, penso que Espanha é um dos países onde não se pode falar de *gap* digital, uma vez que neste tema estamos bastante desenvolvidos. Não é tanto pela participação no sistema, mas pela interação, através de uma rede, com outros que são iguais a nós próprios. Por exemplo, no caso de Obama, nos EUA, fala-se verdadeiramente de participação das pessoas e isso conseguiu-se porque fizeram dessas plataformas os seus grandes instrumentos educativos. Sobretudo as pessoas participavam para relacionar-se, não para entrar no sistema, criando redes com o sistema político. Obama entrou em 16 redes sociais e interagiu em todas elas, isto é, vimos como um candidato participou no sistema. Aqui em Espanha os partidos estão a tentar fazer um pouco disto, participando.

No início do meu trabalho neste tema, trabalhei algo que estava relacionado com a política e posso até explicar como fiquei interessado nestas questões da participação mediática. Estava a fazer um estágio numa rádio portuguesa e um dia recebemos a notícia da intenção do Governo português em taxar os sacos plásticos dos supermercados. Bom, a verdade é que este foi o tema do dia, inundando os programas de opinião pública onde realmente percebemos uma reação bastante negativa do público em relação a esta medida, uma vez que estávamos a dar os

primeiros passos nesta crise financeira, em finais de 2007. Poucas semanas depois, o Governo decide mudar de estratégia e anuncia que não vai avançar com esta medida. Neste quadro, questionei até que ponto este tipo de programas podem ter concorrido para condicionar uma intenção governamental? Ou mais: até que ponto os políticos não utilizam um pouco estas estratégia como medida de auscultação social?

Pois, não me surpreenderia. O Governo não quer problemas, aliás não é assim tão estranho os governos tomarem medidas a partir de sondagens e inquéritos. Temos que referir que o telemóvel é um importante dispositivo, de mobilização participação, mas muito reativo, como nas manifestações do 11 de março contra o governo. Neste sentido, todos os movimentos de neoliberalismo globalizado foram igualmente reativos. É construtivo, obviamente, mas impedem o Governo de fazer alguma coisa. No fundo, é uma participação efémera e reativa. E isto tem algo de utópico.

Sim, é verdade, há um lado utópico inegável. O debate a nível académico tem sido importante neste sentido. Manuel Pinto, num texto algures em 2009, desvenda algumas questões importantes sobre o lado invisível no campo do público. Com o aparecimento dos novos média, questiona o investigador, comunicam melhor as pessoas? Que caminhos se abrem até a uma melhoria da qualidade de vida? Vivemos melhor? O sumo paradoxo, refere, está na possibilidade de múltiplas formas de participação perante a fraca adesão do público. Que opinião tem sobre este ponto?

Estamos num momento em que as pessoas não acreditam que valha a pena formar uma organização. As pessoas não acreditam no associativismo. Por outro lado, estamos num momento onde participar traz também esperança, de melhorar as coisas, por isso estamos numa sociedade onde há muitíssima gente com esperança. Ainda é difícil formular esperança, porque há muitos fatores que não podemos controlar, como por exemplo o individualismo. Penso que isto desanima um pouco a participação.

Também gostaria de fazer algum tipo de trabalho sobre que acontecimentos podemos esperar no futuro relativamente à participação dos cidadãos. Ou melhor, sabendo que as possibilidades de participação são francamente mais abertas e múltiplas, até que ponto isso pode levar a maiores níveis de participação?

Não sei se já chegou a consciência da participação. O que sei é que esta consciência de roubo de um Estado junto dos seus cidadãos tem mais impacto no sistema e provoca uma reação que para mim seria a concretização da ideia de participação. Já lhe digo que os níveis macro e micro são distintos, porque há manifestações de pessoas que acreditam que se devem associar para proporcionar uma educação responsável para os seus filhos e amigos. Entendo que a provação dos nossos dias desencadeie mais consciência e manifestações. Estas pessoas pouco acreditam na resolução dos seus problemas pelos políticos, esta gente não acredita neles. Então é por isso que estamos numa certa fase de impasse.

Para terminar, costumo dizer que participação tem muito a ver com política, porque sempre percebemos e ouvimos falar desse conceito ligado a uma certa conotação política.

O conceito de participação nos média é muito novo, como por exemplo a Wikipedia que se baseia no trabalho de várias pessoas, isto é, estes novos média que nascem na rede procuram

legitimidade na participação das pessoas. É um tema interessante e penso que os próximos 20 anos vão continuar a ter êxito neste segmento.

Mas a Internet agudiza ou não ainda mais as diferenças entre aqueles quem têm acesso e os restantes que não têm possibilidades de aceder?

É preciso fazer tipologias territoriais, porque a participação não é a mesma em Espanha que em Portugal. É muito distinto, seja ao nível do comentários nas notícias *online*, artigos na Wikipedia ou, no caso espanhol com os níveis altíssimos de participação em programas do coração, de duas horas... é obrigatório ter uma tipologia, num território muito amplo e abstrato é complicado. Não só de participação política, mas também nos média ou noutros campos...

Sim, na verdade esse trabalho sobre a tipologia da participação ainda não está feito.

Podemos encontrar alguma coisa nos debates sobre a televisão pública dos anos 60, no que toca à participação e ao acesso, mas é ainda um debate que está ainda a decorrer.

APÈNDICE 8



Universidade do Minho (Braga-Portugal) | Grupo Publradio Universitat Autònoma de Barcelona (Espanya)
Fábio Ribeiro – Investigador Centro de Estudios de Comunicació i Societat (UM-Braga, Portugal)

Aquesta enquesta vol conèixer alguns comportaments dels ciutadans que intervenen al programa *Banda Ampla*, del canal de televisió català TV3. És, per aquesta raó, que està dirigida a una mostra d'individus que han intervingut en aquest format televisiu. Per això, les preguntes reflexionen sobre el paper de la participació en la societat democràtica i en els mitjans de comunicació, així com sobre les motivacions que porten als ciutadans a participar en aquests programes d'opinió pública. Els investigadors que participen en aquest projecte garanteixen la total confidencialitat i anonimat de les dades recollides.

Nota prèvia: Per a respondre, cal marcar una «X» en la opció de la resposta seleccionada.

1 – Sexe

- Masculí;
- Femení.

2 – Edat

___ anys.

3 – Lloc de naixement

4 – Amb quina freqüència acostuma a veure la televisió?

- Tots els dies;
- Dues o més vegades per setmana;
- Una vegada per setmana;
- Més esporàdicament.

5 – Amb quina freqüència veu el programa «*Banda Ampla*» de TV3?

- Sempre. He vist totes les edicions;
- Dues o més vegades al mes;
- Una vegada al mes;
- Més esporàdicament;
- Mai l'he vist per la televisió.

6 – Amb quina freqüència intervé a *Banda Ampla*?

- Sempre, en cada programa;
- Dues o més vegades al mes;

- Una vegada al mes;
- Més esporàdicament;
- Mai he participat o fins avui mai havia participat. [Si mai, passeu a la pregunta 10]

7 – Com participa en el programa en directe, quan ho fa des de casa seva?

- Correu electrònic;
- Facebook a la pàgina pròpia del programa.
- Twitter;
- Comentari en la pàgina oficial del programa;
- Telèfon (missatge escrit, sms).

8 – En relació a la participació a través de la web, per què la utilitza?

- Perquè és un mitjà més fàcil i ràpid;
- Perquè m'agrada;
- Perquè el programa crida a la participació a través de la *web*;
- Perquè estic molt interessat en aquestes eines tecnològiques;
- Un altre motiu (Concreteu): _____

9 – Participava en programes d'opinió pública en la televisió abans de l'arribada de les possibilitats que la *web* proporciona?

- Sí;
- No.

10 – Quins obstacles creu que són els que impedeixen una participació més gran de la població en aquests formats? (Indiqui un o dos motius)?

- Manca de recursos d'accés (tecnològics, per exemple);
- La gestió del programa (selecció dels participants, per exemple);
- Manca d'opinió;
- Manca d'interès;
- Altre. Quins? _____

11 – Participa en altres programes d'opinió pública a la ràdio, la televisió o en la web?

- Sí;
- No.

12 – Per què participa [al menys avui] en programes d'opinió pública? (Esculli una o dues alternatives)

- Perquè m'agrada expressar la meua opinió;
- Perquè crec que puc canviar alguna cosa amb la meua opinió;
- Perquè crec que la nostra obligació com a ciutadans participar en la vida pública;
- Simplement per a ocupar el meu temps lliure;
- Perquè tinc motivacions polítiques;
- Un altre motiu (Concreteu): _____

13 – En la seva opinió, és fonamental que les televisions tinguin programes de participació dels telespectadors?

- Sí;
- No.

14 – Per què? [Resposta lliure]

15 – La televisió seria menys interessant si no hi ha hagués programes de participació?

- Sí;
- No.

16 – És fonamental que la televisió i els mitjans mantinguin programes de participació per a mantenir-se com a un mitjà interessant socialment?

- Sí;
- No.

Moltes gràcies per la seva participació!

Fábio Ribeiro

PUBLIRADIO, Universitat Autònoma de Barcelona | Centre d'Estudis en Comunicació i Societat Universitat do Minho (Braga – Portugal)

Investigador, estudiant de doctorat

Beca de la Fundació per la Ciència i la Tecnologia portuguesa, referència SFRH / BD / 47490 / 2008

APÊNDICE 9

Local e data de realização: Redação da TSF (Lisboa), 21 de novembro de 2012, 11h15

Entrevistado: Manuel Acácio

Órgão de comunicação social: TSF – Rádio Notícias

Cargo profissional à data da entrevista: Jornalista, chefe de redação, moderador do *Fórum TSF*

Pergunta: Em primeiro lugar, há quanto tempo és jornalista da TSF?

Manuel Acácio: Estou desde o início [1988], sou oriundo do primeiro curso de formação da TSF.

A questão que nos traz a esta conversa resume-se à participação dos cidadãos nos média. Contudo, antes de mais, tomemos esta situação numa perspetiva genérica, de implicação do sujeito nos assuntos públicos, aplicada ao povo português. Ora, frequentemente somos confrontados com considerações que denunciam o povo dinamismo da sociedade portuguesa. Aliás, tal como referiu a escritora Inês Pedrosa, ao jornal SOL, a 6 de janeiro de 2012, «o mais grave défice de Portugal é o da participação cívica. O ativismo social e político escoia-se em queixas de café». Somos um povo pouco comprometido, desprendido de uma mobilização social, cívica? Segues esta interpretação?

Sim, parece-me verdade, partilharia essa opinião. Há um *deficit* de participação cívica. Calçando os sapatos dos ouvintes, sinto muito esse papel de intervenção cívica no fórum sinto muito esse papel da intervenção cívica, mas nota-se muito nessas intervenções a separação entre ‘nós’ e o ‘Estado’, naquilo que chamo, em tom de brincadeira, a ‘síndrome do eles’: eles decidem, eles fazem, eles são os culpados, eles trouxeram-nos até aqui. O mal está sempre no que eles fizeram. Nos últimos meses, noto, ainda que não tenha a certeza disto, uma maior preocupação das pessoas. Com o agravamento da nossa situação, percebo que as pessoas estão mais conscientes dos problemas e mais conscientes de que isto nos diz respeito a todos. Sentem que têm de falar, protestar. Agora se depois o falar e o protestar vão levar a um envolvimento e a uma participação, já é outro assunto.

Para este envolvimento muito terão contribuído os média, pela promoção das temáticas mais preocupantes da atualidade e que abrangem a generalidade dos cidadãos. No caso específico da TSF, este contributo é dado pelo fórum. Como justificas a vossa intenção de criar este espaço, dispondo-vos a este contacto tão direto e diário com os cidadãos e ouvintes?

Posso responder-te a isso recordando a história da TSF. A necessidade do fórum surgiu logo após o nascimento da TSF. Em primeiro lugar surgiu de uma necessidade editorial. Sentimos que, sendo uma rádio comercial, com necessidade de recorrer a anúncios publicitários, à informação, a rubricas de humor, ficávamos com pouco tempo para refletir sobre o tema do dia. Tínhamos os trinta segundos do comentador A, B ou C sobre um tema, mas ficava a sensação de que não dávamos tempo para o tema respirar. E foi precisamente nesse sentido que surgiu o fórum. Foi aqui que se percebeu que tínhamos de alargar o período de reflexão sobre um tema. Depois, com as novas tecnologias, com as redes sociais, recentemente, percebeu-se que a interatividade era uma arma e necessidade importante. o modelo foi-se aperfeiçoando, desde o início em que o programa durava uma hora e era maioritariamente composto por comentadores, intercalados com dois ou três ouvintes, até que se estabilizou no modelo que temos hoje. Hoje temos objetivos claros. Um deles, termos um espaço de reflexão alargada sobre o tema do dia ou, sendo o fórum um programa diário, não havendo um tema dominante na informação

daquele dia, um tema com pouca amplitude para ser debatido, ou então se já debatemos o assunto do dia, temos de 'inventar' um fórum. Brincando com as palavras, teremos de escolher um tema que interesse ao público, mas sobretudo do interesse público. Depois, o meu objetivo enquanto editor do fórum é criar notícia para a antena da TSF. Uma notícia que pode ser um facto novo ou um comentário a uma notícia do dia. Sou jornalista, também por isso pensámos que deveria ser um jornalista a fazer o fórum. Outro objetivo, ainda que não esteja a elencar de forma prioritária, a interatividade com os ouvintes é cada vez mais importante. Importante, porque eles se sentem cada vez mais parte deste projeto e porque ganhamos com a voz do ouvinte, que é um produto de rádio muito relevante.

Há quanto tempo estás no fórum?

Fiz o fórum desde 1999 a 2008, entretanto regresssei há dois anos. O fórum nasceu em 1992, com o Sena Santos, naquela lógica exclusiva de comentadores. Depois, não tenho a certeza, terá sido o David [Borges], já num formato de uma hora, à tarde, em que tínhamos já dois, três ouvintes.

Lembras-te de outras personalidades na moderação do fórum?

Não, fomos muitos. Em tempos mais recentes não houve ninguém que apresentasse o fórum tanto tempo quanto eu. Aliás, comecei a fazer o fórum porque ninguém queria, as pessoas cansavam-se...Na verdade, ou gostas e sentes que isto é importante...Ou tens características pessoais e profissionais que te ajudam a fazer o programa.

Nessa ideia, quais os fóruns que mais gostas de fazer?

Os que dão notícia. Sou jornalista.

Qual é o elemento que sabes, à partida, vai dar notícia?

Por vezes, sei bem o que quero quando defino o tema do fórum. Aqui a lógica é a mesma se estivesse em reportagem e fosse assistir a uma conferência de imprensa, ou seja, gerar uma notícia. Há programas em que trazemos responsáveis políticos e aqui temos um duplo objetivo: criar a tal notícia e responder aos ouvintes. É serviço público! Ter um responsável político a responder à dona Maria ou ao senhor Manuel...

Entrando, agora, em algumas reflexões do nosso estudo, observámos 10 programas, conversámos ao telefone com 65 participantes no fórum. Em termos genéricos, concluímos que a média diária de participantes no programa, entre telefone e *online*, não ultrapassa os 21 ouvintes. Uma participação maioritariamente masculina, apesar de termos verificado a intervenção feminina em destaque no *online*.

A visão que tenho desse assunto é bastante limitada, uma vez que as contribuições que me chegam, por via *online* são filtradas pela Fernanda [produção]. É ela que escolhe as melhores, sendo que no Facebook percebo que os comentários já vêm na sequência de outros, o que para o fórum na rádio não interessa muito. Tenho noção que a participação é masculina, sobretudo, o que corresponde aos estudos de audiências, em que entre 60 e 70% dos nossos ouvintes são homens. Noto que tenho mais mulheres no programa quando os temas são mais 'sociais', no

sentido de se estou a debater um tema de saúde, educação (que é um dos temas onde aparecem pouco participantes) ... Em temas menos politizados, não tenho mais mulheres do que homens, tenho, isso sim, um bocadinho mais de participação feminina do que o habitual.

Falaste em audiências, tens noção de quantas pessoas acompanham o fórum diariamente?

Não. As nossas audiências são pouco finas. Temos algo que o fórum ajudou a construir, o que poderá ser também o caso de outras rádios, não sei. No início da TSF, as audiências estavam num nível muito elevado entre as 7 e as 8 da manhã, depois disso caíam abruptamente. Ficavam num ponto baixo até perto das sete da tarde, o que presumo ser o efeito do regresso a casa, no trânsito. Com o início das emissões regulares do fórum, assistimos a uma queda pelas 10 da manhã, mas que já não é tão intensa e volta a subir perto das 13h. Aqui o fórum pode ter ajudado a recuperar este ritmo, colocando os níveis de audiência num patamar menos reduzido. Julgo que isso estará relacionado com os hábitos de audição, os estilos de vida. Nas outras rádios pode ter acontecido o mesmo.

Analísámos igualmente os tempo aproximados de intervenção no programa. Salvaguardando o número díspar de convidados e ouvintes por programa, percebemos que cada convidado tem, em média, 11 minutos de intervenção, os participantes por telefone entre 3 e 4 minutos e a participação *online* num nível mais reduzido. O que significa gerir estes tempos de uma forma equilibrada?

Falaste de 11 minutos por cada convidado, em média, isso era o tempo que gostava que todos cumprissem. Às vezes estou 15, 20 minutos. Depende. A grande vantagem do fórum reside naquilo que designo por geometria variável, ou seja, o programa é aquilo que o editor pretende que seja. Se tenho um ministro na abertura do fórum, tento insistir com ele ao máximo. Se sei que o convidado é bom, que está ali a notícia, não me importo nada de gastar 25 minutos só com ele. Se tenho um ministro ou secretário de estado com capacidade para se pronunciar sobre matérias importantíssimas da nossa vida, não faz mal nenhum, para mim, gastar o tempo necessário com ele em prejuízo dos ouvintes. Mas esta é a minha faceta de jornalista a falar. 'Não me importar' é uma expressão muito forte. Enfim, 'ter de optar'. Agora, quanto ao tempo dos ouvintes, não tenho essa noção, porque para mim o tempo é psicológico naquele contexto. Não dou conta se falam 3, 4 minutos. Claro, se um fala durante 6 minutos, aí sim percebo, que está grande demais. Aqui preside uma avaliação subjetiva da substância do que está a ser dito.

Falando dos convidados. Um total de 51, em que três são repetidos, novamente mais homens do que mulheres, são maioritariamente de Lisboa, atores, isto é, têm intervenção direta com o tema em debate. É a credibilidade do fórum que está em causa também na escolha dos convidados?

O objetivo é esse. A primeira preocupação é a de escolher o tema. Depois, quem vamos convidar? Queremos convidar os atores, ministros, secretários de estado, sindicalistas. Aqui há dias, tivemos cá o Louçã [ex-coordenador do Bloco de Esquerda], na sua primeira intervenção pública depois de ter saído da liderança do Bloco. Quando se passou o mesmo com o Carvalho da Silva [ex-dirigente da CGTP], aconteceu o mesmo. Tento ter os protagonistas do dia. Para além disso, procuramos ter os especialistas do dia, os estudiosos daquelas matérias. É uma mistura entre quem faz e decide, quem observa e comenta.

No que diz respeito às pessoas com quem conversámos, os participantes no fórum pelo telefone, reunimos um total de 65 vozes. Nestes inquiridos, apenas uma mulher, média de idades de 47 anos, variando entre os 25 e 82 anos, licenciados, com profissões que se compatibilizam com a escuta da rádio. Poucos desempregados e reformados, ao contrário de outros espaços analisados nesta investigação. Por último, a relação entre a participação e a filiação, de toda a ordem, não é propriamente linear, ainda que 39 em 65 tenham manifestado essa ligação a clubes, partidos, sindicatos. Estes dados aproximam-se do entendimento que tens sobre o auditório do fórum, nestes termos?

Confirmam a impressão empírica que tenho do contacto com os ouvintes. Agrada-me que, quanto à filiação, as conclusões sejam essas. No entanto, mantenho as minhas dúvidas, uma vez que eu próprio me questiono sobre as motivações que conduzem os ouvintes a participar. É claro que se percebe que determinadas opiniões são partidariamente fundamentadas e orientadas. Se forem temas de âmbito político, sobretudo em finais de ciclos políticos, percebemos opiniões que se emitem apenas para ‘defender a dama’. Regra geral, não sinto essa inclinação, nem esse peso político. Contudo, sabemos que há temas que reúnem diferentes preocupações partidárias. Aqui há tempos, a Visão mostrava um *sms* do secretário-geral do PSD a dizer «hoje o tema do fórum é sobre o tema X, liguem». Há uns anos ligaram para cá duas senhoras a dizer, «pois, o Dr. Paulo Portas queria que a gente participasse...». Como se cruzam tantos inscritos, mesmo que haja máquinas partidárias a funcionar, elas acabam por se cruzar. Por isso agrada-me que seja essa a leitura, porque às vezes penso se não serei eu a ‘defender a minha dama’.

Ora, justamente no sentido das motivações dos ouvintes, a opção de uma intervenção partidariamente motivada acaba por não ser a mais expressiva. Em todo o caso, poderíamos questionar o nível de conforto ou desconforto de os ouvintes assumirem as suas pertenças políticas.

Ou quantas assumem que são do PSD e participam para criticar o Governo...

Já agora, nas *Cartas do Leitor*, do JN, conversámos com o responsável por este espaço e ele manifestou-nos a naturalidade com que muitos participantes escreverem os seus textos e referem a sua filiação política. Até denunciam o número de militante. Ora, temos aqui dois níveis distintos de lidar com a mesma questão.

Por vezes temos ouvintes que criticam um determinado partido e reforçam a credibilidade desse discurso, que não sei se será verdade ou mentira, dizendo «eu até votei neles!» Ou como disse um ouvinte há dias, «eu ainda sou militante, vamos lá ver até quando!» Em boa verdade, isso não interessa muito para o programa. O que me interessa como moderador é que a opinião do ouvinte seja substantiva, traga novos dados para a reflexão. Claro que há fóruns em que saio satisfeito pelos ouvintes que foram bons. Tirando essa parte do ‘sacar’ a notícia, fico contente se as opiniões forem sólidas bem fundamentadas. Vou dar-te um exemplo: fórum sobre a pancadaria nas manifestações [Novembro 2012]. Fui para o fórum consciente que poderíamos ter ouvintes do género «muito bem, a polícia fez o que devia, foram provocados, fizeram bem em bater nos manifestantes!». Pois tive ouvintes que, mais óbvios do que outros, sublinharam as suas dúvidas: se os polícias foram provocados, por que razões ficaram os manifestantes depois do final da concentração, enfim... Entre os que defendiam a polícia contra os manifestantes e aqueles que se colocavam a favor dos agredidos. Ora, é isto mesmo que eu gosto. Nem tudo

tem de ser branco ou preto. Não me interessa nada defender um ponto de vista, nem sequer ter muita gente de um lado apenas. Sinceramente não. Fico incomodado quando os programas têm ouvintes maus, não há argumentos, tudo se resume ao mesmo... Isso sim, chateia-me. Aliás neste caso aconteceu algo interessante. Liguei um ouvinte. Diz ele: «isto é muito interessante. Liguei o vosso programa e era só pessoas com dúvidas, não sabiam bem se condenar a polícia ou aplaudir os manifestantes... Liguei o *Antena Aberta*, era tudo a favor os polícias!». Não sei se isto foi verdade, mas gosto muito dos meus ouvintes. Vivo muito isto. Sofro muito com o programa! Fico contente que os meus ouvintes venham colocar questões e refletir no fórum.

Parece-nos que as motivações no fórum se dirigem para um terreno de uma certa afetividade: gostam do programa, de dar opiniões, da TSF, etc. Estes juízos prevalecem pela questão da cidadania ativa, por exemplo.

E sabem que os políticos ouvem o programa.

Relativamente às críticas ou constrangimentos, percebemos claramente aquilo que designamos por 'avidez participativa'. Queixam-se do pouco tempo para participar, do tempo excessivo dos convidados. Em termos gerais, colocam-se contra a atuação da produção: má seleção dos temas, a filtragem dos ouvintes não é adequada, são sempre os mesmos, etc. Já noutro patamar, os ouvintes criticam outros ouvintes: o vocabulário não é adequado, a reflexão pouco estimulante. Outros acusam-te de que os cortas abruptamente. Que perspetivas podemos acrescentar a estas e outras críticas? São adequadas?

Acabam por confirmar um pouco a minha análise. Sinto que a queixa mais comum poderá ser a daqueles que se inscrevem e não entram em direto. Outros queixam-se que dei mais tempo a um ouvinte do que a ele, enfim. Gosto que os ouvintes do fórum se sintam no direito de me questionar. Faço jogo limpo com eles. Regra geral, acho que não os corto assim dessa forma. A maior parte deles vai até ao fim e diz o que tem para dizer, porque sabem que se se desviarem da linha, eu corto. Aliás, há dias aconteceu uma coisa muito gira. Nesta fase do país, há uma maior sensibilidade sobre o que se deve ou não dizer. Um maior cuidado com a linguagem. Aqui há dias cortei um ouvinte: «ah, o Gasparzinho, o Coelhinho, o António José Inseguro...». Interrompi-o e disse: «não são termos aceitáveis para o debate...». Ele respondeu: «mas não era em tom ofensivo». O problema não era cortar essas expressões. É a escalada que se segue a este tipo de intervenções. Não são fáceis, mas farei de tudo para manter intacto o espírito do fórum de uma linguagem moderada e civilizada. Não quero o que fórum se transforme num círculo de insultos e ataque, porque isso significaria a morte do programa. Enquanto for eu a moderar o fórum, esse tipo de abordagens serão sempre cortadas. Há dias, achei piada. Uma senhora disse: «pois, nem vou dizer o que realmente penso, porque já sei que o senhor me corta logo». E gostei muito. Fico contente por saberem as regras.

Sendo assim, defendes que o ouvinte e participante no fórum respeita as regras de participação nesse nível.

É claro que há de tudo. Contudo, o ouvinte que nos dá poder, aqueles que pertencem s classes A e B percebem claramente o que significa o fórum. Pode ser arrogância, mas sinto isso. Tenho conferido isso com a Fernanda [produção] que desde que voltei ao fórum, tenho vindo a apertar a 'malha'. Decidi que vou ser ainda mais duro do que no passado. Para não tornar isto num circo. Temos notado, por isso, que o nível de participação tem melhorado. Não tem vindo gente

nova para participar, como são mais substantivos no que dizem. Acredito que há um círculo virtuoso em tudo isto. Não tenho tido grandes problemas de ofensas, insultos, ataques. Tenho tido muito menos do que esperaria. Também faço o trabalho de formiguinha, dia-a-dia, não permitindo certas situações.

Falámos de motivações, críticas, mas também deixámos espaço livre para aspetos que os ouvintes pensam que poderiam ser trabalhados de outra forma.

Antes de mais, uma dúvida ainda. Há, nas críticas, algum sentido de que os temas são politicamente motivados?

Poderíamos dizer que essa questão, relacionada com a formulação dos temas, merece o apontamento crítico dos ouvintes no sentido em que denunciam a eventual má seleção de temas ou, por outro lado, a inclinação sistemática para debater assuntos políticos. Ainda assim são aspetos com expressão residual, pela pouca frequência registada. No que se refere às sugestões, regressamos mais uma vez a ideia de 'avidez participativa'. Como? Ora, os ouvintes tendem a reclamar por mais minutos de intervenção, em prejuízo dos convidados, que não deveriam falar tanto, além de sugerirem mais espaços como o fórum, à tarde. O que te pergunto é: consideras alguma alteração baseada nesta ou noutras indicações?

Essa decisão não passa só por mim, passa também pela direção. Acho que este é o modelo certo. Principalmente permite-nos um *cocktail* equilibrado entre especialistas e ouvintes. Continuo a pensar como jornalista, numa rádio de informação como é a TSF. Não faz sentido, para mim, ter um programa de 2 ou 3 horas, só para ter a voz do ouvinte. Só *vox pop*, não faz muito sentido. Nos moldes atuais, penso que o fórum cumpre uma função social importante, não por ser eu a moderá-lo. Não. Cumpre essa função desde o seu início, de permitir a participação das pessoas, além de abrir novas frentes na reflexão sobre os assuntos do dia. Não concordava também com uma redução na duração, para uma hora, que é o formato televisivo. Acho que não faz sentido, ter só um comentador ali. Não. Gosto muito de ter o Baldaia [diretor da TSF] a comentar, mas com mais dois ou três. Sozinho, não. A força do fórum é esta, por isso reduzi-lo não me parece a melhor opção, alarga-lo, muito menos. No formato atual parece-me equilibrado. Eu e a Fernanda é que sabemos das dificuldades que temos para arranjar convidados para certos assuntos. Quer dizer, o país não é assim tão grande, nem tem assim tantos especialistas. Estamos muito virados naquilo que aparece em Lisboa.

Exato, a nossa observação determinou justamente esta inclinação.

Sim, é certo. Aceito essa crítica, mas isto tem a ver com uma certa lógica continuada entre quem aparece mais vezes, tende a ser solicitado novamente. É uma falha, assumo. Tentamos, sempre que possível, diversificar essa opção, como por exemplo nas universidades. Alargar a duração do programa seria complicado pelos convidados, se bem que poderíamos incluir mais ouvintes, mas o espírito do fórum não se resume aos cidadãos. A TSF já teve experiências nesse sentido. O *Fórum Mulher* e o *Bancada Central*. Neste momento este é o modelo adequado e mais: por vezes acontece o caso de vários ouvintes recordarem intervenções que tiveram lugar há mais de meia hora! Isto significa que foram acompanhando a emissão completa. Eles próprios fazem a interação entre eles e esse será o sucesso do fórum. Como jornalista, dedico-me mais aos convidados, porque pode estar ali a notícia. Os convidados, por sua vez, vêm

porque sabem que têm ouvintes atentos. E os ouvintes, porque sabem que há políticos. E os políticos ouvem porque o programa tem muitos ouvintes. É um ciclo.

Nesse aspeto em particular, e recordado sumariamente por poucos inquiridos, a verdade é que o fórum frequentemente se intitula como um 'debate'. Ora, de um ponto de vista de uma definição clássica de 'debate', que sujeita os participantes a uma interpelação direta e confrontação entre todos os elementos, o formato deste programa, por vezes, mais se aproxima de um depósito de opiniões do que desse debate. Aliás, vários inquiridos sublinharam que, neste contexto de opiniões a suceder a opiniões, deveria existir um resumo das principais linhas da reflexão. Que te parecem estes entendimentos?

Gosto da imagem de abrimos várias janelas. Eu limito essa interação. Corto isso aos ouvintes. Não me interessa se o ouvinte A quer responder ao B. Quero é conhecer a opinião dele. A lógica do Facebook não é esta. A páginas tantas, já não é o tema que está em discussão, mas o que disse a Maria e o João. Não é isso que quero para o fórum. E sem arrogância admito isto, porque não tem interesse permitir essa interação, porque mesmo que o fizesse seria um debate falso. Isto é um mosaico, um cruzamento de opiniões. O que gostava que acontecesse sempre, mesmo para mim, é que abrissem novas janelas e pensar: «como nunca pensei nisto?» Aliás, essa sugestão de resumir tudo numa 'moral da história' não faz muito sentido para mim: «e agora concluímos que esta lei do Governo é má». Não: «hoje concluímos que esta proposta do Governo tem esta medida boa, má, etc.».

Bom, Manuel, aproximamo-nos do final desta nossa conversa estimulante, mas ainda a tempo de perguntar: mereces mesmo um Nobel da Paz? [crónica de Ricardo Araújo Pereira], que exortava a paciência de Manuel Acácio no fórum para lidar com tantas opiniões controversas dos ouvintes]

[risos] Sabes, tenho características pessoais que me fazem gostar do fórum. Gosto muito mais de dúvidas do que certezas. A minha licenciatura é em Filosofia e talvez tenha algo a ver com isto. A coisa mais importante que o curso me deu foi perceber que há muitos pontos de vista mais interessantes do que os meus. O que gosto aqui é de ter dúvidas, de esclarecer, de perceber que nem tudo é preto ou branco. Um dos fóruns em que saí mais frustrado: sobre trabalho infantil. Pensei que todos os ouvintes fossem condenar isto. Qual não foi o meu espanto quando percebi opiniões do estilo: «trabalhar quatro horas por dia, depois de ir à escola? Qual é o problema?» A esmagadora maioria defendeu o trabalho infantil. Logo recebemos telefonemas de pessoas que se queixavam: «não liguei porque vocês só aceitavam pessoas que defendessem o trabalho infantil!». Respondi-lhes: «mas alguém pediu a sua opinião quando se inscreveu? Portanto...» Saí do fórum chocado. Isto depois representa um peso acrescido para mim, que estou cada vez mais desconfiado. Dos políticos porque, como faço isto há alguns anos, me lembro do que disseram antes e depois... Esta minha característica de lançar o debate, de ter mais dúvidas do que certezas, ajuda-me a fazer o fórum. Por isso é que nunca ninguém fez o fórum tantos anos como eu. Faziam um ano e ficavam cansados, mas isso é porque tenho a coragem de assumir a moderação como jornalista.

APÊNDICE 10

Calendarização da abordagem empírica ao programa *Fórum TSF* - fevereiro de 2012

| Domingo | Segunda-feira | Terça-feira | Quarta-feira | Quinta-feira | Sexta-feira | Sábado |
|---------|---------------------------------|---------------------------------|---------------------------------|---|--|--------|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 |
| 12 | 13 EDIÇÃO ANALISADA #1 | 14 EDIÇÃO ANALISADA #2 | 15 EDIÇÃO ANALISADA #3 | 16 EDIÇÃO ANALISADA #4 | 17 | 18 |
| 19 | 20 | 21 EDIÇÃO ANALISADA #5 | 22 EDIÇÃO ANALISADA #6 | 23 EDIÇÃO ANALISADA #7 | 24 | 25 |
| 26 | 27 EDIÇÃO ANALISADA #8 | 28 | 29 | 1 de março EDIÇÃO ANALISADA #9 | 2 de março EDIÇÃO ANALISADA #10 | |

Nota: O período de observação pretendia observar 10 emissões seguida do *Fórum TSF*, no entanto por diversos condicionalismos não foi possível executar este plano. Nos dias 17, 19 e 20 de fevereiro de 2012, respeitaram-se alguns dias de férias de Carnaval. De 28 a 29 de fevereiro a comemoração dos 24 anos da TSF levou à interrupção do fórum por diversas iniciativas na antena inseridas neste âmbito.

APÊNDICE 11

Local e data de realização: Redação da TSF (Lisboa), 16 de fevereiro de 2012, 11h30

Entrevistadas: Fernanda Oliveira e Dulce Martins

Órgão de comunicação social: TSF – Rádio Notícias

Cargo profissional à data da entrevista: Agenda e produção de programas

Pergunta: Há quantos estás na TSF e no *Fórum TSF*?

Fernanda Oliveira: Na TSF estou desde 1994, portanto há 23 anos, no Fórum estou há menos...Estou há cerca de 7 anos.

Tens alguma formação na área do jornalismo? Como é que foi a transição para a produção do fórum?

Não. Foi normal, houve uma pessoa que precisava de sair, a produtora do fórum saiu e foi-me proposto, pela antiga direção, participar na produção.

Em relação às tuas tarefas diárias neste programa, podes explicar-me o que fazes em concreto?

Às nove horas é anunciado o tema do fórum. Depois começo a trabalhar com o Manuel Acácio, na produção.

Na definição do tema, por exemplo.

Sim, mas normalmente isso já está definido. Como chego entre as 8, 8 e tal, nessa altura o Manuel já tem uma ideia do tema. Se ele tiver dúvidas, falamos os dois... E às nove da manhã, quando é anunciado o tema, começamos a pensar em quem convidar. Das nove às 10, conversamos apenas com os convidados.

E logo depois com os ouvintes. Em termos técnicos como é que se faz a seleção dos participantes no fórum?

Há uma linha telefónica do Fórum. Abro o *chat* com a telefonista e vejo os ouvintes que estão a ser inscritos durante todo o programa. A telefonista é quem faz a listagem dos inscritos. Depois com o andamento do programa, normalmente reservo sempre duas pessoas em espera para entrarem no programa. Há muitas chamadas que caem e o editor não pode ficar sem nada. Agora temos a *net*, os comentários do Facebook e no Fórum *online*, mas muitas vezes não há muitos comentários. Então, jogo sempre pelo seguro e tenho sempre dois ouvintes em espera para entrar, porque a chamada do convidado pode cair.

Quando contactas o ouvinte para colocá-lo em espera, dá para conhecer os participantes?

Não tenho nenhuma ligação com os ouvintes. Passa diretamente da telefonista...e depois entro em contacto com eles. Há alguma seleção de ouvintes, sim, porque há ouvintes que se inscrevem todos os dias, seja para falar de batatas, de economia, eles têm sempre opinião. Por isso, não vou os mesmos ouvintes todos os dias e eles sabem disso, porque há sempre alguém que protesta por se ter inscrito e não o termos chamado: «ah, inscrevi-me às 9h10 e não fui

chamado...». Pois foi, mas já entrou na edição do dia anterior, não é? Temos de fazer esta gestão.

Estas decisões foste tu a toma-las?

Não, surgiu em conversas com os editores, com o Manuel Acácio e a Margarida Serra. Ficou definido que quem se inscreve todos os dias não pode participar sempre.

Falando especificamente dos públicos...

Entretanto surge Dulce Martins, que participa ocasionalmente na produção do Fórum TSF, na sala da agenda e participa igualmente na conversa...

Dulce Martins – E acontece outra coisa. Mesmo antes do Manuel Acácio dizer qual é o assunto do programa, já há pessoas que se inscreveram!

FO – Há ouvintes que eu conheço há anos. Mas não tenho necessariamente de estabelecer uma relação familiar com eles.

DM – não se deve ter esse tratamento familiar. Eu fiz a produção de um programa chamado Fórum Mulher, aqui na TSF, um programa só para mulheres. E entretanto aquilo acabou, porque as mulheres não falam. É raro as mulheres falarem. E nota-se até no Fórum, pela manhã, que entram raríssimas mulheres. E então criou-se uma fórum mulher para ver se entrava publicidade feminina e passavam determinadas vozes pela telefonista, que quando chegavam a mim, eram de homens!

Espantoso.

DM – Às vezes podíamos pensar que eram mulheres que tinham voz de homem, mas não... E logo lhes dizia: «desculpe, mas não pode entrar». Quando percebiam que eram descobertos, começavam a rir e dizia-lhes para afinar melhor a voz. É muito complicado, porque eles podem mudar de voz muitas vezes.

FO – Pessoalmente, acho que não se deve criar nenhuma relação com os ouvintes, antes do telefone. Temos aqui um, que ainda entrou hoje, o X [por uma questão de privacidade omitiremos a sua identificação] que fala há anos, desde que participo na produção. Inscreve-se quase todos os dias, mas não entra sempre. E nem com esse crio qualquer observação.

Bom, num outro exemplo que conheço, falavam-me justamente do ponto oposto. De pessoas que fazem a produção há vários anos e no registo de inscrição criam uma relação familiar, devido ao facto de, variadas vezes, os participantes no programa se repetirem.

FO – Se calhar, as telefonistas podem ter essa relação.

Qual é o papel do Fórum? As pessoas têm-me dito que é o megafone do povo, um alta voz da opinião do cidadão...como é que vês isto?

FO – É um barómetro. A maioria das vezes o Fórum dá continuidade, isto é, origina notícias.

Não só aqui...

FO – Sim, já aconteceu sermos citados nos jornais do dia seguinte.

E como é que se sentem com isso?

FO – Ficamos satisfeitos, claro. É sempre... é muito bom. Ainda ontem aconteceu isso com o deputado do CDS. Apanharam-no no Fórum e as televisões vão atrás.

Há algumas pessoas que me dizem que o Fórum é um programa emblemático e que a sua influência de sucesso terá contagiado outros modelos semelhantes nos média portugueses. Há ou não uma cópia?

DM – começou tudo no edifício das Amoreiras, lembro-me que até tínhamos de apontar num quadro as extensões para onde devíamos ligar. Agora não, temos mais tecnologia, é diferente. Mas depois veio a SIC Notícias e a Antena 1...e a verdade é que o Rangel [Emídio Rangel, um dos fundadores da TSF e da SIC Notícias] criou a SIC Notícias um pouco a pensar no modelo da TSF.

Este é, então um serviço público, apesar de a TSF ser uma rádio privada.

DM – Sim, basta perguntares ao Francisco George [diretor-geral da Saúde], que na altura da Gripe A, fartou-se de elogiar a TSF e o Fórum pelo serviço público que fizemos nessa altura.

Dizem-me profissionais do setor privado que trabalham neste género de programas, que os setores públicos organizam estes programas para cumprir os requisitos da lei, da necessidade de auscultação do cidadão, enquanto o privado só cria estes programas por lucro. Até que ponto isto é verdade aqui na TSF?

FO – Não sei como é que a tabela de preços dos anúncios aumenta ou diminui durante o período do Fórum. Não sei se a publicidade é mais cara ou não. Imagino que até poderia ser, porque o programa tem muita audiência.

A ideia do Fórum assenta toda num verso: participar. Ora, 'participar' pode envolver uma série de comportamentos. Entrar no Fórum e falar é a forma mais autêntica de participar? Ou é igual a deixar um comentário no Facebook?

FO – Não, penso que não. A voz dá credibilidade e emoção. Há fóruns em que, dependendo dos temas...já tivemos ouvintes que saem a chorar, depois de contar situações da sua vida, de experiências. E isto na escrita não temos isto. Agora com a voz...é completamente diferente.

Em termos genéricos, o que achas que leva as pessoas a participar nestes programas? para além do tema, como questão mínima.

FO – É isso do tema, sim. Não sinto que no nosso programa ouvintes que telefonem por se sentirem só. E tu viste as listas de inscrição, temos alguns reformados mas não são um grupo expressivo. Pode ser um motorista, que está sozinho em viagem, mas não é por solidão. Por estarem sós e precisarem de falar... não. Acho que ligam porque o tema lhes interessa, porque

têm algo a acrescentar, porque lhes aconteceu ‘não sei o quê’, porque acham que têm de dizer alguma a contar... E quanto mais o fórum for polémico, mais ouvintes temos. O caso do programa sobre o Sporting, tivemos 40 e tal inscrições. Nesse programa tivemos de fechar as inscrições na primeira parte, porque não valia a pena termos inscrever mais pessoas porque não teríamos tempo suficiente para incluir todas.

Mas também a questão do futebol. Sentes que quando o tema é sobre futebol, há mais gente a querer entrar?

FO – Não, penso que tem a ver apenas com o ser polémico.

FR – O que achas, por outro lado, que pode levar as pessoas a não participar?

FO – Os obstáculos acontecem quando temos políticos e muitos reclamam o tempo que é dado ao convidado A, B ou C. Portanto, políticos e deputados. E não percebem que temos de ouvir cinco partidos e não apenas o PS e o PSD. Claro que isso, são cinco partidos, e leva a que haja menos tempo de intervenção dos ouvintes.

A partir da tua vasta experiência neste programa, consegues identificar as características típicas do participante no Fórum? Ou pelo menos as mais comuns?

FO – O perfil é quem vai no carro, em viagem. Os vendedores, comerciais... E depois depende do tema. Se fizeres um tema sobre o ambiente, inscrevem-se associações ambientais e até aquelas do interior, grupos de proteção...

É ou não muito ambiciosa a ideia de que o debate neste tipo de espaço contribui para a melhoria da saúde democrática do país? Isso é apenas um devaneio político ou realmente isso é uma missão dos média?

FO – Claramente não é um devaneio político e até penso que aqui no Fórum somos um pouco diferentes, porque temos quase sempre todas as entidades representadas, os responsáveis pela questão, no fundo. OK, nem sempre se consegue ter todos os intervenientes, mas o facto de termos todas as perspetivas, estamos a esclarecer quem nos ouve. Quem tem dúvidas ou não conhece nada sobre o assunto, tem a possibilidade de escolher que entendimento retira da discussão. Podem formar opinião a partir daí.

Falando agora de uma novidade do Fórum. Participar no programa é mais do que telefonar e entrar em direto. Com a possibilidade de participação no Facebook e na página *online* do programa, parece que se abrem novos caminhos. Embora me pareça que esta modalidade de participação seja apenas um complemento, porque o principal continua a ser o telefone. Por que é que achas que o *Fórum TSF* se mostrou recetivo a apostar nestas estratégias?

FO – É um complemento, sim. É importante quando percebes que a Net é um meio que consegue alargar o nosso público. Pode acontecer alguém que está no trabalho, tem o patrão e não consegue falar ao telefone para o programa, mas na Net pode deixar o comentário.

Uma questão de simplicidade.

FO – E alargas o leque de ouvintes.

Já estamos no final, mas não resisto a conversar contigo um pouco sobre política. Logo agora que este tema está cada vez mais em voga, pela atual situação do país, achas que os políticos prestam atenção a este programa?

FO – Consegue-se perceber quando convidas um político e eles transmitem informações sobre os ouvintes, outros convidados. Estão atentos ao Fórum, claramente. E outra coisa: a política pode dar notícia, a partir do Fórum, através das figuras que são convidadas a comentar um determinado assunto ou através de respostas que têm de dar a perguntas feitas pelos ouvintes.

Por exemplo, também tenho percebido que os convidados que aparecem noutros programas na rádio semelhantes ao Fórum são mais limitados e algumas vezes não têm relação direta com o assunto tratado.

FO – E sabes o que acontece também? Muitas vezes somos nós quem lança esses comentadores, professores universitários, políticos, etc. São personalidades que se estream no Fórum TSF e depois vão para outros programas. Como é que nós fazemos isto? Há um tema qualquer, vamos fazer uma pesquisa e encontramos um professor universitário que até uma tese sobre o assunto. Vemos se fala bem e apostamos nele. E é assim que fazemos.

Na verdade, a escolha dos convidados é um ponto muito interessante? Como é feita essa seleção?

FO – Podemos ir pelo óbvio, como ontem no fórum dos arrendamentos, e convidamos os sindicatos. Mas quando não é possível, chamamos especialistas, pessoas que têm alguma posição no assunto. Por outro lado, podemos passar uns sons, se não tivermos os convidados disponíveis ou não quisermos repetir os mesmos representantes, os da FENPROF, a Frente Comum, etc.

O Fórum é uma forma bastante simples de perceber a participação dos ouvintes. Em que outros formatos da TSF consegues sentir a intervenção das pessoas?

FO – Recebemos chamadas ou e-mails, mas poucas. Lembro-me apenas de quando foi o Sócrates e a intervenção dele no Fórum... [participação de José Sócrates, antigo primeiro-ministro português, em 2011, no programa, em que os ouvintes questionaram diretamente o político sobre diversos assuntos da agenda política, social e económica do país. O *Fórum TSF* foi criticado duramente pela presença, quase em absoluto, de questões suaves, comentários elogiosos à governação deste responsável do Governo. Muitas acusações surgiram no sentido de sugerir que a produção teria escolhido os ouvintes para elaborarem perguntas pouco incómodas ao antigo primeiro-ministro. O assunto liderou um debate exaustivo nas redes sociais, incluindo na da TSF, o que obrigou uma declaração do diretor da rádio, Paulo Baldaia, a desmentir toda e qualquer ação de escrutínio prévio de opiniões dos ouvintes, antes da entrada em direto no programa]

Como é que foi gerir essa situação?

FO – Foi complicado, mas o mais engraçado foi no fórum do Passos Coelho, entraram – se bem me recordo – 11 ouvintes e 9 elogiaram o trabalho dele e apenas 2 contra. Nada, não aconteceu

nada! Com o Sócrates, entraram 7 ouvintes, 6 defenderam-no, estala a polémica! É injusto! A sensação é de uma injustiça muito evidente.

DM – Ainda no outro dia vinha na Visão...

FO – Não, foi na Sábado. Veio aqui há dias um comentário na secção 'Indiscretas' da Sábado, que existe um deputado do PSD que manda mensagens de telemóvel, todas as manhãs, às 8 da manhã, a 80 militantes a dar conta do tema do Fórum e o número do Fórum... Para participarem.

Isso deixa-vos numa posição delicada.

FO – O que aconteceu com o Sócrates foi muito injusto. Muito injusto. Se funcionam as máquinas partidárias? Sim, até podem funcionar, mas naquele Fórum não senti nada disso. E sabes mais? Quando os responsáveis políticos estão presentes no programa, os ouvintes são macios. Mas quando falamos deles e não estão presentes, entram logo a dizer: «Pois é, são todos iguais, são uns ladrões!» É completamente diferente a abordagem. Já não é a crítica. Mas também posso dizer-te uma coisa. Nesse programa do Sócrates, fiz o seguinte: OK, se a máquina funciona serão os primeiros a inscrever-se, não é? Selecionei ouvintes em primeiro, a meio e no fundo da lista de inscrições e foi a mesma coisa. Por isso é que digo, quando as pessoas estão cá, há mais receio. Se Passos Coelho viesse cá e o país está como está, passar-se-ia a mesma coisa.

As pessoas cumprem as regras de participação, nomeadamente com a linguagem?

FO – Sim, sabem. Mas esse é um trabalho do editor, ele é que tem de saber quando é que deve travar a opinião de certos ouvintes.

DM – Normalmente só cortam quando há insultos.

FO – E depois com aqueles que pensam que podem falar durante 10 minutos...

DM – As pessoas não têm noção de que nós temos de ter as gravações do programa, as listas com os nomes e os números de telefone dos ouvintes durante...para aí...um mês!

FO – Não, é um ano.

DM – Não sabia, alterou, então. As pessoas não sabem que se algum ministro ou outra pessoa qualquer quiser processar alguém que interveio no Fórum, nós temos de ter esse registo! Ainda há tempos recebi algo do *Governo Sombra* [programa da TSF], de um político que se indignou com algo que foi ali dito e quer exercer o seu direito de resposta. O ouvinte não tem noção disso, de que o insulto não pode ser assim feito.

Abrindo um pouco a janela do futuro, sem querer fazer futurologia, daqui a 5 anos onde vêes o Fórum? Pergunto isto porque há 5 anos não conseguíamos perceber o programa nestes modelos atuais, com esta diversidade de interatividade com o ouvinte.

DM – Vai manter-se claro. Temos de perceber que a rádio criou estes espaços porque das 10 às 12h, a rádio estava morta, há uns anos. As pessoas saiam dos carros, iam para o trabalho e não havia audiência. Este programa serviu também para isso.

FO – E porque foi um sucesso, o programa resultou e por isso continua e continuará na grelha de programas.

APÊNDICE 12

Segunda-feira, 13 de fevereiro de 2012, programa analisado #1

I. Tema do dia

| | |
|--------------------------------|--|
| Título [no <i>site</i>] | Os dias da rádio |
| Área temática onde se inscreve | Rádio – Média |
| Teaser [do <i>site</i>] | No Fórum TSF, sintonizamos o Dia Mundial da Rádio e convidamos os ouvintes a partilhar com a TSF as suas memórias ligadas à rádio. Queremos ouvir a sua opinião: que papel ocupa a rádio nos dias de hoje, que desafios se colocam à rádio nestes tempos marcados pela evolução tecnológica. |
| Questão colocada aos ouvintes | Queremos ouvir a sua opinião: que papel ocupa a rádio nos dias de hoje, que desafios se colocam à rádio nestes tempos marcados pela evolução tecnológica. |

| Divulgação do tema | |
|----------------------|----------------|
| Plataforma | Horário |
| Antena da rádio | 9h21 - locutor |
| <i>Site</i> do fórum | 9h21 |
| Facebook | 9h24 |

II. Timings do programa

| | |
|---|------------|
| Início do programa | 10h23 |
| Fim do programa | 11h57 |
| Duração | 79 minutos |
| Data da disponibilização do formato em <i>podcast</i> | 17h21 |

| Evolução do programa | |
|------------------------------------|---------------|
| Elemento interveniente | Horário |
| TSF – início | 10h23-26 |
| Convidado 1 | 10h26 – 10h34 |
| Manuel Acácio | 34-36 |
| Ouvinte 1 – Fernando Rocha | 36-36 |
| Ouvinte 2 – António Simões | 37-40 |
| Convidado 2 | 41-49 |
| Ouvinte 1 – Fernando Rocha | 49-53 |
| Ouvinte 3 - Paulo Pinto | 53-56 |
| FB 1 - Mário Carvalho | 57-57 |
| TSF – fim 1ª parte | 10h57 |
| TSF – início 2ª parte | 11h12-13 |
| Convidado 3 – Paulo Baldaia | 13-20 |
| Ouvinte 4 – Jorge Monteiro | 21-23 |
| Ouvinte 5 - João Pedro Freire | 24-26 |
| Ouvinte 6 – David Martins | 27-30 |
| Convidado 4 – João Marcelino | 30-34 |
| Ouvinte 7 – Júlio Rodrigues | 34-38 |
| FO 1 João Silva | 38 - 40 |
| FO 2 Ana Lúcia Fonseca | |
| FB 2 Maria Bruno | |
| FO 3 Abílio Maia | 41-43 |
| Ouvinte 8 - José Vieira | |
| Ouvinte 9 - Júlio Nunes | |
| Ouvinte 10 - Rui Pimenta | 44-48 |
| Ouvinte 11 - Maria Manuela Resende | 48-51 |
| | 52-54 |

| | |
|-----------------------------|-------|
| FO 4 - Abdul Graça | 54-57 |
| FO 5 - João Ribeiro | |
| FO 6 - Maria Melo | |
| FO 7 - Paulo Rodrigues | |
| FO 8 - Isabel Costa | |
| FB 3 - António Costa Santos | |
| Fim do programa | 11h57 |

Legenda: FB – participante no Facebook da TSF; FO – participante no Fórum *online* da TSF.

| | Tempo no programa | Em relação ao total (%) | Tempo médio de intervenção |
|-----------------------------|-------------------|-------------------------|----------------------------|
| TSF | 11 | 13,9 | 2 |
| Participantes telefone | 37 | 46,8 | 3 |
| Participantes <i>online</i> | 4 | 5,1 | 1 |
| Convidados | 27 | 34,2 | 7 |
| Total | 79 | 100 | |

*aproximadamente, em minutos.

III. Modalidades da participação

Total de participantes efetivos (cujas contribuições passaram na antena)

| | |
|---|-----------|
| Participantes pelo telefone | 11 |
| Participantes no Facebook da TSF citados na antena | 3 |
| Participantes no Fórum <i>online</i> da TSF citados na antena | 8 |
| Total | 22 |

Participantes pelo telefone

| | |
|--------------------|----|
| Entraram em antena | 11 |
| Total de inscritos | 33 |

Participantes no Facebook

[desde o momento da divulgação até ao fim do programa]

| | |
|--|------|
| Comentadores | 18 |
| Comentários | 21 |
| Like/'Gosto' no <i>post</i> | 13 |
| Share | 1 |
| Lidos na antena | 3 |
| % em relação ao total de comentários no Facebook | 14,3 |

Participantes no Fórum *online*

[desde o momento de divulgação até ao fim do programa]

| | |
|---|------|
| Comentadores | 26 |
| Comentários | 28 |
| Anónimos | 2 |
| Lidos na antena | 8 |
| % em relação ao total de comentários no Fórum <i>online</i> | 28,6 |

IV. Estatísticas no *site* do fórum

[desde o momento de divulgação e durante 24horas]

| | |
|---------------------------------|-----|
| Partilhas no Facebook | 0 |
| Partilhas no Twitter | 0 |
| Partilhas no LinkedIn | 0 |
| Partilhas no Google + | 0 |
| <i>Like</i> através do Facebook | 0 |
| Visualizações | 878 |
| Envios | 0 |
| Impressões | 1 |
| Reações no Twitter | 0 |
| Comentários | 33 |

V. Convidados em direto no programa*

| Convidado | Nome | De onde participa | Género | Ligação ao tema (habilitações para falar do tema) | Mote do convite (ator/observador) | Ligação ao programa (residente/esporádica) | Tempo de intervenção (aproximadamente, em minutos) |
|-----------|----------------|-------------------|-----------|---|--|--|--|
| 1 | Emídio Rangel | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (fundador da TSF) | Esporádica | 8 |
| 2 | Adelino Gomes | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (jornalista de rádio, ex-jornalista da TSF e primeiro formador de jornalistas da TSF) | Esporádica | 8 |
| 3 | Paulo Baldaia | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (diretor TSF) | Esporádica | 7 |
| 4 | João Marcelino | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (diretor DN) | Esporádica | 4 |

* alguns destes critérios foram inspirados nos apontamentos metodológicos presentes no projeto «Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital», instalado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade entre setembro de 2010 até setembro de 2013 e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia [FCT PTDC/CCI-JOR/099994/20089].

Terça-feira, 14 de fevereiro de 2012, programa analisado #2

I. Tema do dia

| | |
|---------------------------------|--|
| Título [no <i>site</i>] | Mudança no Sporting |
| Área temática onde se inscreve | Desporto – futebol |
| <i>Teaser</i> [do <i>site</i>] | No Fórum TSF, queremos ouvir a sua opinião sobre a situação no Sporting. O que é que está a falhar no clube, que continua sem atingir os objectivos traçados pela direção? A mudança de treinador pode dar mais garra ao leão? Concorde com a substituição de Domingos por Sá Pinto? |
| Questão colocada aos ouvintes | O que é que está a falhar no clube, que continua sem atingir os objectivos traçados pela direção? A mudança de treinador pode dar mais garra ao leão? Concorde com a substituição de Domingos por Sá Pinto? |

| Divulgação do tema | |
|----------------------|----------------|
| Plataforma | Horário |
| Antena da rádio* | 9h20 - locutor |
| <i>Site</i> do Fórum | 8h59 |
| Facebook | 9h12 |

II. *Timings* do programa

| | |
|--------------------|------------|
| Início do programa | 10h23 |
| Fim do programa | 11h54 |
| Duração | 76 minutos |

Data da disponibilização do formato em *podcast* 15h08

| Evolução do programa | |
|--|----------|
| Elemento interveniente | Horário |
| TSF – início | 10h23-24 |
| Ligação em direto a um ponto de reportagem | 24-28 |
| Convidado 1 | 29-39 |
| Ouvinte 1 – Carlos Silva | 39-41 |
| Ouvinte 2 – José Garcia | 41-42 |
| Ouvinte 3 – Fernando Jorge | 42-43 |
| Convidado 2 | 44-49 |
| Ouvinte 4 - Francisco Ferreira | 49-51 |
| Ouvinte 5 - Eduardo Santos | 51-54 |
| FO 1 - João Mota Lopes | 54-55 |
| FO 2 - Sérgio Duarte | |
| FO 3 - Alcides Vilar | |
| FO 4 - Rui Manuel Barbosa | |
| TSF (resultados Inquérito online) | 56 |
| TSF – fim 1ª parte | 10h56 |
| TSF – início 2ª parte | 11h09-10 |
| TSF (resultados Inquérito online) | 10 |
| FB 1 - José Pereira | 10-11 |
| FB 2 - Bruno Silva | |
| Ouvinte 6 – Sérgio Neves | 11-12 |
| Ouvinte 7 – José Sanches | 12-15 |
| Convidado 3 | 15-21 |
| Ouvinte 8 – Ferreira Lopes | 22-24 |

| | |
|-----------------------------|-------|
| Convidado 4 | 24-32 |
| Ouvinte 6 – Sérgio Neves | 32-34 |
| Ouvinte 9 - Miguel Ramos | 34-35 |
| FO 5 - Augusto Lemos Reis | 35-36 |
| FB 3 - Vitor Nogueira | |
| FO 6 - Nuno Leite | |
| Ouvinte 10 – Rui Silva | 36-40 |
| Ouvinte 11 – Paulo Ferreira | 40-44 |
| FO 7 - José Agante | 44-45 |
| FO 8 – Rui Pedro Soares | |
| FO 9 – Rogério Duarte | |
| FO 10 – Carlos Campos | |
| FO 11 - Miguel Costa | |
| Ouvinte 12 - Abel Almeida | 45-48 |
| Ouvinte 13 - Miguel Franco | 48-49 |
| FB 4 – Vitor Hugo | 49-50 |
| FB 5 - César Mendes Reis | |
| Ouvinte 14 – António Júlio | 51-53 |
| Fim do programa | 11h54 |

Legenda: FB – participante no Facebook da TSF; FO – participante no Fórum *online* da TSF.

| | Tempo no programa | Em relação ao total (%) | Tempo médio de intervenção |
|-----------------------------|-------------------|-------------------------|----------------------------|
| TSF | 9 | 11,8 | 2 |
| Participantes telefone | 31 | 40,8 | 4 |
| Participantes <i>online</i> | 7 | 9,2 | 1 |
| Convidados | 29 | 38,2 | 7 |
| Total | 76 | 100 | |

*aproximadamente, em minutos.

III. Modalidades da participação

Total de participantes efetivos (cujas contribuições passaram na antena)

| | |
|---|-----------|
| Participantes pelo telefone | 14 |
| Participantes no Facebook da TSF citados na antena | 5 |
| Participantes no Fórum <i>online</i> da TSF citados na antena | 11 |
| Total | 30 |

Participantes pelo telefone

| | |
|--------------------|----|
| Entraram em antena | 14 |
| Total de inscritos | 46 |

Participantes no Facebook

[desde o momento da divulgação até ao fim do programa]

| | |
|--|------|
| Comentadores | 13 |
| Comentários | 15 |
| Like/'Gosto' no <i>post</i> | 5 |
| Share | 0 |
| Lidos na antena | 5 |
| % em relação ao total de comentários no Facebook | 33,3 |

Participantes no Fórum *online*

[desde o momento de divulgação até ao fim do programa]

| | |
|---|-----|
| Comentadores | 38 |
| Comentários | 38 |
| Anónimos | 1 |
| Lidos na antena | 11 |
| % em relação ao total de comentários no Fórum <i>online</i> | 29% |

IV. Estatísticas no *site* do fórum

[desde o momento de divulgação e durante 24 horas]

| | |
|---------------------------------|-----|
| Partilhas no Facebook | 0 |
| Partilhas no Twitter | 0 |
| Partilhas no LinkedIn | 0 |
| Partilhas no Google + | 0 |
| <i>Like</i> através do Facebook | 0 |
| Visualizações | 610 |
| Envios | 0 |
| Impressões | 2 |
| Reações no Twitter | 0 |
| Comentários | 43 |

V. Convidados em direto no programa*

| Convidado | Nome | De onde participa | Género | Ligação ao tema (habilitações para falar do tema) | Mote do convite (ator/observador) | Ligação ao programa (residente/espórádica) | Tempo de intervenção (aproximadamente, em minutos) |
|-----------|------------------------|-------------------|-----------|---|---|--|--|
| 1 | António Tadeia | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (diretor-adjunto O Jogo) | Residente | 10 |
| 2 | Jorge Cadete | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (ex-jogador Sporting) | Espórádica | 5 |
| 3 | Sérgio Abrantes Mendes | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (ex-candidato às eleições presidenciais do Sporting em 2011) | Espórádica | 6 |
| 4 | Eduardo Barroso | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (atual presidente da Assembleia-geral do Sporting) | Espórádica | 8 |

* alguns destes critérios foram inspirados nos apontamentos metodológicos presentes no projeto «Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital», instalado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade entre setembro de 2010 até setembro de 2013 e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia [FCT PTDC/CCI-JOR/099994/20089].

Quarta-feira, 15 de fevereiro de 2012, programa analisado #3

I. Tema do dia

| | |
|---------------------------------|--|
| Título [no <i>site</i>] | Mudanças na função pública |
| Área temática onde se inscreve | Setor laboral - Economia |
| <i>Teaser</i> [do <i>site</i>] | No Fórum TSF queremos ouvir a sua opinião sobre a proposta do Governo para agilizar a mobilidade na função pública, de forma a transferir trabalhadores de serviços onde há excesso de pessoal para outros com falta de recursos humanos. Os sindicatos já protestaram contra uma alteração que permite que os funcionários sejam transferidos para outros concelhos mesmo que não estejam de acordo com isso. |
| Questão colocada aos ouvintes | Queremos saber se concorda com a proposta do Governo em agilizar a reforma laboral do setor público com o privado? Concorda com estas medidas? |

| Divulgação do tema | |
|----------------------|---------|
| Plataforma | Horário |
| Antena da rádio* | 9h20 |
| <i>Site</i> do fórum | 9h12 |
| Facebook | 9h13 |

II. *Timings* do programa

| | |
|--------------------|-------|
| Início do programa | 10h20 |
| Fim do programa | 11h56 |

| | |
|---|------------|
| Duração | 82 minutos |
| Data da disponibilização do formato em <i>podcast</i> | 15h23 |

| Evolução do programa | |
|---------------------------------|----------|
| Elemento interveniente | Horário |
| TSF – início | 10h20-24 |
| Convidado 1 | 24-30 |
| Convidado 2 | 30-36 |
| TSF (inquérito <i>online</i>) | 36-38 |
| Ouvinte 1 – Hélder Antunes | 38-41 |
| Ouvinte 2 – Paulo Simões | 42-43 |
| FO 1 – Gustavo Calado | 43-44 |
| FO 2 – João Martins | |
| Ouvinte 3 – Paulo Meireles | 44-47 |
| Ouvinte 4 - Jorge Lopes | 48-50 |
| FO 3 – Maria Helena Veríssimo | 50-51 |
| FO 4 – Sérgio Guerreiro | |
| Ouvinte 5 – Pedro Marinho | 51-53 |
| Ouvinte 6 - António Vicente | 53-57 |
| TSF – fim 1ª parte | 57 |
| TSF – início 2ª parte | 11h11-13 |
| Ouvinte 7 – Gabriel Freitas | 13-18 |
| Convidado 3 | 19-27 |
| Ouvinte 8 - Henrique Cavaco | 28-29 |
| Ouvinte 9 - José Ferreira | 29-33 |
| Convidado 4 | 33-36 |
| Ouvinte 10 - Ângela Bettencourt | 36-39 |

| | |
|----------------------|-------|
| Convidado 5 | 39-47 |
| Convidado 6 | 47-52 |
| Convidado 7 | 52-55 |
| FO 5 - Luís Coelho | 55-56 |
| FO 6 - José Oliveira | |
| Fim do programa | 11h56 |

Legenda: FB – participante no Facebook da TSF; FO – participante no Fórum *online* da TSF.

| | Tempo no programa | Em relação ao total (%) | Tempo médio de intervenção |
|-----------------------------|-------------------|-------------------------|----------------------------|
| TSF | 10 | 12,20 | 3 |
| Participantes telefone | 30 | 36,59 | 3 |
| Participantes <i>online</i> | 3 | 3,66 | 1 |
| Convidados | 39 | 47,56 | 6 |
| Total | 82 | 100 | |

*aproximadamente, em minutos

III. Modalidades da participação

Total de participantes efetivos (cujas contribuições passaram na antena)

| | |
|---|-----------|
| Participantes pelo telefone | 10 |
| Participantes no Facebook da TSF citados na antena | 0 |
| Participantes no Fórum <i>online</i> da TSF citados na antena | 6 |
| Total | 16 |

Participantes pelo telefone

| | |
|--------------------|----|
| Entraram em antena | 10 |
| Total de inscritos | 30 |

Participantes no Facebook [desde o momento da divulgação até ao fim do programa]

| | |
|--|----|
| Comentadores | 7 |
| Comentários | 18 |
| Like/'Gosto' no <i>post</i> | 7 |
| Share | 0 |
| Lidos na antena | 0 |
| % em relação ao total de comentários no Facebook | 0 |

Participantes no Fórum *online* [desde o momento de divulgação até ao fim do programa]

| | |
|---|------|
| Comentadores | 48 |
| Comentários | 56 |
| Anónimos | 2 |
| Lidos na antena | 6 |
| % em relação ao total de comentários no Fórum <i>online</i> | 10,8 |

IV. Estatísticas no *site* do fórum [desde o momento de divulgação e durante 24horas]

| | |
|---------------------------------|-----|
| Partilhas no Facebook | 0 |
| Partilhas no Twitter | 0 |
| Partilhas no LinkedIn | 0 |
| Partilhas no Google + | 0 |
| <i>Like</i> através do Facebook | 2 |
| Visualizações | 725 |
| Envios | 1 |
| Impressões | 2 |
| Reações no Twitter | 0 |
| Comentários | 75 |

V. Convidados em direto no programa*

| Convidado | Nome | De onde participa | Género | Ligação ao tema (habilitações para falar do tema) | Mote do convite (ator/observador) | Ligação ao programa (residente/esporádica) | Tempo de intervenção (aproximadamente, em minutos) |
|-----------|---------------------|-------------------|-----------|---|---|--|--|
| 1 | Bettencourt Picanço | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (presidente do Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado) | Esporádica | 6 |
| 2 | Ana Avoila | Lisboa | Feminino | Sim | Ator (coordenadora da Frente Comum) | Esporádica | 6 |
| 3 | João Almeida | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (deputado CDS-PP) | Esporádica | 8 |
| 4 | Dias Coelho | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (direção política do PCP) | Esporádica | 3 |
| 5 | Álvaro dos Santos | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (responsável da FESAP) | Esporádica | 8 |
| 6 | Miguel Laranjeiro | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (deputado PS) | Esporádica | 5 |
| 7 | Pedro Filipe Soares | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (deputado BE) | Esporádica | 3 |

* alguns destes critérios foram inspirados nos apontamentos metodológicos presentes no projeto «Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital», instalado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade entre setembro de 2010 até setembro de 2013 e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia [FCT PTDC/CCI-JOR/099994/20089].

Quinta-feira, 16 de fevereiro de 2012, programa analisado #4

I. Tema do dia

| | |
|--------------------------------|---|
| Título [no site] | Rendas mais altas, arrendamento mais fácil? |
| Área temática onde se inscreve | Lei do arrendamento – Administração local |
| Teaser [do site] | No Fórum TSF, queremos ouvir a sua opinião sobre a alteração à lei das rendas. O Governo quer dinamizar o mercado de arrendamento e avançou com uma proposta que permite o aumento das rendas e acelera o despejo dos incumpridores. Os partidos da oposição receiam aumentos exagerados nas rendas antigas e falhas na proteção aos mais desfavorecidos. |
| Questão colocada aos ouvintes | Queremos ouvir a sua opinião sobre as condições que o negócio do arrendamento no nosso país. Como avalia esta aposta do Governo na dinamização do arrendamento? |

| Divulgação do tema | |
|--------------------|---------|
| Plataforma | Horário |
| Antena da rádio* | 8h59 |
| Site do Fórum | 9h05 |
| Facebook | 9h12 |

II. Timings do programa

| | |
|---|------------|
| Início do programa | 10h21 |
| Fim do programa | 11h58 |
| Duração | 83 minutos |
| Data da disponibilização do formato em <i>podcast</i> | 12h41 |

Evolução do programa

| Elemento interveniente | Horário |
|---------------------------------|---------|
| TSF | 21-23 |
| Convidado 1** | 23-36 |
| TSF | 37 |
| Ouvinte 1 - José Baptista | 38-40 |
| Ouvinte 2 – José Carlos Diogo | 40 |
| Ouvinte 3 - Manuel do Cabo | 40-43 |
| Ouvinte 4 - José Freitas | 44-45 |
| Convidado 2 | 45-50 |
| Ouvinte 2 – José Carlos Diogo | 51-52 |
| Convidado 3 | 53- 55 |
| Ouvinte 5 - Jorge Ribeiro | 56-57 |
| TSF – fim da 1ª parte | 57 |
| TSF – início da 2ª parte | 11h11 |
| FO 1 – Miguel Santos | 12 |
| FB 1 – Luís Figueiredo | 12 |
| Convidado 4 | 13-20 |
| Ouvinte 6 - Rodrigues Marques | 21 |
| Ouvinte 7 - José Ribeiro | 22 |
| Convidado 5 | 23-28 |
| Ouvinte 8 - José Santos | 29-30 |
| Convidado 6 | 31-33 |
| FO 2 - Ana Marques | 34 |
| FB 2 - Marieta Antunes | 34 |
| FO 3 - Sérgio Duarte Reis Neves | 34 |
| Ouvinte 9 - Sara Santos | 35-36 |

| | |
|----------------------------------|-------|
| Convidado 7 | 37-39 |
| Ouvinte 10 – João Mendes | 40 |
| Ouvinte 11 - Américo Vicente | 41-42 |
| Convidado 8 | 43-49 |
| Convidado 9 | 50-54 |
| Ouvinte 12 - Manuel Sousa Novais | 55-56 |
| FO 4 - Secundino Santos | 57 |
| FO 5 - Pedro Cabral | |
| TSF – fim da 2ª parte | 11h58 |

Legenda: FB – participante no Facebook da TSF; FO – participante no Fórum *online* da TSF. **Motivos de agenda impediram a participação em direto da ministra.

| | Tempo no programa | Em relação ao total (%) | Tempo médio de intervenção |
|-----------------------------|-------------------|-------------------------|----------------------------|
| TSF | 6 | 7,23 | 1 |
| Participantes telefone | 23 | 27,71 | 2 |
| Participantes <i>online</i> | 3 | 3,61 | 1 |
| Convidados | 51 | 61,45 | 6 |
| Total | 83 | 100 | |

*aproximadamente, em minutos.

III. Modalidades da participação

Total de participantes efetivos (cujas contribuições passaram na antena)

| | |
|---|-----------|
| Participantes pelo telefone | 12 |
| Participantes no Facebook da TSF citados na antena | 2 |
| Participantes no Fórum <i>online</i> da TSF citados na antena | 5 |
| Total | 19 |

Participantes pelo telefone

| | |
|--------------------|----|
| Entraram em antena | 12 |
| Total de inscritos | 21 |

Participantes no Facebook [desde o momento da divulgação até ao fim do programa]

| | |
|--|------|
| Comentadores | 7 |
| Comentários | 7 |
| Like/'Gosto' no <i>post</i> | 7 |
| Share | 0 |
| Lidos na antena | 2 |
| % em relação ao total de comentários no Facebook | 28,6 |

Participantes no Fórum *online* [desde o momento de divulgação até ao fim do programa]

| | |
|---|------|
| Comentadores | 23 |
| Comentários | 24 |
| Anónimos | 2 |
| Lidos na antena | 5 |
| % em relação ao total de comentários no Fórum <i>online</i> | 20,8 |

IV. Estatísticas no site do fórum [desde o momento de divulgação e durante 24horas]

| | |
|---------------------------------|-----|
| Partilhas no Facebook | 0 |
| Partilhas no Twitter | 0 |
| Partilhas no LinkedIn | 0 |
| Partilhas no Google + | 0 |
| <i>Like</i> através do Facebook | 0 |
| Visualizações | 416 |
| Envios | 0 |
| Impressões | 2 |
| Reações no Twitter | 0 |
| Comentários | 35 |

V. Convidados em direto no programa*

| Convidado | Nome | De onde participa | Género | Ligação ao tema (habilitações para falar do tema) | Mote do convite (ator/observador) | Ligação ao programa (residente/esporádica) | Tempo de intervenção (aproximadamente, em minutos) |
|-----------|----------------------|-------------------|-----------|---|--|--|--|
| 1 | Assunção Cristas | Lisboa | Feminino | Sim | Ator (Ministra da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território) | Esporádica | 13 |
| 2 | Romão Lavadinho | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (presidente da associação lisbonense dos inquilinos) | Esporádica | 5 |
| 3 | João Vieira Lopes | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (presidente da Confederação do Comércio e Serviços de Portugal) | Esporádica | 2 |
| 4 | Ramos Preto | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (deputado PS) | Esporádica | 8 |
| 5 | António Leitão Amaro | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (deputado PSD) | Esporádica | 6 |
| 6 | Paulo Sá | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (deputado PCP) | Esporádica | 3 |
| 7 | Menezes Leitão | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (presidente da associação lisbonense de proprietários) | Esporádica | 3 |
| 8 | Altino Bessa | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (deputado CDS) | Esporádica | 6 |
| 9 | Catarina Martins | Lisboa | Feminino | Sim | Ator (deputada BE) | Esporádica | 5 |

* alguns destes critérios foram inspirados nos apontamentos metodológicos presentes no projeto «Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital», instalado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade entre setembro de 2010 até setembro de 2013 e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia [FCT PTDC/CCI-JOR/099994/20089].

Quarta-feira, 22 de fevereiro de 2012, programa analisado #5

I. Tema do dia

| | |
|--------------------------------|---|
| Título [no site] | E depois do Carnaval? |
| Área temática onde se inscreve | Tolerância de ponto – Sociedade |
| Teaser [do site] | O Governo cortou a tolerância de ponto no dia de Carnaval, mas o país continuou a funcionar a meio gás. Os serviços públicos estiveram abertos, mas tiveram pouca afluência e muitas câmaras do PSD contrariaram a estratégia do primeiro-ministro. No Fórum TSF, vamos tentar perceber se estes episódios afetaram a imagem do Governo. Fazendo contas aos custos e benefícios, considera que valeu a pena acabar com a tolerância de ponto? |
| Questão colocada aos ouvintes | De quem serviu a anulação da tolerância de ponto? Fez o Governo bem em seguir esta medida? De que forma isto afeta a imagem do Governo? Que lições devemos tirar deste episódio? Valeu a pena? |

| Divulgação do tema | |
|--------------------|----------------------|
| Plataforma | Horário |
| Antena da rádio* | 8h58 – Manuel Acácio |
| Site do Fórum | 9h12 |
| Facebook | 9h13 |

II. Timings do programa

| | |
|--------------------|-------|
| Início do programa | 10h21 |
| Fim do programa | 11h57 |

| | |
|---|------------|
| Duração | 84 minutos |
| Data da disponibilização do formato em <i>podcast</i> | 17h11 |

| Evolução do programa | |
|------------------------------|---------|
| Elemento interveniente | Horário |
| TSF – início do programa | 21 |
| Convidado 1 | 22-31 |
| Ouvinte 1 – Ana Caetano | 32-33 |
| Ouvinte 2 – Paulo Teixeira | 34-35 |
| Ouvinte 3 – Luis Silva | 36 |
| FB 1 - Fernando Pinheiro | 37-38 |
| FB 2 - Mário Pinheiro | |
| FO 1 - Alexandra Godinho | 39-48 |
| Convidado 2 | |
| Ouvinte 4 – Alexandre Pinto | 49-50 |
| Ouvinte 5 – Martinho Antunes | 51-52 |
| Ouvinte 6 – Abílio Balau | 53-54 |
| FO 2 - Miguel Alvarenga | 55 |
| FO 3 - José Pinho | |
| FO 4 - Pedro Carvalho | |
| Inquérito no site da TSF | 56 |
| TSF – fim da 1ª parte | 56 |
| TSF – início da 2ª parte | 11h10 |
| Convidado 3 | 11-20 |
| Ouvinte 7 – Paulo Correia | 21-24 |
| Ouvinte 8 – João Costa | 25-26 |
| Ouvinte 9 – Carlos Lopes | 27 |

| | |
|----------------------------------|-------|
| Convidado 4 | 28-40 |
| Ouvinte 10 – Rui Carvalho | 41-43 |
| Ouvinte 11 – José Martins | 44-45 |
| FO 5 - Pedro Ribeiro | 46 |
| FO 6 - José Manuel Diogo | |
| FO 7 - Carlos Sebastião | |
| FB 3 - Richard Matos | |
| Ouvinte 12 – José Marques | 47-48 |
| Ouvinte 13 – Abílio Santos | 49-51 |
| Ouvinte 14 – Ângelo Coelho | 52-53 |
| Ouvinte 15 – José Fernandes | 54-55 |
| FO 8 - João Raimundo | 56 |
| FO 9 - Henrique Ferreira | |
| FO 10 - Manuel Faria de Oliveira | |
| Inquérito TSF | 57 |
| TSF – fim da 2ª parte | 11h57 |

Legenda: FB – participante no Facebook da TSF; FO – participante no Fórum *online* da TSF.

| | Tempo no programa | Em relação ao total (%) | Tempo médio de intervenção |
|-----------------------------|-------------------|-------------------------|----------------------------|
| TSF | 4 | 4,76 | 1 |
| Participantes telefone | 32 | 38,10 | 2 |
| Participantes <i>online</i> | 5 | 5,95 | 1 |
| Convidados | 43 | 51,19 | 11 |
| Total | 84 | 100 | |

*aproximadamente, em minutos.

III. Modalidades da participação

Total de participantes efetivos (cujas contribuições passaram na antena)

| | |
|--|----|
| Participantes pelo telefone | 15 |
| Participantes no Facebook da TSF citados na antena | 3 |

| | |
|---|-----------|
| Participantes no Fórum <i>online</i> da TSF citados na antena | 10 |
| Total | 28 |

Participantes pelo telefone

| | |
|--------------------|----|
| Entraram em antena | 15 |
| Total de inscritos | 28 |

Participantes no Facebook

[desde o momento da divulgação até ao fim do programa]

| | |
|--|------|
| Comentadores | 16 |
| Comentários | 17 |
| Like/'Gosto' no <i>post</i> | 4 |
| Share | 0 |
| Lidos na antena | 3 |
| % em relação ao total de comentários no Facebook | 17,6 |

Participantes no Fórum *online*

[desde o momento de divulgação até ao fim do programa]

| | |
|---|------|
| Comentadores | 51 |
| Comentários | 57 |
| Anónimos | 4 |
| Lidos na antena | 10 |
| % em relação ao total de comentários no Fórum <i>online</i> | 17,5 |

IV. Estatísticas no *site* do Fórum

[desde o momento de divulgação e durante 24 horas]

| | |
|-----------------------|---|
| Partilhas no Facebook | 0 |
| Partilhas no Twitter | 0 |

| | |
|---------------------------------|-----|
| Partilhas no LinkedIn | 0 |
| Partilhas no Google + | 0 |
| <i>Like</i> através do Facebook | 0 |
| Visualizações | 605 |
| Envios | 1 |
| Impressões | 2 |
| Reações no Twitter | 1 |
| Comentários | 70 |

V. Convidados em direto no programa*

| Convidado | Nome | De onde participa | Género | Ligação ao tema (habilitações para falar do tema) | Mote do convite (ator/observador) | Ligação ao programa (residente/espórádica) | Tempo de intervenção (aproximadamente, em minutos) |
|-----------|--------------------|-------------------|-----------|---|--|--|--|
| 1 | Carlos Jalali | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (politólogo, professor universitário da Universidade de Lisboa) | Espórádica | 10 |
| 2 | Pedro Adão e Silva | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (comentador político no programa Bloco Central da TSF) | Residente | 10 |
| 3 | David Diniz | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (comentador de Política da TSF) | Residente | 10 |
| 4 | António Costa | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (diretor Diário Económico) | Espórádico | 13 |

* alguns destes critérios foram inspirados nos apontamentos metodológicos presentes no projeto «Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital», instalado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade entre setembro de 2010 até setembro de 2013 e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia [FCT PTDC/CCI-JOR/099994/20089].

Quinta-feira, 23 de fevereiro de 2012, programa analisado #6

I. Tema do dia

| | |
|--------------------------------|--|
| Título [no site] | Vejam bem! |
| Área temática onde se inscreve | Música – Cultura |
| Teaser [do site] | No dia em que recordamos Zeca Afonso, vamos tentar perceber se ainda há causas que mobilizem a sociedade. No Fórum TSF, queremos ouvir a sua opinião: nestes tempos de crise que causas nos devem mobilizar? Temos disponibilidade para lutar pelas causas em que acreditamos ou ficamos sentados à espera que outros o façam por nós? A nossa voz esgota-se nas eleições? |
| Questão colocada aos ouvintes | Afinal que sociedade somos nós? A nossa voz esgota-se nas eleições? Ainda temos disponibilidade de lutar por aquilo que queremos? |

| Divulgação do tema | |
|--------------------|----------------------|
| Plataforma | Horário |
| Antena da rádio* | 8h59 – Manuel Acácio |
| Site do Fórum | 9h19 |
| Facebook | 9h20 |

II. Timings do programa

| | |
|---|------------|
| Início do programa | 10h22 |
| Fim do programa | 11h56 |
| Duração | 82 minutos |
| Data da disponibilização do formato em <i>podcast</i> | 12h42 |

Evolução do programa

| Elemento interveniente | Horário |
|------------------------------|---------|
| TSF – início do programa | 22-23 |
| Convidado 1 | 24-38 |
| Ouvinte 1 – José Neto | 39-40 |
| Ouvinte 2 – Isabel Lopes | 41-44 |
| Ouvinte 3- João Tilly | 45-46 |
| Ouvinte 4 – Carlos Coelho | 47-49 |
| TSF | 50 |
| Ouvinte 5 – Manuel Jorge | 51-53 |
| Ouvinte 6 – Mário Ribeiro | 54-56 |
| TSF – fim da 1ª parte | 57 |
| | |
| TSF – início da 2ª parte | 11h10 |
| Convidado 2 – José Gil | 11-23 |
| Ouvinte 7 – Eugénio Andrade | 24-27 |
| Ouvinte 8 – José Tavares | 28 |
| FO 1 - Sérgio Guerreiro | 29-30 |
| FO 2 - Paulo Pelica | |
| FO 3 - Aurora Martins | |
| FB 1 – Maria Oliva | 31-37 |
| Convidado 3 | |
| Ouvinte 9 – Maria Manuela | 38-41 |
| Ouvinte 10 – Arlindo Santos | 42-44 |
| Convidado 4 | 45-54 |
| FO 4 - Maria Melo | 55 |
| FO 5 - Carlos Sebastião | |
| FB 2 - António Carlos Coelho | |
| TSF – fim da 2ª parte | 11h56 |

Legenda: FB – participante no Facebook da TSF; FO – participante no Fórum *online* da TSF.

| | Tempo no programa | Em relação ao total (%) | Tempo médio de intervenção |
|-----------------------------|-------------------|-------------------------|----------------------------|
| TSF | 5 | 6,10 | 1 |
| Participantes telefone | 29 | 35,37 | 3 |
| Participantes <i>online</i> | 3 | 3,66 | 2 |
| Convidados | 45 | 54,88 | 11 |
| Total | 82 | 100 | |

*aproximadamente, em minutos.

III. Modalidades da participação

Total de participantes efetivos (cujas contribuições passaram na antena)

| | |
|---|-----------|
| Participantes pelo telefone | 10 |
| Participantes no Facebook da TSF citados na antena | 2 |
| Participantes no Fórum <i>online</i> da TSF citados na antena | 10 |
| Total | 22 |

Participantes pelo telefone

| | |
|--------------------|----|
| Entraram em antena | 10 |
| Total de inscritos | 31 |

Participantes no Facebook

[desde o momento da divulgação até ao fim do programa]

| | |
|-----------------------------|---|
| Comentadores | 7 |
| Comentários | 8 |
| Like/'Gosto' no <i>post</i> | 8 |

| | |
|--|----|
| Share | 1 |
| Lidos na antena | 2 |
| % em relação ao total de comentários no Facebook | 25 |

Participantes no Fórum *online*

[desde o momento de divulgação até ao fim do programa]

| | |
|---|------|
| Comentadores | 35 |
| Comentários | 38 |
| Anónimos | 0 |
| Lidos na antena | 5 |
| % em relação ao total de comentários no Fórum <i>online</i> | 13,2 |

IV. Estatísticas no *site* do fórum

[desde o momento de divulgação e durante 24horas]

| | |
|--------------------------|-----|
| Partilhas no Facebook | 0 |
| Partilhas no Twitter | 0 |
| Partilhas no LinkedIn | 0 |
| Partilhas no Google + | 0 |
| Like através do Facebook | 0 |
| Visualizações | 464 |
| Envios | 0 |
| Impressões | 1 |
| Reações no Twitter | 0 |
| Comentários | 48 |

V. Convidados em direto no programa*

| Convidado | Nome | De onde participa | Género | Ligação ao tema (habilitações para falar do tema) | Mote do convite (ator/observador) | Ligação ao programa (residente/espórádica) | Tempo de intervenção (aproximadamente, em minutos) |
|-----------|---------------------------|-------------------|-----------|---|---|--|--|
| 1 | Viriato Soromenho Marques | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) | Espórádica | 15 |
| 2 | José Gil | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (filósofo, ensaísta e ex-professor universitário) | Espórádica | 13 |
| 3 | José Adelino Maltez | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (professor universitário e investigador em ciência política) | Espórádica | 7 |
| 4 | Manuel Villaverde Cabral | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (sociólogo) | Espórádica | 10 |

* alguns destes critérios foram inspirados nos apontamentos metodológicos presentes no projeto «Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital», instalado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade entre setembro de 2010 até setembro de 2013 e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia [FCT PTDC/CCI-JOR/099994/20089].

Sexta-feira, 24 de fevereiro de 2012, programa analisado #7

I. Tema do dia

| | |
|--------------------------------|---|
| Título [no site] | Luta contra o desemprego |
| Área temática onde se inscreve | Desemprego – Economia |
| Teaser [do site] | O Governo avançou com novas medidas para estimular a criação de emprego. O plano envolve as empresas de trabalho temporário e exige mais eficácia aos centros de emprego. No Fórum TSF, queremos saber se estas propostas são a terapia adequada para o problema. O que é preciso fazer para combater o desemprego? |
| Questão colocada aos ouvintes | Esta é uma boa terapia para o grave problema do desemprego? |

| Divulgação do tema | |
|--------------------|----------------------|
| Plataforma | Horário |
| Antena da rádio* | 8h59 – Manuel Acácio |
| Site do Fórum | 9h17 |
| Facebook | 9h22 |

II. Timings do programa

| | |
|---|------------|
| Início do programa | 10h19 |
| Fim do programa | 11h55 |
| Duração | 85 minutos |
| Data da disponibilização do formato em <i>podcast</i> | 13h16 |

Evolução do programa

| Elemento interveniente | Horário |
|---------------------------------|----------|
| TSF – início do programa | 19-21 |
| Convidado 1 | 22-32 |
| Ouvinte 1 – Paulo Ferreira | 33-36 |
| Ouvinte 2 – Isabel Carvalho | 37-40 |
| Convidado 2 | 41-45 |
| Ouvinte 3 – Vítor Monteiro | 46-47 |
| Ouvinte 4 – Miguel Oliveira | 48-49 |
| Convidado 3 | 50-55 |
| Ouvinte 5 – António Pereira | 56 |
| TSF – fim da 1ª parte | 57 |
| | |
| TSF – início da 2ª parte | 11h09-11 |
| Convidado 4 | 12-26 |
| Ouvinte 6 – José Dias | 27 |
| FO 1 – Paulo Ferreira | 28-29 |
| FO 2 – Sérgio Duarte Reis Neves | |
| FO 3 – Luís Gonçalves | |
| Ouvinte 7 – Lourenço Ferreira | 30-33 |
| Ouvinte 8 – Luís Carneiro | 34-35 |
| Ouvinte 9 – Pedro Almeida | 36-39 |
| Convidado 5 | 40-44 |
| FO 4 – Sérgio Guerreiro | 45 |
| FO 5 – Jorge Góis | |
| FO 6 – Maria Alves | |
| FO 7 – Carlos Sebastião | |
| Ouvinte 10 – António Manha | 46-49 |
| Ouvinte 11 – José Silva | 50-52 |

| | |
|----------------------------|-------|
| Ouvinte 12 – Bruno Cardoso | 53-54 |
| TSF – fim da 2ª parte | 11h55 |

Legenda: FB – participante no Facebook da TSF; FO – participante no Fórum *online* da TSF.

| | Tempo no programa | Em relação ao total (%) | Tempo médio de intervenção |
|-----------------------------|-------------------|-------------------------|----------------------------|
| TSF | 7 | 8,24 | 2 |
| Participantes telefone | 33 | 38,82 | 3 |
| Participantes <i>online</i> | 3 | 3,53 | 2 |
| Convidados | 42 | 49,41 | 8 |
| Total | 85 | 100 | |

*aproximadamente, em minutos.

III. Modalidades da participação

Total de participantes efetivos (cuja contribuição passaram na antena)

| | |
|---|-----------|
| Participantes pelo telefone | 12 |
| Participantes no Facebook da TSF citados na antena | 0 |
| Participantes no Fórum <i>online</i> da TSF citados na antena | 7 |
| Total | 19 |

Participantes pelo telefone

| | |
|--------------------|----|
| Entraram em antena | 12 |
| Total de inscritos | 31 |

Participantes no Facebook

[desde o momento da divulgação até ao fim do programa]

| | |
|--|----|
| Comentadores | 10 |
| Comentários | 10 |
| Like/'Gosto' no <i>post</i> | 1 |
| Share | 1 |
| Lidos na antena | 0 |
| % em relação ao total de comentários no Facebook | 0 |

Participantes no Fórum *online*

[desde o momento de divulgação até ao fim do programa]

| | |
|---|----|
| Comentadores | 24 |
| Comentários | 25 |
| Anónimos | 0 |
| Lidos na antena | 7 |
| % em relação ao total de comentários no Fórum <i>online</i> | 28 |

IV. Estatísticas no *site* do Fórum

[desde o momento de divulgação e durante 24horas]

| | |
|---------------------------------|-----|
| Partilhas no Facebook | 0 |
| Partilhas no Twitter | 0 |
| Partilhas no LinkedIn | 0 |
| Partilhas no Google + | 0 |
| <i>Like</i> através do Facebook | 0 |
| Visualizações | 490 |
| Envios | 2 |
| Impressões | 3 |
| Reações no Twitter | 0 |
| Comentários | 39 |

V. Convidados em direto no programa*

| Convidado | Nome | De onde participa | Género | Ligação ao tema (habilitações para falar do tema) | Mote do convite (ator/observador) | Ligação ao programa (residente/espórádica) | Tempo de intervenção (aproximadamente, em minutos) |
|-----------|---------------------------|-------------------|-----------|---|--|--|--|
| 1 | André Macedo | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (comentador de economia da TSF e diretor do diário <i>online</i> Dinheiro vivo) | Residente | 11 |
| 2 | João Vieira Lopes | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (presidente da Confederação do Comércio e Serviços de Portugal) | Espórádica | 5 |
| 3 | Marcelino Pena Costa | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (presidente da Associação Portuguesa das Empresas do Setor Privado de Emprego) | Espórádica | 6 |
| 4 | Octávio Félix de Oliveira | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (presidente do Instituto de Emprego e Formação Profissional) | Espórádica | 15 |
| 5 | Joaquim Dionísio | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (membros da Comissão Executiva da CGTP-IN) | Espórádica | 5 |

* alguns destes critérios foram inspirados nos apontamentos metodológicos presentes no projeto «Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital», instalado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade entre setembro de 2010 até setembro de 2013 e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia [FCT PTDC/CCI-JOR/099994/20089].

Segunda-feira, 27 de fevereiro de 2012, programa analisado #8

I. Tema do dia

| | |
|--------------------------------|--|
| Título [no site] | Futebol e emoção |
| Área temática onde se inscreve | Desporto – futebol |
| Teaser [do site] | Na semana do Benfica - FC Porto, o Fórum TSF convida os ouvintes a vestir o fato de comentador desportivo. Como olha para este campeonato, que ganhou emoção com a derrapagem do Benfica e com o Sporting de Braga a espreitar a luta pela liderança? A reviravolta na liderança pode influenciar o jogo entre 'águias' e 'dragões'? |
| Questão colocada aos ouvintes | Como olha para esta reviravolta? Que clube estará em melhores condições para fazer valer a sua força? Quem vai vencer este desafio? Quem se apresentará mais forte no jogo de sexta-feira? |

| Divulgação do tema | |
|--------------------|----------------------|
| Plataforma | Horário |
| Antena da rádio* | 9h00 – Manuel Acácio |
| Site do Fórum | 9h11 |
| Facebook | 9h16 |

II. Timings do programa

| | |
|---|------------|
| Início do programa | 10h21 |
| Fim do programa | 11h54 |
| Duração | 80 minutos |
| Data da disponibilização do formato em <i>podcast</i> | 12h10 |

Evolução do programa

| Elemento interveniente | Horário |
|---------------------------------|----------|
| TSF – início do programa | 21-23 |
| Inquérito | |
| Convidado 1 | 24-34 |
| TSF | 35 |
| Ouvinte 1 – Avelino Abreu | 36-38 |
| Ouvinte 2 – Paulo Silva | 39-41 |
| Ouvinte 3 – Paulo Loureiro | 42-43 |
| Convidado 2 | 44-50 |
| Ouvinte 4 – António Maia | 51 |
| Ouvinte 5 – Eduardo Silva | 52-54 |
| Ouvinte 6 – Maria Elisabete | 55 |
| FO 1 – Sérgio Duarte Reis Neves | 56 |
| FB 1 – Pedro Macedo | |
| TSF – fim da 1ª parte | 57 |
| TSF – início da 2ª parte | 11h11-12 |
| Convidado 3 | 13-19 |
| Ouvinte 7 – Joaquim Penas | 20-21 |
| Ouvinte 8 – Filipe Correia | 22-24 |
| FO 2 – Elisabete Couto | 25 |
| FO 3 – António Matos | |
| Ouvinte 9 – António Prates | 26-27 |
| Inquérito | 28 |
| Convidado 4 | 29-36 |
| Ouvinte 10 – Paulo Monteiro | 37-39 |
| Ouvinte 11 – Manuel Guimarães | 40 |
| Ouvinte 12 – Henrique Costa | 41-43 |
| Ouvinte 13 – Rui Monteiro | 44 |

| | |
|---------------------------|-------|
| Ouvinte 14 – José Correia | 45-48 |
| Ouvinte 15 – Rui Monteiro | 49-50 |
| Ouvinte 16 – Ilídio Silva | 51-52 |
| FO 4 - Carlos Sebastião | 53 |
| FO 5 - João Nobre | |
| FB 2 - Rosalino Rosa | |
| TSF – fim da 2ª parte | 11h54 |

Legenda: FB – participante no Facebook da TSF; FO – participante no Fórum *online* da TSF.

| | Tempo no programa | Em relação ao total (%) | Tempo médio de intervenção |
|-----------------------------|-------------------|-------------------------|----------------------------|
| TSF | 8 | 10 | 1 |
| Participantes telefone | 37 | 46,25 | 2 |
| Participantes <i>online</i> | 3 | 3,75 | 1 |
| Convidados | 32 | 40 | 8 |
| Total | 80 | 100 | |

*aproximadamente, em minutos.

III. Modalidades da participação

Total de participantes efetivos (cujas contribuições passaram na antena)

| | |
|---|-----------|
| Participantes pelo telefone | 16 |
| Participantes no Facebook da TSF citados na antena | 2 |
| Participantes no Fórum <i>online</i> da TSF citados na antena | 5 |
| Total | 23 |

Participantes pelo telefone

| | |
|--------------------|----|
| Entraram em antena | 16 |
| Total de inscritos | 23 |

Participantes no Facebook [desde o momento da divulgação até ao fim do programa]

| | |
|--|------|
| Comentadores | 7 |
| Comentários | 9 |
| Like/'Gosto' no <i>post</i> | 7 |
| Share | 1 |
| Lidos na antena | 2 |
| % em relação ao total de comentários no Facebook | 22,2 |

Participantes no Fórum *online* [desde o momento de divulgação até ao fim do programa]

| | |
|---|------|
| Comentadores | 16 |
| Comentários | 18 |
| Anónimos | 0 |
| Lidos na antena | 5 |
| % em relação ao total de comentários no Fórum <i>online</i> | 27,8 |

IV. Estatísticas no *site* do fórum

[desde o momento de divulgação e durante 24horas]

| | |
|---------------------------------|-----|
| Partilhas no Facebook | 0 |
| Partilhas no Twitter | 0 |
| Partilhas no LinkedIn | 0 |
| Partilhas no Google + | 0 |
| <i>Like</i> através do Facebook | 0 |
| Visualizações | 310 |
| Envios | 0 |
| Impressões | 0 |
| Reações no Twitter | 0 |
| Comentários | 20 |

V. Convidados em direto no programa*

| Convidado | Nome | De onde participa | Género | Ligação ao tema (habilitações para falar do tema) | Mote do convite (ator/observador) | Ligação ao programa (residente/espórádica) | Tempo de intervenção (aproximadamente, em minutos) |
|-----------|---------------------|-------------------|-----------|---|--|--|--|
| 1 | Mário Fernando | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (editor de desporto da TSF) | Espórádica | 11 |
| 2 | José Manuel Ribeiro | Porto | Masculino | Sim | Observador (diretor jornal O Jogo) | Espórádica | 6 |
| 3 | João Rosado | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (comentador de desporto da TSF) | Residente | 7 |
| 4 | António Magalhães | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (diretor do jornal Record) | Espórádico | 8 |

* alguns destes critérios foram inspirados nos apontamentos metodológicos presentes no projeto «Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital», instalado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade entre setembro de 2010 até setembro de 2013 e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia [FCT PTDC/CCI-JOR/099994/20089].

Quinta-feira, 1 de março de 2012, programa analisado #9

I. Tema do dia

| | |
|---------------------------------|---|
| Título [no <i>site</i>] | Portugal, que futuro? |
| Área temática onde se inscreve | Sociedade |
| <i>Teaser</i> [do <i>site</i>] | Na semana de aniversário da TSF refletimos sobre o estado do país e da Europa. Ontem escutámos o Presidente da República, hoje queremos ouvir a sua opinião. Onde estamos? Para onde vamos? |
| Questão colocada aos ouvintes | Que prioridades deve assumir o país? Que desafios temos pela frente? |

| Divulgação do tema | |
|----------------------|----------------------|
| Plataforma | Horário |
| Antena da rádio* | 9h01 – Manuel Acácio |
| <i>Site</i> do Fórum | 9h08 |
| Facebook | 9h13 |

II. *Timings* do programa

| | |
|---|------------|
| Início do programa | 10h20 |
| Fim do programa | 11h55 |
| Duração | 83 minutos |
| Data da disponibilização do formato em <i>podcast</i> | 13h31 |

| Evolução do programa | |
|--|---------|
| Elemento interveniente | Horário |
| TSF – início do programa | 10h20 |
| Peça sobre declarações de Cavaco Silva | 21-24 |

| | |
|---------------------------------|-------|
| TSF | 25-26 |
| Convidado 1 | 27-34 |
| Ouvinte 1 – Paulo Simões | 35-36 |
| Ouvinte 2 – Carlos Santos | 35-36 |
| Ouvinte 3 – Rui Baptista | 39 |
| FO 1 – Carlos Santos | 40 |
| FO 2 – Elvira Matos | |
| Convidado 2 | 41-53 |
| Ouvinte 4 – Ricardo Mata | 54-55 |
| FB 1 - Márcio Oliveira | 56 |
| FB 2 – Athar Atharum | |
| TSF – fim da 1ª parte | 57 |
| | |
| TSF – início da 2ª parte | 11h11 |
| Convidado 3 | 12-24 |
| Ouvinte 5 – Ana Príncipe | 25-28 |
| Ouvinte 6 – António Bastos | 29-31 |
| Convidado 4 | 32-38 |
| FO 3 – Sérgio Duarte Reis Neves | 39 |
| FB 3 – João Varzielas | |
| Ouvinte 7 – Mário Menezes | 40-43 |
| Convidado 5 | 44-49 |
| FO 4 – Raquel Silveira | 50 |
| FO 5 – Maria Helena Veríssimo | |
| Ouvinte 8 – Pedro Miguel | 51-54 |
| TSF – fim da 2ª parte | 11h55 |

Legenda: FB – participante no Facebook da TSF; FO – participante no Fórum *online* da TSF.

| | Tempo no programa | Em relação ao total (%) | Tempo médio de intervenção |
|-----------------------------|-------------------|-------------------------|----------------------------|
| TSF | 10 | 12,05 | 3 |
| Participantes telefone | 22 | 26,51 | 3 |
| Participantes <i>online</i> | 4 | 4,82 | 1 |
| Convidados | 47 | 56,63 | 9 |
| Total | 83 | 99,9 | |

*aproximadamente, em minutos

III. Modalidades da participação

Total de participantes efetivos (cujas contribuições passaram na antena)

| | |
|---|-----------|
| Participantes pelo telefone | 8 |
| Participantes no Facebook da TSF citados na antena | 3 |
| Participantes no Fórum <i>online</i> da TSF citados na antena | 5 |
| Total | 16 |

Participantes pelo telefone

| | |
|--------------------|----|
| Entraram em antena | 8 |
| Total de inscritos | 23 |

Participantes no Facebook

[desde o momento da divulgação até ao fim do programa]

| | |
|--|------|
| Comentadores | 7 |
| Comentários | 8 |
| Like/'Gosto' no <i>post</i> | 3 |
| Share | 0 |
| Lidos na antena | 3 |
| % em relação ao total de comentários no Facebook | 37,5 |

Participantes no Fórum *online* [desde o momento de divulgação até ao fim do programa]

| | |
|---|------|
| Comentadores | 32 |
| Comentários | 34 |
| Anónimos | 0 |
| Lidos na antena | 5 |
| % em relação ao total de comentários no Fórum <i>online</i> | 14,7 |

IV. Estatísticas no *site* do Fórum

[desde o momento de divulgação e durante 24horas]

| | |
|--------------------------|-----|
| Partilhas no Facebook | 0 |
| Partilhas no Twitter | 0 |
| Partilhas no LinkedIn | 0 |
| Partilhas no Google + | 0 |
| Like através do Facebook | 0 |
| Visualizações | 432 |
| Envios | 0 |
| Impressões | 1 |
| Reações no Twitter | 0 |
| Comentários | 46 |

V. Convidados em direto no programa*

| Convidado | Nome | De onde participa | Género | Ligação ao tema (habilitações para falar do tema) | Mote do convite (ator/observador) | Ligação ao programa (residente/espórádica) | Tempo de intervenção (aproximadamente, em minutos) |
|-----------|-------------------------|-------------------|-----------|---|--|--|--|
| 1 | João Marcelino | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (diretor do Diário de Notícias) | Espórádica | 8 |
| 2 | António Costa | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (diretor do Diário Económico) | Espórádica | 13 |
| 3 | Ricardo Costa | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (diretor do Expresso) | Espórádica | 13 |
| 4 | José Carlos Vasconcelos | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (diretor do Jornal de Letras) | Espórádica | 7 |
| 5 | Manuel Tavares | Porto | Masculino | Sim | Observador (diretor do Jornal de Notícias) | Espórádica | 6 |

* alguns destes critérios foram inspirados nos apontamentos metodológicos presentes no projeto «Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital», instalado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade entre setembro de 2010 até setembro de 2013 e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia [FCT PTDC/CCI-JOR/099994/20089].

Sexta-feira, 2 de março de 2012, programa analisado #10

I. Tema do dia

| | |
|--------------------------------|--|
| Título [no site] | Desemprego em alta |
| Área temática onde se inscreve | Desemprego – Economia |
| Teaser [do site] | Portugal é um dos países da Europa onde o desemprego está subir mais. No Fórum TSF, vamos tentar perceber o que é possível fazer para travar esta escalada. As medidas do Governo podem dar frutos a médio prazo ou podem agravar ainda mais a situação? |
| Questão colocada aos ouvintes | O que é possível fazer para evitar a escalada do desemprego? As políticas do Governo têm sido as mais apropriadas? |

| Divulgação do tema | |
|--------------------|----------------------|
| Plataforma | Horário |
| Antena da rádio* | 8h59 – Manuel Acácio |
| Site do fórum | 9h08 |
| Facebook | 9h24 |

II. Timings do programa

| | |
|---|------------|
| Início do programa | 10h19 |
| Fim do programa | 11h55 |
| Duração | 83 minutos |
| Data da disponibilização do formato em <i>podcast</i> | 15h23 |

Evolução do programa

| Elemento interveniente | Horário |
|-------------------------------|---------|
| TSF – início do programa | 19-21 |
| Convidado 1 | 22-37 |
| Convidado 2 | 38-44 |
| Ouvinte 1 – Mário Tiago | 45 |
| Ouvinte 2 – Miguel Baptista | 46-47 |
| Ouvinte 3 – José Campos | 48-50 |
| FB 1 – Ana Costa | 51-52 |
| FO 1 – Paulo Alexandre | |
| FO 2 – Sérgio Guerreiro | |
| Ouvinte 4 – Fernando Marques | 53 |
| Ouvinte 5 – António Marques | 54-56 |
| TSF – fim da 1ª parte | 57 |
| | |
| TSF – início da 2ª parte | 11h10 |
| Convidado 3 | 11-20 |
| Ouvinte 6 – Hernâni Magalhães | 21-22 |
| FO 3 – Luís Gonçalves | 23 |
| FO 4 – Jorge Góis | |
| Ouvinte 7 – Paulo Nascimento | 24-27 |
| Inquérito | 28 |
| FB 2 – António Marques | 29 |
| FO 5 – Artur Carvalho | |
| FO 6 – Alexandre Costa | |
| Convidado 4 | 30-36 |
| Ouvinte 8 – Mário Rodrigues | 37-39 |
| Convidado 5 | 40-53 |
| TSF – fim da 2ª parte | 11h54 |

Legenda: FB – participante no Facebook da TSF; FO – participante no Fórum *online* da TSF.

| | Tempo no programa | Em relação ao total (%) | Tempo médio de intervenção |
|-----------------------------|-------------------|-------------------------|----------------------------|
| TSF | 6 | 7,23 | 1 |
| Participantes telefone | 19 | 22,89 | 2 |
| Participantes <i>online</i> | 4 | 4,82 | 1 |
| Convidados | 54 | 65,06 | 11 |
| Total | 83 | 100 | |

*aproximadamente, em minutos

III. Modalidades da participação

Total de participantes efetivos (cujas contribuições passaram na antena)

| | |
|---|-----------|
| Participantes pelo telefone | 8 |
| Participantes no Facebook da TSF citados na antena | 2 |
| Participantes no Fórum <i>online</i> da TSF citados na antena | 6 |
| Total | 16 |

Participantes pelo telefone

| | |
|--------------------|----|
| Entraram em antena | 8 |
| Total de inscritos | 32 |

Participantes no Facebook

[desde o momento da divulgação até ao fim do programa]

| | |
|--|------|
| Comentadores | 11 |
| Comentários | 16 |
| Like/'Gosto' no <i>post</i> | 3 |
| Share | 1 |
| Lidos na antena | 2 |
| % em relação ao total de comentários no Facebook | 12,5 |

Participantes no Fórum *online*
[desde o momento de divulgação até ao fim do programa]

| | |
|---|------|
| Comentadores | 31 |
| Comentários | 34 |
| Anónimos | 0 |
| Lidos na antena | 6 |
| % em relação ao total de comentários no Fórum <i>online</i> | 17,6 |

IV. Estatísticas no *site* do fórum
[desde o momento de divulgação e durante 24horas]

| | |
|--------------------------|-----|
| Partilhas no Facebook | 0 |
| Partilhas no Twitter | 0 |
| Partilhas no LinkedIn | 0 |
| Partilhas no Google + | 0 |
| Like através do Facebook | 0 |
| Visualizações | 475 |
| Envios | 0 |
| Impressões | 3 |
| Reações no Twitter | 0 |
| Comentários | 44 |

V. Convidados em direto no programa*

| Convidado | Nome | De onde participa | Género | Ligação ao tema (habilitações para falar do tema) | Mote do convite (ator/observador) | Ligação ao programa (residente/espórádica) | Tempo de intervenção (aproximadamente, em minutos) |
|-----------|----------------------|---------------------|-----------|---|--|--|--|
| 1 | Pedro Martins | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (secretário de Estado do Emprego) | Espórádica | 16 |
| 2 | António Perez Metelo | Lisboa (no estúdio) | Masculino | Sim | Observador (comentador de Economia da TSF) | Residente | 7 |
| 3 | João Loureiro | Porto | Masculino | Sim | Observador (professor universitário da Faculdade de Economia do Porto) | Espórádica | 10 |
| 4 | Octávio Teixeira | Lisboa | Masculino | Sim | Observador (Economista) | Espórádica | 7 |
| 5 | Silva Peneda | Lisboa | Masculino | Sim | Ator (presidente do Conselho Económico e Social) | Espórádica | 14 |

* alguns destes critérios foram inspirados nos apontamentos metodológicos presentes no projeto «Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital», instalado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade entre setembro de 2010 até setembro de 2013 e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia [FCT PTDC/CCI-JOR/099994/20089].

Notas finais - descrição das operações de cálculo

Contagem dos blocos de tempo – tal como já foi sumariamente referido, a contagem da intervenção de cada elemento (moderador – assinalado como TSF; participante-ouvinte; convidado e participante *online*) procura apenas conferir uma ideia aproximada do tempo ocupado por estes agentes ao longo das emissões. Daí que não exista propriamente uma contagem exaustiva e minuciosa, em termos da contabilização da intervenção individual em precisos segundos. Julgámos, por isso, proceder a uma análise que se debruça fundamentalmente na constatação de blocos de protagonismo de cada agente. Como é do timbre de qualquer formato de debate, as vozes dos diversos elementos pode cruzar-se a uma dado momento, sobretudo a do moderador que exerce a função de *pivot* entre todas as instâncias participativas. Deste modo, seguindo uma lógica simplista, optou-se por analisar as balizas temporais em que a intervenção de cada ator participativo ocupou a antena da rádio.

Divulgação do tema – Até ao início do programa, o locutor relembra, com alguma frequência, novamente o tema, incitando os ouvintes a participar e referindo as plataformas de participação. Neste sentido, e em termos gerais, o ouvinte escuta o aviso do tema do *Fórum TSF* até quatro vezes (a primeira assinalada na tabela, a segunda após as notícias das 9h30, a terceira antes do noticiário das 10h e a última seria depois das notícias das 10h, poucos minutos antes do início do programa).

Tempo no programa em cada um dos agentes intervenientes – calculado em termos dos referidos blocos de intervenção, explicitados no último apontamento, retrata os minutos aproximados em que a participação de cada interveniente ocorreu.

Tempo no programa em relação ao total (%) – distribuição percentual que reflete sobre a presença de cada agente interventivo em relação ao total de minutos no programa. $\text{Tempo do agente} \times 100 / \text{tempo total do programa}$. Este critério procura dar amplitude a uma das motivações que orientam o presente estudo, de compreender onde reside a maior e menor presença dos participantes durante o período de observação.

Tempo médio de intervenção (em minutos) – tem como base descrever a forma como, na referida emissão, a contagem da participação de cada um dos elementos participativos em termos médios, tendo em conta o total de elementos da mesma categoria e os blocos de intervenção dedicados pelo moderador a cada um. (Exemplo: total dos minutos ocupados pelos participantes-ouvintes/número de participantes-ouvintes que intervieram naquela emissão; total dos minutos ocupados pela TSF/número de blocos em que interveio; total dos minutos ocupados pelos participantes *online* citados pela rádio/número de blocos em que o moderador se dedicou a citar estes comentários; total dos minutos ocupados pelos convidados/número de convidados intervenientes)

Comentários *online* citados na antena em relação ao total de comentários realizados nas duas plataformas disponíveis de participação: o Facebook da TSF e o Fórum *online* (%) – refere a presença dos comentários citados pelo moderador em relação ao total de comentários realizados na antena. De referir que a possibilidade de comentários por parte do mesmo autor foi englobada na análise. Este item procura responder ao peso de cada uma das páginas *online* no Fórum TSF. (Exemplo: total de comentários referidos na antena/total de comentários realizados nas duas páginas).

APÊNDICE 13

| Âmbito da motivação da TSF | Frequência absoluta |
|--|---------------------|
| Motivações quanto ao espírito editorial da TSF (40 justificações) | |
| Para cativar audiências e com isso gerar lucro | 13 |
| Para ser original na grelha de programação | 7 |
| Para reforçar a credibilidade da TSF | 6 |
| A TSF procura mudar o país com este programa | 4 |
| A TSF tenta promover a abertura à participação | 4 |
| A TSF é uma rádio isenta | 1 |
| Ocupar espaço na antena da TSF | 1 |
| Há poucos programas deste género em Portugal | 1 |
| A TSF é uma rádio perspicaz e atenta | 1 |
| Este programa faz parte da génese da TSF | 1 |
| Criar opinião no público | 1 |
| Motivações quanto à natureza e originalidade do <i>Fórum TSF</i> (13 justificações) | |
| Este programa procura acima de tudo informar | 10 |
| Porque o Fórum TSF faz parte da génese da programação desta rádio | 2 |
| Este programa é o expoente máximo da liberdade de expressão | 1 |
| Motivações quanto ao papel da rádio ao serviço dos ouvintes (70 justificações) | |
| Auscultar a opinião dos cidadãos | 16 |
| Permitir a discussão dos temas mais importantes na atualidade | 13 |
| Dar voz ao cidadão | 10 |
| Incluir o cidadão anónimo, com poucas oportunidades de expressão nos média | 7 |
| Conhecer qual é a opinião dos portugueses sobre um tema | 6 |
| É a missão das rádios servir o povo e os seus interesses | 4 |
| As outras rádios também têm programas de debate semelhantes ao <i>Fórum TSF</i> | 3 |
| Vivemos numa democracia e este programa faz sentido por isso | 2 |
| Para incentivar a expressão livre e crítica dos cidadãos sobre a atualidade | 2 |
| Maior entrosamento com a sociedade portuguesa | 2 |
| Os média são os melhores meios de difundir a opinião do público | 1 |
| A rádio tem de se mostrar viva | 1 |
| É importante ter debates desta natureza na rádio portuguesa | 1 |
| Dar voz ao desalento da população | 1 |
| Para que os partidos políticos ouçam a opinião do povo | 1 |
| Por nenhuma razão em especial | 0 |
| Não sabe | 0 |
| Total global | 113 |

APÊNDICE 14

| Âmbito da motivação para a participação | Frequência absoluta |
|--|---------------------|
| Agrado com a participação (46 justificações) | |
| Gosto de dar a minha opinião sobre os temas da atualidade | 25 |
| Gosto do <i>Fórum TSF</i> | 8 |
| Gosto de ouvir a TSF | 4 |
| Gosto de pontos de vista com os outros ouvintes | 3 |
| Gosto de me manter a par da atualidade | 3 |
| Gosto que alguém ouça aquilo que tenho para dizer | 2 |
| Gosto de ouvir os especialistas neste programa | 1 |
| Acrescentar algo ao debate (32 justificações) | |
| Senti que podia acrescentar algo ao debate | 16 |
| Contrariar as opiniões veiculadas pelos comentadores e ouvintes | 7 |
| Para dar o meu testemunho ao auditório do Fórum | 5 |
| Para abrir algumas mentalidades da nossa sociedade | 4 |
| Revolta perante o país e a política (18 justificações) | |
| Expressar a revolta que sinto com a atual situação do nosso país | 12 |
| Porque me sinto revoltado com a atuação dos nossos governantes | 2 |
| Para tentar mudar alguma coisa no país com a minha opinião | 2 |
| Intervenho quando sinto que o tema está a ser adulterado | 2 |
| Cidadania ativa (13 justificações) | |
| Por uma questão de participação cívica ativa | 9 |
| Tentar contrariar a sociedade portuguesa que é pouco ativa nos média | 3 |
| Perceber se as pessoas pensam como eu | 1 |
| Tema em debate (29 justificações) | |
| O tema em debate naquela edição era interessante | 20 |
| O tema em debate naquela edição afetava-me diretamente | 7 |
| Tenho conhecimentos sobre o tema em debate naquela emissão | 2 |
| Justificações pessoais (4 justificações) | |
| Não tenho paciência para ler jornais | 1 |
| Horário compatível com a minha vida | 1 |
| Manifestar o meu regozijo perante as medidas apresentadas no debate | 1 |
| Participo por influência de amigos | 1 |
| Total global | 142 |

APÊNDICE 15

| Âmbito da crítica ou dos constrangimentos à participação | Frequência absoluta |
|---|---------------------|
| Atuação da produção do programa (28 justificações) | |
| Inscrevo-me e não entro no programa por diversas ocasiões | 7 |
| Má seleção de temas | 6 |
| Os participantes têm pouco tempo para falar | 5 |
| Demasiado tempo à espera no telefone para entrar em direto no programa | 3 |
| Má seleção dos convidados | 3 |
| Problemas técnicos, um eco perturbante ao telefone | 2 |
| Censura no Facebook | 1 |
| Deixam entrar poucos ouvintes em direto | 1 |
| Intervenção dos convidados/comentadores presentes no programa (13 justificações) | |
| A intervenção dos convidados ocupa a maior parte do tempo | 8 |
| Excesso de convidados | 2 |
| Algumas opiniões dos convidados partem de pressupostos errados | 1 |
| Os convidados preparam-se mal para o debate | 1 |
| Há pouca variação de opinião nos convidados | 1 |
| Moderação do Fórum TSF (13 justificações) | |
| Corta abruptamente as intervenções dos ouvintes | 8 |
| Não permite que o ouvinte se desvie do assunto em debate | 2 |
| Tem medo de fazer certas perguntas | 1 |
| Permite que os intervenientes se desviem do tema | 1 |
| Não é imparcial | 1 |
| Intervenção dos ouvintes (15 justificações) | |
| Os ouvintes desviam-se do assunto em debate | 5 |
| Intervenções pouco críticas e satisfatórias | 4 |
| Os ouvintes excedem o tempo de participação | 1 |
| Os ouvintes têm medo de dar a cara e a voz nos média | 1 |
| Vontade protagonismo de certos ouvintes | 1 |
| Apresentação de casos pessoais | 1 |
| Os ouvintes convergem maioritariamente na opinião veiculada | 1 |
| Os ouvintes escolhem a via do insulto e ataque gratuitamente | 1 |
| Formato do programa (13 justificações) | |
| Este programa produz poucos efeitos na vida das pessoas | 5 |
| Não existe um verdadeiro debate de ideias, de reciprocidade entre os intervenientes | 3 |
| O programa tem uma duração diária escassa | 3 |
| A opinião do fórum não representa a da generalidade do povo português | 2 |
| Justificações meramente pessoais (7 justificações) | |
| Tenho pouco tempo para ouvir o programa | 5 |
| Não sinto que vou ser útil, porque há muitas pessoas a participar | 1 |
| Não consigo ter opinião sobre tudo | 1 |
| Total global | 89 |

APÊNDICE 16

| Âmbito da sugestão apresentada | Frequência absoluta |
|--|---------------------|
| Quanto à forma de inscrição (1 sugestão) | |
| Disponibilizar um número grátis para inscrição | 1 |
| Quanto aos temas em discussão (19 sugestões) | |
| Debater outros temas (sobre as pequenas e médias empresas) | 4 |
| Os temas deviam ser escolhidos pelos ouvintes, através de um inquérito <i>online</i> | 3 |
| Equilibrar a escolha de temas, entre positivos e negativos sobre a realidade do país | 3 |
| Permitir o debate de temas positivos para a sociedade | 3 |
| Evitar que o tema 'crise' resida persistentemente nos vários debates do programa | 1 |
| Debater outros temas (florestação) | 1 |
| Debater outros temas (justiça) | 1 |
| Debater outros temas (agências de rating) | 1 |
| Debater outros temas (saúde) | 1 |
| Eliminar debates sem interesse | 1 |
| Ritmo e dinâmica do programa (36 sugestões) | |
| Maior duração do programa | 12 |
| Alterar horário do programa (à tarde) | 7 |
| Mais fóruns como este | 4 |
| Resumir a tendência das opiniões dos ouvintes no programa | 3 |
| Escrutínio prévio de opiniões | 3 |
| Criação de um espaço curto de respostas e perguntas entre ouvintes e convidados | 2 |
| Maior aproximação ao público, em programas realizados fora do estúdio da TSF | 1 |
| Continuar a denunciar o que está mal no país | 1 |
| Melhor informação sobre as características técnicas da participação em direto | 1 |
| Diminuir a publicidade entre a 1ª e 2ª parte | 1 |
| Implementar o modelo de debate, de confronto de ideias entre os intervenientes | 1 |
| Diminuir o tempo de espera ao telefone para entrar em direto | 1 |
| Existência de dois convidados com perspetivas opostas em debate | 1 |
| Eliminar intervenção do convidado no início do programa | 1 |
| Intervenção dos ouvintes (23 sugestões) | |
| Aumentar o tempo de intervenção dos ouvintes | 8 |
| Permitir a participação de mais ouvintes | 6 |
| Banir do programa quem faz ofensas | 3 |
| Fixar um tempo limite de intervenção aos ouvintes | 3 |
| Impedir a repetição dos mesmos ouvintes | 2 |
| Afastar os ouvintes que se desviam claramente do tema | 1 |
| Intervenção dos convidados (18 sugestões) | |
| Alargar o leque de comentadores/convidados presentes no programa | 4 |
| Incluir novos convidados no programa | 3 |
| Diminuir o tempo de intervenção dos comentadores | 2 |

| | |
|--|------------|
| Aumentar número de convidados relacionados com a temática debatida | 2 |
| Diminuir o número de convidados presentes no programa | 1 |
| Evitar convidados relacionados com a política | 1 |
| Diversificar os convidados no programa | 1 |
| Incluir outros jornalistas no comentário do programa | 1 |
| Melhor escolha dos convidados | 1 |
| Possibilitar a introdução de um anónimo na figura de comentador | 1 |
| Exigir uma maior isenção aos convidados | 1 |
| Intervenção do moderador (6 sugestões) | |
| Maior flexibilidade do moderador em lidar com as intervenções dos ouvintes | 3 |
| Moderador não deve partidarizar o debate | 2 |
| Deve fazer menos questões aos convidados | 1 |
| Total global | 103 |

APÊNDICE 17

Inquérito por questionário: modelo sujeito ao pré-Teste

Grupo I – Caracterização sociodemográfica

1. Sexo

| | |
|-----------|--------------------------|
| Feminino | <input type="checkbox"/> |
| Masculino | <input type="checkbox"/> |

2. Idade: ____ anos.

3. Qual é o seu nível de escolaridade?

| | |
|---------------------------------------|--------------------------|
| Primário (1º Ciclo; Primária) | <input type="checkbox"/> |
| Básico (2º Ciclo ; antigo 3º ano) | <input type="checkbox"/> |
| Secundário (3º Ciclo – antigo 5º ano) | <input type="checkbox"/> |
| Frequência universitária | <input type="checkbox"/> |
| Licenciatura | <input type="checkbox"/> |
| Mestrado | <input type="checkbox"/> |
| Doutoramento | <input type="checkbox"/> |
| Pós-doutoramento | <input type="checkbox"/> |

4. Em que localidade reside?

5. Qual é a sua situação profissional neste momento?

| | |
|------------------------------|--------------------------|
| Desempregado | <input type="checkbox"/> |
| Estudante | <input type="checkbox"/> |
| Reformado | <input type="checkbox"/> |
| Ativo. Qual profissão? _____ | <input type="checkbox"/> |

6. Qual é o rendimento [montante total das formas de subsistência] que recebe o seu agregado familiar?

| | |
|--|--------------------------|
| Abaixo de um salário mínimo (menos 485 euros) | <input type="checkbox"/> |
| Um salário mínimo (485 euros) | <input type="checkbox"/> |
| Entre um e dois salários mínimos (Entre 485 euros e 970 euros) | <input type="checkbox"/> |
| Acima de dois salários mínimos (Mais do que 970 euros) | <input type="checkbox"/> |
| Não sabe | <input type="checkbox"/> |

Grupo II – A participação do cidadão fora do contexto mediático: a intervenção cívica

7. Das seguintes alternativas, qual pensa ser a mais adequada para definir o voto em contexto de eleições?

| | |
|----------------------|--------------------------|
| Não tem valor nenhum | <input type="checkbox"/> |
| Tem pouco valor | <input type="checkbox"/> |
| É indiferente | <input type="checkbox"/> |
| Tem algum valor | <input type="checkbox"/> |
| É indispensável | <input type="checkbox"/> |
| Não sabe | <input type="checkbox"/> |

8. Qual é o seu grau de confiança relativamente ao tratamento que os meios de comunicação social dão aos assuntos políticos?

| | |
|---------------------------|--------------------------|
| Desconfio totalmente | <input type="checkbox"/> |
| Desconfio em parte | <input type="checkbox"/> |
| Não confio, nem desconfio | <input type="checkbox"/> |
| Confio em parte | <input type="checkbox"/> |
| Confio totalmente | <input type="checkbox"/> |

| | |
|----------|--|
| Não sabe | |
|----------|--|

9. Tem filiação a algum clube, partido, sindicato? Qual?

| | |
|------------|--|
| Não | |
| Sim. Qual? | |
| Não sabe | |

Grupo III – Os média e a participação aos olhos dos participantes: representações e práticas

10. Qual é o meio de comunicação social a que mais recorre para se informar? [escolha até duas alternativas]

| | |
|--|--|
| Imprensa em papel | |
| Edições <i>online</i> da imprensa em papel | |
| Edições jornalísticas exclusivamente <i>online</i> | |
| Rádio hertziana | |
| Edição <i>online</i> das rádios | |
| Televisão | |
| Televisão <i>online</i> , a partir de programas <i>on demand</i> | |

11. Qual é o meio de comunicação social a que mais reconhece credibilidade no tratamento de informação? [escolha até duas alternativas]

| | |
|--|--|
| Imprensa em papel | |
| Edições <i>online</i> da imprensa em papel | |
| Edições jornalísticas exclusivamente <i>online</i> | |
| Rádio hertziana | |
| Edição <i>online</i> das rádios | |
| Televisão | |

| | |
|--|--|
| Televisão <i>online</i> , a partir de programas <i>on demand</i> | |
|--|--|

12. Qual é o meio de comunicação jornalístico que pensa que aposta mais na participação do público? [escolha até duas alternativas]

| | |
|--|--|
| Imprensa em papel | |
| Edições <i>online</i> da imprensa em papel | |
| Edições jornalísticas exclusivamente <i>online</i> | |
| Rádio hertziana | |
| Edição <i>online</i> das rádios | |
| Televisão | |
| Televisão <i>online</i> , a partir de programas <i>on demand</i> | |

13. Já contactou com a TSF através de carta? (se não ou não sabe, passe à pergunta 15)

| | |
|----------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe | |

14. Neste sentido, indique a frequência com que já contactou a TSF a propósito dos seguintes motivos.

| | Nunca | Mais raramente | 1 vez por mês | 1 vez por semana | A maior parte da semana | Todos os dias |
|-----------------------------------|-------|----------------|---------------|------------------|-------------------------|---------------|
| Anunciar na secção de publicidade | | | | | | |
| Exercer o direito de resposta | | | | | | |

| | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|--|
| Contribuições que partem de si próprio (fotografias, documentos escritos) sob diversos acontecimentos (trânsito, incêndios, desastres naturais, denúncias, etc.) | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|--|

15. Já contactou com a TSF através de e-mail? (se não ou não sabe, passe à pergunta 17)

| | |
|----------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe | |

16. Neste sentido, indique a frequência com que já contactou a TSF a propósito dos seguintes motivos.

| | Nunca | Mais raramente | 1 vez por mês | 1 vez por semana | A maior parte da semana | Todos os dias |
|--|-------|----------------|---------------|------------------|-------------------------|---------------|
| Apresentar questões sobre os critérios editoriais da TSF | | | | | | |

| | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|--|
| Apresentar questões sobre os critérios editoriais da TSF na versão <i>online</i> | | | | | | |
| Exercer o direito de resposta | | | | | | |
| Contactar as secções editoriais <i>online</i> da TSF | | | | | | |
| Contribuições que partem de si próprio (fotografias, documentos escritos) sob diversos acontecimentos (trânsito, incêndios, desastres naturais, denúncias, etc.) | | | | | | |

17. Já contactou com a TSF através de telefone? (se não ou não sabe, passe à pergunta 19)

| | |
|----------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe | |

18. Neste sentido, indique a frequência com que já contactou a TSF a propósito dos seguintes motivos.

| | Nunca | Mais raramente | 1 vez por mês | 1 vez por semana | A maior parte da semana | Todos os dias |
|--|-------|----------------|---------------|------------------|-------------------------|---------------|
| Anunciar na secção de publicidade | | | | | | |
| Contribuições que partem de si próprio (fotografias, documentos escritos) sob diversos acontecimentos (trânsito, incêndios, desastres naturais, denúncias, etc.) | | | | | | |

19. Já alguma vez acedeu ao *site* da TSF (www.tsf.pt)? (se não ou não sabe, passe à pergunta 21)

| | |
|----------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe | |

20. Neste sentido, indique a frequência com a qual já realizou as seguintes ações.

| | Nunca | Mais raramente | 1 vez por mês | 1 vez por semana | A maior parte da semana | Todos os dias |
|--|-------|----------------|---------------|------------------|-------------------------|---------------|
| Aceder ao <i>site</i> e ler notícias, conteúdos | | | | | | |
| Enviar conteúdos a um ou mais destinatários | | | | | | |
| Partilhar os conteúdos através das redes sociais (Facebook, Twitter, LinkedIn, Google +, entre outros) | | | | | | |
| Fazer 'like' ou 'gosto' nas notícias do <i>site</i> da TSF | | | | | | |
| Escrever um comentário numa notícia no <i>site</i> da TSF | | | | | | |
| Partilhar um comentário da caixa de comentários | | | | | | |

| | | | | | | |
|---|--|--|--|--|--|--|
| referente a uma notícia publicada (E-mail, Facebook, Twitter) | | | | | | |
| Comentar uma notícia através do Twitter da TSF | | | | | | |
| Comentar nas redes sociais da TSF (Facebook, Twitter, Google +) | | | | | | |
| Participar em concursos, passatempos | | | | | | |

21. Quando começou a participar no *Fórum TSF*?

| | |
|----------------------|--|
| Foi a primeira vez | |
| Desde este ano | |
| Desde o ano passado | |
| Há dois anos | |
| Há mais de dois anos | |
| Não me recordo | |

22. Qual é a frequência com que ouve o *Fórum TSF* em direto, de 2ª a 6ª feira?

| | |
|----------------------|--|
| Foi a primeira vez | |
| Desde este ano | |
| Desde o ano passado | |
| Há dois anos | |
| Há mais de dois anos | |
| Não me recordo | |

23. Ouve a emissão do *Fórum TSF* em *podcast*, a partir do *site* da TSF?
[Se não ou não sabe, passe para a questão 25]

| | |
|----------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe | |

24. Neste sentido, quantas vezes por semana ouve, em média, o *Fórum TSF* em *podcast*?

| | |
|-------------------|--|
| 1 - 2 | |
| 3 - 4 | |
| Todas as emissões | |
| Não me recordo | |

25. Classifique o grau de utilização que dá às seguintes formas de participação no *Fórum TSF*:

| | Nunca | Mais raramente | 1 vez por mês | 1 vez por semana | A maior parte da semana | Todos os dias |
|---------------------------|-------|----------------|---------------|------------------|-------------------------|---------------|
| Telefone | | | | | | |
| Página da TSF no Facebook | | | | | | |

| | | | | | | |
|----------------------------|--|--|--|--|--|--|
| Fórum online em www.tsf.pt | | | | | | |
|----------------------------|--|--|--|--|--|--|

26. Quais são os seus temas preferidos para discussão? [escolha até duas alternativas]

| | |
|---------------|--|
| Política | |
| Justiça | |
| Saúde | |
| Internacional | |
| Economia | |
| Desporto | |
| Vida | |
| Não sabe | |

27. Por que motivo(s) pensa que as rádios abrem fóruns de opinião pública? [escolha até duas alternativas]

| | |
|---|--|
| Por nenhuma razão em especial | |
| Para ocupar espaço na antena da rádio | |
| Para cativar mais audiências e com isso obter mais lucro | |
| Porque as outras rádios também o fazem | |
| Para incentivar a expressão livre e crítica dos cidadãos sobre a atualidade | |
| Não sabe | |

28. Dê a nota que cada um dos seguintes itens ocupa na sua motivação para participar no *Fórum TSF*, utilizando uma escala em que 0 – nada importante, 5 – indiferente, 10 – muito importante.

| | |
|--|--|
| Para me manter a par da atualidade | |
| Porque me Identifico com o formato de debate do <i>Fórum TSF</i> | |
| Porque confio na programação da TSF | |

| | |
|--|--|
| Para me informar ou ser um testemunho para o público | |
| Para ter algum contacto com o <i>Fórum TSF</i> e com a rádio que o promove | |
| Para combater a minha solidão, isolamento | |
| Para debater temas que afetam diretamente a minha vida | |
| Ouço por influência de familiares, amigos, desconhecidos | |

29. Indique o grau de influência que as seguintes situações exercem em si no sentido de motivá-lo(a) a participar na secção das no *Fórum TSF*.

| | Nenhuma influência | Pouca influência | Moderada influência | Muita influência | Total influência |
|--|--------------------|------------------|---------------------|------------------|------------------|
| Tema do dia em debate | | | | | |
| Por ser um debate na rádio | | | | | |
| Pelo facto de ser a TSF a produzir o programa | | | | | |
| Possibilidades tecnológicas oferecidas para participar | | | | | |
| Apelos realizados pela TSF para participar | | | | | |

30. Já se deparou com obstáculos quando tentava participar neste formato?
 [Se não ou não sabe, passe à questão 30]

| | |
|----------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe | |

31. Indique a frequência com que já se deparou com os seguintes obstáculos.

| | Nunca | Mais raramente | Nem muito, nem pouco | Frequentemente | Muito frequentemente |
|---|-------|----------------|----------------------|----------------|----------------------|
| Pouco tempo para ouvir o Fórum TSF | | | | | |
| Maior espaço dado à opinião dos convidados do à dos participantes | | | | | |
| Os participantes não respeitam as normas de participação | | | | | |
| Sente que não vai ser útil, devido à existência de muitos participantes | | | | | |

| | | | | | |
|---|--|--|--|--|--|
| Medo da reação das outras pessoas ao conhecerem a sua opinião | | | | | |
| Não poder participar, mesmo depois de se ter inscrito | | | | | |
| Repetição dos mesmos participantes | | | | | |
| A fraca qualidade das opiniões dos cidadãos que participam pelo telefone | | | | | |
| Estes programas não produzem efeitos na vida real | | | | | |
| Falta de divulgação das formas de participação no Fórum TSF | | | | | |
| Sentir que tem dificuldade em exprimir o seu ponto de vista relativamente | | | | | |

| | | | | | |
|---|--|--|--|--|--|
| a um tema | | | | | |
| Ouvir comentários abusivos, obscenos e insultuosos | | | | | |
| Os participantes pelo telefone desviam-se do tema em debate | | | | | |

32. Qual é o grau de influência política e social que o *Fórum TSF* pode ter?

| | |
|---|--|
| Não têm influência nenhuma | |
| Muito pouca influência | |
| Não influenciam nem muito, nem pouco | |
| Podem condicionar algumas decisões políticas e sociais | |
| Podem influenciar muito as decisões políticas e sociais | |
| Não sabe | |

33. Qual é o seu grau de satisfação em relação ao *Fórum TSF*?

| | |
|---------------------------|--|
| Extremamente insatisfeito | |
| Insatisfeito | |
| Indiferente | |
| Satisfeito | |
| Extremamente satisfeito | |
| Não sabe | |

34. Participa noutros programas radiofónicos semelhantes ao *Fórum TSF*?

| | |
|----------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe | |

35. Que tipo de credibilidade dá aos convidados nestes programas?

| | |
|------------------------|--|
| Nenhuma credibilidade | |
| Pouca credibilidade | |
| Indiferente | |
| Bastante credibilidade | |
| Toda a credibilidade | |
| Não sabe | |

36. Sabe ou já ouviu falar em 'literacia mediática' ou 'Educação para os Média' [Se não ou não sabe passe para a questão 37]?

| | |
|----------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe | |

37. Consegue explicar em que consiste?

38. Na sua opinião, o sentimento de crise económica e financeira pode potenciar maiores níveis de participação dos cidadãos nos meios de comunicação social?

| | |
|----------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe | |

39. Devem os meios de comunicação social apoiar os formatos que dão voz ao cidadão?

| | |
|----------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe | |

40. Que sugestões apontaria para que os meios de comunicação social apostassem mais na participação do público?

Muito obrigado pela sua colaboração.
Fábio Fonseca Ribeiro

APÊNDICE 18

Resultados do pré-teste, como orientação para os estudos de caso

Tal como já foi descrito nos apontamentos teóricos relativamente à utilidade do inquérito por questionário como, fixemo-nos na estrutura base das questões que foram colocadas aos inquiridos. Nas quatro modalidades do jornalismo consideradas, decidiu-se, a bem de uma justa e apropriada comparação entre os diversas empresas jornalísticas estudadas, optar por um modelo que conseguisse medir, o melhor possível, as variáveis mais importantes nesta investigação. Na TSF e SIC Notícias, optou-se por realizar um ensaio de questionário, no qual se contou com a colaboração de seis participantes nos programas *Fórum TSF* e *Opinião Pública*, no início de fevereiro de 2012. O modelo de questionário acima representado indica a estrutura original do inquérito por questionário. Através do contacto com os referidos participantes, onde tiveram conhecimento da etapa da investigação em que estavam a colaborar com total transparência, chegou-se à conclusão de que o inquérito inicial era demasiado extenso, em virtude da necessidade de discriminar, oralmente, todo o conjunto de questões. O contacto telefónico, frequentemente assaltado por constrangimentos de tempo e disponibilidade dos respondentes, exigiu, por isso, à elaboração de questões que fossem de encontro a uma resposta simples, fluida e em que a capacidade reflexiva e crítica do inquirido não fosse explorada com a minúcia que a aplicação via e-mail ou presencial poderia acrescentar.

Neste sentido, a principal reclamação na quase totalidade de inquiridos no pré-teste consistiu no número longo das questões. Durante a aplicação do questionário, percebeu-se igualmente que as perguntas mais específicas resultavam numa grande dificuldade de resposta por parte dos ouvintes, uma vez que necessitavam de um período de maior tranquilidade e disponibilidade de tempo para responder com coerência. Por isso, optou-se por um modelo de questionário que fosse absolutamente compreensível com as limitações da aplicação via telefone e que permitisse, dessa forma, estabelecer questões curtas e objetivas, em que a capacidade de espontaneidade de resposta fosse observada, uma vez que essa será a melhor forma de compreender, por exemplo, as motivações e as dificuldades mais evidentes do público ao tentar entrar nestes espaços de opinião pública nos média. Tal procedimento requereu, logicamente, um tratamento das respostas que reside fundamentalmente na técnica de análise de conteúdo, através da criação de uma lista de pontos mais salientados pelos inquiridos. O resultado do ensaio deste modelo de questionário encontrou outro tipo de fluidez nas respostas extraídas

durante a aplicação efetiva do questionário aos participantes e ouvintes nas emissões observadas.

Por efeitos de economia de tempo, e com a necessidade de verbalizar, pelo telefone todas as questões, decidiu-se eliminar diversas perguntas que resultavam de difícil compreensão ao inquirido, tentando construir um questionário com uma abordagem mais simplista e compatível com a intenção de escutar os indivíduos, retirando as informações principais dos seus depoimentos. Nesse sentido, a par da eliminação de certas perguntas, procedeu-se à reformulação de outras. No modelo inicial de inquérito, existia um grupo de questões com a tarefa de analisar a participação do cidadão fora do contexto mediático, seguindo o modelo teórico apresentado por Bennett (2008). A intervenção cívica, segundo este autor, pode medir-se através do entendimento individual sobre a importância do voto em contexto de eleições ou o grau de confiança relativamente ao tratamento que os meios de comunicação social dão aos assuntos políticos. Na verdade, este enquadramento teórico não foi satisfatório para posteriormente tentar perceber-se se, tal como afirma o autor, podemos caracterizar o inquirido na categoria de uma conceção mais antiga ou recente de cidadania. Fundamentalmente pareceu-nos redutor catalogar um cidadão segundo esses critérios tendo por base poucas variáveis para explicar e afirmar com detalhe essa situação. Para melhor entender esta questão, talvez fosse recomendado implementar um estudo dedicado a esse ponto de vista em particular.

Desta forma, eliminado este grupo de questões, o inquérito pôde, de facto, respirar um pouco melhor. Posteriormente, tínhamos a possibilidade de questionar o participante qual é o meio de comunicação social a que mais recorre para se informar e a qual mais reconhece uma maior credibilidade no tratamento de informação. Notámos bastante dificuldade em responder a estas questões, além de que percebemos que a condicionante de implementar este instrumento de recolha de dados no segmento da participação num determinado órgão de comunicação social, levou à percepção de que muitas das respostas foram dadas seguidas de uma lógica confortável e amigável. Por outras palavras, parece que o facto de o contacto telefónico ter sido estabelecido a partir de uma referência clara a um programa e respetivo órgão de comunicação social poderá ter levado algumas respostas a convir alguma margem de simpatia e agrado. Esta mesma situação verificou-se na questão 'Qual é o meio de comunicação jornalístico que pensa que aposta mais na participação do público?'

A necessidade de eliminação de certas questões conviveu com a urgência de reformular outras. Deste modo, alterámos a forma de questionar a motivação individual para participar no

programa. Alterámos a original questão ‘Dê a nota que cada um dos seguintes itens ocupa na sua motivação para participar no *Fórum TSF*, utilizando uma escala em que 0 – nada importante, 5 – indiferente, 10 – muito importante’, transformando-a numa pergunta de resposta aberta. Esta opção, como sucedeu nas seguintes questões, procurou dar consistência à naturalidade das respostas do inquirido, uma vez que se haveria de perceber que os motivos que são destacados pelo próprio inquirido conferem um carácter mais naturalista, sincero e verdadeiro à resposta sobre os motivos que os levam a participar. Se, ao invés, colocássemos a lista de motivações, para obter uma determinada resposta, a margem de condicionalismo era muito maior, uma vez que não se permitia grande liberdade de resposta. Esta estratégia de liberalização de resposta foi igualmente seguida nas questões que tentavam averiguar os motivos assinalados pelos participantes que justificam a criação destes programas/formatos².

Relativamente às condições que podem inibir uma maior participação, aquilo que já definimos por ‘obstáculos’, encontramos aqui um ponto curioso. Na realidade, o termo ‘obstáculo’ resulta de difícil perceção para os inquiridos. Neste sentido, optámos por reconstruir a questão «Indique a frequência com que já se deparou com os seguintes obstáculos», seguida de uma gradação temporal pré-estabelecida, e colocá-la de uma forma diferente. Assim, pedimos aos inquiridos que fizessem algum comentário relativamente a críticas, aspetos que não gostavam de observar no programa, ou fatores que podem levá-lo a não entrar e participar, numa resposta igualmente aberta. Naturalmente que a dificuldade de abrir estas últimas questões redundou na necessidade de proceder a uma análise de conteúdo simples, através da categorização de determinados pontos de vista em itens comuns. No entanto, julgamos que só esta técnica poderia responder fielmente ao pensamento dos inquiridos.

Note-se, por último, que nos inquéritos *online* a natureza de administração do questionário levou a diversas *nuances*. A necessidade de evitar o desgaste dos inquiridos através de perguntas que exigissem a descrição detalhada das respostas obrigou a quem se elaborasse um conjunto de listas nestas questões, permitindo a opção ‘outro’, no caso de identificar uma opção adicional de resposta não contemplada pelo questionário. Neste caso, admitimos que possam ter perdido alguma margem de naturalidade nas respostas, mas para ter algum êxito na obtenção de uma taxa de resposta de questionários minimamente digna houve a necessidade, portanto, de elaborar uma estratégia de resposta mais confortável para o inquirido.

² Anteriormente colocada nos termos «Por que motivo(s) pensa que as rádios abrem fóruns de opinião pública?»

Estes ensinamentos revelaram-se fundamentais para a etapa seguinte. No Jornal de Notícias e PÚBLICO online, por uma questão prática, optou-se pela não realização de nova ronda de pré-testes, uma vez que apenas teria de ser alterada a circunstância de resposta, na base de uma lista de opções sobre as quais os inquiridos se pronunciavam. Como a administração não se processou de forma oral, houve necessidade de discriminar todas as alternativas, conferindo igualmente margem de liberdade de resposta. Assumimos esta opção para não correr o risco de desperdiçar respostas em contactos com futuros inquiridos que poderiam vir a ser úteis.



O presente inquérito por questionário dirige-se aos participantes que intervieram no programa *Fórum TSF*, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

APÊNDICE 19

1. Sexo

| | |
|-----------|--------------------------|
| Feminino | <input type="checkbox"/> |
| Masculino | <input type="checkbox"/> |

2. Idade: ___ anos.

3. Qual é o seu nível de escolaridade?

4. Em que localidade reside?

5. Qual é a sua situação profissional neste momento?

| | |
|--------------------|--------------------------|
| Desempregado | <input type="checkbox"/> |
| Estudante | <input type="checkbox"/> |
| Reformado | <input type="checkbox"/> |
| Ativo. Qual? _____ | <input type="checkbox"/> |

6. Qual é o rendimento médio mensal que recebe o seu agregado familiar?

| | |
|---|--------------------------|
| Abaixo de um salário mínimo (menos 485 euros) | <input type="checkbox"/> |
| Um salário mínimo (485 euros) | <input type="checkbox"/> |

| | |
|--|--------------------------|
| Entre um e dois salários mínimos (Entre 485 euros e 970 euros) | <input type="checkbox"/> |
| Acima de dois salários mínimos (Mais do que 970 euros) | <input type="checkbox"/> |
| Não sabe/Não responde | <input type="checkbox"/> |

7. Tem filiação a algum clube, partido, sindicato? Qual/Quais?

| | |
|-----------------------|--------------------------|
| Clube | <input type="checkbox"/> |
| Partido | <input type="checkbox"/> |
| Sindicato | <input type="checkbox"/> |
| Outro(s) | <input type="checkbox"/> |
| Não | <input type="checkbox"/> |
| Não sabe/Não responde | <input type="checkbox"/> |

8. Já contactou a TSF através de carta? (se 'não' ou 'não sabe', passe à pergunta 10)

| | |
|-----------------------|--------------------------|
| Sim | <input type="checkbox"/> |
| Não | <input type="checkbox"/> |
| Não sabe/Não responde | <input type="checkbox"/> |



O presente inquérito por questionário dirige-se aos participantes que intervieram no programa *Fórum TSF*, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

9. Neste sentido, indique o(s) motivo(s) e a sua frequência, nos últimos 12 meses.

| Motivo | Há mais de 12 meses | 1-3 | 4-5 | Mais do que 5 | Não sabe |
|--------|---------------------|-----|-----|---------------|----------|
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |

10. Já contactou a TSF através de e-mail? [se 'não' ou 'não sabe', passe à pergunta 12]

| | |
|-----------------------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe/Não responde | |

11. Neste sentido, indique o(s) motivo(s) e a sua frequência, nos últimos 12 meses.

| Motivo | Há mais de 12 meses | 1-3 | 4-5 | Mais do que 5 | Não sabe |
|--------|---------------------|-----|-----|---------------|----------|
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |

| | meses | | | | |
|--|-------|--|--|--|--|
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |

12. A não ser para o Fórum, já contactou a TSF através de telefone? [se 'não' ou 'não sabe', passe à pergunta 14]

| | |
|-----------------------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe/Não responde | |

13. Neste sentido, indique o(s) motivo(s) e a sua frequência, nos últimos 12 meses.

| Motivo | Há mais de 12 meses | 1-3 | 4-5 | Mais do que 5 | Não sabe |
|--------|---------------------|-----|-----|---------------|----------|
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |



O presente inquérito por questionário dirige-se aos participantes que intervieram no programa *Fórum TSF*, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

| | | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|--|--|
| | | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|--|--|

14. Já alguma vez acedeu ao *site* da TSF (www.tsf.pt)? [se 'não' ou 'não sabe', passe à pergunta 17]

| | |
|-----------------------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe/Não responde | |

15. Qual é a frequência com que visita o *site* da TSF?

| | 1 vez | Mais raramente | 1 vez por mês | 1 a 3 vezes por semana | A maior parte da semana | Todos os dias | Não sabe |
|-----------------------|-------|----------------|---------------|------------------------|-------------------------|---------------|----------|
| Acéder ao <i>site</i> | | | | | | | |

16. Neste sentido, qual das seguintes atividades o ocupa mais tempo enquanto navega na página *online* da TSF?

| | |
|--|--|
| Ler notícias | |
| Ouvir a emissão em direto através do <i>site</i> | |
| Ver vídeos no <i>site</i> | |
| Ler blogues promovidos pelo <i>site</i> | |
| Partilhar notícias que estão nas redes sociais onde está a TSF | |
| Enviar notícias por e-mail | |
| Participar em concursos | |

| | |
|---|--|
| Consultar programas em <i>podcast</i> | |
| Responder a inquéritos no <i>site</i> | |
| Escrever um comentário numa notícia no <i>site</i> da TSF | |
| Comentar nas redes sociais onde está a TSF | |

17. Quando foi a primeira vez que participou no *Fórum TSF*?

18. Em termos médios, qual é a frequência com que costuma ouvir semanalmente o *Fórum TSF* em direto, de 2ª a 6ª feira?

19. Ouve a emissão do *Fórum TSF* em *podcast*, a partir do *site* da TSF? [Se 'não' ou 'não sabe', passe para a questão 21]

| | |
|-----------------------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe/Não responde | |

20. Neste sentido, quantas vezes por semana ouve, em média, o *Fórum TSF* em *podcast*?



O presente inquérito por questionário dirige-se aos participantes que intervieram no programa *Fórum TSF*, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

21. Qual é a frequência com que participa no *Fórum TSF* a partir do telefone?

| | 1 vez | Mais raramente | 1 vez por mês | 1 a 3 vezes por semana | A maior parte da semana | Todos os dias |
|----------|-------|----------------|---------------|------------------------|-------------------------|---------------|
| Telefone | | | | | | |

22. Qual é a frequência com que costuma participar no *Fórum TSF* a partir da Internet?

| | Nunca | 1 vez | Mais raramente | 1 vez por mês | 1 a 3 vezes por semana | A maior parte da semana | Todos os dias |
|---------------------------------------|-------|-------|----------------|---------------|------------------------|-------------------------|---------------|
| Comentar na página da TSF no Facebook | | | | | | | |
| Comentar no Fórum <i>online</i> | | | | | | | |

23. Quais são os temas preferidos de debate no *Fórum TSF*?

- a) _____
- b) _____

24. Por que motivo(s) pensa que a TSF abre este fórum de opinião pública?

- a) _____
- b) _____
- c) _____
- d) _____

25. Porque motivo(s) decidiu participar no *Fórum TSF*?

- a) _____
- b) _____
- c) _____

26. Tem alguma crítica ou comentário menos positivo sobre o programa *Fórum TSF*? [se 'não' ou 'não sabe', passe para a questão 28]

| | |
|-----------------------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe/Não responde | |



O presente inquérito por questionário dirige-se aos participantes que intervieram no programa *Fórum TSF*, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

27. Neste sentido, aponte esses aspetos relacionados com o *Fórum TSF*.

- a) _____
- b) _____
- c) _____

28. De 0 (nenhum) a 10 (muito), atribua um valor ao eventual impacto político e social que julga que o *Fórum TSF* pode ter.

| | |
|---|--|
| Valorização da influência política e social do <i>Fórum TSF</i> | |
|---|--|

29. Qual é o seu grau de satisfação em relação ao *Fórum TSF*?

| | |
|----------------------------------|--|
| Extremamente insatisfeito | |
| Bastante insatisfeito | |
| Insatisfeito | |
| Nem satisfeito, nem insatisfeito | |
| Satisfeito | |
| Bastante satisfeito | |
| Extremamente satisfeito | |
| Não sabe/Não responde | |

30. Já participou noutros programas de opinião pública na rádio ou televisão? [se 'não' ou 'não sabe', passe à questão 32]

| | |
|-----------------------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe/Não responde | |

31. Indique o nome desses formatos e o respetivo órgão de comunicação social.

32. Em termos genéricos, que tipo de credibilidade dá aos convidados no *Fórum TSF*?

| | |
|------------------------|--|
| Nenhuma credibilidade | |
| Pouca credibilidade | |
| Nem muita, nem pouca | |
| Alguma credibilidade | |
| Bastante credibilidade | |
| Toda a credibilidade | |
| Não sabe/Não responde | |

33. Já ouviu falar na expressão 'literacia mediática' ou 'Educação para os Média' [Se 'sim, mas não consigo dizer em que consiste', 'não' ou 'não sabe', passe para a questão 35]?



Universidade do Minho

O presente inquérito por questionário dirige-se aos participantes que intervieram no programa *Fórum TSF*, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

| | |
|---|--|
| Sim | |
| Sim, mas não consigo dizer em que consiste | |
| Não | |
| Não, mas pelas expressões posso tentar depreender o que significa | |
| Não responde | |

34. Consegue explicar em que consiste essa expressão?

35. Na sua opinião, o sentimento de crise económica e financeira pode potenciar maiores níveis de participação dos cidadãos em programas de opinião pública?

| | |
|-----------------------|--|
| Sim | |
| É indiferente | |
| Não | |
| Não sabe/Não responde | |

36. Devem os meios de comunicação social apoiar os formatos que dão voz ao cidadão?

| | |
|-----------------------|--|
| Sim | |
| É indiferente | |
| Não | |
| Não sabe/Não responde | |

37. Que sugestões daria para que a TSF pudesse melhorar, na sua opinião, o programa *Fórum TSF*?

Obrigado pela sua colaboração!

Fábio Fonseca Ribeiro

fabiofonsecaribeiro@gmail.com

PhD Student & Investigador-Colaborador

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) / Universidade do Minho

APÊNDICE 20

Calendarização da abordagem empírica ao *Opinião Pública* da SIC Notícias
março de 2012

| Domingo | 2ª-feira | 3ª-feira | 4ª-feira | 5ª-feira | 6ª-feira | Sábado |
|---------|---------------------------------|---------------------------------|----------------------------------|--------------------------------|--------------------------------|--------|
| | | | | 1 EDIÇÃO ANALISADA #1 | 2 EDIÇÃO ANALISADA #2 | 3 |
| 4 | 5 EDIÇÃO ANALISADA #3 | 6 EDIÇÃO ANALISADA #4 | 7 EDIÇÃO ANALISADA #5 | 8 EDIÇÃO ANALISADA #6 | 9 EDIÇÃO ANALISADA #7 | 10 |
| 11 | 12 EDIÇÃO ANALISADA #8 | 13 EDIÇÃO ANALISADA #9 | 14 EDIÇÃO ANALISADA #10 | 15 | 16 | 17 |
| 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 |
| 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 |

APÊNDICE 21

1 de março de 2012, programa analisado #1

I. Tema do dia

| | |
|--------------------------------------|--|
| Tema | Reforma autárquica |
| Área temática onde se inscreve | Administração pública |
| Questão colocada aos telespectadores | Faz ou não sentido reduzir o número de freguesias no país? |
| <i>Teaser</i> [do site] | Não divulgado |
| Moderador/apresentador | Marta Atalaya |

Divulgação do tema

| Plataforma | Horário |
|----------------------|---------------|
| Emissão na televisão | 17h08 |
| Site do programa | Não divulgado |
| Twitter | Não divulgado |

II. Timings do programa

| | |
|--------------------|------------|
| Início do programa | 17h08 |
| Fim do programa | 17h56 |
| Duração | 48 minutos |

Evolução do programa

| Elemento interveniente | Horário |
|-------------------------|---------|
| SIC Notícias – início | 17h08 |
| Direto com o Parlamento | 09-16 |
| SIC | 17 |

| | |
|--|-------|
| Convidado 1 | 18-22 |
| Telespectador 1 – Vitorino Augusto Reformado, 50 anos, Coimbra | 23-24 |
| Telespectador 2 – Assunção Oliveira Gestor, 54 anos, Braga | 25-27 |
| Telespectador 3 – José Júlio Comercial, 60 anos, Lisboa | 28 |
| Telespectador 4 – Paulo Rosado Cortador de carnes, 45 anos, Portalegre | 29-30 |
| Telespectador 5 – Manuel Martins Engenheiro mecânico, 58 anos, Viseu | 31-32 |
| Telespectador 6 – Jorge Cruz Relações Públicas, 58 anos, Odivelas | 33-34 |
| Convidado 1 | 35-39 |
| Telespectador 7 – Jaime Rodrigues Reformado, 61 anos, Setúbal | 40-41 |
| Telespectador 8 – António Ribeiro Reformado, 67 anos, Caldas da Rainha | 42-44 |
| Telespectador 9 – Maria Monteiro Doméstica, 50 anos, Vila Nova de Gaia | 45 |
| Telespectador 10 – Paulo Cardoso Agente PSP, 43 anos, Gondomar | 46-47 |
| Convidado 1 | 48-50 |
| Telespectador 11 – Maria Baptista Operador de Hipermercado, 45 anos, Vila Nova de Gaia | 51-52 |
| Telespectador 12 – Fortunato Preto Funcionário público, 59 anos, Miranda do Douro | 53 |

| | |
|--------------------------------|-------|
| Resultados do inquérito | 54 |
| Convidado 1 | 55 |
| SIC Notícias - Fim do programa | 17h56 |

| | Tempo no programa | Em relação ao total (%) | Tempo médio de intervenção |
|-----------------------------|-------------------|-------------------------|----------------------------|
| SIC Notícias | 10 | 20,8 | 3 |
| Participantes telefone | 24 | 50 | 2 |
| Participantes <i>online</i> | - | - | - |
| Convidado | 14 | 29,2 | 4 |
| Total | 48 | 100 | |

*aproximadamente, em minutos.

III. Modalidades da participação

Total de participantes efetivos (cujas contribuições passaram na emissão)

| | |
|--|-----------|
| Participantes pelo telefone | 12 |
| Participantes citados pelas plataformas tecnológicas | 0 |
| Total | 12 |

Participantes pelo telefone

| | |
|----------------------|----|
| Entraram no programa | 12 |
| Total de inscritos | 26 |

IV. Convidados no programa

| Convidado | Nome | De onde participa | Género | Ligação ao tema (habilitações para falar do tema) | Mote do convite (ator/observador) | Ligação ao programa (residente/esporádico) | Tempo ocupado com intervenções |
|-----------|-------------|-------------------|-----------|---|--|--|--------------------------------|
| 1 | Filipe Luís | No estúdio | Masculino | Sim | Observador (editor executivo da revista Visão) | Esporádico | 14 |

* alguns destes critérios foram inspirados nos apontamentos metodológicos presentes no projeto «Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital», instalado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade entre setembro de 2010 até setembro de 2013 e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia [FCT PTDC/CCI-JOR/099994/20089].

2 de março de 2012, programa analisado #2

I. Tema do dia

| | |
|--------------------------------------|--|
| Tema | O clássico entre Benfica e Porto |
| Área temática onde se inscreve | Desporto – futebol |
| Questão colocada aos telespectadores | Qual das duas equipas está mais forte? Em que resultado aposta? |
| <i>Teaser</i> [do site] | Não divulgado |
| Moderador/apresentador | Carla Jorge de Carvalho |

Divulgação do tema

| Plataforma | Horário |
|-------------------------|---------------|
| Emissão na televisão | 17h06 |
| <i>Site</i> do programa | Não divulgado |
| Twitter | Não divulgado |

II. Timings do programa

| | |
|--------------------|------------|
| Início do programa | 17h09 |
| Fim do programa | 17h55 |
| Duração | 46 minutos |

Evolução do programa

| Elemento interveniente | Horário |
|---|----------|
| SIC Notícias – início (diretos) | 17h09-22 |
| Convidado 1 | 23-26 |
| Telespectador 1 – Andreia Monteiro Chefe de sala, 32 anos, Matosinhos | 27 |
| Telespectador 2 – Hélder Pereira Delegado comercial, 30 anos, Gondomar | 28-29 |

| | |
|---|-------|
| Telespectador 3 – Duarte Ribeiro Reformado, 61 anos, Vila Real | 30-31 |
| SIC Notícias | 32 |
| Telespectador 4 – Sérgio Alves Professor, 38 anos, Coimbra | 33-35 |
| Telespectador 5 – João Afonso Comerciante, 45 anos, Leiria | 36-37 |
| Convidado 1 | 38-44 |
| Telespectador 6 – Amaro Liberato Reformado, 62 anos, Évora | 45-46 |
| Telespectador 7 – Abel Amorim Gerente Hoteleiro, 51 anos, Oeiras | 47 |
| Telespectador 8 – Manuel Banha Motorista, 44 anos, Baixa da Banheira | 48 |
| Telespectador 9 – Joaquim Oliveira Advogado, 58 anos, Lisboa | 49-51 |
| Telespectador 10 – Hélder Costa Operário fabril, 32 anos, Ovar | 52 |
| Convidado | 53-54 |
| SIC Notícias - Fim do programa | 55 |

| | Tempo no programa | Em relação ao total (%) | Tempo médio de intervenção |
|-----------------------------|-------------------|-------------------------|----------------------------|
| SIC Notícias | 16 | 34,78 | 5 |
| Participantes telefone | 15 | 32,61 | 2 |
| Participantes <i>online</i> | - | - | - |
| Convidado | 15 | 32,61 | 5 |
| Total | 46 | 100 | |

*aproximadamente, em minutos.

III. Modalidades da participação

Total de participantes efetivos (cujas contribuições passaram na emissão)

| | |
|--|-----------|
| Participantes pelo telefone | 10 |
| Participantes citados pelas plataformas tecnológicas | 0 |
| Total | 10 |

Participantes pelo telefone

| | |
|----------------------|----|
| Entraram no programa | 12 |
| Total de inscritos | 25 |

IV. Convidados no programa

| Convidado | Nome | De onde participa | Género | Ligação ao tema (habilitações para falar do tema) | Mote do convite (ator/observador) | Ligação ao programa (residente/esporádico) | Tempo ocupado com intervenções |
|-----------|---------------|-------------------|-----------|---|------------------------------------|--|--------------------------------|
| 1 | Costa Martins | No estúdio | Masculino | Sim | Observador (jornalista desportivo) | Esporádico | 15 |

* alguns destes critérios foram inspirados nos apontamentos metodológicos presentes no projeto «Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital», instalado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade entre setembro de 2010 até setembro de 2013 e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia [FCT PTDC/CCI-JOR/099994/20089].

5 de março de 2012, programa analisado #3

I. Tema do dia

| | |
|--------------------------------------|---|
| Tema | Polémica QREN |
| Área temática onde se inscreve | Economia |
| Questão colocada aos telespectadores | Concorda, ou não, com a partilha de poderes em relação aos fundos comunitários? Esta é a melhor forma de garantir que haja mais rigor na aplicação do dinheiro vindo de Bruxelas? Como analisa as críticas da oposição? E que comentários faz à redução de poderes do ministério da economia? |
| <i>Teaser</i> [do site] | O ministro da Economia vai mesmo perder a gestão dos fundos comunitários e terá que a partilhar com o ministro das Finanças. Pedro Passos Coelho quer mais rigor na aplicação dos dinheiros de Bruxelas, mas recusa qualquer polémica dentro do Governo. Por causa desta questão já há quem peça a demissão de Álvaro Santos Pereira. |
| Moderador/apresentador | Teresa Dimas |

| Divulgação do tema | |
|----------------------|---------------|
| Plataforma | Horário |
| Emissão na televisão | 17h07 |
| Site do programa | 15h34 |
| Twitter | Não divulgado |

II. Timings do programa

| | |
|--------------------|------------|
| Início do programa | 17h10 |
| Fim do programa | 17h54 |
| Duração | 45 minutos |

| Evolução do programa | |
|---|----------|
| Elemento interveniente | Horário |
| SIC Notícias – início | 17h10-14 |
| Reportagem | |
| Convidado 1 | 15-19 |
| Telespectador 1 – Ana Santos Desempregada, 25 anos, Porto | 20-21 |
| Telespectador 2 – Carlos Pereira Desempregado, 58 anos, Barreiro | 22-25 |
| Telespectador 3 – Eurico Varela Reformado, 62 anos, Coimbra | 26-27 |
| Telespectador 4 – Luís Ribeiro Economista, 51 anos, Porto | 28-29 |
| Telespectador 5 – José Avelino Bancário, 55 anos, Santarém | 30-31 |
| Telespectador 6 – Maria João Castro Professora, 46 anos, Porto | 32-33 |
| Telespectador 7 – Custódia Magalhães Jurista, 40 anos, Cabeceiras de Basto | 34-35 |
| Telespectador 8 – Maria Silva Reformada, 58 anos, Lisboa | 36-37 |
| Convidado | 38-45 |
| Telespectador 9 – Susana Gomes Jurista, 36 anos, Vila Nova de Gaia | 46 |
| Telespectador 10 – Raúl Ferreira | 47-49 |

| | |
|---|-------|
| Gráfico, 55 anos, Porto | |
| Telespectador 11 – Maria João Luís Brandão Consultor, 58 anos, Foz do Arelho | 50-51 |
| Telespectador 12 – Helena Abrantes Secretária de Marketing, 60 anos, Alcabideche | 52-53 |
| Convidado | 54 |
| SIC Notícias - Fim do programa | 17h55 |

Estatísticas do site
[desde o momento da divulgação até ao final do programa]

| | |
|-------------------------|---|
| Partilhas no Twitter | 0 |
| <i>Like</i> no Facebook | 1 |
| Partilhas no Google + | 0 |
| Recomendar | 0 |
| Comentadores | 0 |

| | Tempo no programa | Em relação ao total (%) | Tempo médio de intervenção |
|------------------------------------|-------------------|-------------------------|----------------------------|
| SIC Notícias | 5 | 11,11 | 3 |
| Participantes telefone | 26 | 57,78 | 2 |
| Participantes <i>online</i> | - | - | - |
| Convidado | 14 | 31,11 | 5 |
| Total | 45 | 100 | |

*aproximadamente, em minutos.

III. Modalidades da participação

Total de participantes efetivos (cujas contribuições passaram na emissão)

| | |
|--|-----------|
| Participantes pelo telefone | 12 |
| Participantes citados pelas plataformas tecnológicas | 0 |
| Total | 12 |

Participantes pelo telefone

| | |
|----------------------|----|
| Entraram no programa | 12 |
| Total de inscritos | 22 |

IV. Convidados no programa

| Convidado | Nome | De onde participa | Género | Ligação ao tema (habilitações para falar do tema) | Mote do convite (ator/observador) | Ligação ao programa (residente/esporádico) | Tempo ocupado com intervenções |
|-----------|---------------------|-------------------|-----------|---|---------------------------------------|--|--------------------------------|
| 1 | António Costa Pinto | No estúdio | Masculino | Sim | Observador (político, comentador SIC) | Residente | 14 |

* alguns destes critérios foram inspirados nos apontamentos metodológicos presentes no projeto «Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital», instalado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade entre setembro de 2010 até setembro de 2013 e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia [FCT PTDC/CCI-JOR/099994/20089].

6 de março de 2012, programa analisado #4

I. Tema do dia

| | |
|--------------------------------------|--|
| Tema | Dificuldades na obtenção de crédito |
| Área temática onde se inscreve | Economia |
| Questão colocada aos telespectadores | Compreende as razões da redução dos financiamentos a particulares? Teve dificuldades na obtenção de algum empréstimo recentemente? Como se justifica que as empresas absorvam quase 90% do crédito concedido? E é, ou não, este o melhor caminho para controlar o crédito mal parado? |
| <i>Teaser</i> [do site] | É cada vez mais complicado aceder ao crédito bancário. Segundo os números revelados pelo Banco de Portugal, foi atingido um novo mínimo no financiamento às famílias. Só no crédito à habitação a quebra, em janeiro deste ano, é de quase 75%. No Opinião Pública desta tarde analisamos a quebra na concessão de créditos às famílias. |
| Moderador/apresentador | Teresa Dimas |

II. *Timings* do programa

| | |
|--------------------|------------|
| Início do programa | 17h10 |
| Fim do programa | 17h57 |
| Duração | 48 minutos |

Evolução do programa

| Elemento interveniente | Horário |
|--|----------|
| SIC Notícias – início Reportagem | 17h10-12 |
| Convidado 1 | 13-15 |
| Convidado 2 | 16-19 |
| Telespectador 1 – Serafim Marques Reformado, 62 anos, Lisboa | 20-24 |
| Telespectador 2 – Rui Ferreira Funcionário público, 50 anos, Leiria | 25-27 |
| Telespectador 3 – Carlos Martins Vendedor, 50 anos, Santarém | 28-29 |
| Telespectador 4 – Manuel Alves Economista, 62 anos, Figueira da Foz | 30-32 |
| Telespectador 5 – Ângelo Abel Médico, 31 anos, Lisboa | 33-35 |
| Convidado 1 | 36-42 |
| Convidado 2 | 43-45 |
| Telespectador 6 – Margarida Correia Professora, 53 anos, Algueirão | 46-49 |
| Telespectador 7 – Mário Costa Polícia, 48 anos, Coimbra | 50-51 |
| Telespectador 8 – António Januário Consultor, 38 anos, Linda-a-Velha | 52-53 |
| Convidado 1 | 54-55 |

Divulgação do tema

| Plataforma | Horário |
|-------------------------|---------|
| Emissão na televisão | 17h07 |
| <i>Site</i> do programa | 16h05 |
| Twitter | 16h15 |

| | |
|--------------------------------|-------|
| Convidado 2 | 56 |
| SIC Notícias - Fim do programa | 17h57 |

| | |
|------------|--------------------------------|
| Recomendar | 0 |
| Comentar | 1 (João Tilly, Comentário OCS) |

| | Tempo no programa | Em relação ao total (%) | Tempo médio de intervenção |
|-----------------------------|-------------------|-------------------------|----------------------------|
| SIC Notícias | 4 | 8,33 | 2 |
| Participantes telefone | 25 | 52,08 | 3 |
| Participantes <i>online</i> | - | - | - |
| Convidados | 19 | 39,58 | 3 |
| Total | 48 | 100 | |

*aproximadamente, em minutos.

III. Modalidades da participação

Total de participantes efectivos (cujas contribuições passaram na emissão)

| | |
|--|----------|
| Participantes pelo telefone | 8 |
| Participantes citados pelas plataformas tecnológicas | 0 |
| Total | 8 |

Participantes pelo telefone

| | |
|------------------------------------|----|
| Entraram no programa efectivamente | 8 |
| Total de inscritos | 21 |

Estatísticas do site

[desde o momento da divulgação até ao final do programa]

| | |
|-------------------------|---|
| Partilhas no Twitter | 0 |
| <i>Like</i> no Facebook | 0 |
| Partilhas no Google + | 0 |

IV. Convidados no programa

| Convidado | Nome | De onde participa | Género | Ligação ao tema (habilitações para falar do tema) | Mote do convite (ator/observador) | Ligação ao programa (residente/esporádico) | Tempo ocupado com intervenções |
|-----------|---------------|------------------------|-----------|---|---|--|--------------------------------|
| 1 | Dinis Fraga | Estúdio SIC Matosinhos | Masculino | Sim | Actor (Associação dos profissionais e empresas de mediação imobiliária) | Esporádico | 12 |
| 2 | Nátalia Nunes | Estúdio SIC Carnaxide | Feminino | Sim | Actor (Gabinete de Apoio ao Sobreendividado da DECO) | Esporádico | 7 |

* alguns destes critérios foram inspirados nos apontamentos metodológicos presentes no projeto «Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital», instalado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade entre setembro de 2010 até setembro de 2013 e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia [FCT PTDC/CCI-JOR/099994/20089].

7 de março de 2012, programa analisado #5

I. Tema do dia

| | |
|--------------------------------------|---|
| Tema | O debate quinzenal |
| Área temática onde se inscreve | Política/Economia |
| Questão colocada aos telespectadores | Queremos saber se as declarações do Primeiro-Ministro sobre o QREN foram esclarecedoras? Que balanço faz entre a discussão entre o Governo e os partidos políticos? |
| Teaser [do site] | Não divulgado |
| Moderador/apresentador | Teresa Dimas |

Divulgação do tema

| Plataforma | Horário |
|----------------------|---------------|
| Emissão na televisão | 17h05 |
| Site do programa | Não divulgado |
| Twitter | Não divulgado |

II. Timings do programa

| | |
|--------------------|------------|
| Início do programa | 17h09 |
| Fim do programa | 17h56 |
| Duração | 47 minutos |

Evolução do programa

| Elemento interveniente | Horário |
|--|---------|
| SIC Notícias – início | 17h09 |
| Convidado 1 | 10-18 |
| Telespectador 1 – Filomena Graça Comerciante, 57 anos, Odivelas | 19 |
| Telespectador 2 – Jaime Santos Administrativo, 49 anos, Carcavelos | 20-21 |
| Telespectador 3 – Eduardo Silva Diretor Comercial, 36 anos, Porto | 22-25 |
| Telespectador 4 – Fernando de Sousa Enfermeiro, 42 anos, Lisboa | 26-27 |
| Telespectador 5 – Fernando Brazão Reformado, 72 anos, Albufeira | 28-30 |
| Telespectador 6 – Rui Ferreira Funcionário público, 50 anos, Leiria | 31-33 |
| Telespectador 7 – José Júlio Comercial, 60 anos, Lisboa | 34-37 |
| Telespectador 8 – Margarida Martins Reformada, 59 anos, Lisboa | 38-40 |
| Convidado | 41-47 |
| Telespectador 9 – Paulo Cardoso Agente PSP, 43 anos, Gondomar | 48-49 |
| Telespectador 10 – Fernando Pereira Padeiro, 57 anos, Nazaré | 50-51 |

| | |
|--|-------|
| Telespectador 11 – Rogério Brites Diretor Comercial, 61 anos, Vila Nova de Gaia | 52-53 |
| Convidado | 54-55 |
| SIC Notícias - Fim do programa | 17h56 |

| | Tempo no programa | Em relação ao total (%) | Tempo médio de intervenção |
|-----------------------------|-------------------|-------------------------|----------------------------|
| SIC Notícias | 10 | 21,28 | 5 |
| Participantes telefone | 20 | 42,55 | 2 |
| Participantes <i>online</i> | - | - | - |
| Convidado | 17 | 36,17 | 6 |
| Total | 47 | 100 | |

*aproximadamente, em minutos.

III. Modalidades da participação

Total de participantes efetivos (cujas contribuições passaram na emissão)

| | |
|--|-----------|
| Participantes pelo telefone | 11 |
| Participantes citados pelas plataformas tecnológicas | 0 |
| Total | 11 |

Participantes pelo telefone

| | |
|----------------------|----|
| Entraram no programa | 11 |
| Total de inscritos | 23 |

IV. Convidados no programa

| Convidado | Nome | De onde participa | Género | Ligação ao tema (habilitações para falar do tema) | Mote do convite (ator/observador) | Ligação ao programa (residente/esporádico) | Tempo ocupado com intervenções |
|-----------|-------------|-----------------------|-----------|---|--|--|--------------------------------|
| 1 | David Dinis | Estúdio SIC Carnaxide | Masculino | Sim | Observador (editor de política do semanário SOL) | Esporádica | 17 |

* alguns destes critérios foram inspirados nos apontamentos metodológicos presentes no projeto «Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital», instalado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade entre setembro de 2010 até setembro de 2013 e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia [FCT PTDC/CCI-JOR/099994/20089].

8 de março de 2012, programa analisado #6

I. Tema do dia

| | |
|--------------------------------------|---|
| Tema | Cortes nos salários na Função Pública? |
| Área temática onde se inscreve | Administração pública |
| Questão colocada aos telespectadores | Como analisa as recentes informações sobre os ajustes orçamentais no setor do Estado? Faz sentido às exceções aos cortes salariais? |
| Moderador/apresentador | Teresa Dimas |

Divulgação do tema

| Plataforma | Horário |
|----------------------|---------------|
| Emissão na televisão | 17h10 |
| Site do programa | Não divulgado |
| Twitter | Não divulgado |

II. Timings do programa

| | |
|--------------------|------------|
| Início do programa | 17h12 |
| Fim do programa | 17h57 |
| Duração | 45 minutos |

Evolução do programa

| Elemento interveniente | Horário |
|--|---------|
| SIC Notícias – início | 17h12 |
| Reportagem | 13-14 |
| SIC Notícias | 15 |
| Convidado | 16-24 |
| Telespectador 1 - Armando Melo Reformado, 58 anos, Porto | 26-27 |

| | |
|---|-------|
| Telespectador 2 – Paulo Rosado Talhante, 45 anos, Portalegre | 28-30 |
| Telespectador 3 – Rita Rodrigues Enfermeira, 56 anos, Lisboa | 31 |
| Telespectador 4 – Jaime Rodrigues Reformado, 61 anos, Setúbal | 32-33 |
| Telespectador 5 - Carlos do Carmo Técnico de Manutenção de Aeronaves TAP, 41 anos, Mafra | 34-36 |
| Convidado | 37-44 |
| Telespectador 6 – Mark Pedro Operador de Câmara da RTP, 38 anos, Sintra | 45-47 |
| Telespectador 7 – Alexandre Morais Administrativo, 25 anos, Porto | 48-49 |
| Telespectador 8 – Gonçalo Gonçalves Técnico de Manutenção de Aeronaves, 28 anos, Alenquer | 50-52 |
| Telespectador 9 – Rui Silva Desenhador gráfico, 45 anos, Carnaxide | 53-54 |
| Convidado | 55-56 |
| SIC Notícias - Fim do programa | 17h57 |

| | Tempo no programa | Em relação ao total (%) | Tempo médio de intervenção |
|-----------------------------|-------------------|-------------------------|----------------------------|
| SIC Notícias | 5 | 11,11 | 1 |
| Participantes telefone | 21 | 46,67 | 2 |
| Participantes <i>online</i> | - | - | - |
| Convidado | 19 | 42,22 | 6 |
| Total | 45 | 100 | |

*aproximadamente, em minutos.

III. Modalidades da participação

Total de participantes efetivos (cujas contribuições passaram na emissão)

| | |
|--|----------|
| Participantes pelo telefone | 9 |
| Participantes citados pelas plataformas tecnológicas | 0 |
| Total | 9 |

Participantes pelo telefone

| | |
|----------------------|----|
| Entraram no programa | 9 |
| Total de inscritos | 20 |

IV. Convidados no programa

| Convidado | Nome | De onde participa | Género | Ligação ao tema (habilitações para falar do tema) | Mote do convite (ator/observador) | Ligação ao programa (residente/esporádico) | Tempo ocupado com intervenções |
|-----------|---------------|-------------------------|-----------|---|---|--|--------------------------------|
| 1 | Miguel Beleza | No estúdio em Carnaxide | Masculino | Sim | Observador (Economista, ex-ministro das Finanças) | Esporádico | 19 |

* alguns destes critérios foram inspirados nos apontamentos metodológicos presentes no projeto «Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital», instalado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade entre setembro de 2010 até setembro de 2013 e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia [FCT PTDC/CCI-JOR/099994/20089].

9 de março de 2012, programa analisado #7

I. Tema do dia

| | |
|--------------------------------------|---|
| Tema | Um ano de mandato |
| Área temática onde se inscreve | Política |
| Questão colocada aos telespectadores | São, ou não, exageradas as acusações feitas por Cavaco ao ex- primeiro ministro? Compreende o <i>timing</i> escolhido para que estas críticas viessem a público? Que análise faz da forma como o presidente tem conduzido o mandato? E quais os principais desafios que o chefe de Estado terá de enfrentar nos próximos tempos ? |
| Teaser [do site] | Cavaco Silva acusa José Sócrates de falta de lealdade e humildade política. O presidente da república diz que o ex-Primeiro Ministro dissimulou informação sobre a situação da crise nos últimos meses em que liderou o Governo. As declarações de Cavaco constam do prefácio do livro <i>Roteiros VI</i> , que vai ser publicado hoje, dia em que se assinala um ano sobre a tomada de posse do Presidente. No Opinião Pública desta tarde analisamos a polémica em torno das declarações de Cavaco Silva sobre José Sócrates, e fazemos o balanço do mandato do presidente. |
| Moderador/apresentador | Miguel Ribeiro |

| Divulgação do tema | |
|----------------------|---------|
| Plataforma | Horário |
| Emissão na televisão | 17h05 |

| | |
|------------------|---------------|
| Site do programa | 15h10 |
| Twitter | Não divulgado |

II. Timings do programa

| | |
|--------------------|------------|
| Início do programa | 17h08 |
| Fim do programa | 17h56 |
| Duração | 48 minutos |

| Evolução do programa | |
|--|---------|
| Elemento interveniente | Horário |
| SIC Noticias – início | 17h08 |
| Declarações de ex-ministro (peça) | 9-10 |
| Reportagem | 11-13 |
| SIC Noticias | 14-15 |
| Convidado 1 | 16-22 |
| Telespectador 1 – Rui de Carvalho Agente da PSP, 38 anos, Lisboa | 23-25 |
| Telespectador 2 – José Fernandes Reformado, 60 anos, Lisboa | 26-27 |
| Telespectador 3 – Maria Oliveira Explicadora, 59 anos, Miratejo | 28-32 |
| Telespectador 4 – Jorge Cruz Relações Públicas, 58 anos, Odivelas | 33-38 |
| Convidado 1 | 39-46 |
| Participantes via e-mail: 1. António Braz 2. Mileno Gabriel | 47 |
| Telespectador 5 – Ana Silva Empresária, 45 anos, Porto | 48-50 |
| Telespectador 6 – Manuel Domingos | 51-52 |

| | |
|--|-------|
| GNR, 41 anos, Faro | |
| Telespectador 7 – Patrícia Wagner Hospedeira, 40 anos, Lisboa | 53 |
| Telespectador 8 – Miguel Fonseca Professor, 55 anos, Caniço | 54-55 |
| SIC Notícias - Fim do programa | 17h56 |

| | |
|---|---|
| Total de comentários (ambos através do registo próprio na página) João Noro Maria Esteves | 2 |
|---|---|

| | Tempo no programa | Em relação ao total (%) | Tempo médio de intervenção |
|------------------------------------|-------------------|-------------------------|----------------------------|
| SIC Notícias | 9 | 18,75 | 2 |
| Participantes telefone | 23 | 47,92 | 3 |
| Participantes <i>online</i> | 1 | 2,08 | 1 |
| Convidado | 15 | 31,25 | 8 |
| Total | 48 | 100 | |

*aproximadamente, em minutos.

Estatísticas do site
[desde o momento da divulgação até ao final do programa]

| | |
|-------------------------|---|
| Partilhas no Twitter | 0 |
| <i>Like</i> no Facebook | 0 |
| Partilhas no Google + | 0 |
| Recomendar | 0 |
| Comentadores | 2 |

III. Modalidades da participação

Total de participantes efetivos (cujas contribuições passaram na emissão)

| | |
|--|-----------|
| Participantes pelo telefone | 8 |
| Participantes citados pelas plataformas tecnológicas | 2 |
| Total | 10 |

Participantes pelo telefone

| | |
|----------------------|----|
| Entraram no programa | 10 |
| Total de inscritos | 20 |

Participantes no *site*

| | |
|---------------------|---|
| Citados no programa | 0 |
|---------------------|---|

IV. Convidados no programa

| Convidado | Nome | De onde participa | Género | Ligação ao tema (habilitações para falar do tema) | Mote do convite (ator/observador) | Ligação ao programa (residente/esporádico) | Tempo |
|-----------|-------------|-------------------------|-----------|---|--|--|-------|
| 1 | Filipe Luís | No estúdio em Carnaxide | Masculino | Sim | Observador (editor executivo da revista Visão) | Esporádico | 15 |

* alguns destes critérios foram inspirados nos apontamentos metodológicos presentes no projeto «Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital», instalado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade entre setembro de 2010 até setembro de 2013 e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia [FCT PTDC/CCI-JOR/099994/20089].

12 de março de 2012, programa analisado #8

I. Tema do dia

| | |
|--------------------------------------|--|
| Tema | Polémica Lusoponte |
| Área temática onde se inscreve | Política/Economia - atuação do Governo |
| Questão colocada aos telespectadores | O Governo já deveria ter exigido, há mais tempo, a devolução com juros, do montante recebido indevidamente pela empresa? Que imagem dá este caso da forma como são geridos os dinheiros públicos? Como analisa o mau estar entre o Executivo e a Estradas de Portugal? E o que deve ser acautelado na renegociação dos novos contratos? |
| Teaser [do site] | O Governo quer que a Lusoponte devolva o valor das portagens de agosto na ponte 25 de abril e com juros. Um engano do Executivo fez com que a empresa recebesse o valor duas vezes. A Lusoponte recebeu o montante referente às portagens de agosto e ainda uma compensação de 4.4 milhões de euros. Neste momento o Governo e a empresa estão a negociar um novo contrato de concessão das pontes sobre o Tejo. |
| Moderador/apresentador | Marisa Caetano Antunes |

| Divulgação do tema | |
|----------------------|---------|
| Plataforma | Horário |
| Emissão na televisão | 17h05 |
| Site do programa | 15h17 |
| Twitter | 15h42 |

II. Timings do programa

| | |
|--------------------|------------|
| Início do programa | 17h08 |
| Fim do programa | 17h55 |
| Duração | 47 minutos |

| Evolução do programa | |
|--|---------|
| Elemento interveniente | Horário |
| SIC Notícias – início | 17h08 |
| Reportagem | 09-10 |
| Convidado 1 | 11-14 |
| Telespectador 1 – Franquelim Ferreira Advogado, 40 anos, Porto | 15 |
| Telespectador 2 – Rute Silva Professora, 38 anos, Almada | 16 |
| Telespectador 3 – Rui Ferreira Funcionário público, 50 anos, Leiria | 17 |
| Convidado 1 | 18-24 |
| Telespectador 4 – Duarte Silva Reformado, 64 anos, Carcavelos | 25-27 |
| Telespectador 5 – José Júlio Comercial, 60 anos, Lisboa | 28-29 |
| Telespectador 6 – Mário Santos Funcionário público, 37 anos, Alcochete | 30-31 |
| Telespectador 7 – Aurélia Morais Reformada, 61 anos, Lisboa | 32 |
| Telespectador 8 – Armando Santos Mecânico, 43 anos, Alcobaça | 33 |
| Convidado 1 | 34-38 |
| Participantes via e-mail: 1. José Lopes | 39 |

| | |
|---|-------|
| Telespectador 9 – Deolinda Florêncio Enfermeira, 62 anos, Aveiro | 40-41 |
| Telespectador 10 – Clárisse Teixeira Reformada, 64 anos, Póvoa de Santa Iria | 42-45 |
| Telespectador 11 – Ruben Silva Desempregado, 26 anos, Almada | 46 |
| Telespectador 12 – Pedro Pardal Professor, 63 anos, São João da Madeira | 47 |
| Telespectador 13 – Rómulo Amorim Reformado, 62 anos, Queluz | 48 |
| Telespectador 14 – Jorge Antunes Comercial, 56 anos, Cascais | 49-50 |
| Convidado 1 | 51-54 |
| SIC Notícias - Fim do programa | 17h55 |

| | Tempo no programa | Em relação ao total (%) | Tempo médio de intervenção |
|-----------------------------|-------------------|-------------------------|----------------------------|
| SIC Notícias | 4 | 8,51 | 1 |
| Participantes telefone | 22 | 46,81 | 2 |
| Participantes <i>online</i> | 1 | 2,13 | 1 |
| Convidado | 20 | 42,55 | 5 |
| Total | 47 | 100 | |

*aproximadamente, em minutos.

III. Modalidades da participação

Total de participantes efetivos (cujas contribuições passaram na emissão)

| | |
|--|-----------|
| Participantes pelo telefone | 14 |
| Participantes citados pelas plataformas tecnológicas | 1 |
| Total | 15 |

Participantes pelo telefone

| | |
|----------------------|----|
| Entraram no programa | 15 |
| Total de inscritos | 23 |

Participantes no *site*

| | |
|---------------------|---|
| Citados no programa | 0 |
| Comentadores | 0 |

Estatísticas do site

[desde o momento da divulgação até ao final do programa]

| | |
|-------------------------|---|
| Partilhas no Twitter | 0 |
| <i>Like</i> no Facebook | 0 |
| Partilhas no Google + | 0 |
| Recomendar | 0 |
| Comentadores | 0 |

IV. Convidados no programa

| Convidado | Nome | De onde participa | Género | Ligação ao tema (habilitações para falar do tema) | Mote do convite (ator/observador) | Ligação ao programa (residente/esporádico) | Tempo ocupado com intervenções |
|-----------|-----------------------|-------------------------|-----------|---|---|--|--------------------------------|
| 1 | Jorge Paulino Pereira | No estúdio em Carnaxide | Masculino | Sim | Observador (Professor IST, especialista em vias de comunicação) | Esporádico | 20 |

* alguns destes critérios foram inspirados nos apontamentos metodológicos presentes no projeto «Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital», instalado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade entre setembro de 2010 até setembro de 2013 e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia [FCT PTDC/CCI-JOR/099994/20089].

13 de março de 2012, programa analisado #9

I. Tema do dia

| | |
|--------------------------------------|--|
| Tema | Política energética |
| Área temática onde se inscreve | Política/Economia - atuação do Governo |
| Questão colocada aos telespectadores | Queremos saber como vê esta demissão do Secretário de Estado da Energia? Como se explica que o Estado pague rendas em excesso à EDP? Que consequências têm estes benefícios ao setor energético na economia nacional? E o que é preciso mudar na política de energia do país? |
| <i>Teaser</i> [do site] | Artur Trindade é o novo Secretário de Estado da Energia. A nomeação ocorre na sequência da demissão de Henrique Gomes, que não resistiu a um braço de ferro com a EDP. O, agora, ex-secretário de Estado queria cortar nos lucros excessivos da elétrica nacional, mas não obteve apoio por parte do Governo. No Opinião Pública desta tarde analisamos a política energética em Portugal. |
| Moderador/apresentador | Marisa Caetano Antunes |

| Divulgação do tema | |
|----------------------|---------|
| Plataforma | Horário |
| Emissão na televisão | 17h06 |
| Site do programa | 15h20 |
| Twitter | 15h27 |

II. Timings do programa

| | |
|--------------------|-------|
| Início do programa | 17h08 |
|--------------------|-------|

| | |
|-----------------|------------|
| Fim do programa | 17h56 |
| Duração | 48 minutos |

| Evolução do programa | |
|---|---------|
| Elemento interveniente | Horário |
| SIC Notícias – início | 17h08 |
| Reportagem | 09-13 |
| Convidado 1 | 14-16 |
| Telespectador 1 – José Coelho Engenheiro eletrotécnico, 60 anos, Castelo Branco | 17-21 |
| Telespectador 2 – Carlos Martins Vendedor, 50 anos, Santarém | 22-23 |
| Telespectador 3 – Joaquim Oliveira Advogado, 58 anos, Lisboa | 24-26 |
| Telespectador 4 – Virgílio Oliveira Gestor, 55 anos, Braga | 27-29 |
| Telespectador 5 – Mavíldia Yen Engenheira geóloga, 44 anos, Almada | 30-31 |
| Telespectador 6 – Francisco Correia Assistente Operacional, 46 anos, Porto | 32-33 |
| Telespectador 7 – João Gomes Empresário, 50 anos, Abrantes | 34 |
| Convidado 1 | 35-39 |
| Participantes via <i>e-mail</i> 1. Hercília Oliveira 2. Jorge Jerónimo 3. Ricardo Varandas | 40-41 |
| Telespectador 8 – Luís Maia Professor universitário, 40 anos, Covilhã | 42-45 |
| Convidado 1 | 46-49 |
| Telespectador 9 – Paulo Silva | 50-51 |

| | |
|---|-------|
| Desempregado, 35 anos, Aveiro | |
| Convidado 1 | 52 |
| Telespectador 10 – Mário Rosário Desempregado, 64 anos, Esposende | 53 |
| Telespectador 11 – Rui Ferreira Funcionário público, 50 anos, Leiria | 54 |
| Convidado | 55 |
| SIC Notícias - Fim do programa | 17h56 |

Participantes no *site*

| | |
|---------------------|---|
| Citados no programa | 0 |
| Comentadores | 0 |

Estatísticas do site

[desde o momento da divulgação até ao final do programa]

| | |
|-------------------------|---|
| Partilhas no Twitter | 0 |
| <i>Like</i> no Facebook | 0 |
| Partilhas no Google + | 0 |
| Recomendar | 0 |
| Comentadores | 0 |

| | Tempo no programa | Em relação ao total (%) | Tempo médio de intervenção |
|------------------------------------|-------------------|-------------------------|----------------------------|
| SIC Notícias | 7 | 14,58 | 2 |
| Participantes telefone | 25 | 52,08 | 2 |
| Participantes <i>online</i> | 2 | 4,17 | 2 |
| Convidado | 14 | 29,17 | 3 |
| Total | 48 | 100 | |

*aproximadamente, em minutos.

III. Modalidades da participação

Total de participantes efetivos (cujas contribuições passaram na emissão)

| | |
|--|-----------|
| Participantes pelo telefone | 11 |
| Participantes citados pelas plataformas tecnológicas | 3 |
| Total | 14 |

Participantes pelo telefone

| | |
|----------------------|----|
| Entraram no programa | 14 |
| Total de inscritos | 25 |

IV. Convidados no programa

| Convidado | Nome | De onde participa | Género | Ligação ao tema (habilitações para falar do tema) | Mote do convite (ator/observador) | Ligação ao programa (residente/espórádico) | Tempo ocupado com intervenções |
|-----------|------------------------------|-------------------------|-----------|---|--|--|--------------------------------|
| 1 | Agostinho Pereira de Miranda | No estúdio em Carnaxide | Masculino | Sim | Observador (advogado/especialista em questões energéticas) | Esporádico | 14 |

* alguns destes critérios foram inspirados nos apontamentos metodológicos presentes no projeto «Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital», instalado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade entre setembro de 2010 até setembro de 2013 e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia [FCT PTDC/CCI-JOR/099994/20089].

14 de março de 2012, programa analisado #10

I. Tema do dia

| | |
|--------------------------------------|--|
| Tema | Alargamento das ligas de futebol |
| Área temática onde se inscreve | Desporto – futebol |
| Questão colocada aos telespectadores | No Opinião Pública desta tarde analisamos o alargamento das ligas de futebol. Como analisa a proposta da Liga de Clubes? Faz, ou não, sentido alterar as regras a meio do campeonato? A existência de 18 equipas na Primeira Liga tornaria a prova mais competitiva? E que posição espera da Federação Portuguesa de Futebol em relação a esta polémica? |
| Teaser [do site] | Os clubes profissionais aprovaram o alargamento na Primeira e na Segunda Liga. Na Primeira a ideia é passar de 16 para 18 equipas. Assim na prática, no final desta época, ninguém desceria de divisão. A proposta está a causar polémica. Sporting, Nacional da Madeira e Futebol Clube do Porto estão contra, e afirmam mesmo que esta é uma decisão ilegal. A Federação Portuguesa de Futebol tem agora a última palavra em relação a este alargamento. |
| Moderador/apresentador | Miguel Ribeiro |

| Divulgação do tema | |
|----------------------|---------|
| Plataforma | Horário |
| Emissão na televisão | 17h09 |

| | |
|------------------|-------|
| Site do programa | 15h14 |
| Twitter | 15h27 |

II. Timings do programa

| | |
|--------------------|---|
| Início do programa | 17h11 |
| Fim do programa | 17h55 |
| Duração | 44 minutos (39 minutos efetivos, 4 de interrupção por diretos inesperados) |

| Evolução do programa | |
|--|---------|
| Elemento interveniente | Horário |
| SIC Notícias – início | 17h11 |
| Notícia | 12-13 |
| SIC Notícias | 14 |
| Convidado 1 | 15-21 |
| Telespectador 1 – José Marçal Empresário, 58 anos, Amadora | 22 |
| Telespectador 2 – José Fernandes Delegado de informação médica, 60 anos, Lisboa | 23-25 |
| Telespectador 3 – Luis Silva Reformado, 65 anos, Sacavém | 26-30 |
| Telespectador 4 – José Ramos Operador de hipermercado, 44 anos, Braga | 31-33 |
| Telespectador 5 – Vitor Manuel Técnico Industrial, 52 anos, Figueira da Foz | 34-35 |
| Interrupção – ligação em direto a acontecimento de última hora | 36-37 |

| | |
|--|-------|
| Telespectador 5 – Vítor Manuel Técnico Industrial, 52 anos, Figueira da Foz | 38-39 |
| Interrupção – ligação em direto a acontecimento de última hora | 40-42 |
| Telespectador 5 – Vítor Manuel Técnico Industrial, 52 anos, Figueira da Foz | 43-44 |
| Telespectador 6 – Filipe Rodrigues Funcionário público, 42 anos, Braga | 45-49 |
| Convidado 1 | 50-54 |
| SIC Notícias - Fim do programa | 17h55 |

| | Tempo no programa | Em relação ao total (%) | Tempo médio de intervenção |
|-----------------------------|-------------------|-------------------------|----------------------------|
| SIC Notícias | 5 | 12,82 | 1 |
| Participantes telefone | 21 | 53,85 | 4 |
| Participantes <i>online</i> | - | - | - |
| Convidado | 13 | 33,33 | 7 |
| Total | 39* | 100 | |

*aproximadamente, em minutos.

*A interrupção em direto de 5 minutos conduziu a este desfasamento.

Participantes pelo telefone

| | |
|----------------------|----|
| Entraram no programa | 6 |
| Total de inscritos | 17 |

Participantes no *site*

| | |
|---|---|
| Citados no programa | 0 |
| Comentadores João Nuno Saraiva (OCS) | 1 |

Estatísticas do site

[desde o momento da divulgação até ao final do programa]

| | |
|-------------------------|---|
| Partilhas no Twitter | 0 |
| <i>Like</i> no Facebook | 0 |
| Partilhas no Google + | 0 |
| Recomendar | 0 |
| Comentadores | 1 |

III. Modalidades da participação

Total de participantes efetivos (cujas contribuições passaram na emissão)

| | |
|--|----------|
| Participantes pelo telefone | 6 |
| Participantes citados pelas plataformas tecnológicas | 0 |
| Total | 6 |

IV. Convidados no programa

| Convidado | Nome | De onde participa | Género | Ligação ao tema (habilitações para falar do tema) | Mote do convite (ator/observador) | Ligação ao programa (residente/esporádico) | Tempo ocupado com as intervenções |
|-----------|-------------|-------------------------|-----------|---|--|--|-----------------------------------|
| 1 | João Rosado | No estúdio em Carnaxide | Masculino | Sim | Observador (Comentador de desporto da SIC) | Residente | 13 |

* alguns destes critérios foram inspirados nos apontamentos metodológicos presentes no projeto «Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da esfera pública digital», instalado no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade entre setembro de 2010 até setembro de 2013 e apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia [FCT PTDC/CCI-JOR/099994/20089].

Notas finais - descrição das operações de cálculo

Contagem dos blocos de tempo – tal como já foi sumariamente referido, a contagem da intervenção de cada elemento (moderador – assinalado como TSF; participante-ouvinte; convidado e participante *online*) procura apenas conferir uma ideia aproximada do tempo ocupado por estes agentes ao longo das emissões. Daí que não exista propriamente uma contagem exaustiva e minuciosa, em termos da contabilização da intervenção individual em precisos segundos. Julgámos, por isso, proceder a uma análise que se debruça fundamentalmente na constatação de blocos de protagonismo de cada agente. Como é do timbre de qualquer formato de debate, as vozes dos diversos elementos pode cruzar-se a uma dado momento, sobretudo a do moderador que exerce a função de *pivot* entre todas as instâncias participativas. Deste modo, seguindo uma lógica simplista, optou-se por analisar as balizas temporais em que a intervenção de cada ator participativo ocupou a antena da rádio.

Tempo no programa em cada um dos agentes intervenientes – calculado em termos dos referidos blocos de intervenção, explicitados no último apontamento, retrata os minutos aproximados em que a participação de cada interveniente ocorreu.

Tempo no programa em relação ao total (%) – distribuição percentual que reflete sobre a presença de cada agente interventivo em relação ao total de minutos no programa. $\text{Tempo do agente} \times 100 / \text{tempo total do programa}$. Este critério procura dar amplitude a uma das motivações que orientam o presente estudo, de compreender onde reside a maior e menor presença dos participantes durante o período de observação.

Tempo médio de intervenção (em minutos) – tem como base descrever a forma como, na referida emissão, a contagem da participação de cada um dos elementos participativos em termos médios, tendo em conta o total de elementos da mesma categoria e os blocos de intervenção dedicados pelo moderador a cada um. (Exemplo: total dos minutos ocupados pelos participantes-ouvintes/número de participantes-ouvintes que intervieram naquela emissão; total dos minutos ocupados pela TSF/número de blocos em que interveio; total dos minutos ocupados pelos participantes *online* citados pela rádio/número de blocos em que o moderador se dedicou a citar estes comentários; total dos minutos ocupados pelos convidados/número de convidados intervenientes)

Comentários *online* citados na antena em relação ao total de comentários realizados nas duas plataformas disponíveis de participação: o Facebook da TSF e o Fórum *online* (%) – refere a presença dos comentários citados pelo moderador em relação ao total de comentários realizados na antena. De referir que a possibilidade de comentários por parte do mesmo autor foi englobada na análise. Este item procura responder ao peso de cada uma das páginas *online* no Fórum TSF. (Exemplo: total de comentários referidos na antena/total de comentários realizados nas duas páginas).



O presente inquérito por questionário dirige-se a participantes que intervieram na edição da tarde do programa *Opinião Pública* da SIC Notícias, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

APÊNDICE 22

1. Sexo

| | |
|-----------|--|
| Feminino | |
| Masculino | |

2. Idade: ____ anos.

3. Qual é o seu nível de escolaridade?

4. Em que localidade reside?

5. Qual é a sua situação profissional neste momento?

| | |
|--------------------|--|
| Desempregado | |
| Estudante | |
| Reformado | |
| Ativo. Qual? _____ | |

6. Qual é o rendimento médio mensal que recebe o seu agregado familiar?

| | |
|---|--|
| Abaixo de um salário mínimo (menos 485 euros) | |
| Um salário mínimo (485 euros) | |

| | |
|--|--|
| Entre um e dois salários mínimos (Entre 485 euros e 970 euros) | |
| Acima de dois salários mínimos (Mais do que 970 euros) | |
| Não sabe/Não responde | |

7. Tem filiação a algum clube, partido, sindicato? Qual/Quais?

| | |
|-----------------------|--|
| Clube | |
| Partido | |
| Sindicato | |
| Outro(s) | |
| Não | |
| Não sabe/Não responde | |

8. Já contactou a SIC através de carta? (se 'não' ou 'não sabe', passe à pergunta 10)

| | |
|-----------------------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe/Não responde | |

9. Neste sentido, indique o(s) motivo(s) e a sua frequência, nos últimos 12 meses.



O presente inquérito por questionário dirige-se a participantes que intervieram na edição da tarde do programa *Opinião Pública* da SIC Notícias, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

| | Há mais de 12 meses | 1-3 | 4-5 | Mais do que 5 | Não sabe |
|--|---------------------|-----|-----|---------------|----------|
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |

10. Já contactou a SIC através de *e-mail*? [se 'não' ou 'não sabe', passe à pergunta 12]

| | |
|-----------------------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe/Não responde | |

11. Neste sentido, indique o(s) motivo(s) e a sua frequência, nos últimos 12 meses.

| | Há mais de 12 meses | 1-3 | 4-5 | Mais do que 5 | Não sabe |
|--|---------------------|-----|-----|---------------|----------|
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |

| | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |

12. A não ser para o *Opinião Pública*, já contactou a SIC através de telefone? [se 'não' ou 'não sabe', passe à pergunta 14]

| | |
|-----------------------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe/Não responde | |

13. Neste sentido, indique o(s) motivo(s) e a sua frequência, nos últimos 12 meses.

| | Há mais de 12 meses | 1-3 | 4-5 | Mais do que 5 | Não sabe |
|--|---------------------|-----|-----|---------------|----------|
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |

14. Já alguma vez acedeu ao *site* da SIC Notícias (www.sicnoticias.sapo.pt)? [se 'não' ou 'não sabe', passe à pergunta 17]



O presente inquérito por questionário dirige-se a participantes que intervieram na edição da tarde do programa *Opinião Pública* da SIC Notícias, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

| | |
|-----------------------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe/Não responde | |

15. Qual é a frequência com que visita o *site* da SIC Notícias?

| | 1 vez | Mais raramente | 1 vez por mês | 1 a 3 vezes por semana | A maior parte da semana | Todos os dias | Não sabe |
|-----------------------|-------|----------------|---------------|------------------------|-------------------------|---------------|----------|
| Aceder ao <i>site</i> | | | | | | | |

16. Neste sentido, qual das seguintes atividades o ocupa mais tempo enquanto navega na página *online* da SIC Notícias?

| | |
|---|--|
| Ler notícias | |
| Ver vídeos no <i>site</i> | |
| Ler blogs promovidos pelo <i>site</i> | |
| Partilhar notícias que estão nas redes sociais onde está a SIC Notícias | |
| Enviar notícias por e-mail | |
| Participar em concursos | |
| Consultar programas em <i>podcast</i> | |
| Responder a inquéritos no <i>site</i> | |
| Escrever um comentário numa notícia no <i>site</i> da SIC Notícias | |
| Comentar nas redes sociais onde está a SIC Notícias | |

17. Quando foi a primeira vez que participou no *Opinião Pública*?

18. Em termos médios, qual é a frequência com que costuma ver semanalmente o *Opinião Pública* em direto, de 2ª a 6ª feira?

| | |
|-----------------------|--|
| Mais raramente | |
| 1-2 | |
| 3-4 | |
| 5 (todas as emissões) | |
| Não sabe/Não responde | |

19. Qual é a frequência com que participa no *Opinião Pública* a partir do telefone?

| | 1 vez | Mais raramente | 1 vez por mês | 1 a 3 vezes por semana | A maior parte da semana | Todos os dias |
|----------|-------|----------------|---------------|------------------------|-------------------------|---------------|
| Telefone | | | | | | |

20. Qual é a frequência com que participa no *Opinião Pública* a partir de outros formatos disponibilizados pela produção?

| | | | | | | |
|-------|-------|----------------|---------------|------------------------|-------------------------|---------------|
| Nunca | 1 vez | Mais raramente | 1 vez por mês | 1 a 3 vezes por semana | A maior parte da semana | Todos os dias |
|-------|-------|----------------|---------------|------------------------|-------------------------|---------------|



O presente inquérito por questionário dirige-se a participantes que intervieram na edição da tarde do programa *Opinião Pública* da SIC Notícias, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

| | | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|--|--|
| <i>E-mail</i> | | | | | | | |
| Comentar na página <i>online</i> do programa | | | | | | | |
| Votar por telefone no inquérito | | | | | | | |

21. Quais são os temas preferidos de debate no *Opinião Pública*?

- c) _____
- d) _____

22. Por que motivo(s) pensa que a SIC Notícias abre este fórum de opinião pública?

- e) _____
- f) _____
- g) _____
- h) _____

23. Porque motivo(s) decidiu participar no *Opinião Pública*?

- d) _____
- e) _____
- f) _____

24. Tem alguma crítica ou comentário menos positivo sobre o programa *Opinião Pública*? [se 'não' ou 'não sabe', passe para a questão 28]

| | |
|-----------------------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe/Não responde | |

25. Neste sentido, aponte esses aspetos relacionados com o *Opinião Pública*.

- d) _____
- e) _____
- f) _____

26. De 0 (nenhum) a 10 (muito), atribua um valor ao eventual impacto político e social que julga que o *Opinião Pública* pode ter.

| | |
|---|--|
| Valorização da influência política e social do <i>Opinião Pública</i> | |
|---|--|

27. Qual é o seu grau de satisfação em relação ao *Opinião Pública*?

| | |
|----------------------------------|--|
| Extremamente insatisfeito | |
| Bastante insatisfeito | |
| Insatisfeito | |
| Nem satisfeito, nem insatisfeito | |
| Satisfeito | |



O presente inquérito por questionário dirige-se a participantes que intervieram na edição da tarde do programa *Opinião Pública* da SIC Notícias, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

| | |
|-------------------------|--|
| Bastante satisfeito | |
| Extremamente satisfeito | |
| Não sabe/Não responde | |

28. Já participou noutros programas de opinião pública na rádio ou televisão? [se 'não' ou 'não sabe', passe à questão 32]

| | |
|-----------------------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe/Não responde | |

29. Indique o nome desses formatos e o respetivo órgão de comunicação social.

30. Em termos genéricos, que tipo de credibilidade dá aos convidados no *Opinião Pública*?

| | |
|------------------------|--|
| Nenhuma credibilidade | |
| Pouca credibilidade | |
| Nem muita, nem pouca | |
| Alguma credibilidade | |
| Bastante credibilidade | |
| Toda a credibilidade | |

| | |
|-----------------------|--|
| Não sabe/Não responde | |
|-----------------------|--|

31. Já ouviu falar na expressão 'literacia mediática' ou 'Educação para os Média'? [Se 'sim, mas não consigo dizer em que consiste', 'não' ou 'não sabe', passe para a questão 35]?

| | |
|---|--|
| Sim | |
| Sim, mas não consigo dizer em que consiste | |
| Não | |
| Não, mas pelas expressões posso tentar depreender o que significa | |
| Não responde | |

32. Consegue explicar em que consiste essa expressão?

33. Na sua opinião, o sentimento de crise económica e financeira pode potenciar maiores níveis de participação dos cidadãos em programas de opinião pública?

| | |
|-----------------------|--|
| Sim | |
| É indiferente | |
| Não | |
| Não sabe/Não responde | |

34. Devem os meios de comunicação social apoiar os formatos que dão voz ao cidadão?



Universidade do Minho

O presente inquérito por questionário dirige-se a participantes que intervieram na edição da tarde do programa *Opinião Pública* da SIC Notícias, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

| | |
|-----------------------|--|
| Sim | |
| É indiferente | |
| Não | |
| Não sabe/Não responde | |

35. Que sugestões daria para que a SIC Notícias pudesse melhorar, na sua opinião, o programa *Opinião Pública*?

Obrigado pela sua colaboração!

Fábio Fonseca Ribeiro

fabiofonsecaribeiro@gmail.com

PhD Student & Investigador-Colaborador

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) / Universidade do
Minho

APÊNDICE 23

| Âmbito da motivação da SIC Notícias | Frequência absoluta |
|---|---------------------|
| Políticas editoriais da SIC Notícias (29 justificações) | |
| Informar os cidadãos | 9 |
| Aprofundamento de temas | 4 |
| A SIC Notícias procura fazer política com este programa | 4 |
| Assegurar uma audiência/ <i>share</i> fiel | 2 |
| Para entreter as pessoas | 2 |
| Apenas para preencher a grelha de programação | 2 |
| A SIC Notícias procura mudar o país com este programa | 2 |
| Criação de um programa para o público-alvo da SIC Notícias, os reformados | 1 |
| A SIC Notícias é a televisão mais democrática do país | 1 |
| Criar um programa que é barato | 1 |
| Dar a ilusão aos cidadãos de que fazem parte das decisões do país | 1 |
| Gerar receitas com a votação através dos números de telefone | 1 |
| Natureza e espírito próprio do <i>Opinião Pública</i> (uma justificação) | |
| O <i>Opinião Pública</i> faz parte da génese da programação desta televisão | 1 |
| Atuação das televisões e dos média em geral (duas justificações) | |
| As outras televisões também têm programas semelhantes a este | 2 |
| Entrada dos cidadãos no discurso televisivo (48 justificações) | |
| Auscultar a opinião dos cidadãos | 15 |
| Conhecer qual é a opinião dos portugueses sobre um tema | 10 |
| Incluir o cidadão anónimo com poucas oportunidades de se expressar nos média | 6 |
| Maior entrosamento com a sociedade portuguesa | 5 |
| Abrir-se ao contacto com público | 5 |
| Dar voz ao desalento da população | 3 |
| Alertar os políticos e responsáveis pelos destinos do país | 1 |
| Direito à liberdade de expressão dos indivíduos | 1 |
| Alertar a sociedade | 1 |
| Permitir o debate do tema mais importante do dia | 1 |
| Total global | 80 |

APÊNDICE 24

| Âmbito da motivação dos espectadores | Frequência absoluta |
|---|---------------------|
| Agrado com a participação (30 justificações) | |
| Gosto de dar a minha opinião sobre temas da atualidade | 12 |
| Gosto de me manter a par da atualidade | 5 |
| Gosto do programa <i>Opinião Pública</i> | 4 |
| Gosto de aprender algo | 2 |
| Gosto de me ouvir | 2 |
| Gosto de interagir com o convidado | 2 |
| Gosto de observar se as outras pessoas partilham a minha opinião | 1 |
| Combater a solidão que sinto | 1 |
| Para que alguém ouça a minha opinião | 1 |
| Necessidade de acrescentar algo ao debate (13 justificações) | |
| Desmentir as opiniões erradas colocadas no debate | 6 |
| Senti que podia acrescentar algo ao debate | 3 |
| Tentar centrar o debate | 2 |
| Para dar o meu testemunho ao auditório do programa | 1 |
| Apresentar soluções para resolver os problemas do país | 1 |
| Sentimento de revolta particular (17 justificações) | |
| Porque me sinto revoltado com a atual situação do nosso país | 6 |
| Como forma de desabafo perante a situação em que o país atravessa | 6 |
| Porque me sinto revoltado com a atuação dos nossos governantes | 5 |
| Cidadania ativa (10 justificações) | |
| Por uma questão de participação cívica ativa | 7 |
| O programa é um dos poucos espaços mediáticos onde posso ter voz | 2 |
| Sei que há deputados que veem o programa | 1 |
| Tema do programa (26 justificações) | |
| O tema naquela edição era interessante | 18 |
| Tenho conhecimentos sobre o tema daquela emissão | 4 |
| O tema naquela edição afetava-me diretamente | 3 |
| O tema era bastante polémico | 1 |
| Total global | 96 |

APÊNDICE 25

| Âmbito da crítica ou dos constrangimentos à participação | Frequência absoluta |
|--|---------------------|
| Atuação da produção do programa (27 justificações) | |
| Inscrevo-me e não entro no programa, por diversas ocasiões | 8 |
| Os participantes têm pouco tempo para falar | 5 |
| Seleção de convidados sem relação com o tema | 5 |
| Repetição dos convidados | 3 |
| Não existe uma filtragem correta das profissões | 1 |
| Má seleção dos temas de debate | 1 |
| Elevado custo da inscrição pelo telefone | 1 |
| É vetada a participação dos telespectadores mais velhos | 1 |
| Não passam as mensagens de <i>e-mail</i> que recebem no programa | 1 |
| Seleção de convidados com relação ao poder político nacional | 1 |
| Intervenção dos convidados/comentadores presentes no programa (8 justificações) | |
| A intervenção dos convidados ocupa a maior parte do tempo | 3 |
| Pouca isenção manifestada por certos comentadores | 2 |
| Algumas opiniões dos convidados partem de pressupostos errados | 2 |
| Linguagem hermética e pouco clara dos comentadores | 1 |
| Moderação do <i>Opinião Pública</i> (2 justificações) | |
| O moderador mostra desinteresse pela opinião das pessoas | 1 |
| O moderador do programa corta abruptamente as intervenções dos telespectadores | 1 |
| Intervenção dos espectadores (12 justificações) | |
| Os telespectadores desviam-se do assunto em debate | 5 |
| A intervenção dos telespectadores é pouco crítica e insatisfatória | 3 |
| Os telespectadores mudam de dados de apresentação só para entrarem em direto | 2 |
| Os telespectadores escolhem a via do insulto e ataque gratuitamente | 2 |
| Formato do programa (7 justificações) | |
| Este programa produz poucos efeitos na vida das pessoas | 3 |
| Não existe um verdadeiro debate de ideias, de reciprocidade entre os intervenientes | 1 |
| Não há princípio do contraditório | 1 |
| Não existe um representante do Governo para responder aos telespectadores | 1 |
| O programa tem pouco tempo de duração diária | 1 |
| Justificações meramente pessoais (1 justificação) | |
| Não vou mudar nada com a minha opinião | 1 |
| Total global | 57 |

APÊNDICE 26

| Âmbito das sugestões e aspetos a melhorar | Frequência absoluta |
|---|---------------------|
| Quanto aos temas em discussão (4 sugestões) | |
| Debater outros temas (a relação entre mães e filhos) | 1 |
| Debater outros temas (segurança do país) | 1 |
| Evitar temas relacionados com política | 1 |
| Debater assuntos positivos para o país | 1 |
| Quanto ao ritmo e dinâmica do programa (21 sugestões) | |
| Maior duração do programa | 7 |
| Mais programas deste tipo | 4 |
| Escrutínio prévio de opiniões | 2 |
| Resumir a tendência das opiniões dos telespectadores no programa | 2 |
| Criar um painel de dois comentadores com perspetivas opostas | 2 |
| Confrontar as pessoas com os convidados | 1 |
| Novo formato do programa, com maior duração, uma vez por mês | 1 |
| Alterar o horário | 1 |
| Dar continuidade à discussão dos temas, retomando-os em futuros debates | 1 |
| Quanto à intervenção dos telespectadores (9 sugestões) | |
| Aumentar o tempo de intervenção dos telespectadores | 6 |
| Permitir a participação de mais telespectadores | 2 |
| Banir quem se desvia do tema | 1 |
| Quanto à intervenção dos convidados (16 sugestões) | |
| Diminuir o tempo de intervenção dos comentadores | 4 |
| Possibilitar a introdução de um anónimo na figura de comentador | 4 |
| Exigir uma maior isenção aos convidados | 4 |
| Evitar convidados relacionados com o Governo | 1 |
| Diversificar os convidados no programa | 1 |
| Eliminar a figura do comentador | 1 |
| Selecionar mais políticos para o comentário | 1 |
| Quanto à intervenção do moderador (3 sugestões) | |
| Cortar a opinião a quem é politicamente incorreto | 2 |
| Colocar jornalistas especializados consoante o tema em debate | 1 |
| Total global | 53 |

APÊNDICE 27

Local e data de realização: Redação da SIC (Lisboa), 21 de novembro de 2012, 15h00

Entrevistada: Carla Jorge de Carvalho

Órgão de comunicação social: SIC Notícias

Cargo profissional à data da entrevista: Jornalista, moderadora do *Opinião Pública*

Pergunta: Em primeiro lugar, há quanto tempo é jornalista da SIC?

Carla Jorge de Carvalho: Estou desde o início [1992].

Este estudo que trazemos aqui para a nossa conversa debate a questão da participação dos cidadãos nos média. No entanto, podemos tomá-la como perspetiva genérica e abordar de que forma a sociedade portuguesa se envolve nos chamados assuntos de interesse público. Ora, não é pouco frequente escutar-se críticas ao povo português, que é pouco comprometido, envolvido. Aliás, citando uma frase de Inês Pedrosa, no jornal SOL, a 6 de janeiro de 2012: «o mais grave défice de Portugal é o da participação cívica. O ativismo social e político escoia-se em queixas de café. Será que somos este povo pouco dinâmico, desprendido de uma mobilização social, cívica?

Estamos a viver uma fase diferente. Até há um ano, ano e meio, pensava que este tipo de programas, como o *Opinião Pública*, era um prolongamento do café. Agora parece-me de facto que quem participa tem esperança de ser ouvido, por quem possa mudar alguma coisa. Antes, assistíamos a participações muito politizadas, máquinas do partido, mas muito essa extensão do café. Tinha a noção disso. Acho que tem havido uma mudança, este clima de há um ou dois anos a esta parte tem mudado nesse sentido. Alguns dos convidados, que são habituais, têm também percebido isso, que há um maior envolvimento e um maior esforço no conhecimento e na argumentação que não existia há uns anos.

Nesse sentido, e tendo em conta que está aqui há vinte anos, que balanço faz do envolvimento do público na televisão até aos dias de hoje?

Falando não só deste programa, mas também da forma como as pessoas se relacionam com os média, penso que houve uma certa profissionalização. Perceberam que se forem mais dramáticas, mais emotivas, conseguem ter mais espaço. Se forem excessivamente racionais, mais frias, menos expressivas não têm esse espaço. Hoje, quando as pessoas têm o microfone à frente, perdem mais a espontaneidade do que há vinte anos. Isso acontece no jornalista que está no terreno. Perdeu-se muito dessa ingenuidade, de se falar para o microfone como se estivesse a falar para uma pessoa. Houve um processo de aprendizagem na eficácia da comunicação. Acho que até percebem os limites, até quando não vão poder falar mais. Já há esse tipo de conhecimento. Relativamente ao programa, penso que as pessoas souberam adaptar-se ao formato, o tempo das suas intervenções.

O caso do Opinião Pública mostrou alguns dados curiosos. Estudámos 10 programas, em fevereiro deste ano [2012], falámos com 47 pessoas.

Foi fácil?

A produção teve uma importância decisiva, porque facultou o número de telefone dos espectadores interessados em conversar comigo. Foi fácil no sentido em que este género de

peessoas gosta de falar. Houve bastante abertura para responder. Por outro lado, foi difícil porque tive inquiridos que demoraram 40, 50 minutos a ser respondidos, quando no máximo poderia levar 10, 15. Na maioria desses casos, a extensão da conversa não redundava em considerações positivas para o efeito pretendido. Divagou-se muito.

Claro, compreendo.

Bom, nestes 10 programas percebemos uma inclinação para uma participação masculina. A taxa de repetição de participantes é curiosamente baixa, de 9,90%.

A sério?

Sim, é natural que a concentração da amostra num espaço reduzido de tempo e o facto de termos estudado programas seguidos possa ter muito a ver com isto.

Isso é estranho.

Tem outra percepção?

Tenho. É muito repetido, sim. Se calhar já foi mais, mas agora temos mais desempregados. Houve uma altura em que tínhamos a inscrição, todos os dias, das mesmas pessoas. Não sei se a produção lhe disse, mas eles tiveram que impedir a intervenção desses espectadores. Eram capazes de participar em metade das emissões da semana.

Nestes 10 programas, verificámos que, em média, participa um total de 11 espectadores, por diversas modalidades. Um dos aspetos notórios no programa, e que iria merecer a crítica dos inquiridos, reside no pouco aproveitamento da participação *online* para o ecrã. Em boa verdade, o moderador gasta uns bons minutos no início do programa a relatar as possibilidades de intervenção pelo *e-mail* ou pela página do *Opinião Pública* na Internet, mas depois existe um aproveitamento débil dessa participação. Como justifica esta situação?

Acho que o constrangimento principal refere-se aos meios humanos. Não temos capacidade para por no ar todas as contribuições que chegam. Isso vai inclusivamente merecer uma conversa entre toda a equipa. Aliás, penso mesmo que nos [produção] deveríamos sentar para falar do *Opinião Pública*. De vez em quando temos necessidade de assentar ideias. Aliás pontualmente liamos dois *e-mails*, no final do programa, mas deixámos de ter isso. A produção queixava-se que não tinha mensagens interessantes, mas acima de tudo não há meios humanos, porque é preciso arranjar a mensagem, colocar aquilo no ecrã e isso exige tempo e alguém que o faça. Também admito que haja pouca participação das pessoas por essas vias.

Outro ponto sensível dessa análise de 10 programas remete-se aos convidados. Conseguimos perceber que desempenham um papel de âncora na dinâmica do programa, contudo há aqui alguns dados interessantes. Tendencialmente uma participação de comentadores de Lisboa, a partir do estúdio de Carnaxide, mais homens do que mulheres, uma ligação ao tema como observadores e não como atores. Isto permite-me traçar um paralelo com o *Fórum TSF*, em que a aposta incide em atores, sobretudo. Como lê estes resultados?

Penso que o *Opinião Pública* tem um formato muito pouco televisivo. Tem esse problema. Aliás, isto começa na SIC Notícias, mas é quase uma colagem ao *Fórum TSF*. A verdade é que ninguém conseguiu ainda tornar este programa mais televisivo. Apesar disso, o programa não deixa de ter imenso sucesso, o que é curioso. Há um esforço em termos blocos de imagens que passam à medida da intervenção do espectador, mas mesmo assim não parece ser muito televisivo. No entanto, temos muitas participações. Ter alguém em estúdio permite criar a nossa rede e quantas vezes a chamada está em péssimas condições e recorremos ao convidado. Se dependêssemos só do telefone, seria bem mais complicado. Também já tivemos duas pessoas que representam as duas perspetivas do tema, mas é mais raro, uma vez que o tempo também não o permite.

Falando deste contacto ao telefone com os inquiridos, conversei com 47 dos 101 participantes nestes 10 programas. Há uma tendência mais equilibrada quanto ao género, de pessoas concentradas nas regiões do litoral, além de, quanto à situação profissional, termos muitos reformados, funcionários públicos e desempregados. Que comentário faz destes dados?

Bom, no programa da manhã a tendência é a de termos muitos reformados. Sentia-se de manhã que o público era mais velho. Julgo que faz parte do padrão do público-tipo da SIC.

Questionámos igualmente a filiação dos inquiridos, tentando perceber se de algum modo esta situação predisponha a uma participação no programa. Na realidade, apenas 24 das 47 pessoas admitiram ter uma associação a partidos, clubes, sindicatos. Poderíamos claramente questionar o nível de conforto com que as pessoas assumem esta questão, mas o que gostava de saber é se ao telefone com as pessoas também tem essa noção.

Não. Enfim, não acredito que haja alguém que participe num programa deste tipo e que não tenha filiação clubística. Filiação partidária: acho que estamos a viver um tempo diferente. Até há uns dois anos, sentia que 60% das participações era politicamente motivadas. Agora perdeu-se um pouco disso, mas noto que há, pelo menos, uma afinidade ideológica. Percebo, isso sim, um maior antipartidarismo. Aqui há dias vi algo que há muito não acontecia, de duas pessoas que defendiam claramente um partido. O clássico é termos alguém que diz não ter votado no partido X, mas defende que ele é ótimo!

Nas *Cartas do Leitor* do JN acontece de modo distinto, talvez. Na semana passada contavam-me que boa parte dessas pessoas não tem qualquer pudor em assumir uma filiação política, deixando até o número de militante. De qualquer modo, gostaria ainda de lhe questionar sobre os motivos que levam a SIC Notícias a contar com um programa como este, coincidindo até com uma pergunta que fiz aos participantes. Na verdade, boa parte dessas considerações aponta para a necessidade de informar os cidadãos, aprofundamento de temas. Por outro lado, um ponto curioso que denuncia a intenção de a SIC Notícias permitir a entrada de pessoas que não têm oportunidade regular de se expressarem nos média. Que dimensões acrescentaria a esta questão?

O diretor da SIC Notícias poderá ter uma ideia diferente e melhor do que a minha. Para mim, este programa cria a sensação de proximidade, pela participação. Isso cativa os espectadores, eles sentem que estão a fazer parte de nós. Dar voz a quem normalmente não tem, penso que sim, o canal gosta de ter essa capacidade. Acho que não é nada desprezível considerar que é um programa barato.

Curiosamente apenas uma pessoa referiu esse aspeto.

Imagine, por que razões podemos fazer um *Opinião Pública* no dia 1 de janeiro ou em feriados? A verdade é que o fazemos e depois corre bem, temos audiências, num dia sem notícias é muito bom ter um espaço deste tipo.

Falou em audiências, tem noção de algum número a este respeito?

Sou péssima nisso, confesso.

Um dos pontos fundamentais deste trabalho diz respeito às motivações das pessoas para participarem. De facto, parece que a intervenção nestes espaços se compromete com um determinado gosto particular, entre dar a opinião sobre um tema, por exemplo. Por outro lado, temos a revolta contra o país, os governantes como aspetos destacados. Concordaria com estas motivações? Que motivos acrescentaria?

Sim, sem dúvida, parecem-me justificações plausíveis. A solidão também me parece um motivo importante.

Ninguém assume isso. Posso dizer-lhe quantas pessoas assumiram isso: uma.

Pois, é algo duro de assumir. Sobretudo nos programas de manhã noto isso. Das poucas vezes que as pessoas me abordam na rua porque me reconhecem do programa, sinto a necessidade de muitas pessoas em partilhar aspetos da sua vida pessoal. Ora, para falar do orçamento de estado isso não será necessário.

Isso pode ser, no limite, uma missão contranatura, uma vez que o programa é de informação e não de testemunho pessoal aprofundado sobre uma matéria. É difícil gerir essas situações?

Sim, muito, especialmente nesta altura. O exemplo clássico é o do desemprego, em que temos pessoas que relatam os seus casos. Contudo, para mim isso é notícia também, é informação, ainda que tenhamos que gerir isso com bom senso e moderação. Não vou esconder, às vezes estou quase com a lágrima no olho. O desemprego não é apenas os 15,6%, é também aquela pessoa que está ali aflita.

Das motivações aos constrangimentos. Tivemos a oportunidade de perceber as principais dificuldades para participar, as críticas realizadas ao programa. Dentro desta vontade de participar mais, por parte dos espectadores, não será propriamente uma novidade se pensarmos que muitos deles criticaram insistentemente os convidados: falam em demasia, são por vezes selecionados de forma repetitiva, não mostram qualquer isenção. Por outro lado, as críticas também denunciam os outros espectadores: desviam-se do tema, as intervenções são pouco críticas e satisfatórias, alguns eventualmente mudam de dados apenas para participar. Que balanço faz desta floresta de entendimentos?

São as reclamações que também pressinto. A natureza das opiniões pouco construtivas, o pouco tempo para falar parecem-me as hipóteses mais comuns. Já aconteceu algo ao qual sou alheia, mas por vezes surgem presidentes de câmara, responsáveis políticos que são integrados no

plano dos espectadores, provocando as reações de pessoas que dizem: «não sei por que este senhor falou agora no programa, quando já tem tantas oportunidades para falar em público».

Num plano especulativo: acha que este programa tem algum impacto político, social? Para quem participa, fica clara a ideia de que essa intervenção se realiza na expectativa de uma influência. Será esta leitura demasiado ambiciosa?

Provavelmente o Manuel Acácio [do *Fórum TSP*] terá uma visão diferente disto. Houve uma altura em que parecia que se anunciavam as medidas, testando a aceitação popular para depois legitimar a sua implementação. Às tantas isso hoje ainda acontece. Muito pontualmente poderá ter influência. O que me parece mais evidente é que muitas pessoas que participam fazem-no na expectativa de que alguém que decide no terreno as ouça e possa mudar algum aspeto. Isto parece-me permanente.

Já estamos na parte final da nossa conversa. Colocados na pele de produtores do *Opinião Pública*, questionámos a eventual criação de alterações ao modelo presente do programa. Neste sentido, dentro de uma lógica sobre a necessidade de falar mais, pelos espectadores, não lhe parecerá surpreendente que muitos tenham defendido uma maior duração do programa, menos tempo para os convidados.

Que passasse na SIC.

Essa não aponte, em nenhum caso. Há quem peça programas deste género mas mais segmentados, também. Tendo em conta estas sugestões, é possível alterar o modelo atual do programa?

Falta a tal reunião. Penso que se manterá como está até essa etapa. O *slogan* do programa diz 'Os espectadores em primeiro lugar', mas por variadíssimas ocasiões a intervenção dos convidados é mais necessária que a dos espectadores. Experimentámos, não sei se viu, em programa mais ligeiros não ter convidados, por exemplo em programas de futebol. Corre muito bem, o futebol é um caso à parte. Vou seguindo, contudo, a atenção social que muitas pessoas manifestam pela escolha dos temas. Mesmo ao nível das chefias, os temas são agora melhor enquadrados. Quanto ao alargamento a mais espaços e mais tempo aos participantes, creio que não há indicações para mudar nesse sentido.

Últimas duas questões. Por vezes surge um certo preconceito relativamente a este tipo de programas, que destaca, entre outros aspetos, a boçalidade do discurso dos participantes, a pouca reflexão sólida sobre os temas, etc. Esta ideia contrária, porventura, a vossa missão editorial que pretende justamente alargar o debate público sobre um tema. Como lida com este aparente paradoxo? As pessoas sabem mesmo participar?

Lido bem. Aliás sou surpreendida quase todos os dias. Às vezes parto com expectativas negativas que não se concretizam e dou-lhe um exemplo: o programa sobre as declarações de Isabel Jonet, do Banco Alimentar contra a fome. Pensei que fossem todos defender a senhora, porque sinceramente acho que ela não disse nada de especial. Bem, sai de lá arrasada! Senti-me até na necessidade de defendê-la, porque o ambiente está tão incendiado que qualquer coisa pode ser tomada numa perspetiva errada. Por outro lado, tenho lições de jornalismo todos os dias, em que ando a apresentar o jornal e logo percebo que o entendimento que as pessoas

fazem é outro. Por outro, fico surpreendida com os meus concidadãos, porque aprendo imensas coisas com eles, mesmo de pessoas que admitem que não falam muito bem e que no final têm um discurso e um raciocínio brilhantes. Aliás, houve um debate na redação sobre esses depoimentos, de pessoas que achavam que deveríamos aproveitar melhor esses casos impressionantes que recebemos. Se percebo bem, o fórum também procura encontrar e fazer notícia com o programa, não é? Pois aqui não fazemos o mesmo, mas até o poderíamos! Temos aqui imensas pistas para continuar a investigação, bastava a redação ter mais meios humanos.

Por fim, algumas considerações dos inquiridos referem que o programa se define como um debate quando, na verdade, parece ser mais um depósito de opiniões. Esta questão refere-se também a necessidade que muitos sentem em confrontar-se mutuamente.

É verdade. Não sai daqui uma verdade, não há uma conclusão. Não pretendemos fazer esse resumo das opiniões. Com a greve dos estivadores [2012], tive até colegas que me disseram que conseguiram compreender melhor o assunto devido ao depoimento dos participantes. Por isso vejo este programa como um exercício de jornalismo, de aprender e conhecer mais sobre algo. O programa é, muito basicamente, aquilo que os espectadores quiserem dele, entre momentos de agressão pura ou até com uma finalidade informativa.

APÊNDICE 28

Análise diária do formato *Cartas do Leitor* do Jornal de Notícias

Quarta-feira, 1 de fevereiro, edição analisada #1

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|---|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «1 em cada 3 jovens não tem trabalho» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 16 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | <i>Cartoon</i> , artigo de opinião de Manuel Serrão |
| Número de participantes | 3 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|---------------------|-----------|-------------------------------------|---------------------------------|-------------------------|-------------------------------------|--|---|--------------------------|
| 1 | Jorge Pinto | Masculino | <i>Retrocesso sem precedentes</i> | Condições laborais | Sociedade | Não | Crítica | Não. Não | jorgepinto51@gmail.com |
| 2 | Francisco Silva | Masculino | <i>Mais médicos assim</i> | Serviço Nacional de Saúde (SNS) | Saúde | Sim | Elogio/crítica | Não. Não | fandre_silva@hotmail.com |
| 3 | Leitor identificado | Masculino | <i>Reaprender a sermos vizinhos</i> | Idosos | Sociedade | Não | Crítica/sugestão | Não. Sim | filfcp10@sapo.pt |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|---|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Espancado por expulsar aluna da aula» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 16 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | <i>Cartoon</i> , artigo de opinião de Daniel Deusdado |
| Número de participantes | 3 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|------------------------|-----------|--------------------------------|--|-------------------------|-------------------------------------|--|---|-----------------------|
| 1 | A. Rui da Silva | Masculino | <i>Haja dignidade</i> | Abertura do ano judicial | Justiça | Não | Crítica | Não. Sim | ardpsp@clix.pt |
| 2 | Ernesto Carolino Gomes | Masculino | <i>Milionários pés-rapados</i> | Declarações da procuradora Maria José Morgado: 'magistrados passam fome' | Justiça | Não | Crítica | Não. Sim | ergomes2006@gmail.com |
| 3 | J. Vasconcelos | Masculino | <i>Chinfrim e choradeira</i> | Deslocalização da SGPS do Pingo Doce para a Holanda | Economia | Não | Crítica | Não. Não | jassvas@iol.pt |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|--|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Minho está à beira do colapso» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 16 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | <i>Cartoon</i> , artigo de opinião de Pedro Bacelar de Vasconcelos |
| Número de participantes | 4 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|--------------------|-----------|--|---|-------------------------|-------------------------------------|--|---|----------------------------|
| 1 | Silvino Figueiredo | Masculino | <i>O polvo do super e o super da justiça</i> | Roubo de um polvo por um sem-abrigo e sua respetiva condenação | Justiça | Não | Crítica | Não. Sim | figariano@sapo.pt |
| 2 | Miguel Campos | Masculino | <i>Horas extras dos médicos</i> | Horas extraordinárias dos médicos | Saúde | Não | Elogio | Não. Não | miguelscampos@hotmail.com |
| 3 | Gustavo Reis | Masculino | <i>Vivemos tempos difíceis</i> | Caso de jovem que, depois de cometer um crime, se entregou preferindo viver na cadeia do que viver sem trabalho | Sociedade | Não | Sugestões | Não. Não | jguga_reis@sapo.pt |
| 4 | Renato Oliveira | Masculino | <i>Neoliberalismo galopante</i> | Políticas do Governo | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | renato_oliveira@netcabo.pt |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|--|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «400 mil idosos vivem sós» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 22 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | <i>Cartoon</i> , artigo de opinião de Manuel Carvalho da Silva |
| Número de participantes | 4 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? | E-mail colocado |
|---|----------------|-----------|---|----------------------------|-------------------------|-------------------------------------|--|---|-------------------------------|
| 1 | Albano Silva | Masculino | <i>Democratas surrealistas</i> | Emprego e emigração | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | albanordsilva@gmail.com |
| 2 | António Castro | Masculino | <i>Justiça para o Boavista!</i> | Ação judicial do Boavista | Justiça | Não | Crítica | Não. Não | castroacacia@gmail.com |
| 3 | Joaquim Gomes | Masculino | <i>Feira das vaidades e dos recados</i> | Abertura do ano judicial | Justiça | Não | Crítica | Não. Não | joaquim.pinto.gomes@gmail.com |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|--|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Menezes enfrenta tramóia» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 20 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | Frases da semana; artigo de opinião de Rui Moreira |
| Número de participantes | 3 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|---------------------|-----------|--|----------------------------|-------------------------|-------------------------------------|--|---|--------------------------|
| 1 | António Branco Dias | Masculino | <i>Solução para urinol no Passeio Alegre</i> | Instalações sanitárias | Sociedade | Sim | Crítica | Não. Não | abrancodias@gmail.com |
| 2 | Carlos Alberto | Masculino | <i>Greve dá lucro ao Estado</i> | Transportes públicos | Sociedade | Não | Crítica | Não. Não | carlos.alberto@elnor.com |
| 3 | Domingos Pereira | Masculino | <i>Ena, tanto dinheiro!...</i> | Greve dos transportes | Sociedade | Não | Crítica | Não. Não | jadap1957@hotmail.com |
| 4 | José Amaral | Masculino | <i>O acordar da luta de classes</i> | CGTP | Sociedade | Não | Crítica | Não. Não | laramaze@sapo.pt |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|---|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Policías lavam dinheiro da droga» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 20 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | <i>Cartoon</i> , artigo de opinião de Marinho e Pinto |
| Número de participantes | 4 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|----------------|-----------|--------------------------------------|---|-------------------------|-------------------------------------|--|---|-------------------------|
| 1 | Jorge Morais | Masculino | <i>Um novo PREC?</i> | Fim do mandato do presidente do Supremo Tribunal de Justiça | Justiça | Não | Crítica | Não. Não | katuas.morais@gmail.com |
| 2 | Ana Santos | Feminino | <i>Mau exemplo de justiça</i> | Situação de uma multa não cobrada | Justiça | Não | Crítica | Não. Não | ana_santos@hotmail.com |
| 3 | J. Madureira | Masculino | <i>Obrigado, dr. Marinho e Pinto</i> | Cerimónia de abertura do ano judicial | Justiça | Não | Crítica | Não. Não | jomarima1@gmail.com |
| 4 | Manuel Coimbra | Masculino | Cumprir acordo custe o que custar | Ajuda externa económica a Portugal | Economia | Não | Crítica | Não. Não | bencoimbra1@sapo.pt |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|--|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Caos na urgência de Aveiro» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 15 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | <i>Cartoon</i> ; artigo de opinião de Alberto Castro |
| Número de participantes | 3 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|--------------------|-----------|-------------------------------------|---|-------------------------|-------------------------------------|--|---|-------------------|
| 1 | José Adelino Amaro | Masculino | <i>Portugal lixo isso nunca</i> | Descida no <i>rating</i> de Portugal pela Standard & Poor's | Economia | Não | Crítica | Não. Não | joadelino@sapo.pt |
| 2 | José Amaral | Masculino | <i>Mais um que parte...</i> | Morte do arquiteto Fernando Lanhas | Cultura | Não | Elogio | Não. Sim | laramaze@sapo.pt |
| 3 | Silvino Figueiredo | Masculino | <i>O caso da Quinta do Ambrósio</i> | Caso da Quinta do Ambrósio | Justiça | Não | Crítica | Não. Não | figariano@sapo.pt |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|---|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Faltam casas para arrendar» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 15 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | <i>Cartoon</i> , artigo de opinião de Manuel Serrão |
| Número de participantes | 4 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|-----------------------------|-----------|--|---|-------------------------|-------------------------------------|--|---|------------------------------------|
| 1 | José Helder | Masculino | <i>Uma nova lei contra os glutões?</i> | Enriquecimento ilícito | Justiça | Não | Crítica | Não. Não | heldersilvaclemente@gmail.com |
| 2 | Mário Jesus | Masculino | <i>Com vinagre não se apanha mosca</i> | Recusa da tolerância de ponto no Carnaval | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | mariojesus1953@gmail.com |
| 3 | Quintino Silva | Masculino | <i>Os Governos e os boys</i> | Nomeação de cargos públicos | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | quintino.fernandes.silva@gmail.com |
| 4 | Joaquim José Neves de Sousa | Masculino | <i>Morreu mais um capitão de abril</i> | Falecimento de um dos militares da revolução de Abril | Média | Não | Crítica | Não. Não | joaquimjnevesdesousa@gmail.com |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|---|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Porto líder europeu de liderança energética» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 26 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | <i>Cartoon</i> ; artigo de opinião de Daniel Deusdado |
| Número de participantes | 3 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|--------------------|-----------|--|-----------------------------------|-------------------------|-------------------------------------|--|---|-------------------------------|
| 1 | Alberto Vilela | Masculino | <i>Parabéns a ilustre lusófono</i> | Acordo ortográfico | Cultura | Não | Crítica | Não. Não | albertosilvavilela@gmail.com |
| 2 | Amândio G. Martins | Masculino | <i>O saber e o poder</i> | Novo diretor do CCB | Cultura | Não | Crítica | Não. Não | amandiogmartins@gmail.com |
| 3 | Joaquim Gomes | Masculino | <i>As palavras, como as cerejas...</i> | Declarações de Maria José Morgado | Justiça | Não | Crítica | Não. Não | joaquim.pinto.gomes@gmail.com |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|--|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Europa ataca o nosso bacalhau» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 13 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | <i>Cartoon</i> , artigo de opinião de Pedro Bacelar de Vasconcelos |
| Número de participantes | 4 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|-------------------------|-----------|-------------------------------------|---|-------------------------|-------------------------------------|--|---|-----------------------|
| 1 | José Amaral | Masculino | <i>Pela boca morre o peixe</i> | Atuação do Primeiro-Ministro | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | laramaze@sapo.pt |
| 2 | José Pinto | Masculino | <i>Não à tolerância no Carnaval</i> | Atuação do Primeiro-Ministro | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | jose-pinto1@sapo.pt |
| 3 | Manuel A. Rocha Pereira | Masculino | <i>Portugal país de velhos</i> | Natalidade | Sociedade | Não | Crítica | Não. Não | mpereira340@gmail.com |
| 4 | Glória Ferreira | Feminino | <i>Vamos trabalhar mascarados?</i> | Recusa da tolerância de ponto no Carnaval | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | lo.fer26@hotmail.com |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|--|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Falta de sangue adia cirurgias» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 14 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | <i>Cartoon</i> , artigo de opinião de Manuel Carvalho da Silva |
| Número de participantes | 4 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|-------------------|-----------|---|--|--------------------------------|-------------------------------------|--|---|----------------------|
| 1 | Maria do Céu Mota | Feminino | <i>Chanceler Merkel tem razão</i> | Políticas de austeridade na Madeira | Política (administração local) | Não | Crítica | Não. Não | ceumota72@gmail.com |
| 2 | J. Madureira | Masculino | <i>Altruísmo e espírito de sacrifício</i> | Lei da renovação de mandatos autárquicos | Política (administração local) | Não | Crítica | Não. Não | jomarima1@gmail.com |
| 3 | José Amaral | Masculino | <i>Árvores da ribeira de Gaia fazem falta</i> | Árvores na ribeira na Gaia | Política (administração local) | Não | Crítica | Não. Não | jlaramaze@sapo.pt |
| 4 | Joaquim Moura | Masculino | <i>O pi...egas queixinhas</i> | Novo diretor do CCB | Cultura | Não | Crítica | Não. Não | jabilmoura@gmail.com |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|--|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Tráfico às claras no Porto» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 12 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | Frases da semana; artigo de opinião de Rui Moreira |
| Número de participantes | 4 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|----------------------|-----------|--|--|--------------------------------|-------------------------------------|--|---|----------------------------|
| 1 | Renato Oliveira | Masculino | <i>Liderança do Norte</i> | Poder político do Norte, Porto e Gaia | Política (administração local) | Não | Crítica | Não. Não | renato_oliveira@netcabo.pt |
| 2 | Amândio G. Martins | Masculino | <i>Do dizer ao fazer há muito que ver</i> | Atuação do ministro da Economia, Álvaro Santos Pereira | Economia | Não | Crítica | Não. Não | amandiogmartins@gmail.com |
| 3 | Manuel Madeira Pinto | Masculino | <i>Eleições para a ASJP e Araújo de Barros</i> | Eleições para a Associação Sindical dos Juizes Portugueses | Justiça | Não | Crítica | Não. Não | - |
| 4 | F. Menezes | Masculino | <i>Não basta assumir culpas</i> | BPI | Economia | Não | Crítica | Não. Não | fernando_mnzs@yahoo.com |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|---|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Já há listas de espera para hortas nas cidades» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 14 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | <i>Cartoon</i> , artigo de opinião de Marinho e Pinto |
| Número de participantes | 4 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|---------------------|-----------|---|---|-------------------------|-------------------------------------|--|---|-------------------------------|
| 1 | Alberto Vilela | Masculino | <i>Tolerância de ponto no Carnaval</i> | Recusa da tolerância de ponto no Carnaval | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | albertosilvavilela@gmail.com |
| 2 | Vítor Colaço Santos | Masculino | <i>Dislates carnavalescos</i> | Recusa da tolerância de ponto no Carnaval | Política (Governo) | Não | Crítica/sugestão | Não. Não | cyntrascrita@hotmail.com |
| 3 | José Amaral | Masculino | <i>Fundos de pensões jogados online</i> | Pensões sociais | Economia | Sim | Crítica | Não. Não | laramaze@sapo.pt |
| 4 | Emanuel Caetano | Masculino | <i>Homem demolidor</i> | Abertura do ano judicial | Justiça | Não | Crítica/Elogio | Não. Não | emanueldylancaetano@gmail.com |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|--|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Vida de mil pescadores em risco» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 17 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | <i>Cartoon</i> ; artigo de opinião de Alberto Castro |
| Número de participantes | 4 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|---------------------------|-----------|--|------------------------------|-------------------------|---|--|---|--------------------------------|
| 1 | Joaquim J. Neves de Sousa | Masculino | <i>Podíamos fazer o sangue emigrar</i> | Dadores de sangue | Saúde | Sim | Crítica | Não. Não | joaquimjnevesdesousa@gmail.com |
| 2 | J. Gomes | Masculino | <i>Terá a AOFA razão?</i> | Militares das forças armadas | Política (Governo) | Não | Crítica/sugestão | Não. Não | joaquim.pinto.gomes@gmail.com |
| 3 | João Lourenço | Masculino | <i>GNR soltou os cães</i> | Desmentir notícia do JN | Média | Sim (presidente da Câmara Municipal de Santa Comba Dão) | Crítica | Não. Não | - |
| 4 | Manuel A. Rocha Pereira | Masculino | <i>Não roubem o nosso bacalhau</i> | Pesca do bacalhau | Economia | Não | Crítica/sugestão | Não. Não | mpereira340@gmail.com |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|---|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Finanças voltam a ir ao bolso dos reformados» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 24 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | <i>Cartoon</i> , artigo de opinião de Manuel Serrão |
| Número de participantes | 4 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|------------------|-----------|--|--|------------------------------------|-------------------------------------|--|---|---------------------------|
| 1 | Félix Ribeiro | Masculino | <i>É boa altura para devolver submarinos</i> | Situação económica da Madeira | Política (administração local) | Não | Crítica/elógio | Não. Não | felixforadalei@gmail.com |
| 2 | António Teixeira | Masculino | <i>A fama dá tudo. Até ao fim de tudo!</i> | Fama e a decadência de celebridades da música | Cultura | Não | Crítica | Não. Não | antonioteixeira65@sapo.pt |
| 3 | José Amaral | Masculino | <i>Poleiros dourados</i> | Sobre Eduardo Catroga | Economia | Não | Crítica | Não. Não | laramaze@sapo.pt |
| 4 | José R. Abel | Masculino | <i>As vítimas têm sido os trabalhadores</i> | Atuação do presidente da República, Cavaco Silva | Política (presidente da República) | Não | Crítica | Não. Não | j.abel1953@gmail.com |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|---|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Ministério quer cortar urgências do Grande Porto» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 27 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | <i>Cartoon</i> ; artigo de opinião de Daniel Deusdado |
| Número de participantes | 3 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|----------------|-----------|---|---|-------------------------|-------------------------------------|--|---|---------------------------|
| 1 | Inácio Resende | Masculino | <i>Sem paciência...Domingos Paciência</i> | Despedimento do treinador do Sporting, Domingos Paciência | Desporto (Futebol) | Não | Crítica/elogio | Não. Não | inacioresende@hotmail.com |
| 2 | José Valadas | Masculino | <i>A demissão do juiz Garzón</i> | Condenação do juiz Garzón | Internacional | Não | Crítica | Não. Não | valadas1934@yahoo.co.uk |
| 3 | Joaquim Moura | Masculino | <i>O papel do ministro</i> | Impressão dos livros de programa do Governo | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | jabilmoura@gmail.com |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|---|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Novo Cardeal reclama trabalho» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 18 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | <i>Cartoon</i> ; artigo de opinião de Pedro Bacelar de Vasconcelos; direito de resposta |
| Número de participantes | 2 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|----------------|-----------|---|--------------------------------|-------------------------|-------------------------------------|--|---|------------------|
| 1 | J. Vasconcelos | Masculino | <i>Alguém pode dizer-me...</i> | Feriados, <i>troika</i> | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | jasssvas@iol.pt |
| 2 | Carmo Almeida | Feminino | <i>Dar com uma mão o tirado com a outra</i> | Ministério da Segurança Social | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | ntita7@gmail.com |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|--|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Escravizou a mulher durante 44 anos» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 15 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | <i>Cartoon</i> , artigo de opinião de Manuel Carvalho da Silva |
| Número de participantes | 3 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|---------------------|-----------|---------------------------------------|--|-------------------------|-------------------------------------|--|---|-------------------------------|
| 1 | Joaquim Gomes | Masculino | <i>Precisamos de uma troika nova</i> | Troika, Madeira, Governo e gastos públicos | Economia | Não | Crítica | Não. Não | joaquim.pinto.gomes@gmail.com |
| 2 | J. Vasconcelos | Masculino | <i>Forças Armadas insustentáveis?</i> | Troika, Governo, Forças Armadas | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | jasssvas@iol.pt |
| 3 | Evangelista Miranda | Masculino | <i>Mais um elefante branco</i> | Novas Oportunidades | Educação | Não | Crítica | Não. Não | miranda.evangelista@gmail.com |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|--|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Lisboa deve o triplo de Porto e Gaia» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 25 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | Reportagem com José Mendes, vice-reitor da Universidade do Minho |
| Número de participantes | 4 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|----------------------|-----------|---|--|------------------------------------|-------------------------------------|--|---|-------------------------------|
| 1 | Albano Silva | Masculino | <i>O presidente e o roteiro para a natalidade</i> | Roteiro para a natalidade, presidente da República | Política (presidente da República) | Não | Crítica/sugestão | Não. Não | albanordsilva@gmail.com |
| 2 | Mário da Silva Jesus | Masculino | <i>Quem nos acode a mais esta?</i> | Corte de horários na Carris | Sociedade | Sim | Crítica/sugestão | Não. Não | mariojesus1953@gmail.com |
| 3 | Manuel Amorim | Masculino | <i>O ponto em que estamos</i> | Contas do Instituto Português do Sangue | Saúde | Não | Crítica | Não. Não | amorimporto@hotmail.com |
| 4 | Carlos Vasconcelos | Masculino | <i>Em casa de ferreiro espeto de pau</i> | Política europeia, Angela Merkel | Internacional | Não | Crítica | Não. Não | carlos.vascon@mail.telepac.pt |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|---|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Patrões pregam calote de 11 milhões» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 14 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | Reportagem com Aquiles Barros, administrador da Castelbel |
| Número de participantes | 4 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|-----------------------|-----------|---|---|-------------------------|-------------------------------------|--|---|------------------------------------|
| 1 | Quintino Silva | Masculino | <i>As mortes na construção civil</i> | Fiscalização nas obras públicas | Sociedade | Sim | Crítica | Não. Não | quintino.fernandes.silva@gmail.com |
| 2 | Ana Santos | Feminino | <i>Tolerância foi brincadeira de Carnaval</i> | Recusa de tolerância de ponto no Carnaval | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | ana_santos5@hotmail.com |
| 3 | João Fraga Oliveira | Masculino | <i>Concertação ou contracepção labora.</i> | Concertação social, presidente da República | Sociedade | Não | Crítica | Não. Não | fragaoliveira@sapo.pt |
| 4 | Arménio Rosa Medeiros | Masculino | <i>Reconquistar valores morais e familiares</i> | Crise material e económica, dos valores da sociedade nacional | Sociedade | Não | Crítica/sugestão | Não. Não | armeniomedeiros@hotmail.com |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|---|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Assalto e sequestro no Bingo» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 15 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | Reportagem com Nuno Alves, atleta paralímpico |
| Número de participantes | 4 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|---------------------|-----------|--|--|-------------------------|-------------------------------------|--|---|-------------------------------|
| 1 | Evangelista Miranda | Masculino | <i>Estradas, pontes e viadutos não são exportáveis</i> | Abandono dos campos, construção de obras públicas, estradas e viadutos | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | miranda.evangelista@gmail.com |
| 2 | Emanuel Caetano | Masculino | <i>Mais cortes, só se for na Terça-Feira Gorda</i> | Medidas de austeridade | Economia | Não | Crítica | Não. Não | emanueldylancaetano@gmail.com |
| 3 | Jorge Pinto | Masculino | <i>O país está a perder gerações necessárias</i> | Emprego, oposição política, Governo e sociedade | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | jorgepinto51@gmail.com |
| 4 | J. Nazareno Ramos | Masculino | <i>Esta democracia está inquinada</i> | Mário Soares, meios de comunicação social | Média | Sim | Crítica/Elogio | Não. Não | povoaramos@gmail.com |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|--|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Construção civil falida em Braga» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 15 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | Reportagem com Amadeu Nogueira, autor de uma ação judicial contra a Metro do Porto |
| Número de participantes | 4 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|---------------------|-----------|--|---|------------------------------------|-------------------------------------|--|---|-----------------------------|
| 1 | Manuel Rocha Santos | Masculino | <i>Chico-espertice de famigerado tribuno</i> | Política e ações em tribunal | Justiça | Não | Crítica | Não. Não | manuelrochasantos@gmail.com |
| 2 | Ana Santos | Feminino | <i>Governo acha que sofremos de amnésia</i> | PSD e Governo | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | ana_santos5@hotmail.com |
| 3 | Gustavo Reis | Masculino | <i>Futuro promissor é uma miragem</i> | Críticas à sua relação com os média | Política (presidente da República) | Não | Crítica/elogio | Não. Não | guga_reis@sapo.pt |
| 4 | J. Vasconcelos | Masculino | <i>Escarcéu poderia ter sido evitado</i> | Recusa da tolerância de ponto no Carnaval | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | jassvas@iol.pt |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|---|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Absolvição e revolta» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 15 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | Reportagem com voluntários portugueses de partida para África |
| Número de participantes | 4 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|--------------------|-----------|--|--|-------------------------|-------------------------------------|--|---|-------------------------------|
| 1 | Rogério Gonçalves | Masculino | <i>Mordomias a mais em tempos de crise</i> | Emprego e greves em empresas públicas, presidente da República | Sociedade | Não | Crítica | Não. Não | rogerio7maia@hotmail.com |
| 2 | Carlos Vasconcelos | Masculino | <i>Portugal e os idosos e os doentes</i> | Idosos, assistência social | Sociedade | Não | Crítica | Não. Não | carlos.vascon@mail.telepac.pt |
| 3 | Manuel Santos | Masculino | <i>Em defesa da ortografia correta</i> | Acordo ortográfico | Cultura | Sim | Crítica | Não. Não | manuelsousasantos@gmail.com |
| 4 | Mário Jesus | Masculino | <i>Um jornal de cara lavada</i> | Sobre o novo grafismo do Jornal de Notícias | Média | Sim | Elogio | Não. Não | mariojesus1953@gmail.com |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|---|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Doentes cancerosos protegidos» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 13 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | Reportagem com Felícia Peixoto, surda que ajuda deficientes auditivos que vão à Capital Europeia da Cultura |
| Número de participantes | 5 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|----------------|-----------|--|---|-------------------------|-------------------------------------|--|---|---------------------------|
| 1 | Jorge Morais | Masculino | <i>Já é tempo de acabar com estas borlas</i> | Gastos dos deputados na Assembleia da República | Política | Não | Crítica | Não. Não | katuas.morais@gmail.com |
| 2 | Albano Silva | Masculino | <i>Notícias do meu país para Zeca Afonso</i> | 25 anos da morte de Zeca Afonso, estado social e económico do país | Cultura | Não | Crítica | Não. Sim | albanordsilva@gmail.com |
| 3 | Inácio Resende | Masculino | <i>Dragão arruinado em terras de Sua Majestade</i> | Derrota e eliminação do FC Porto com o Manchester City, numa eliminatória da Liga | Desporto (futebol) | Não | Crítica/elogio | Não. Sim | inacioresende@hotmail.com |

| | | | | | | | | | |
|---|-----------------|-----------|---|---|--------------------|-----|---------|----------|---------------------|
| | | | | Europa | | | | | |
| 4 | Eduardo Cardoso | Masculino | <i>Confundir publicidade com notícias</i> | Tratamento noticioso dado sobre o escritório de uma empresa alemã | Média | Não | Crítica | Não. Não | ecenergia@gmail.com |
| 5 | J. Vasconcelos | Masculino | <i>Feriado ou tolerância de ponto?</i> | Recusa da tolerância de ponto no Carnaval | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | jassvas@iol.pt |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|--|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «35 mil famílias pobres com três ou mais filhos» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 15 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | Reportagem com três arquitetos emigrados |
| Número de participantes | 4 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|------------------------|-----------|--|--|-------------------------|-------------------------------------|--|---|--------------------------------|
| 1 | Joaquim A. Moura | Masculino | <i>O povo e a lei ou a lei do povo</i> | Sociedade, justiça, juizes e o caso de Rui Pedro | Justiça | Não | Crítica | Não. Não | jabilmoura@gmail.com |
| 2 | Jorge Pinto | Masculino | <i>Pais europeísta ou terceiro-mundista?</i> | Forças Armadas | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | jorgepinto51@gmail.com |
| 3 | João Fraga de Oliveira | Masculino | <i>Comissões de desemprego dos jovens</i> | Políticas de governo para o emprego, desemprego | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | fragaoliveira@sapo.pt |
| 4 | Henrique Oliveira | Masculino | <i>De patinho feio a cisne</i> | Secretário de Estado dos Transportes | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | henriqueoliveira1974@gmail.com |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|---|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Militares acusados de falsificações» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 13 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | Reportagem com Maria José Magalhães, presidente da UMAR |
| Número de participantes | 4 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|--------------------|-----------|---|--|---|-------------------------------------|--|---|--|
| 1 | Jorge Pinto | Masculino | <i>Até os fogos chegaram mais cedo</i> | Incêndios florestais e pirómanos | Sociedade | Não | Crítica/sugestão | Não. Sim | jorgepinto51@gmail.com |
| 2 | Alberto Gonçalves | Masculino | <i>Deputados a pão e água</i> | Poupanças de água na Assembleia da República | Política (deputados da Assembleia da República) | Não | Crítica/sugestão | Não. Não | albertogoncalves10@portugalmail.pt |
| 3 | Silvino Figueiredo | Masculino | <i>Amor aos filhos é de graça. Criá-los é que não</i> | Natalidade | Sociedade | Não | Crítica | Não. Não | figariano@sapo.pt |
| 4 | Isabel Amaro | Feminino | <i>Por que não condecorar o Pintas</i> | Condecorações da Câmara Municipal do Porto, no 25 de abril | Política (administração local) | Não | Crítica | Não. Não | amaro.isa@gmail.com (amado.isa@gmail.com) |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|---|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Andamos mais a pé com a crise» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 15 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | Reportagem com Filipe Nieto da Silva, diretor-geral da BIGBOX |
| Número de participantes | 4 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|-------------------|-----------|--|---|-------------------------|-------------------------------------|--|---|---------------------------------|
| 1 | Carlos Figueiredo | Masculino | <i>Que se elevem as vozes de cada mulher</i> | <i>Troika</i> , novas oportunidades, aumentos nos transportes | Política (Governo) | Não | Crítica/sugestão | Não. Não | carloscar.1947@gmail.com |
| 2 | Alberto Vilela | Masculino | <i>O exemplo da justiça espanhola</i> | Detenção de Sara Norte por posse ilegal de drogas | Justiça | Não | Crítica/elogio | Não. Não | albertosilvavilela@gmail.com |
| 3 | Américo Bernardes | Masculino | <i>Siga-se o exemplo chinês</i> | Natalidade | Sociedade | Não | Crítica/sugestão | Não. Não | bernardes.predialxira@gmail.com |
| 4 | Ana Santos | Feminino | <i>Mudar é sinónimo de inovar</i> | Elogios ao novo grafismo do Jornal de Notícias | Média | Não | Crítica/elogio | Não. Não | ana_santos5@hotmail.com |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|--|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Padre faz de banqueiro e saca fortuna a fiéis idosos» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 17 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | Reportagem com João Monteiro Ruela, ex-traficante de droga |
| Número de participantes | 3 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|-------------------------|-----------|---|---|-------------------------|-------------------------------------|--|---|---|
| 1 | Jorge Morais | Masculino | <i>Falta de diálogo entre pais e filhos</i> | Relacionamentos familiares entre pais e filhos | Sociedade | Sim | Crítica | Não. Não | katuas.morais@gmail.com |
| 2 | Manuel A. Rocha Pereira | Masculino | <i>Será que ainda somos portugueses?</i> | Compra de parte das ações da EDP por empresa chinesa, deslocalização da sede do Pingo Doce para a Holanda | Economia | Não | Crítica | Não. Não | mpereira340@gmail.com |
| 3 | Virgilio Salvador | Masculino | <i>O polémico acordo ortográfico</i> | Acordo ortográfico | Cultura | Não | Crítica | Não. Não | floripo.virgilio.salvador@caixaseguros.pt |

I. Descrição genérica do formato

| | Descrição |
|--|--|
| Destaque principal da capa na edição impressa (principal manchete) | «Transporte de 300 mil alunos em risco» |
| Página onde foi colocada a secção <i>Cartas do Leitor</i> | 17 |
| Conteúdo que acompanha a secção <i>Cartas do Leitor</i> | Reportagem com Leonel Pinheiro, tenor bracarense |
| Número de participantes | 3 |

II. Participantes: caracterização, temas debatidos

| | Participante | Género | Título do leitor | Assunto principal da carta | Área temática dominante | Texto baseado no testemunho pessoal | Tom da carta (elogio/crítica/sugestão) | Aborda temas destacados na capa do dia? E com a capa do dia anterior? | E-mail colocado |
|---|----------------|-----------|---|---|--------------------------------|-------------------------------------|--|---|------------------------------------|
| 1 | Vitor Santos | Masculino | <i>Este país está moralmente falido</i> | Política da maioria governamental, troika | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | cyntrascrita@hotmail.com |
| 2 | Isaura França | Feminino | <i>Insanidade de quem gere património</i> | Caso de uma fonte de água e atuação da Câmara Municipal de Matosinhos | Política (administração local) | Não | Crítica | Não. Não | isaurafranca@gmail.com |
| 3 | Quintino Silva | Masculino | <i>Como vai ser na Páscoa?</i> | Recusa da tolerância de ponto no Carnaval | Política (Governo) | Não | Crítica | Não. Não | quintino.fernandes.silva@gmail.com |

APÊNDICE 29

Calendarização da abordagem empírica à secção *Cartas do Leitor* do Jornal de Notícias

Fevereiro de 2012

| Domingo | 2ª-feira | 3ª-feira | 4ª-feira | 5ª-feira | 6ª-feira | Sábado |
|----------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|
| | | | 1 EDIÇÃO ANALISADA #1 | 2 EDIÇÃO ANALISADA #2 | 3 EDIÇÃO ANALISADA #3 | 4 EDIÇÃO ANALISADA #4 |
| 5 EDIÇÃO ANALISADA #5 | 6 EDIÇÃO ANALISADA #6 | 7 EDIÇÃO ANALISADA #7 | 8 EDIÇÃO ANALISADA #8 | 9 EDIÇÃO ANALISADA #9 | 10 EDIÇÃO ANALISADA #10 | 11 EDIÇÃO ANALISADA #11 |
| 12 EDIÇÃO ANALISADA #12 | 13 EDIÇÃO ANALISADA #13 | 14 EDIÇÃO ANALISADA #14 | 15 EDIÇÃO ANALISADA #15 | 16 EDIÇÃO ANALISADA #16 | 17 EDIÇÃO ANALISADA #17 | 18 EDIÇÃO ANALISADA #18 |
| 19 EDIÇÃO ANALISADA #19 | 20 EDIÇÃO ANALISADA #20 | 21 EDIÇÃO ANALISADA #21 | 22 EDIÇÃO ANALISADA #22 | 23 EDIÇÃO ANALISADA #23 | 24 EDIÇÃO ANALISADA #24 | 25 EDIÇÃO ANALISADA #25 |
| 26 EDIÇÃO ANALISADA #26 | 27 EDIÇÃO ANALISADA #27 | 28 EDIÇÃO ANALISADA #28 | 29 EDIÇÃO ANALISADA #29 | | | |

APÊNDICE 30

| Área temática dominante | Frequência | Frequência relativa (%) |
|---|------------|-------------------------|
| Política (Governo) | 27 | 25,47% |
| Recusa da tolerância de ponto no Carnaval | 8 | |
| Atuação do Primeiro-Ministro | 2 | |
| Forças Armadas | 2 | |
| Abandono dos campos, construção de obras públicas, estradas e viadutos | 1 | |
| Atuação genérica dos ministros do Governo | 1 | |
| Emprego e emigração | 1 | |
| Emprego, oposição política, Governo e sociedade | 1 | |
| Feriados e troika | 1 | |
| Gastos dos deputados na Assembleia da República | 1 | |
| Impressão dos livros de programa do Governo | 1 | |
| Governo e Ministério da Segurança Social | 1 | |
| Nomeação de cargos públicos | 1 | |
| Relação entre Governo e a <i>troika</i> | 1 | |
| Políticas de governo para o emprego, desemprego | 1 | |
| PSD e Governo | 1 | |
| Secretário de Estado dos Transportes | 1 | |
| <i>Troika</i> , Governo, Forças Armadas | 1 | |
| <i>Troika</i> , novas oportunidades, aumentos nos transportes | 1 | |
| Sociedade | 17 | 16,04% |
| Natalidade | 3 | |
| Idosos | 2 | |
| Caso de jovem que, depois de cometer um crime, se entregou preferindo viver na cadeia do que viver sem trabalho | 1 | |
| CGTP | 1 | |
| Concertação social, presidente da República | 1 | |
| Condições laborais | 1 | |
| Corte de horários na Carris | 1 | |
| Crise material e económica, dos valores da sociedade nacional | 1 | |
| Emprego e greves em empresas públicas, presidente da República | 1 | |
| Fiscalização nas obras públicas | 1 | |
| Greve dos transportes | 1 | |
| Incêndios florestais e pirómanos | 1 | |
| Relacionamentos familiares entre pais e filhos | 1 | |
| Transportes públicos | 1 | |
| Justiça | 16 | 15,09% |
| Abertura do novo ano judicial | 5 | |
| Ação judicial do Boavista | 1 | |
| Caso da Quinta do Ambrósio | 1 | |
| Caso do polvo roubado pelo sem-abrigo | 1 | |
| Declarações de Maria José Morgado | 1 | |

| | | |
|---|-----------|---------------|
| Detenção de Sara Norte por posse ilegal de drogas | 1 | |
| Eleições para a Associação Sindical dos Juizes Portugueses | 1 | |
| Enriquecimento ilícito | 1 | |
| Fim do mandato do presidente do Supremo Tribunal de Justiça | 1 | |
| Política e ações em tribunal | 1 | |
| Situação de uma multa não cobrada | 1 | |
| Sociedade, justiça, juizes e o caso de Rui Pedro | 1 | |
| Economia | 11 | 10,38% |
| Atuação do ministro da Economia, Álvaro Santos Pereira | 1 | |
| Ajuda externa económica a Portugal | 1 | |
| BPI | 1 | |
| Compra de parte das ações da EDP por empresa chinesa, deslocalização da sede do Pingo Doce para a Holanda | 1 | |
| Descida no rating de Portugal pela Standard & Poor's | 1 | |
| Deslocalização da SGPS do Pingo Doce para a Holanda | 1 | |
| Medidas de austeridade | 1 | |
| Pensões sociais | 1 | |
| Pesca do bacalhau | 1 | |
| Sobre Eduardo Catroga | 1 | |
| Troika, Madeira, Governo e gastos públicos | 1 | |
| Cultura | 8 | 7,55% |
| Acordo ortográfico | 3 | |
| Novo diretor do Centro Cultural de Belém | 2 | |
| 25 anos da morte de Zeca Afonso, estado social e económico do país | 1 | |
| Fama e a decadência de celebridades da música | 1 | |
| Morte do arquiteto Fernando Lanhas | 1 | |
| Política (administração local e regional) | 7 | 6,60% |
| Políticas de austeridade na Madeira | 2 | |
| Árvores na ribeira na Gaia | 1 | |
| Caso de uma fonte de água e atuação da Câmara Municipal de Matosinhos | 1 | |
| Condecorações da Câmara Municipal do Porto, no 25 de abril | 1 | |
| Lei da renovação de mandatos autárquicos | 1 | |
| Poder político do Norte, Porto e Gaia | 1 | |
| Média | 6 | 5,66% |
| Elogios ao novo grafismo do Jornal de Notícias, na edição online e impressa | 2 | |
| Desmentir notícia do JN | 1 | |
| Excesso de participação de Mário Soares no comentário político das televisões portuguesas | 1 | |
| Falecimento de um dos militares da revolução de abril | 1 | |
| Tratamento noticioso dado sobre o escritório de uma empresa alemã | 1 | |
| Saúde | 5 | 4,72% |
| Contas do Instituto Português do Sangue | 1 | |
| Dadores de sangue | 1 | |

| | | |
|---|-----|-------|
| Horas extraordinárias dos médicos | 1 | |
| Instalações sanitárias | 1 | |
| Serviço Nacional de Saúde | 1 | |
| Política (Presidente da República) | 3 | 2,83% |
| Atuação do presidente da República, Cavaco Silva | 1 | |
| Roteiro para a natalidade, presidente da República | 1 | |
| Críticas à sua relação com os média | 1 | |
| Internacional | 2 | 1,89% |
| Condenação do juiz Garzón | 1 | |
| Política europeia, Angela Merkel | 1 | |
| Desporto | 2 | 1,89% |
| Demissão de Domingos Paciência do cargo de treinador de futebol do Sporting Clube de Portugal | 1 | |
| Derrota do FC Porto com o Manchester City, em Inglaterra, e consequente eliminação da Liga Europa | 1 | |
| Educação | 1 | 0,94% |
| Novas Oportunidades | 1 | |
| Política (deputados da Assembleia da República) | 1 | 0,94% |
| Poupanças de água na Assembleia da República | 1 | |
| Total | 106 | 100 |



Universidade do Minho

O presente inquérito por questionário dirige-se a participantes que intervieram na secção das *Cartas do Leitor* da edição impressa do Jornal de Notícias, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

APÊNDICE 31

1. Sexo

| | |
|-----------|--------------------------|
| Feminino | <input type="checkbox"/> |
| Masculino | <input type="checkbox"/> |

2. Idade: ____ anos.

3. Em que localidade reside?

4. Qual é a sua situação profissional?.

| | |
|--------------|--------------------------|
| Desempregado | <input type="checkbox"/> |
| Estudante | <input type="checkbox"/> |
| Reformado | <input type="checkbox"/> |
| Ativo. Qual? | <input type="checkbox"/> |

5. Qual é o seu nível de escolaridade?

| | |
|---|--------------------------|
| Primário (atual 1º Ciclo; antiga 4ª classe) | <input type="checkbox"/> |
| Básico (atual 2º Ciclo ; antigo 2º ano) | <input type="checkbox"/> |
| 3º Ciclo (9º ano; antigo 5º ano) | <input type="checkbox"/> |
| Secundário (12º ano; antigo Liceu) | <input type="checkbox"/> |
| Frequência universitária | <input type="checkbox"/> |
| Bacharelato | <input type="checkbox"/> |

| | |
|------------------|--------------------------|
| Licenciatura | <input type="checkbox"/> |
| Mestrado | <input type="checkbox"/> |
| Doutoramento | <input type="checkbox"/> |
| Pós-doutoramento | <input type="checkbox"/> |
| Outro | <input type="checkbox"/> |

6. Qual é o rendimento médio mensal que recebe o seu agregado familiar?

| | |
|--|--------------------------|
| Abaixo de um salário mínimo (menos de 485 euros) | <input type="checkbox"/> |
| Um salário mínimo (485 euros) | <input type="checkbox"/> |
| Entre um e dois salários mínimos (Entre 485 euros e 970 euros) | <input type="checkbox"/> |
| Acima de dois salários mínimos (Mais do que 970 euros) | <input type="checkbox"/> |
| Não sabe | <input type="checkbox"/> |

7. Tem filiação a algum clube, partido, sindicato? Qual/Quais?

| | |
|-----------|--------------------------|
| Clube | <input type="checkbox"/> |
| Partido | <input type="checkbox"/> |
| Sindicato | <input type="checkbox"/> |
| Nenhum | <input type="checkbox"/> |
| Outro | <input type="checkbox"/> |
| Não sabe | <input type="checkbox"/> |



Universidade do Minho

O presente inquérito por questionário dirige-se a participantes que intervieram na secção das *Cartas do Leitor* da edição impressa do Jornal de Notícias, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

8. Já contactou o Jornal de Notícias através de carta?
[se não ou não sabe, passe à pergunta 10]

| | |
|----------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe | |

9. Neste sentido, indique o(s) motivo(s) e a sua frequência, nos últimos 12 meses.

| | Nunca | Há mais de 12 meses | 1-3 | 4-5 | Mais do que 5 | Não sabe |
|--|-------|---------------------|-----|-----|---------------|----------|
| Anunciar na secção de publicidade | | | | | | |
| Exercer o direito de resposta | | | | | | |
| Anunciar na secção de necrologia | | | | | | |
| Contactar o Provedor do Leitor | | | | | | |
| Realizar críticas, sugestões ao trabalho do JN | | | | | | |
| Outro | | | | | | |

10. A não ser para a publicação de cartas, já alguma vez contactou o Jornal de Notícias através de *e-mail*? [se não ou não sabe, passe à pergunta 12]

| | |
|----------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe | |

11. Neste sentido, indique o(s) motivo(s) e a sua frequência, nos últimos 12 meses.

| | Nunca | Há mais de 12 meses | 1-3 | 4-5 | Mais do que 5 | Não sabe |
|---|-------|---------------------|-----|-----|---------------|----------|
| Realizar críticas, sugestões ao trabalho do JN (edição impressa e <i>online</i>) | | | | | | |
| Exercer o direito de resposta | | | | | | |
| Contribuir para a secção 'Cidadão repórter' | | | | | | |
| Contactar o Provedor do Leitor | | | | | | |
| Contactar as secções editoriais <i>online</i> do Jornal de Notícias | | | | | | |



O presente inquérito por questionário dirige-se a participantes que intervieram na secção das *Cartas do Leitor* da edição impressa do Jornal de Notícias, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

| | | | | | | |
|-------|--|--|--|--|--|--|
| Outro | | | | | | |
|-------|--|--|--|--|--|--|

12. Já contactou o Jornal de Notícias através de telefone?
[se não ou não sabe, passe à pergunta 14]

| | |
|----------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe | |

13. Neste sentido, indique o(s) motivo(s) e a sua frequência, nos últimos 12 meses.

| | Nunca | Há mais de 12 meses | 1-3 | 4-5 | Mais do que 5 | Não sabe |
|--|-------|---------------------|-----|-----|---------------|----------|
| Anunciar na secção de publicidade | | | | | | |
| Dar conta de informações sobre trânsito, catástrofes, etc. | | | | | | |
| Outro | | | | | | |

14. Já alguma vez acedeu ao *site* do Jornal de Notícias (www.jn.pt)?
[se não ou não sabe, passe à pergunta 16]

| | |
|----------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe | |

15. Qual é a frequência com que costumar visita o *site* do Jornal de Notícias?

| | Mais raramente | 1 vez por mês | 1-3 vezes por semana | A maior parte da semana | Todos os dias | Não sabe |
|-----------------------|----------------|---------------|----------------------|-------------------------|---------------|----------|
| Aceder ao <i>site</i> | | | | | | |

16. Neste sentido, o que o ocupa mais tempo no *site* do Jornal de Notícias?
[escolha até 3 alternativas]

| | |
|---|--|
| Ler notícias | |
| Ver vídeos | |
| Ler blogues promovidos pelo <i>site</i> | |
| Partilhar notícias que estão no <i>site</i> do Jornal de Notícias | |
| Enviar conteúdos através da opção 'enviar' colocada nas notícias | |
| Participar em concursos, passatempos | |
| Responder a inquéritos no <i>site</i> | |
| Escrever um ou mais comentários numa ou mais notícias | |



Universidade do Minho

O presente inquérito por questionário dirige-se a participantes que intervieram na secção das *Cartas do Leitor* da edição impressa do Jornal de Notícias, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

17. Quando enviou a primeira carta para esta secção das *Cartas do Leitor*?

| | |
|----------------------|--|
| Foi a primeira vez | |
| Desde este ano | |
| Desde o ano passado | |
| Há mais de dois anos | |
| Não me recordo | |

18. Qual é a frequência com que lê, em média por semana, a secção das *Cartas do Leitor*?

| | |
|-------------------|--|
| Mais raramente | |
| 1-2 | |
| 3-6 | |
| 7 (todos os dias) | |
| Não sei | |

19. Qual é a frequência com que escreve, em média por mês, para a secção das *Cartas do Leitor*?

| | |
|------------------------|--|
| Foi a primeira vez | |
| Mais raramente | |
| 1 vez por mês | |
| 2 a 4 vezes por mês | |
| 1 a 3 vezes por semana | |

| | |
|-------------------------|--|
| A maior parte da semana | |
| Todos os dias | |
| Não sei | |

20. Qual é a frequência com que o Jornal de Notícias publica, em média por mês, as suas cartas?

| | |
|-------------------------|--|
| Foi a primeira vez | |
| Mais raramente | |
| 1 vez por mês | |
| 2 a 4 vezes por mês | |
| 1 vez por semana | |
| A maior parte da semana | |
| Todos os dias | |
| Não sei | |

21. Sobre que temas prefere escrever nas cartas? [escolha até três alternativas]

| | |
|-----------|--|
| Política | |
| Sociedade | |
| Segurança | |
| Economia | |
| Pais | |
| Mundo | |
| Desporto | |
| Cultura | |



O presente inquérito por questionário dirige-se a participantes que intervieram na secção das *Cartas do Leitor* da edição impressa do Jornal de Notícias, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

| | |
|------------|--|
| Gente | |
| Tecnologia | |
| Outro(s) | |

22. Por que motivo(s) pensa que o Jornal de Notícias publica as cartas dos leitores?
[escolha até 2 alternativas]

| | |
|---|--|
| Por nenhuma razão em especial | |
| Para ocupar espaço no jornal | |
| Para cativar mais audiências e com isso obter mais lucro | |
| Porque os outros jornais também recebem cartas dos leitores | |
| Para incentivar a expressão livre e crítica dos cidadãos sobre a atualidade | |
| Outro | |
| Não sei | |

23. Por que motivo(s) decidiu escrever para a secção *Cartas do Leitor*?
[escolha até 3 alternativas]

| | |
|--|--|
| Para dar a minha opinião sobre um tema | |
| Porque gosto desta secção das Cartas do Leitor | |
| Porque gosto de ler o Jornal de Notícias | |
| Pelos apelos do Jornal de Notícias à participação nesta secção | |
| Para dar a conhecer o meu caso ao público | |
| Para combater a minha solidão, isolamento | |
| Para debater temas que afetam diretamente a minha vida | |
| Escrevo por influência de familiares, amigos, desconhecidos | |

24. Indique o seu nível de concordância/discordância relativamente às seguintes afirmações relacionadas com a secção *Cartas do Leitor*.

| | Discordo totalmente | Discordo | Não concordo, nem discordo | Concordo | Concordo totalmente | Não sei |
|--|---------------------|----------|----------------------------|----------|---------------------|---------|
| Tenho pouco tempo para ler as <i>Cartas do Leitor</i> | | | | | | |
| Tenho medo da reação das outras pessoas ao lerem a minha opinião | | | | | | |
| Sinto que não vou ser útil, porque há muitas pessoas que escrevem | | | | | | |
| Tenho dificuldade em exprimir o meu ponto de vista relativamente a um tema | | | | | | |
| Na versão em papel, o Jornal de Notícias altera as | | | | | | |



O presente inquérito por questionário dirige-se a participantes que intervieram na secção das *Cartas do Leitor* da edição impressa do Jornal de Notícias, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

| | | | | | | |
|---|--|--|--|--|--|--|
| ideias do meu texto inicial ou reduz o tamanho do meu texto inicial | | | | | | |
| Nesta secção, escrevem sempre as mesmas pessoas | | | | | | |
| Nesta secção o vocabulário utilizado pelas pessoas é limitado | | | | | | |
| Nesta secção a reflexão sobre os temas fundamentais não é estimulante | | | | | | |
| Esta secção não produz efeitos na vida real | | | | | | |
| Há falta de divulgação das formas de participação nas <i>Cartas do Leitor</i> | | | | | | |

25. De 0 (nenhum) a 10 (muito), atribua um valor à influência política e social que julga que a secção das *Cartas do Leitor* pode ter.

| | |
|---|--|
| Valorização da influência política e social das <i>Cartas do Leitor</i> | |
|---|--|

26. Qual é o seu grau de satisfação em relação às *Cartas do Leitor*?

| | |
|----------------------------------|--|
| Extremamente insatisfeito | |
| Insatisfeito | |
| Nem satisfeito, nem insatisfeito | |
| Satisfeito | |
| Bastante satisfeito | |
| Extremamente satisfeito | |
| Não sabe | |

27. Já escreveu cartas para outras secções semelhantes às *Cartas do Leitor* noutros jornais?

| | |
|----------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe | |

28. Neste sentido, indique para que secção/secções e respetivos jornais enviou cartas.



Universidade do Minho

O presente inquérito por questionário dirige-se a participantes que intervieram na secção das *Cartas do Leitor* da edição impressa do Jornal de Notícias, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

| | |
|---------------------------------------|--|
| Correio do Leitor – Correio da Manhã | |
| Cartas do Leitor – Diário de Notícias | |
| Cartas à Diretora - Público | |
| Cartas dos leitores - Expresso | |
| Cartas ao Diretor - Sol | |
| Cartas dos Leitores - Visão | |
| Imprensa gratuita | |
| Imprensa regional | |
| Outro | |
| Não sabe | |

29. Em termos genéricos, que tipo de credibilidade dá aos colunistas do Jornal de Notícias?

| | |
|------------------------|--|
| Nenhuma credibilidade | |
| Pouca credibilidade | |
| Nem muita, nem pouca | |
| Alguma credibilidade | |
| Bastante credibilidade | |
| Toda a credibilidade | |
| Não sabe | |

30. Já ouviu falar na expressão 'literacia mediática' ou 'Educação para os Média' [Se 'sim, mas não consigo dizer em que consiste', 'não' ou 'não sabe', passe para a questão 35]?

| | |
|---|--|
| Sim | |
| Sim, mas não consigo dizer em que consiste | |
| Não | |
| Não, mas pelas expressões posso tentar depreender o que significa | |
| Não responde | |

31. Consegue explicar em que consiste?

32. Na sua opinião, o sentimento de crise económica e financeira pode potenciar maiores níveis de participação dos cidadãos nos meios de comunicação social?

| | |
|---------------|--|
| Sim | |
| É indiferente | |
| Não | |
| Não sabe | |

33. Devem os meios de comunicação social apoiar os formatos que dão voz ao cidadão?

| | |
|---------------|--|
| Sim | |
| É indiferente | |
| Não | |
| Não sabe | |



Universidade do Minho

O presente inquérito por questionário dirige-se a participantes que intervieram na secção das *Cartas do Leitor* da edição impressa do Jornal de Notícias, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

34. Que sugestões daria ao Jornal de Notícias no sentido de melhorar a secção *Cartas do Leitor*?

Obrigado pela sua colaboração!

Fábio Fonseca Ribeiro

fabiofonsecaribeiro@gmail.com

PhD Student & Investigador-Colaborador

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) / Universidade do
Minho

APÊNDICE 32

Local e data de realização: Redação do JN (Porto), 15 de novembro de 2012, 15h00

Entrevistado: Lúcio Brandão

Órgão de comunicação social: Jornal de Notícias

Cargo profissional à data da entrevista: Jornalista e responsável pelas *Cartas do Leitor*

Pergunta: Há quanto tempo está no Jornal de Notícias e na gestão das *Cartas do Leitor*?

Lúcio Brandão: Tenho 35 anos de profissão e nas *Cartas do Leitor* estou há 4 anos. Fui chefe de redação durante muitos anos, comecei no jornalismo ainda não havia curso de jornalismo, portanto sou um cabo já na 'velha guarda'. Dentro da redação de um jornal já fiz basicamente tudo, fui diretor interino, ocupei variadíssimos cargos, estive no desporto que era uma porta para o jornalismo. Na altura, era a única porta de acesso que as pessoas tinham a uma redação, começavam por ser colaboradores desportivos. Grandes nomes do jornalismo português fizeram-se através do desporto.

Qual é a função onde se sente mais confortável neste momento, aqui no JN?

É na liderança. Neste momento, já não escrevo, já não vou para a rua, o que não quer dizer que de vez enquanto não escreva qualquer coisa mas é um trabalho mais de planeamento, de secretaria e de supervisão. Desde muito novo que ocupei posições de chefia.

Como sabe, o trabalho que desenvolvemos no contexto desta investigação prende-se com as *Cartas do Leitor*. Ora, a questão que nos traz a esta conversa resume-se à participação dos cidadãos nos média. Tomemos esta situação numa perspetiva genérica, de implicação do sujeito nos assuntos públicos, aplicada ao povo português. Ora, frequentemente somos confrontados com considerações que denunciam o povo dinamismo da sociedade portuguesa. Aliás, tal como referiu a escritora Inês Pedrosa, ao jornal SOL, a 6 de janeiro de 2012, «o mais grave défice de Portugal é o da participação cívica. O ativismo social e político escoia-se em queixas de café». Somos um povo pouco comprometido, desprendido de uma mobilização social, cívica? Segues esta interpretação?

Concordo, a nossa massa crítica fica efetivamente no corredor, no café e não nos locais próprios e infelizmente com este estado em que o país se encontra de austeridade, penso que isso tenderá naturalmente a mudar como temos visto e assistido muito recentemente. É uma verdade que por fatores não muito agradáveis, essa situação terá de mudar, cada vez existem mais fóruns, tertúlias e grupos organizado. Com a proliferação das novas tecnologias, os jornais eletrónicos também já permitem fóruns e uma interação muitíssimo grande dos leitores. Nem sempre é a mais saudável, porque são espaços totalmente abertos em que tudo é permitido inclusivamente o insulto, portanto, não há muitos filtros para controlar este tipo de coisas. No fundo o que pretendem os jornais com a abertura de espaços dinamizados pelos leitores? Pretendem alguma massa crítica, para além daquilo que é institucional. Todos os jornais têm espaços dedicados à opinião, com personalidades convidadas e pagas dos mais diversos quadrantes, do político, económico, etc. Julgo que estes espaços são cada vez mais reduzidos devido a uma contenção de custos por parte dos jornais, de diminuição de páginas a que são obrigados. O Jornal de Notícias já teve uma página inteira dedicada a opinião dos leitores, neste momento tem duas colunas. No fundo é arranjar alguma massa crítica que não seja institucional e dar voz às pessoas que não têm outra forma de se expressar. Neste momento, os jornais estão

constrangidos por questões de espaço e até admito que haveria alguns projetos interessantes de interação com os leitores, mas é completamente impossível.

Deslocando a motivação do Jornal de Notícias para as motivações dos leitores para participarem nestes espaços, podemos observar que a intervenção escrita se relaciona inevitavelmente com a manifestação de um certo gosto pelo debate de ideias, troca de opiniões. Foram inclusivamente as razões mais assinaladas, num plano em que, aparentemente, a cidadania ativa, de ligação ao outro e à comunidade, ocupam pouca dimensão. Que outros aspetos introduziria a este respeito?

Manifestar anseios, preocupações. Há naturalmente pessoas que são pró-ativas, que gostam de escrever...

Mas são muitas ou poucas?

São muitas. Muitas. Em várias ocasiões, versam temas muito próprios e temos algum cuidado a gerir esse tipo de situações. Tentamos transmitir ao público, porque vai ser lido por muitas pessoas, aquilo que interessa verdadeiramente, filtrando os aspetos particulares. Há pessoas que, em poesia ou prosa, inundam-nos com textos desse tipo.

Por outro lado, parece que uma certa ideia de participação está hoje ligada ao digital e a novas formas de comunicação com o público por via de ambientes sociais diversos. Neste sentido, o JN marca presença assídua em várias redes sociais como o Facebook, Twitter, Tumblr, Instagram, Google +, etc. Reconhecendo que isto multiplica a atividade tradicionalmente pensada para o jornalista, que reflexo tiveram esses novos ambientes na participação *online*?

O *online* é uma reação mais direta e imediata. Se publicamos uma determinada notícia, temos logo acesso a uma série de comentários que indicam como reagem as pessoas que leem esses conteúdos. A manifestação e a reação das pessoas são instantâneas. Em relação ao papel, isto é totalmente distintos. Aquilo que é fatural, do momento, tem muito interesse no *online*.

Nessa participação ao nível do comentário, falamos de muitas pessoas ou falamos de algumas pessoas que participam muitas vezes?

Não, são realmente muitas pessoas. No caso da nossa página, também temos esses repetidos, claros.

Tem noção de há quanto tempo existe este formato das cartas?

Não lhe posso precisar, mas há dezenas e dezenas de anos.

De acordo com informações no *site*, as Cartas do Leitor, «pela importância que tem para a reputação das publicações, a missão de selecionar e editar as cartas dos leitores é geralmente confiada a editores experientes e reconhecidamente independentes face a pressões internas ou externas», pelo que se depreende que este formato é especial e requer cuidados. Que razões justificam esta posição?

Quer dizer, é natural que assim seja. Algumas regras têm necessariamente de ser cumpridas, como a boa educação, a sã convivência, o bom senso e temos muitos leitores que ultrapassam

um pouco esses limites. Depois, temos os limites de espaço físico, tentando incluir o maior número de temas possível. Temos ainda de ter muito cuidado porque temos rigorosamente leitores de todo o género. Posso dar-lhe um exemplo: as mensagens de *e-mail* que nos chegam de um leitor que fala bem de si próprio, elogia a qualidade dos seus textos, remetidas de um endereço que não tem nada a ver com o nome dele. Isto foi descoberto e por isso tem de ser uma pessoa que conheça estes filtros. Temos pessoas que escrevem três e quatro textos por dia! É claro que tem de haver alguns critérios, de atualidade. O espírito das *Cartas do Leitor* não se compadece com artigos muito longos. Recebemos telefonemas de pessoas que pretendem falar comigo, como responsável por este espaço, para perceberem as razões pelas quais não decidi publicar os seus textos. Pois quando estão ao telefone e lhes perguntam «Quem é o senhor?» Respondem: «sou jornalista do JN há muitos anos. Escrevo muitas cartas para aí». Tive ainda um caso de um leitor que exigiu ser ressarcido economicamente pelos textos que escreveu.

É um cenário complexo. Como chegam as cartas, por correspondência postal ou *e-mail*?

Chegam das duas vias. Por uma questão de organização, mudámos um pouco. Com a introdução das novas tecnologias, passámos a adotar a receção exclusiva por *e-mail*. Fizemo-lo por motivos práticos, uma vez que isso obrigava a que tivéssemos um jornalista a datilografar a carta, o que constituía uma perda de tempo. Também por razões óbvias: há caligrafias que são impossíveis de ler, o jornalista não consegue perceber o conteúdo da carta. Hoje em dia isso acabou. Os leitores que enviam por correio postal ficam prejudicados, porque já não temos esse mecanismo. Isto também levanta outro problema. O público-alvo do JN já abrange uma faixa etária avançada, entre reformados e mais idosos. Ora, o problema é que, para muitas dessas pessoas, o jornal é um desses refúgios, de escrita, contudo não sabem dominar as ferramentas tecnológicas o que lhes impede de participar. Há aqui algum conflito entre a forma como chegam as cartas.

Entrando agora no estudo que realizámos, ao longo de um mês de edições das *Cartas do Leitor*, verificámos a publicação de 106 textos. Através da assinatura, podemos perceber que 61% dos participantes já tinham visto as suas cartas publicadas nesse período. Será esta a primeira limitação, isto é, dispor de um espaço que é marcado por uma repetição evidente de leitores? São basicamente sempre os mesmos?

O espírito deveria ser o inverso. Muitas vezes somos confrontados com a repetição, com processos pouco claros, de leitores que enviam diversos textos e alteram o endereço eletrónico remetente. Isso provoca que muitos reclamem justamente neste contexto. Na página do leitor afirmamos que não temos a obrigação de publicar todos os textos que recebemos e a verdade é que temos sempre os mesmos a reclamarem pela não publicação. Uma pessoa que manda cinco textos não pode pretender que sejam todos publicados. Tem de haver rotatividade, por vezes não é possível. Também já fiz esse exercício durante algum tempo e cheguei à conclusão de que houve um leitor que publicou 10 cartas num mês...

No nosso estudo, o máximo que encontrámos foi de seis textos.

Pois, isso não é de todo desejável. Na altura de férias, as cartas escasseiam e temos aqueles leitores efetivamente mais ativos e não temos outra solução que não seja a de recorrermos a essas cartas. Deveria haver uma maior rotatividade.

Quando está nesse processo de seleção, é a atualidade o critério principal? Também fizemos essa análise, se a capa do dia teria alguma relação com os temas debatidos ou até do dia anterior, mas não verificámos isso.

Não, por uma razão muito simples. A página do leitor é uma daquelas páginas que em jornalismo chamamos de 'páginas frias', ou seja, a escolha das cartas para o jornal de amanhã já está feita desde ontem. Pontualmente tentamos coincidir os temas, mas os leitores não são tao ágeis a esse ponto. Contudo, há pessoas que escrevem sobre a atualidade, mas a maioria tem debates filosóficos, desabafos, etc. Não tenho problema nenhum em colocar cartas que façam parte da atualidade.

Na questão dos temas, percebemos que a política e a economia dominam claramente o discurso dos leitores. Também lhe parece nítida esta inclinação temática?

Curiosamente não recebemos muitas cartas sobre desporto e futebol. É raríssimo. Não me pergunte a razão, não lhe consigo responder. Os últimos textos que recebi sobre desporto foi na altura do Euro 2012, de futebol, mas num número reduzido.

Falando agora do contacto que tivemos com os leitores. Responderam 31, um número modesto. Em termos genéricos, temos um público adulto, em média nos 55 anos, que reside aqui no distrito do Porto, uma formação escolar até ao secundário. Tem esta perceção da forma como as pessoas escrevem, do contacto que tem com elas ou é difícil?

Não, é difícil. Há de tudo.

E em relação a filiações política, consegue perceber alguma movimentação nesse sentido?

Sim, de dirigentes, de pequenas autarquias. Nesses casos, as pessoas não têm qualquer problema em colocar o número de militante. Habitualmente não publico essas cartas, pura e simplesmente. Há espaços e momentos próprios para isso, as cartas não são esse espaço para tricas, querelas entre partidos. Não, isso não. Pomos de lado.

É curioso porque no questionário também não tivemos essa constatação. Poderíamos sempre questionar com que conforto as pessoas admitem essa filiação, mas a maioria dos inquiridos não revelou qualquer ligação nesse sentido, nem a clubes, sindicatos, etc.

É provável que haja. Consigo perceber em meia dúzia de leitores as suas inclinações políticas.

Abordando as motivações dos leitores para participar neste espaço, podemos verificar que a intervenção se justifica, quase na sua maioria, com a manifestação de um certo agrado ou satisfação, com o próprio formato, o JN, ou com a escrita sobre temas atuais. Parece-lhe ajustado este cenário ou enquadraria outras questões?

Parece-me que o gosto pela escrita será a principal motivação, mas isso leva a que esse tipo de pessoas veja muito poucas vezes os seus textos publicados. São pessoas que escrevem textos muito extensos e por muito cuidado que tenhamos em sintetizar aquilo corremos sempre o risco de amputar o sentido original. Quando é algo nesse sentido, prefiro não publicar. Às vezes, os

textos são muitíssimo bem escritos, mas por questões de espaço não podem entrar. Relativamente às motivações para participar, consigo perceber uma participação cívica.

Teve pouca expressão no plano das opções dos inquiridos...

Sim, mas há. Existe a tal massa crítica. Existem casos e testemunhos particulares que não podem ser todos publicados, apenas se tiverem interesse geral. Infelizmente – e digo com muita pena até – grande parte das participações que recebemos tem a ver com fenómenos do ego. De pessoas que devem mostrar ao vizinho, que escreve no Jornal de Notícias, muitas vezes... O que lhe posso dizer é que a manifestação das preocupações e dos anseios têm muito mais a ver com as cartas manuscritas do que as que recebemos *online*. No fundo, estamos a adulterar conscientemente aquele espaço com cartas que recebemos no *e-mail*, mas por razões que se prendem com a evolução do funcionamento das redações tivemos que deixar as cartas em papel, que ainda recebemos. No *online*, a camada social é outra e a nossa tentação é ir pelo mais prático. Neste momento o que se passa, e que não é o desejável do meu ponto de vista, é este privilégio de textos que nos chegam por *e-mail*. É mais simples de fazer.

Já falamos dos motivos, podemos falar sobre as dificuldades que as pessoas sentem em participar ou, até, em críticas que fazem a este espaço. No fundo, este ponto pode colidir com esse 'ego' que falava há pouco. As críticas focam o pouco espaço das cartas, o pouco número de textos publicados, entre outros, juntamente com a vontade que manifestam em ter mais oportunidades de escrita. Há margem para redimensionar este espaço?

Neste momento os jornais estão todos espremidos. Há cerca de um ano, fizemos uma opção, de fazer apenas 48 páginas numa edição. Para aquilo que nós fazemos é muito pouco, mas todas as secções tiveram de trabalhar para este ajustamento. A forma de fazer notícia e jornalismo foi alterada. Hoje em dia já não se pode fazer peças de uma página. O custo de fazer um jornal hoje é alto, a matéria-prima é cara, o papel, portanto, todos os jornais tiveram de reduzir o formato das cartas e do tamanho dos jornais. Até se questionou, na altura, acabar com a página do leitor, mas esta é uma rubrica importante, com muitos anos e entendeu-se apenas diminuir o seu espaço. Antes tínhamos uma página, agora duas colunas, mas é aquilo que a nossa situação permite. Nos tempos próximos, não estou a ver que esse aspeto possa ser contemplado. Admito que o formato das cartas até possa diminuir. Por outro lado, os leitores também estão mal habituados. Fazem autênticos tratados e aquilo que sai é um terço do que as pessoas escrevem ou até menos. Nesse aspeto não acho que vai haver mudanças. A forma como selecionamos as cartas, a rotatividade dos leitores, teremos necessariamente de repensar, rever, porque corremos o risco de criar um espaço para um nicho de pessoas, que é aquilo que não pretendemos.

Acha que este espaço tem algum impacto nos leitores que o leem? Mesmo a nível político, consegue perceber alguma influência das cartas?

Não tenho nenhum *feedback* sobre isso. Contudo, se amanhã decidisse acabar com as cartas, teria de certeza reclamações constantes durante semanas a fio. Tirando isso, não. O *feedback* só mesmo a nível das alterações de formato. Se acabar com as palavras cruzadas, aconteceria o mesmo. Esta interação com o leitor é interessante e, no fundo, eles são a nossa razão de existir. Sempre que apareça alguma reclamação, tentamos dar uma satisfação. Nem sempre é fácil. Ainda ontem, tive uma pessoa que telefonou a perguntar o porquê de não ter visto o seu texto

publicado. Já tinha enviado aquele texto uma série de vezes. Era sobre um televisor da SONY, uma reclamação qualquer, uma avaria técnica, enfim. Tive que lhe explicar que aquele género de questões não são tratadas pelo JN. E foi difícil de perceber. O que interessa à maioria dos portugueses? Zero!

E se colocarmos a questão do lado de quem não participa? O silêncio, a 'noite social', como sugerem alguns relatos de investigadores nesta área. Consegue identificar algumas questões que se colocam às pessoas que não participam neste espaço das cartas?

Um certo alheamento, que pode derivar de uma falta de participação cívica, há também um desconhecimento sobre os mecanismos de participação. Há pessoas que não sabem se participar nas cartas envolve um determinado pagamento. Depois temos aquela franja de leitores com uma idade avançada, que apenas participam com cartas manuscritas, de pessoas que dizem estar numa fase terminal de um cancro e que gostariam de ver o seu texto publicado, enfim. Essencialmente acho que as pessoas estão alheadas da realidade e depois há naturalmente quem não gosta de escrever.

Por último: este formato das cartas, além da sua tradição histórica, tem também reflexo em boa parte da imprensa nacional. O que distingue este espaço dos outros?

Julgo que ainda somos o jornal que dedica um maior espaço às cartas dos leitores na generalidade da imprensa nacional, dos diários. Se olharmos para a concorrência, há três ou quatro textos no PÚBLICO, em opiniões muito sintéticas. O que se calhar para nós, faria mais sentido, mas aí entram questões editoriais.



Universidade do Minho

O presente inquérito por questionário dirige-se a participantes que deixaram um ou mais comentários na notícia que se tornaria na mais comentada da edição *online* do jornal Público, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

APÊNDICE 33

1. Sexo

| | |
|-----------|--|
| Feminino | |
| Masculino | |

2. Idade: ____ anos.

3. Qual é a sua situação profissional?

| | |
|--------------|--|
| Desempregado | |
| Estudante | |
| Reformado | |
| Ativo. Qual? | |

4. Em que localidade reside?

5. Qual é o seu nível de escolaridade?

| | |
|---------------------------------------|--|
| Primário (1º Ciclo; Primária) | |
| Básico (2º Ciclo ; antigo 3º ano) | |
| Secundário (3º Ciclo – antigo 5º ano) | |
| Frequência universitária | |
| Bacharelato | |

| | |
|------------------|--|
| Licenciatura | |
| Mestrado | |
| Doutoramento | |
| Pós-doutoramento | |

6. Qual é o rendimento médio mensal que recebe o seu agregado familiar?

| | |
|--|--|
| Abaixo de um salário mínimo (menos 485 euros) | |
| Um salário mínimo (485 euros) | |
| Entre um e dois salários mínimos (Entre 485 euros e 970 euros) | |
| Acima de dois salários mínimos (Mais do que 970 euros) | |
| Não sabe | |

7. Tem filiação a algum clube, partido, sindicato? Qual/Quais?

| | |
|-----------|--|
| Clube | |
| Partido | |
| Sindicato | |
| Não | |
| Outro(s) | |
| Não sabe | |



O presente inquérito por questionário dirige-se a participantes que deixaram um ou mais comentários na notícia que se tornaria na mais comentada da edição *online* do jornal Público, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

8. Já contactou o PÚBLICO através de carta? (se não ou não sabe, passe à pergunta 10)

| | |
|----------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe | |

10. Já contactou o PÚBLICO através de e-mail? (se não ou não sabe, passe à pergunta 12)

| | |
|----------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe | |

9. Neste sentido, indique o(s) motivo(s) e a sua frequência, nos últimos 12 meses.

| | Nunca | Há mais de 12 meses | 1-3 | 4-5 | Mais do que 5 | Não sabe |
|---|-------|---------------------|-----|-----|---------------|----------|
| Anunciar na secção de publicidade | | | | | | |
| Exercer o direito de resposta | | | | | | |
| Anunciar na secção de necrologia | | | | | | |
| Contactar o Provedor do Leitor | | | | | | |
| Realizar críticas, sugestões ao trabalho do Público | | | | | | |
| Outro | | | | | | |

11. Neste sentido, indique o(s) motivo(s) e a sua frequência, nos últimos 12 meses.

| | Nunca | Há mais de 12 meses | 1-3 | 4-5 | Mais do que 5 | Não sabe |
|---|-------|---------------------|-----|-----|---------------|----------|
| Apresentar questões sobre os critérios editoriais do PÚBLICO (versão impressa e <i>online</i>) | | | | | | |
| Exercer o direito de resposta | | | | | | |
| Contribuições que partem de si próprio | | | | | | |
| Contactar o Provedor do Leitor | | | | | | |
| Contactar as secções editoriais <i>online</i> do PÚBLICO | | | | | | |



O presente inquérito por questionário dirige-se a participantes que deixaram um ou mais comentários na notícia que se tornaria na mais comentada da edição *online* do jornal Público, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

| | | | | | | |
|-------|--|--|--|--|--|--|
| Outro | | | | | | |
|-------|--|--|--|--|--|--|

12. Já contactou com o PÚBLICO através de telefone? (se não ou não sabe, passe à pergunta 14)

| | |
|----------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe | |

13. Neste sentido, indique o(s) motivo(s) e a sua frequência, nos últimos 12 meses.

| | Nunca | Há mais de 12 meses | 1-3 | 4-5 | Mais do que 5 | Não sabe |
|--|-------|---------------------|-----|-----|---------------|----------|
| Anunciar na secção de publicidade | | | | | | |
| Contribuições que partem de si próprio | | | | | | |
| Outro | | | | | | |

14. Já alguma vez acedeu ao *site* do PÚBLICO [www.publico.pt]? [se não ou não sabe, passe à pergunta 16]

| | |
|----------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe | |

15. Qual é a frequência com que costuma visita o *site* do PÚBLICO?

| | Mais raramente | 1 vez por mês | 1-3 vezes por semana | A maior parte da semana | Todos os dias | Não sabe |
|-----------------------|----------------|---------------|----------------------|-------------------------|---------------|----------|
| Aceder ao <i>site</i> | | | | | | |

16. Neste sentido, o que o ocupa mais tempo no *site* do PÚBLICO? [escolha até 3 alternativas]

| | |
|--|--|
| Ler notícias | |
| Ver vídeos | |
| Ler blogues promovidos pelo <i>site</i> | |
| Partilhar notícias que estão no <i>site</i> do PÚBLICO | |
| Enviar conteúdos através da opção 'enviar' colocada nas notícias | |
| Participar em concursos, passatempos | |
| Responder a inquéritos no <i>site</i> | |
| Escrever um ou mais comentários numa ou mais notícias | |

17. Qual é a frequência com que costuma ler os comentários às notícias no *site* do PÚBLICO?



Universidade do Minho

O presente inquérito por questionário dirige-se a participantes que deixaram um ou mais comentários na notícia que se tornaria na mais comentada da edição *online* do jornal Público, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

| | Mais raramente | 1 vez por mês | 1-3 vezes por semana | A maior parte da semana | Todos os dias | Não sabe |
|-----------------|----------------|---------------|----------------------|-------------------------|---------------|----------|
| Ler comentários | | | | | | |

| | |
|------------|--|
| Mundo | |
| Política | |
| Economia | |
| Desporto | |
| Sociedade | |
| Educação | |
| Ciências | |
| Ecosfera | |
| Cultura | |
| Local | |
| Média | |
| Tecnologia | |
| Outro(s) | |

18. Quando começou a comentar nas notícias do PÚBLICO online?

| | |
|----------------------|--|
| Foi a primeira vez | |
| Desde este ano | |
| Desde o ano passado | |
| Há dois anos | |
| Há mais de dois anos | |
| Não sabe | |

19. Quantas vezes por semana costuma comentar, em média, nas notícias do PÚBLICO online?

| | |
|--------------------|--|
| Mais raramente | |
| Foi a primeira vez | |
| 1-5 | |
| 6-19 | |
| Mais de 20 | |
| Não sabe | |

21. Por que motivo(s) pensa que o PÚBLICO permite o comentário dos leitores na sua edição *online*? [escolha até 2 alternativas]

| | |
|---|--|
| Por nenhuma razão em especial | |
| Para ocupar espaço no <i>site</i> | |
| Para cativar mais audiências e com isso obter mais lucro | |
| Porque os outros jornais <i>online</i> também o permitem | |
| Para incentivar a expressão livre e crítica dos cidadãos sobre a atualidade | |
| Não sabe | |

20. Sobre que temas prefere comentar nas notícias do PÚBLICO online?



O presente inquérito por questionário dirige-se a participantes que deixaram um ou mais comentários na notícia que se tornaria na mais comentada da edição *online* do jornal Público, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

22. Por que motivo(s) decidiu comentar nesta notícia do PÚBLICO online? [escolha até 3 alternativas]

| | |
|--|--|
| Para dar a minha opinião sobre este tema | |
| Gosto de comentar nas caixas de comentário do PÚBLICO online | |
| Porque gosto de ler o PÚBLICO online | |
| Pelos apelos do PÚBLICO online à participação nesta secção | |
| Para dar a conhecer o meu caso ao público | |
| Para combater a minha solidão, isolamento | |
| Para debater temas que afetam diretamente a minha vida | |
| Comento por influência de familiares, amigos, desconhecidos | |

23. Indique o seu nível de concordância/discordância relativamente às seguintes afirmações relacionadas com as caixas de comentário do PÚBLICO online.

| | Discordo totalmente | Discordo | Não concordo, nem discordo | Concordo | Concordo totalmente | Não sei |
|--|---------------------|----------|----------------------------|----------|---------------------|---------|
| Tenho pouco tempo para ler as opiniões das caixas de comentários | | | | | | |
| Tenho medo da reação das outras pessoas ao lerem a | | | | | | |

| | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|--|
| minha opinião | | | | | | |
| Sinto que não vou ser útil, porque há muitas pessoas que participam | | | | | | |
| Tenho dificuldade em exprimir o meu ponto de vista relativamente a um tema | | | | | | |
| O PÚBLICO online censura frequentemente os meus comentários | | | | | | |
| Nesta secção, escrevem sempre as mesmas pessoas | | | | | | |
| Nesta secção o vocabulário utilizado pelas pessoas é limitado | | | | | | |
| Nesta secção a reflexão sobre os temas fundamentais não é estimulante | | | | | | |



Universidade do Minho

O presente inquérito por questionário dirige-se a participantes que deixaram um ou mais comentários na notícia que se tornaria na mais comentada da edição *online* do jornal Público, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

| | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|--|
| Esta secção não produz efeitos na vida real | | | | | | |
| Há falta de divulgação das formas de participação nestas caixas de comentário das notícias | | | | | | |

24. De 0 (nenhum) a 10 (muito), atribua um valor à influência política e social que julga que as caixas de comentário do PÚBLICO online podem ter.

| | |
|--|--|
| Valorização da influência política e social das caixas de comentário do PÚBLICO online | |
|--|--|

25. De uma forma geral, qual é o seu grau de satisfação em relação às caixas de comentário do PÚBLICO online?

| | |
|----------------------------------|--|
| Extremamente insatisfeito | |
| Insatisfeito | |
| Nem satisfeito, nem insatisfeito | |
| Satisfeito | |

| | |
|-------------------------|--|
| Bastante satisfeito | |
| Extremamente satisfeito | |
| Não sabe | |

26. Já comentou noutras caixas de comentário de outros jornais *online*? (se não passa à questão 28)

| | |
|----------|--|
| Sim | |
| Não | |
| Não sabe | |

27. Neste sentido, indique em que das seguintes edições *online* já comentou?

| | |
|---|--|
| Edições <i>online</i> de jornais portugueses | |
| Edições <i>online</i> de revistas de informação portuguesas | |
| Edições <i>online</i> de semanários de informação portugueses | |
| Edições <i>online</i> de televisões portuguesas | |
| Edições <i>online</i> de rádios portuguesas | |
| Edições <i>online</i> de média estrangeiros | |
| Outro(s) | |
| Não sabe | |

28. Em termos genéricos, que tipo de credibilidade dá aos colunistas/comentadores presentes ocasionalmente no PÚBLICO online?

| | |
|-----------------------|--|
| Nenhuma credibilidade | |
|-----------------------|--|



Universidade do Minho

O presente inquérito por questionário dirige-se a participantes que deixaram um ou mais comentários na notícia que se tornaria na mais comentada da edição *online* do jornal Público, durante um determinado período de observação. Inscrito no âmbito do projeto de investigação *A participação dos portugueses nos media nacionais: estímulos e constrangimentos*, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, este trabalho procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas, modos de relacionamento com os *media*, entre outros aspetos. É garantida a absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. Tempo previsto de resposta: 10 minutos.

| | |
|------------------------|--|
| Pouca credibilidade | |
| Nem muita, nem pouca | |
| Alguma credibilidade | |
| Bastante credibilidade | |
| Toda a credibilidade | |
| Não sabe | |

29. Já ouviu falar na expressão 'literacia mediática' ou 'Educação para os Média' [Se 'sim, mas não consigo dizer em que consiste', 'não' ou 'não sabe', passe para a questão 32]?

| | |
|---|--|
| Sim | |
| Sim, mas não consigo dizer em que consiste | |
| Não | |
| Não, mas pelas expressões posso tentar depreender o que significa | |
| Não responde | |

30. Consegue explicar em que consiste?

31. Na sua opinião, o sentimento de crise económica e financeira pode potenciar maiores níveis de participação dos cidadãos nos meios de comunicação social?

| | |
|---------------|--|
| Sim | |
| É indiferente | |

| | |
|----------|--|
| Não | |
| Não sabe | |

32. Devem os meios de comunicação social apoiar estas formatos que dão voz ao cidadão, como por exemplo são as caixas de comentário nas edições *online* dos jornais?

| | |
|---------------|--|
| Sim | |
| É indiferente | |
| Não | |
| Não sabe | |

33. Que sugestões daria ao PÚBLICO online no sentido de melhorar as suas caixas de comentário?

Obrigado pela sua colaboração!

Fábio Fonseca Ribeiro

fabiofonsecaribeiro@gmail.com

PhD Student & Investigador-Colaborador

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) / Universidade do Minho

APÊNDICE 34

Caro leitor/a,

Chamo-me Fábio Ribeiro e sou investigador no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), da Universidade do Minho, em Braga. Estou a contactá-lo/a depois de ter comentado na notícia mais comentada do site do PÚBLICO, no mês de março de 2012.

Gostaria de pedir a sua colaboração num questionário que faz parte da investigação de doutoramento *A participação dos portugueses nos média nacionais: estímulos e constrangimentos*, realizada no já referido centro de investigação e com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

O inquérito procura caracterizar os participantes neste espaço mediático, conhecendo rotinas, práticas modos de relacionamento com os média, entre outros aspetos. Garantimos total e absoluta confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos.

O tempo previsto de resposta não excede os 10 minutos.

Se preferir responder a este questionário por telefone, por favor entre em contacto com o investigador responsável por este questionário através do e-mail fabiofonsecaribeiro@gmail.com ou pelo telefone 253 60 46 95 (Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho). Deixe os seus contactos e entraremos em contacto consigo.

Para responder ao questionário, carregue no seguinte endereço:

<http://www.lasics.uminho.pt/limesurvey/index.php?sid=99419&lang=pt>

Para consultar a notícia onde comentou:

<http://www.publico.pt/Educa%C3%A7%C3%A3o/professores-com-salarios-mais-altos-do-que-trabalhadores-com-a-mesma-qualificacao-1537826#Comentarios>

Grato pela sua atenção, estou igualmente disponível para responder a dúvidas.

Os melhores cumprimentos,

–

Fábio Fonseca Ribeiro

PhD Student & Investigador-Colaborador

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) / Communication & Society Research Centre

<http://www.comunicacao.uminho.pt/cecs>

Instituto de Ciências Sociais

Universidade do Minho (UM)

4710-412 Braga - Portugal

Blogue: <http://comedu.blogspot.com>

E-mail: fabiofonsecaribeiro@gmail.com

APÊNDICE 35

Local e data de realização: Redação do PÚBLICO (Lisboa), 22 de novembro de 2012, 14h30

Entrevistada: Hugo Torres

Órgão de comunicação social: PÚBLICO

Cargo profissional à data da entrevista: Jornalista e gestor de redes do jornal PÚBLICO

Pergunta: Em primeiro lugar, há quanto tempo estás no PÚBLICO?

Hugo Torres: Estou no PÚBLICO desde o início de 2011. Entre o final de 2007 e o início de 2008 estive a estagiar no PÚBLICO, depois saí. Fui para a Universidade do Minho terminar o meu mestrado, voltei para Lisboa para trabalhar num festival de cinema, depois fui trabalhar em assessoria no *Music Box*, depois passei para A Bola onde estive dois anos.

És jornalista e gestor de redes do PÚBLICO. Que funções exerces exatamente nessa condição?

A ideia é, sobretudo com o Facebook onde o PÚBLICO tem um impacto e uma rede de contactos gigante, fazer uma edição de página, tal como fazemos com o papel. Montar uma página, mostrar o que é importante, perceber se as pessoas vão querer interagir com isto ou não, se vão comentar ou partilhar...

A questão que nos traz a esta conversa resume-se à participação dos cidadãos nos média. Pensemos nesta situação numa perspetiva genérica, de implicação do sujeito nos assuntos públicos, aplicada ao povo português. Ora, frequentemente somos confrontados com considerações que denunciam o povo dinamismo da sociedade portuguesa. Aliás, tal como referiu a escritora Inês Pedrosa, ao jornal SOL, a 6 de janeiro de 2012, «o mais grave défice de Portugal é o da participação cívica. O ativismo social e político escoa-se em queixas de café». Somos um povo pouco comprometido, desprendido de uma mobilização social, cívica? Segues esta interpretação?

A participação massiva que as pessoas fazem nas redes sociais não invalida isso. As redes sociais funcionam muitas vezes como cafés e não é pelo facto de as pessoas participarem mais, partilharem ou comentarem mais, que se tornam mais interessadas ou informadas na atualidade. São inúmeros os casos de pessoas que leem apenas a entrada da notícia no Facebook e comentam a partir dali. Ponto. Formam ali a sua opinião. Ainda hoje tivemos aqui um caso desse género: um senhor que está a barafustar relativamente aos números que apresentámos sobre as taxas moderadoras, que não fomos imparciais, quando está tudo no corpo do texto! A participação massiva que as pessoas têm no Facebook, que é diferente no Twitter, é muito de café, sobretudo quando não há intervenção do jornalista. Quando o jornalista ou editor intervém nos comentários para chamar a atenção de algo, o tom muda imediatamente. Sempre. Não se mantém no mesmo tom de café. Sem essa moderação, sentem-se semianónimas, tal como no café.

Falando agora um pouco das caixas de comentário às notícias *online*, parece existir uma mudança radical na forma como se gerem esses comentários. Aliás, hoje é lançado o novo *site* que traz justamente essa novidade.

Sim, tem havido avanços e recuos relativamente à forma como entram os comentários. Este sistema novo começa hoje e nunca foi feito aqui em Portugal. A ideia é que seja a própria comunidade a autogerir-se com regras, uma espécie de estado socialista progressista. Que

significa isto? É disponibilizada às pessoas um conjunto de regras que, se comentarem de acordo com essas indicações do PÚBLICO, permitem um reconhecimento automático do leitor. Este nível automático é mesmo um procedimento técnico, uma vez que serão reconhecidos como participantes de qualidade, comentam bem... O que significa isto? Significa que os outros leitores podem valorizar os comentários de um leitor, gostam dos seus comentários ou então acham aceitável esse contributo para a conversa. Este tipo de análise, das pessoas que acham que o comentário é aceitável para a conversa, pode representar aquele que está a concordar ou discordar com o que está a ser escrito. Muitas vezes pode ser por uma questão de tom, vocabulário, de postura, quase. Além disso, é preciso que se modere bem o comentário, uma vez que se aceites um comentário e duas pessoas assinalarem o comentário, a decisão é a de que o comentário não entra e vais perder por isso. Os comentários denunciados será o único aspeto onde o PÚBLICO vai intervir, agora ainda não porque a comunidade ainda não está formada. Assim tornas-te num participante de qualidade.

Esta alteração surgiu porque o antigo sistema tinha muitas falhas.

Sim, o antigo tinha muitas falhas. Líamos todos os comentários antes de serem publicados o que levou a um problema grande, à partida. O jornal é uma empresa, que tem trabalhadores com horários de trabalho, o que significaria que durante uma boa parte do dia não existissem comentários novos no PÚBLICO, sendo que a Internet não dorme e as quatro horas da manhã de Lisboa não são as mesmas horas em Boston. Digo Boston porque é onde temos muita gente a ler o nosso *site*. Significava também uma grande alocação de recursos, de uma dezena de pessoas para ver esses comentários diários. Não tenho números certos, mas entre 500 a 600 comentários que recebíamos por dia, depois da implementação deste modelo o número desceu bastante. Antes os comentários entravam sempre, as pessoas não tinham que estar à espera e levava a mais participação. Aliás, este era também um dos problemas: como as pessoas têm de esperar que o seu comentário fosse aprovado, desistiam muito rapidamente de dar sequência aos comentários. Se funciona automaticamente, como no Facebook, posso esperar dois minutos e o meu comentário fica logo ativo. Tinha um problema exterior ao jornal que tem a ver com a representatividade do público, isto é, se tivermos uma comunidade a autogerir-se vamos ter pessoas de todo o lado, dos Açores a Bragança, de Boston ao Rio Janeiro, Macau, etc. Pessoas consideradas muito diferentes entre si. Será infinitas vezes mais rico do que termos 10 pessoas de Lisboa, que comentam e partilham sempre.

No estudo que fizemos, denotámos esse facto, ao nível da pouca diversidade dos inquiridos, geograficamente considerados. Apesar de termos registado uma participação das ilhas, o que no contexto dos nossos estudos de caso, foi absolutamente novo.

Deixa-me só acrescentar o seguinte. A falta de representatividade clássica no PÚBLICO, que é um jornal mais urbano, concentrado nas grandes cidades de Lisboa e do Porto, não vai ser resolvida com uma comunidade descentralizada de leitores. Não tendo números nem dados, penso que a representatividade não se resolve no número de leitores do jornal, mas acho eu, e achamos nós, que dentro do universo de leitores do PÚBLICO, podemos contribuir para ter algum modelo de representatividade mais fina.

O que consegues especular sobre o público que comenta nesses espaços?

São mais homens do que mulheres. As contribuições nunca são rigorosamente sólidas, são violentas do ponto de vista visceral, aquela coisa que acontece quando lemos uma notícia, ficamos indignados e vamos logo dizer alguma coisa. Não estou com isto a dizer que há pessoas ponderadas. Há e muitas, mas o universo é tão grande que se perdem por aí. É claro que as pessoas estão engajadas com clubes de futebol, um clássico, mas também com partidos políticos e até com questões de política internacional. Temos leitores que nos criticam determinado sistematicamente pelo ângulo jornalístico das nossas notícias internacionais. Olha, na ciência: temos pessoas que discutem as notícias com um grau de especificidade muito grande. As pessoas têm opiniões muito fortes sobre os assuntos.

Este envolvimento ao nível dos comentários supõe uma política definida pelo vosso jornal de contacto com os leitores. O que pretendem exactamente com a abertura de espaços desta natureza?

Primeiro de tudo, pretendemos criar uma comunidade à volta do PÚBLICO. Temos um jornal que quer ser lido. Queremos chamar as pessoas para discutirem connosco. Ao contrário do que dizia o [jornal entretanto extinto] Independente na altura em que começámos [em 1990], não trabalhamos para o boneco. Depois queremos abrir um espaço onde as pessoas possam estar livremente a discutir. Isso é o básico. Queremos ter uma comunidade para crescer, onde se possa discutir os temas da atualidade. Agora, muitos anos depois de termos aberto os comentários, a ideia é que se ouçam os novos ângulos, as dicas, as críticas dos leitores. Erros, enfim... Antes, muito pontualmente, chamávamos os leitores pelas redes para corrigir as notícias ou participar na produção do conteúdo. Agora o que se pretende mesmo é criar um diálogo possível entre o jornalista que fez a notícia e o leitor. Não naquele sentido em que obriga o jornalista a responder a todos os comentários, porque esses não são os tempos que correm, mas que volte lá sempre que houver alguém com uma dúvida ou sugestão. Uma forma simples de conversar com as pessoas. Primeiro porque acreditamos que isso nos dá uma perspetiva fresca sobre os assuntos, uma vez que escrevemos notícias sempre sobre as mesmas coisas e é preciso que tenhamos alguém que nos avise das eventuais repetições de discurso. Depois, convém que os leitores se sintam acompanhados, porque isso tem uma vantagem imediata para nós. Como te disse há pouco, quando o jornalista intervém, o nível da conversa tende sempre a sair beneficiado. O calão, o tom agressivo ficam de lado e começam a conversar. Esta é a nossa luta, no final de 2012. Conseguir que os jornalistas, no *site* ou nas redes sociais, intervenham na produção de uma conversa saudável. Não apenas na moderação, em que se pode dizer isto ou aquilo, mas que o nível da conversa que se eleve. Isto é um pouco parecido ao que se fez no The Guardian.

Passando das motivações do PÚBLICO às motivações dos leitores em participar nestes espaços, parece que a hipótese mais selecionada para justificar o comentário residiu na necessidade individual que se sente em dar uma determinada opinião sobre um tema, mas talvez com uma *nuance* específica, que aproxima pessoas que comentam em temas que lhes dizem diretamente respeito. Que outras dimensões acrescentarias?

Isso de afetar o quotidiano pode ser uma fator importante. Depois também há a questão de, com o contexto da austeridade, da situação do mundo e do país... quando o Presidente da República, o primeiro-ministro ou outro responsável político falam, alguns leitores sentem-se logo em condições de comentar e fazer juízos. Por vezes, as caixas de comentário são a única forma de muitos deles terem um espaço de contacto com muita gente. É verdade que as pessoas têm

as suas próprias redes sociais, com 500, 100 amigos, mas no Facebook do PÚBLICO chega a 300 mil pessoas, no *site* a milhões de utilizadores, portanto, há uma vontade de as pessoas serem ouvidas, mas por outro lado de se libertarem também.

Dizia-me uma jornalista numa entrevista exploratória que realizámos no contexto desta investigação [Nuria Llop, do jornal catalão El Periódico], que a possibilidade de acrescentar, nas edições *online* dos jornais, o comentário recorrendo ao *login* do Facebook em que aparece logo a referência à página pessoal do leitor, resultando na sua maior exposição, a natureza dos comentários destas pessoas não recorre tanto ao insulto e à violência verbal gratuita. Muitos temiam, dizia ela, que os seus amigos lessem esses comentários injuriosos. Acontece algo de semelhante aqui no PÚBLICO?

Penso que isso aconteceu muito no início, mas agora já não se passa tanto. É uma perceção só, mas o que ela refere não deixa de ser verdade, atenção. A probabilidade de, em 10 comentários na notícia *online*, uma pessoa clicar no perfil de quem comentou pelo Facebook é muito maior do que se fossemos ao mesmo Facebook e, num dos vários conteúdos que ali publicamos, verificássemos cada um dos perfis que ali comentam. Simplesmente porque no nosso *site*, os comentários realizados pelo Facebook aparecem destacados.

Relativamente às dificuldades e aos constrangimentos à participação nestes espaços, de acordo com o nosso estudo diria que há três grandes questões: a repetição dos mesmos comentadores, a natureza pouco reflexiva do comentário e o vocabulário inerente a esses contributos.

Vocabulário de quem?

Dos comentadores, dos leitores.

Temos de ajustar as nossas expectativas. Há um exercício que não gosto nada de fazer, e muitas vezes obrigam-me a fazer, que é pegando na mesma notícia, comparar a caixa de comentários do Washington Post e do PÚBLICO. Os níveis de literacia, os hábitos de consumo, a forma como lemos as notícias, a forma como as figuras públicas comentam, tudo isto influencia no modo como o leitor comum interpreta a notícia. É muito difícil ultrapassar essa barreira invisível e se temos figuras públicas que perdem tempo com ninharias, é muito complicado um leitor pensar que se é esta a natureza do debate, por que motivo terá ele de ser diferente, pensará? É a mesma coisa que estares num café, a ouvir todos a falarem sobre futebol e de repente lembreste de falar sobre filosofia na Grécia Antiga! Ok..., tudo bem, não te tira valor, mas vai toda a gente virar-te as costas e continuar a falar do Benfica e do Porto! Não estou a querer dizer que não haja leitores com cultura suficiente para falar sobre filosofia grega, mas naquela amálgama de gente, todos acabam por falar da mesma maneira. Há muita gente com níveis de literacia muito baixos e isto é difícil de medir. As pessoas que leem o Washington Post não são as mesmas que leem o PÚBLICO.

Na verdade, quando aplicámos este inquérito por questionário, estávamos em abril de 2012, numa altura em que o antigo sistema de moderação de comentários estava ainda em vigor. Curiosamente na altura, coincidindo com a questão das sugestões a apresentar ao PÚBLICO para eventualmente melhorar este espaço dos comentários, alguns inquiridos já sublinhavam a necessidade de automoderação. Por outro lado, pedem mais caracteres disponíveis na caixa de comentário o que corresponde a uma ideia de avidez participativa que já verificámos noutros

casos estudados. O que te pergunto é, há espaço para levar em consideração algumas destas ideias e eventualmente optar por outras?

São 800 caracteres, num espaço mais do que suficiente para alguém expor um argumento, uma ideia ou outra coisa. A ideia de que os comentários sejam legíveis tem de prevalecer. Não sei, se calhar há pessoas que pensam o contrário, mas não me parece que se possa ler uma notícia de 5 mil caracteres e depois mais 15 mil de comentários. Não. As pessoas têm outras coisas para fazer. O ideal é que se leia uma notícia, alguns comentários para se ter uma ideia fresca. Por isso, esperamos que as pessoas leiam os comentários e se sintam tentadas a participar, a argumentar. Os 800 caracteres foi um número que inventámos, se fossem 750 seria o mesmo, um limite adequado para expor uma ideia qualquer. Mais do que isto, seria excessivo.

Muitas vezes surgem certas considerações relativamente às caixas de comentário que denunciam a boçalidade dos comentadores e das suas contribuições. Como lidas com aforismos deste tipo?

Consegue-se perceber qualidade nos comentários por diversas maneiras. Pela natureza do discurso, a densidade e a articulação de pensamento. Essas pessoas existem e participam, não tanto quanto desejaríamos. No entanto, é para isso que trabalhamos, para que se sintam interessadas em participar mais. Não procuramos que os leitores com comentários mais básicos participem mais, antes que os que participam com maior qualidade no discurso se sintam mais motivados a intervir. Os comentários que revelam essa falta de literacia, que falava há pouco, também são bons. Alguém que escreve 'com os pés' sobre uma determinada realidade pode ser bom. Apesar de notarmos que não temos a caixa de comentários do Washington Post, a verdade é que as pessoas também não estão propriamente disponíveis para fazer um comentário consistente e sólido em todas as suas intervenções. A qualidade nota-se no momento em que os comentários começaram a ser moderados. Uma melhoria significativa, porque as pessoas perceberam que não podiam dizer tudo, levando àquela ideia da conversa de café. Não quero dizer que não há qualidade na escrita dos comentários, mas, muitas vezes, o recurso ao confronto é o maior problema. As pessoas optam muito pelo confronto, mais do que pelo debate. Isto afeta a qualidade e a escrita, porque quando não se está com disponibilidade mental para comentar com calma, é provável que se insulte ou provoque alguém. Escrever num estado de espírito indignado afeta. Isto parece-me não uma questão cultural porque seria algo ambicioso, mas uma questão de hábitos. Vamos dizer que há de tudo.

Houve um caso curioso recentemente, sobre a forma de gestão dos comentários *online* do Diário de Notícias, que motivou inclusivamente a intervenção da ERC. Creio que estarás a par disso...

Sim.

Que avaliação fazes dessa política controversa?

Isso seria a mesma coisa se o Estado português dissesse: «se vocês entrarem no bairro X, a responsabilidade é vossa! Podem ficar sem carteira, sem um braço, enfim não é da nossa responsabilidade». Não pode ser. O *site* é do jornal, o jornal tem de ter um mínimo de responsabilidade sobre o que se escreve lá. Não podemos lavar as mãos, colocar um aviso. Por todas as razões e mais algumas, não só pela desresponsabilização do jornal, mas a selvajaria em que se tornam as caixas de comentários. Estes espaços livres nem sempre podem ser esse

palco de selvajaria, contudo, na minha percepção, quando alguém começa a minar um debate com comentários menos próprios, quem comentaria aquelas notícias de modo mais simpático, saudável, foge. Não comenta. Depois, é a mensagem que o jornal envia aos seus leitores, «façam o que entenderem».

Ultimo apontamento da nossa conversa, em tom humorístico. Há dias li um texto do Ricardo Araújo Pereira que dizia qualquer coisa como, não conhecer tanta gente de extrema-direita em Portugal como nos comentários às notícias dos jornais *online*. Como pode este novo modelo de moderação de comentários trabalhar para contrariar afirmações e preconceitos deste género?

Temos de lembrar sempre que as pessoas com ideias mais vincadas, tendem a participar mais, pela simples razão de terem ideias muito enraizadas, afirmando-as de forma veemente e cabal, sem grandes ponderações. Chegam ali e descarregam. É só descarregar, pronto. Além disso, têm sendas, ou seja, procuram mudar o mundo em determinada posição. Nem têm sequer uma cartilha de como reagir a determinados assuntos. É mais fácil termos pessoas disponíveis desse tipo, mas não são as únicas. Temos também pessoas, em época de eleições, motivadas politicamente. Sei que não podemos dizer que os partidos colocam uma equipa de 10 comentadores a ter determinado tipo de comportamento.

As máquinas partidárias.

Seja do que for. Não podemos dizer isto, porque envolve certas ideias políticas enraizadas. Nessas alturas específicas, as pessoas tornam-se muito ativas no debate, as posições ficam mais vincadas. Extremistas de esquerda e direita, claro que acontece. Acontece com o aborto, o casamento homossexual, a legalização de drogas leves...enfim, em temas fraturantes.